



copyright © S. Fischer Verlag GmbH 1925

edição brasileira © Hedra 2025
tradução do alemão e introdução © Luis S. Krausz
estabelecimento das notas © Alexandre Mazak

título original *Reise in Polen*
imagem Alfred Döblin in exile. Nova York/ Berlim: Leo Baeck Institute
agradecimentos Fernando Klabin e Marion Brandt

edição Suzana Salama
editor assistente Paulo Henrique Pompermaier
revisão técnica Ernesto Mifano Honigsberg
preparação Ana Cecilia Agua de Melo
revisão Solange Mayumi Lemos
capa Lucas Kroeff

ISBN 978-65-89705-43-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

D633v Döblin, Alfred, 1909–1938

Viagem à Polônia. Alfred Döblin; tradução e introdução de Luis S. Krausz;
estabelecimento das notas de Alexandre Mazak. 1. ed. Título original:
Reise in Polen. São Paulo, SP: Hedra, 2025.

ISBN 978-65-89705-43-7

1. Relato de viagem. 2. Polônia. 3. Relato de viagem. 4. Etnografia europeia. 5. Varsóvia. 6. Judeus poloneses. 7. Judaísmo da Europa Oriental.
8. Assimilação cultural judaica. 1. Krausz, Luis S. II. Título. III. Série.

2025-4706

CDD: 910.4

CDU: 913

Elaborado por Eliane de Freitas Leite (CRB 8/ 8415)

Índices para catálogo sistemático:
1. Relato de viagem (910.4)
2. Relato de viagem (913)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil.

EDITORIA HEDRA LTDA.
R. Sete de Abril, 235, cj. 102
01043-904 São Paulo SP Brasil
Telefone +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Viagem à Polônia

Alfred Döblin

Luis S. Krausz (*tradução e introdução*)
Alexandre Mazak (*estabelecimento das notas*)

1ª edição

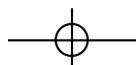
hedra

São Paulo 2025



Viagem à Polônia (1924) foi concebido a partir de uma viagem financiada pelo jornal alemão *Vossische Zeitung*, que publicou alguns dos textos ainda durante o percurso, e pela editora S. Fischer Verlag, responsável pela edição posterior em livro. Mais do que um registro documental, a obra combina o retrato multifacetado de uma jovem república com a experiência de um autor formado nos paradigmas iluministas da razão e da ciência e que, diante das tradições judaicas do Leste Europeu, se vê colocado à prova. Döblin se aproxima desse universo com olhar de etnógrafo: participa de rituais religiosos, escuta mestres cabalistas, percorre guetos e sinagogas. Assume como princípio a neutralidade, não deseja se deixar conduzir por idealizações ou respostas políticas prontas. Ao contrário de Martin Buber ou Stefan Zweig, que projetaram sobre os judeus da Polônia um mito do “Oriente judaico”, Döblin procura uma objetividade crítica, sensível às contradições e ambiguidades. O livro inspirou escritores e jornalistas que visitaram a Polônia muitas décadas depois, entre eles Hans Magnus Enzensberger e Reto Häny. Com riqueza de informações e imagens de um mundo que já não existe, *Viagem à Polônia* permanece como um marco no gênero relato de viagem, além de um testemunho incontornável dos dilemas judaicos diante da modernidade.

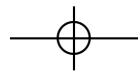
Alfred Döblin (1878–1957) nasceu em Stettin, às margens do rio Oder. Formado em medicina, iniciou a carreira em clínicas psiquiátricas e, a partir de 1911, estabeleceu seu próprio consultório em Berlim, conciliando a prática médica com a escrita literária. Seu primeiro grande romance, *Die drei Sprünge des Wang-Lun* [Os três saltos de Wang-Lun] (1915–16), lhe rendeu reconhecimento imediato como romancista de fôlego. Em 1929, publicou *Berlin Alexanderplatz*, obra-prima que retrata o submundo berlinese da República de Weimar e que se tornaria um dos romances mais influentes da literatura do século xx, consolidando Döblin como figura central do Modernismo europeu. Com a ascensão do nacional-socialismo em 1933, foi obrigado a fugir de Berlim para Zurique. Em seguida fixou-se na França, onde, em meio a dificuldades materiais, seguiu escrevendo e convivendo com intelectuais exilados. A ocupação nazista o levou aos Estados Unidos, onde se integrou à diáspora alemã em Los Angeles e Nova York, retomando também a prática médica em paralelo à literatura. Após a guerra, retornou à Alemanha, mas encontrou um ambiente hostil e de difícil reintegração. Em 1953, desencantado com a vida cultural alemã do pós-guerra, mudou-se com a família para Paris, onde viveu seus últimos anos. Faleceu em 1957, em Emmendingen, após um período de internação em decorrência do mal de Parkinson.



Luis S. Krausz é professor de literatura hebraica e judaica da Universidade de São Paulo (USP), ensaísta e tradutor. Publicou livros como *Entre exílio e redenção: aspectos da literatura de imigração judeu-oriental* (2019) e *Santuários heterodoxos: heresia e subjetividade na literatura judaica da Europa Central* (2017).

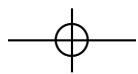
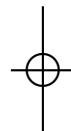
Alexandre Mazak é pesquisador de literatura judaica em língua alemã, com foco na obra de Alfred Döblin. É formado em letras clássicas pela USP e doutorando na área de estudos literários e culturais na mesma instituição. Trabalha como professor e tradutor de alemão e português. É membro da Internationale Alfred Döblin-Gesellschaft (IADG), com sede na Alemanha. As notas estabelecidas para esta edição tiveram como base o material produzido por Marion Brandt para a publicação alemã de *Viagem à Polônia*, lançada em 2016 pela S. Fischer Verlag.

Ayllon reúne textos que se articulam em torno da figura do estrangeiro, que tensiona fronteiras e desafia a noção de identidade. Nesse contexto, a diáspora e a tradição judaicas são revisitadas por meio de obras que transitam entre a literatura, a história e a filosofia.



Sumário

Introdução, <i>por Luis S. Krausz</i>	9
VIAGEM À POLÔNIA.	27
Varsóvia.....	29
O bairro judaico de Varsóvia	93
Vilna	139
Lublin	183
Lemberg	207
Terra do petróleo	259
Cracóvia	267
Zakopane	307
Łódź.....	327
Partida	363



Introdução

Uma viagem aos judeus

LUIS S. KRAUSZ

Na primeira metade da década de 1920 ocorreram, no leste de Berlim, na *Gollnowstraße* e redondezas, eventos que se assemelhavam a *pogroms*, no rastro do movimento dos *Landsknechte*: o nazismo, assim, dava seu primeiro grito. Àquela época, alguns representantes do sionismo berinense convidaram um número de senhores de origem judaica para um encontro, no qual se falou sobre esses acontecimentos, o panorama mais amplo em que tiveram lugar, e sobre os objetivos do sionismo. Logo depois dessa discussão, um deles veio à minha casa, querendo despertar meu interesse por uma viagem à Palestina, o que era algo estranho para mim. O convite teve um outro efeito. Embora eu não tenha aceitado ir à Palestina, cheguei à conclusão de que deveria me orientar com relação aos judeus. E cheguei à conclusão de que, na verdade, eu não conhecia judeus. Eu não poderia chamar de judeus aqueles dentre os meus conhecidos que se consideravam judeus. Eles não tinham a crença judaica, nem a língua, talvez eles fossem os remanescentes de um povo em processo de desaparecimento, que de há muito havia se fundido com um novo ambiente. Então perguntei a mim mesmo e aos outros: onde há judeus? Responderam-me: na Polônia. E por isso viajei para a Polônia.

ALFRED DÖBLIN

As motivações de Alfred Döblin ao escrever sua *Viagem à Polônia*, nos últimos meses de 1924, são resumidas neste trecho de sua autobiografia, *Schicksalsreise: Bericht und Bekenntnis* [Viagem do destino: relato e confissão], de 1949. O que Döblin, que era judeu e foi perseguido como tal pelo nazismo, diz a respeito de seu desconhecimento com relação ao judaísmo valia para

LUIS S. KRAUSZ

ele mesmo tanto quanto para uma parcela significativa da população judaica da Alemanha que, a partir das últimas décadas do século XIX, gradativamente dissolveu seus vínculos com as especificidades da tradição, num processo de integração e de assimilação à sociedade alemã mais ampla.

Este processo se desencadeou no fim do século XVIII, sob a influência do Iluminismo, e atingiria seu auge na passagem do século XIX para o XX, justamente o período em que se deu a formação de Döblin. O conceito de *Deutscher Bürger mosaischen Glaubens*, ou “cidadão alemão de fé mosaica”, era a base da identidade judaico-alemã moderna, na qual a questão judaica se confinava às práticas religiosas, abolida a dimensão da nacionalidade. Incorporando a nacionalidade germânica e buscando na cultura alemã novos valores, os judeus em vias de assimilação romperam, de maneira radical, com um conceito fundamental da filosofia religiosa e histórica do judaísmo: a ideia de *galut*, “exílio”, sobre a qual se sustentam os conceitos bíblicos de *nação* judaica e de *unidade* do povo de Israel.

AS DIFERENTES EXPERIÊNCIAS JUDAICAS EUROPEIAS

É em torno do conceito e da experiência da *galut* que se estruturou toda a cultura judaica europeia, pelo menos a partir da Idade Média. As velhas comunidades judaicas que estavam encravadas em todos os quadrantes da Europa — da Dinamarca ao sul da Itália, do oeste da França até a Rússia — viam a si mesmas como fragmentos de uma nação desterritorializada, como remanescentes da destruição de Jerusalém pelos romanos, à espera de um acontecimento milagroso: o advento do Messias, destinado a reunir os judeus dispersos pelos quatro cantos do mundo, reconduzi-los à Terra Prometida e reconstruir Jerusalém e seu templo.

Esta consciência aguda de um prolongado exílio atravessaria os séculos até o advento da modernidade e, com ela, dos Estados Nacionais laicos da Europa ocidental que, ao longo do século XIX, gradativamente concederam plenos direitos de ci-

INTRODUÇÃO

dadania aos judeus, levando-os a abandonar suas esperanças messiânicas em favor de uma plena integração nos sistemas político, econômico e cultural dos países em que viviam.

Uma nova existência judaica, fundamentada numa visão de mundo secularizada e nos conceitos de cidadania e sociedade civil derivados do Iluminismo, foi responsável pelo surgimento daqueles personagens aos quais Döblin se refere em sua autobiografia, personagens cuja condição ele compartilhava, já que nasceu no seio de uma família que abandonara as tradições de seus antepassados, em cidadezinhas polonesas ocupadas pela Prússia desde o final do século XVIII, para lançar-se na grande aventura da modernidade, assim percorrendo uma trajetória geográfica e espiritual característica do judaísmo alemão das últimas décadas do século XIX.

A mãe de Alfred Döblin nasceu em Samter, na Polônia prussiana, em uma família que ainda falava iídiche; seus tios cedo migraram para Breslau, e de lá para Berlim. Em sua marcha em direção ao Ocidente, deixavam para trás o mundo agonizante das aldeias judaicas do Leste da Europa, com suas formas de vida governadas por uma tradição ininterrupta que remontava à Idade Média, e também as comunidades teocêntricas em que a vida gravitava em torno dos preceitos religiosos.

Aos quarenta anos de idade, Max Döblin, o pai do autor, abandonou a família. Para o escritor, ele foi

etnologicamente uma vítima da migração. Todos os seus valores foram reavaliados e desvalorizados. [...] Só em minha geração outra vez o pensamento, e também o pensamento feliz, a respeito da própria origem, e o antigo respeito foram, aos poucos e com muita dificuldade, retomados. Eu sobrevivi à grande migração.¹

O despertar de Döblin para a questão judaica foi provocado pelos primeiros incidentes antisemitas ocorridos no *Scheunenviertel* berlimense, um bairro próximo à região do Alexanderplatz, ocupado por refugiados judeus do Leste da Europa, cujos hábitos, vestimentas e língua remontavam às velhas aldeias

1. DÖBLIN, 1928, p. 32 *apud* GRABER, 1987, p. 355.

LUIS S. KRAUSZ

judaicas, destoando de maneira gritante dos costumes de uma metrópole moderna como a Berlim dos anos 1920. O lugar seria completamente arrasado durante a Segunda Guerra Mundial. Tais incidentes, resultado da intensificação do antisemitismo, causaram enorme perplexidade aos judeus de língua alemã que se acreditavam plenamente integrados ao país e à sua cultura — diferentemente do judaísmo tradicional, caracterizado por uma situação socialmente marginal e pela esperança coletiva por uma redenção messiânica e sobrenatural que conduziria os membros de uma nação exilada de volta às terras de seus ancestrais.²

A cisão do judaísmo europeu dos séculos XIX e XX entre *Westjuden*, “judeus ocidentais”, e *Ostjuden*, “judeus orientais”, foi um processo que criou dois polos distintos: no Ocidente, a busca de assimilação e de integração nos Estados modernos; no Oriente, a insularidade decorrente da condição de exílio e da persistência de uma tradição religiosa que pressupunha que os judeus eram e sempre seriam estrangeiros na Europa.

Döblin, como alguém pertencente ao primeiro grupo, percebeu que precisava conhecer o segundo para saber como reagir aos acontecimentos que testemunhava. Em vez de deixar-se levar pelas ideias prontas, fossem essas as oferecidas pela tradição religiosa ou as sugeridas pelos representantes do sionismo berlinese, ele decidiu, antes de mais nada, ver com seus próprios olhos aqueles que eram perseguidos pelos *Landsknechte*, os precursores do nazismo.

Sua viagem à Polônia, assim, tem o sentido de uma investigação acerca de suas origens perdidas e de um questionamento para o qual ele não tem respostas preconcebidas. Seu ponto de vista, ao lançar-se neste empreendimento, é o de um homem ancorado nos paradigmas da modernidade, especialmente os da ciência e da razão, mas também o de um observador sensível e empático das realidades judaicas do Leste Europeu. Sua visão sobre a Polônia — e sobre os judeus da Polônia — pretende-se neutra e objetiva,

2. Conforme formulado em Deuteronômio 30 e reiterado pelos profetas bíblicos.

INTRODUÇÃO

mas seus contatos com o judaísmo tradicional e pietista, que ele encontra em pleno no Leste, o deixam inseguro com relação aos valores da tradição e da “civilização” na qual se deu sua formação.

OCIDENTE «VERSUS» ORIENTE

O interesse de Döblin pelo judaísmo polonês pode ser entendido no contexto mais amplo do interesse dos judeus de língua alemã pelos judeus do Leste da Europa nas primeiras décadas do século xx. Martin Buber e Arnold Zweig, por exemplo, em obras como *A lenda do Baal Schem*³ e *Das ostjüdische Antlitz* [O rosto do judeu do Leste],⁴ propõem uma visão romantizada dos judeus das aldeias do Leste Europeu e criam em torno deles uma espécie de nova mitologia, considerando-os os herdeiros e cultores de uma tradição ética e espiritual ininterrupta.

Döblin resolveu fugir das idealizações tanto quanto de uma resposta de caráter político: sua reticência ante o sionismo deve-se, antes de mais nada, ao fato de que ele se considerava totalmente desinformado com relação aos judeus, o que o impedia de tomar qualquer tipo de partido. Era preciso, primeiro, tratar de ver com olhos isentos quem eram esses judeus dos quais tanto se falava.

Evidentemente, o olhar de Döblin sobre os judeus da Polônia, ao menos em sua intenção, estava isento das paixões que enviesaram as miradas de Buber e de Zweig: ciente, como eles, das fronteiras que separavam o universo judaico oriental daquele dos judeus germanizados, ele busca ser “objetivo”, como convinha ao estilo literário da *neue Sachlichkeit*, “nova objetividade”, em voga na Alemanha dos anos 1920.

Döblin não era afeito às viagens; aliás, desprezava o turismo, que ele via com ceticismo claramente antiburguês: para ele o turista é alguém que “foge de seu quotidiano, para desfrutar do

3. Buber, Martin. *A lenda do Baal Schem*. Tradução de Fany Kon e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2003.

4. ZWEIG, 1988; BUBER, 1918.

LUIS S. KRAUSZ

quotidiano de outros".⁵ Em suma, as viagens de lazer eram uma ocupação sintomática de uma atitude hedonista e, no seu entender, superficial e tola ante a vida. Sua intenção era conhecer um mundo diferente, por meio do olhar do etnógrafo ou do antropólogo.

Ao mesmo tempo, Döblin parece querer pôr à prova a existência de uma suposta “essência” judaica da qual ele talvez pudesse ser portador. É por isso que ele participa, ao longo de sua viagem, de rituais religiosos e ouve as palavras dos grandes mestres cabalistas; tenta aproximar-se do sentido que orienta o estranho mundo que se abre a seus olhos, vale dizer, o da religiosidade, que sobrevive às mudanças na Polônia, buscando fugir aos julgamentos diante daquilo que aos poucos vai se descortinando para ele.

Às vezes, ele imagina conseguir pertencer a esse mundo, abandonando por sucumbir, em alguns momentos, à força primitiva e ao encanto elemental que o impregnam e que fazem o judeu ocidental que ele indubitavelmente era parecer uma criatura desamparada e equivocada em seu processo de assimilação cultural.

A integridade dos judeus da Polônia que, ainda que divididos em facções, se identificam totalmente com o judaísmo e, salvo raras exceções, não buscam uma assimilação à cultura majoritária provoca a admiração de Döblin. Ao mesmo tempo, ele se percebe incapaz de pertencer verdadeiramente a esse mundo: filho do progresso e da ciência, sente não mais poder participar de um universo fundamentado em paradigmas que lhe são estranhos, ainda que admiráveis. Assim, depois de uma visita à biblioteca do Gaon de Vilna ele afirma:

Não posso deixar de pensar, quando saio: que povo impressionante, o judeu. Eu não o conhecia, acreditava que aquilo que eu costumava ver na Alemanha, aquela gente sempre ocupada, eram os judeus: os comerciantes que se refogam no amor familiar e vão engordando aos poucos; os intelectuais ágeis; a incontável gente fina, infeliz e insegura. Agora vejo: esses são exemplares que foram arrancados de seu tronco, que degeneraram, afastados do cerne do seu povo, que vive aqui e se conserva aqui. E que cerne é esse, capaz de produzir a riqueza transbordante do

5. GRABER, 1987, p. 357.

INTRODUÇÃO

Baal Schem, a chama escura do Gaon de Vilna! Que coisas aconteceram nessas paragens orientais, aparentemente tão pobres em cultura. Como aqui tudo gravita em torno do espiritual. Que importância imensa se atribui ao espírito, à religião! Não é uma pequena camada da sociedade que se vincula à religião, e sim a massa. Esse povo está, como quase nenhum outro, centrado em sua própria tradição religiosa e espiritual. Nesse sentido, os judeus tiveram menos dificuldades do que os outros povos, pois ficaram livres de disputas em torno de coisas como formas de organização do Estado, revoluções, guerras, expansão de fronteiras, reis, parlamentos. Há 2 mil anos, os romanos os livraram dessas preocupações. E a verdade é que eles nunca se lamentaram por isso. Nem se sentaram às margens dos rios da Babilônia para chorar. O que lhes importava era apenas o templo. Eles precisavam do Estado só por causa do templo. E só em Sião encontra-se o verdadeiro templo. Sob o influxo dessa ideia, como o Estado não voltou a existir, aos poucos começou uma transformação do povo como um todo. Silenciosamente, a renúncia a um país e a um Estado insinuou-se em meio ao povo. E eles mesmos se transformaram num *povo-templo*. Um povo que carrega o templo dentro de si. Um caso inédito. Que só pôde surgir em meio a circunstâncias tão peculiares e tão duradouras.⁶

O surgimento do judeu modernizado, tão inseguro das suas conquistas quanto de seu lugar no mundo contemporâneo, é atribuído por Döblin ao desaparecimento das formas de vida judaicas herdadas da Idade Média. Ao longo de sua viagem ele se convence de que ameaças terríveis pairam sobre o judaísmo tradicional, sobretudo por efeito da Primeira Guerra Mundial:

A liquidação da Idade Média judaica na Europa do Leste começou na segunda metade do século passado. A modernidade se apresentou diante das aldeias judaicas por meio da indústria moderna e da economia capitalista. Começou, assim, uma crise crônica, que exigia mudanças radicais que, no entanto, só foram possíveis no país de forma parcial. A emigração alcançou cifras enormes. [...] Durante o século xx, a crise ininterrupta agravou-se ainda mais. Começou a guerra na Europa: 400 mil judeus, isto é, cerca de 80 mil famílias, foram desalojados, perdendo suas moradias, lojas, oficinas, terras

6. Cf. p. 164 deste volume.

LUIS S. KRAUSZ

de cultivo. Em seguida, entre 1918 e 1921, guerra civil, epidemias, *pogroms* no território russo, que vitimaram meio milhão de judeus.⁷

Sua visita à Polônia — e aos judeus — se dá, portanto, sob o signo dessa antevisão do desaparecimento iminente e historicamente inevitável do judaísmo leste-europeu: da mesma forma que, aculturando-se ao ambiente alemão, seus ancestrais haviam deixado para trás o universo das aldeias judaicas, os acontecimentos políticos e econômicos na Polônia de seu tempo sugerem, cada vez mais claramente, a destruição de formas de vida que lhe parecem incompatíveis com a modernidade.

O judaísmo que Döblin encontra na Polônia está cindido em facções antagônicas, que representam diferentes tipos de reações coletivas às mudanças sociopolíticas provocadas pelos novos tempos. Em grandes cidades como Varsóvia e Vilnius, ele irá deparar-se com judeus que se vestem à moda ocidental e conversam exclusivamente em polonês; com sionistas e hebraístas, com iídichistas de viés socialista, com comunistas ateus e com diferentes facções religiosas — desde os seguidores do rabi místico de Gura Kalwarja até os que se mantêm fiéis à ortodoxia lituana, antipietista, e desde os reformistas que introduziram em suas sinagogas um culto religioso à moda alemã, no qual Döblin encontra semelhanças com os rituais católicos, até os pequenos rabis da província, apegados aos antigos ritos e costumes.

Sua admiração pela persistência e apego dos judeus às suas origens e à sua identidade, portanto, tem como contraponto a percepção clara de que a antiga unidade judaica já passou por um processo inexorável de fragmentação e de dissolução: o que ele encontra de autenticamente judaico na Polônia são resquícios de um povo e de uma cultura unitária prestes a sucumbir ante maneiras de pensar caracteristicamente modernas.

Ao mito do judeu do Leste, com sua integridade cultural, ética, espiritual e linguística, do qual falam Buber e Zweig, Döblin contrapõe uma população judaica urbana que só se

7. Cf. p. 102 deste volume.

INTRODUÇÃO

distingue dos judeus alemães pela relativa precariedade de sua ilustração e de sua formação cultural e humana, como seria de se esperar entre recém-chegados à modernidade.

UM UNIVERSO ESTRANHO E ATEMORIZANTE

A ideia da Polônia como o lugar de transição entre a Ásia e o Ocidente, firmemente ancorada no imaginário europeu, parece nortear as percepções de Döblin sobre o país e sobre seus judeus ao longo de sua viagem. O caráter urbano e moderno de Varsóvia, com seus bondes e vitrines, suas ruas calçadas e teatros, faz com que Döblin ali se sinta “em casa” até que, subitamente, em meio a um passeio, ele se depara com uma construção que se lhe afigura como uma ruptura no tecido da “civilização”:

E quando alcanço a esquina, e olho para a direita na travessa larga — que visão surpreendente! É uma aparição espantosa, atordoante. Vê-se ali um edifício tremendo, fantástico, uma catedral russa. Ainda agora os fiacres se locomoviam ao meu lado, um automóvel passava, os jornaleiros apregoavam o *Curier Warschawski*, as vitrines modernas reluziam. E agora a apavorante, paralisante — Deus sabe quanto — estepe do Volga, que ali escancara sua bocarra. Ante esta vista, tudo para. Ali ergue-se, paralisada, uma Ásia que opõe o coração.⁸

Döblin parece subscrever tacitamente a ideia de Ásia como o negativo da Europa: a estepe com sua boca gigante parece, por meio da catedral russa, ameaçar engolir a democracia incipiente e as conquistas da civilização que, ainda naquele instante, estavam ao lado do escritor na forma de automóveis, vitrines bem iluminadas e jornaleiros.

Da mesma forma, a força da vida espiritual dos judeus religiosos que ele avista na Polônia o assusta e ameaça. Se a catedral russa é por ele comparada a um grande monstro vindo do Oriente, um posto avançado da barbárie asiática, que ameaça pôr em xeque todos os paradigmas sobre os quais construiu sua vi-

8. Cf. p. 35 deste volume.

LUIS S. KRAUSZ

são de mundo até ali, ela é, também, uma espécie de antevisão da ameaça representada pelos próprios judeus do Leste, que permanecem vinculados à tradição e cujas formas de vida não raro conduzem o escritor ao espanto e à perplexidade. Desses judeus do Leste ele terá uma primeira visão poucos minutos depois de avistar a catedral, enquanto aguarda a chegada de um bonde:

E então, em meio à multidão, um homem solitário e barbudo se aproxima de mim, trajando um cáften preto esfarrapado, a cabeça coberta por uma grande boina negra, calçando botas de cano alto. E logo atrás dele, falando palavras que eu reconheço como alemãs, um outro, igualmente vestido de preto, um grandalhão, com rosto largo e vermelho, as bochechas cobertas por uma barba rala e ruiva. Ele fala, impetuosamente, com uma menina pequena e maltrapilha, decerto sua filha. Ao seu lado caminha, acanhada, uma mulher mais velha, com a cabeça coberta por um lenço preto: sua esposa. Ele dá um encontrão no meu peito. Eles desaparecem em meio ao tumulto. Ninguém lhes dá atenção. São judeus. Estou espantado, não, assustado.⁹

Na geografia da cidade, assim, aos poucos surgem lacunas e rupturas no tecido da modernidade e do progresso, por meio das quais se insinua um espírito desconhecido e sinistro, um universo estranho e atemorizante, que penetra na consciência como manifestação de uma presença pertencente ao universo do *unheimlich* e da barbárie asiática.

À medida que Döblin se aprofunda em sua incursão pelo território polonês, esses elementos e essas presenças incômodas vão se intensificando para pôr em xeque não só sua própria identidade, mas toda a construção desarmônica, heterogênea, contraditória e precária do judaísmo ocidental, assentada sobre fundamentos pouco confiáveis e, por isso mesmo, permanentemente ameaçada por dúvidas e questionamentos.

Assim, o que se confronta, neste encontro entre Ocidente e Oriente, são duas visões de mundo radicalmente opostas: uma, baseada na ciência, na razão e nos sentidos; outra, baseada em

9. Cf. p. 38 deste volume.

INTRODUÇÃO

valores transcendentes que fundamentam a vida de comunidades ancoradas numa fé inabalável, propensa ao misticismo. Esta parece ameaçar o edifício da “civilização” europeia.

O olhar de Döblin, sem deixar de ser o do membro de uma sociedade e de uma cultura que se vê como superior, é sensível e, emancipado de ideologias, se admira com a espiritualidade substancial que subjaz ao aspecto sofrido e humilde de uma população habituada à exclusão. Döblin encontra entre os judeus poloneses um orgulho abstrato e uma solidez que seriam inimagináveis entre os seus concidadãos, “alemães de fé israelita”, tanto quanto entre aqueles que imaginam encontrar no sionismo, no socialismo ou na assimilação a resposta para os dilemas judaicos ante a modernidade.

O MUNDO DA TRADIÇÃO EM DESAPARECIMENTO

Döblin dedica um capítulo inteiro de seu livro ao bairro judaico de Varsóvia, que é como um *index* da variedade de facções nas quais se divide o judaísmo polonês das primeiras décadas do século xx. Tais facções representam, também, diferentes graus e diferentes tipos de afastamento em relação às origens nas velhas aldeias judaicas e diferentes maneiras de sucumbir à marcha da modernidade.

Viviam, então, na capital polonesa, 350 mil judeus. Ao caminhar pelas ruas que se estendem ao longo da avenida Nalewki, Döblin encontra uma paisagem judaica heterogênea: de um lado estão, ainda, os tradicionalistas, com seus cáftens muitas vezes esfarrapados, maltrapilhos; de outro, jovens vestidos à maneira ocidental. Uns falam iídiche, outros falam hebraico, outros, ainda, polonês. Ele vê os judeus poloneses prestes a percorrer a mesma trajetória descrita, duas ou três décadas antes, pelos seus antepassados. E cita um líder sionista, com o qual se encontra em Varsóvia:

O povo polonês despreza e ridiculariza os judeus. Também tem medo deles, de certa forma. A velha nobreza polonesa tinha judeus que lhe serviam como bobos da corte e algo disso subsiste até hoje. No judaísmo polonês de hoje não existe vida religiosa e espiritual, um movimento religioso e espiritual como nos tempos do apogeu do hassidismo.

LUIS S. KRAUSZ

O judaísmo se encontra inteiramente sob o signo da secularização. O velho clericalismo é combatido e deve continuar a ser combatido. As formas de vida vão se tornando cada vez mais livres. Muita gente já usa veículos no *shabat*, fuma no Jardim Saxão durante o *shabat*. A observância estrita só se mantém nas ruelas do bairro judaico. O cáften e o capote já não significam muita coisa. Há comunistas que se vestem com cáftens. As velhas escolas, *cheders*, estão em vias de desaparecimento. O fato de que os ortodoxos tenham sido obrigados a se juntar num partido político é um sinal evidente do declínio do clericalismo.¹⁰

Ao contemplar o mundo em desaparecimento da tradição, Döblin não necessariamente se torna melancólico. Mas se a ideia de progresso parece muitas vezes embasar, até inconscientemente, seu olhar sobre o fenômeno de secularização em curso, ela não passa incólume ao ceticismo: ao chegar a Cracóvia, por exemplo, que até 1918 tinha sido uma cidade austríaca e onde os costumes ocidentais modernos estavam muito mais firmemente enraizados do que naquela parte da Polônia que havia sido ocupada pelos russos, Döblin evoca num tom nostálgico o “primitivismo” e o “sabor asiático” daquelas regiões orientais que, retrospectivamente, lhe parecem conter uma autenticidade perdida no processo de ocidentalização e de secularização — fenômenos que, no entanto, Döblin reconhece como inevitáveis.

Transparece, da descrição de Döblin, a sensação de que o bairro judaico de Varsóvia é habitado por uma multidão em transe: uma grande travessia que leva das origens no gueto para um destino tão multifacetado, confuso e cheio de dúvidas quanto a própria modernidade.

Os horizontes de todas estas buscas coletivas, que parecem substituir a antiga fé, são o socialismo ou o sionismo, a assimilação à cultura polonesa ou os movimentos de migração. E esta grande diversidade reflete-se, por exemplo, na grande quantidade de jornais em iídiche que Döblin encontra na Polônia — de tendência sionista, socialista, apartidários, laicos ou religiosos. O setor sionista, o setor dos assimilados à cultura polonesa e o grupo

10. Cf. p. 164 deste volume.

INTRODUÇÃO

declinante daqueles que ainda se aferram à tradição e à herança religiosa, e que se afiguram como uma espécie de anacronismo, são, assim, os resultantes do desmantelamento das velhas aldeias judaicas, da liquidação da Idade Média comentada por Döblin.

A RELIGIOSIDADE EM ESTADO PURO

Ao mesmo tempo, algum substrato inefável de uma essência oriental parece, aos olhos de Döblin, permanecer colada a esses judeus modernizados, e os impregna, distinguindo-os dos judeus alemães como ele. Esse caráter *unheimlich* que Döblin associa aos judeus da Polônia, e que permanece imune à modernização, faz sua aparição mais evidente na visita do autor ao grande cemitério judaico da cidade, às vésperas do Iom Kipur, ou Dia do Perdão: multidões imensas, vestidas de todas as maneiras e pertencentes a todas as facções judaicas, circundam as lápides, em preces comoventes, fazendo súplicas junto aos túmulos, como a desafiar os limites que separam o universo dos vivos daquele dos mortos. Mulheres atiram-se sobre os túmulos, choram, gritam, lamentam, chamam, rezam. Vestidos de acordo com a tradição — os homens de cáften, as mulheres com as cabeças cobertas por lenços negros e perucas — ou ao estilo moderno, todos dirigem suas súplicas aos finados para, logo depois, à saída do cemitério, serem assediados por mendigos de todos os tipos: é o dia dos mortos e dos mendigos.

Estou chocado com o que vi e com o que ouvi. No bonde, subindo as escadas do hotel, sozinho em meu quarto, não consigo voltar a mim. É algo de arcaico, de atávico. Será que isso tem algum tipo de ligação com o judaísmo? Isso são resquícios vivos de ideias arcaicas! São resquícios do temor dos mortos, do medo das almas penadas. Um sentimento que foi transmitido aos membros desse povo juntamente com sua religião. São os remanescentes de uma outra religião, do animismo, do culto aos mortos.¹¹

11. Cf. p. 116 deste volume.

LUIS S. KRAUSZ

A barbárie asiática, a dissolução dos limites entre os vivos e os mortos é o que Döblin avista aqui, nesta colossal reunião de judeus de todas as tendências, no cemitério às vésperas do Dia do Perdão: a modernidade, a civilização, que ele encontra nas ruas de Varsóvia, revela-se, então, apenas como uma capa, que encobre um substrato assustador e atemorizante.

Assim é também quando ele descreve os fiéis que visitam o túmulo de um *tzadik*, termo hebraico que designa um homem justo, no cemitério de Vilnius:

Eles imaginam que, de alguma forma, ainda sejam capazes de sentir a presença do santo junto a seu túmulo, junto ao seu corpo, e que podem se aproximar dele da mesma forma que seus antepassados o fizeram em sua época. O morto está ligado ao seu túmulo, a alma que partiu está ligada ao corpo e pode ser chamada por meio de preces. E o homem piedoso, o rebe, o santo, está mais próximo de Deus e pode melhor interceder junto dele do que um ser humano comum, e talvez pode influenciar Deus.¹²

Os gritos que o arrepiaram no cemitério Döblin reencontra nas diferentes sinagogas que visita durante o Iom Kipur, em Varsóvia, o que o leva a pensar numa espécie de essência oriental e primitiva, presente entre os judeus de todos os matizes, um substrato que resiste à modernidade e à transformação:

Eles [os judeus do Leste] se portam com clara aversão ao que lhes é estranho, e isto advém do seu isolamento. Repudiam e não são capazes de aceitar o que não conhecem. São cegos. Falta-lhes a compreensão de muitas coisas e de muitas conjunturas. Há neles algo de desajeitado e claramente rústico. Rústico — mesmo após sua “emancipação” eles permanecem assim.¹³

Entre os seguidores do célebre rabi de Gura Kalwarja, numa pequena casa de orações, Döblin parece encontrar essa essência “primitiva” de maneira muito evidente. Ele percebe a seriedade e a excitação que tomam conta dos fiéis e detecta um substrato oriental nas feições desses homens envoltos em seus mantos de oração:

12. Cf. p. 175 deste volume.

13. Cf. p. 204 deste volume.

INTRODUÇÃO

Finalmente, quando estou no meio deles, numa grande sala, que se abre para outra, ainda maior, reconheço a seriedade solene, a profunda seriedade, não, a apreensão e a comoção das pessoas. Reconheço, igualmente, o significado das suas barbas. Compreende-se o significado das barbas quando se está em meio a essa multidão de homens com seus grandes mantos de oração sobre a cabeça. Trata-se de cabeças de árabes, de homens dos grandes desertos de areia. Posso imaginar grandes camelos ao lado desses homens. Seus rostos angulosos, expressivos, com uma vitalidade excessiva. Há neles algo extremamente forte, senhorial, heroico. Posso imaginá-los como guerreiros. Não se trata de homens da rua Nalewki de Varsóvia.¹⁴

Na Polônia, assim, Döblin parece entrar em contato, pela primeira vez, com o poder de uma religiosidade oriental ainda em estado puro, não filtrada pelo esteticismo e pelo caráter individualista da cultura ocidental, e ainda não contaminada com as virtudes prussianas cardeais — rigor, objetividade e sobriedade¹⁵ — que lhe foram inculcadas desde a infância. Um universo esquecido em seu ambiente nativo e os rastros de uma espiritualidade perdida no Ocidente são, em sua visão, a contrapartida da pobreza material, da feiura, da falta de higiene dos judeus do Leste.

Seja como for, o que ele vê na Polônia o leva a questionar-se sobre seu próprio universo de origem, em que a espiritualidade foi substituída pela racionalidade, a intuição pelo pensamento científico, a preocupação com as coisas do espírito pelo materialismo. Pensando sobre sua experiência entre os judeus do Leste, já ao fim de sua viagem, Döblin escreve:

Já sei de antemão o que os senhores esclarecidos, os seguidores do Iluminismo judaico, irão dizer. Eles riem da gente *tola e atrasada* que faz parte de seu próprio povo e se envergonham dela. E também dirigirão seu escárnio grosseiro contra mim. O mundo nasceu junto com eles e se completou com eles também. Recontar as velhas lendas, com as quais as pessoas tolas e atrasadas se ocupam: que besteira, que falta de noção! Não há aí nada de real. Eu, que nem pertenço aos iluministas judeus, nem a essa massa popular; eu, um passante ocidental — para mim, esses

14. Cf. p. 119 deste volume.

15. GRABER, 1987, p. 361.

LUIS S. KRAUSZ

iluminados se parecem com negros que desfilam ostentando as contas de vidro que lhes foram dadas por marinheiros, com os punhos encardidos de seus braços que balançam, com suas cartolas novas em folha e já amarrrotadas sobre a cabeça. Quão pobre, desleixado, indigno, destruído e desalmado é o mundo ocidental que os presenteia com esses trajes.¹⁶

DILEMAS JUDAICOS E A MODERNIDADE

Apesar da fragmentação da numerosa comunidade judaica polonesa observada por Döblin, fica claro que, entre eles, a concepção de *nação* permanece viva, mesmo nos setores mais progressistas, enquanto, na Alemanha, assim como em outros países do Ocidente, este conceito foi posto em xeque pelo processo, até então mais ou menos bem-sucedido, de integração dos judeus nos Estados Nacionais e de redução do judaísmo a uma questão puramente confessional.

Mas, afinal, o distanciamento prevalece: Döblin vê a si mesmo como um homem “civilizado”, o Ocidente é seu lar espiritual, enquanto identifica os judeus do Leste como representantes de um mundo que lhe é estranho — ainda que admirável por muitas razões. Depois de percorrer as ruas desertas do gueto de Varsóvia numa sexta-feira à noite, observando pelas janelas as famílias religiosas reunidas em torno das mesas do *shabat*, ele se pergunta: “Será que eu poderia, será que alguém poderia retornar a este degrau?”¹⁷

Se Döblin vê a si mesmo sobretudo como um cidadão de cultura e de nacionalidade alemãs, na Polônia ele conhece, praticamente intacto, o sentimento de excepcionalidade, segundo o

16. Cf. p. 279 deste volume.

17. Cabe lembrar que Elcio Cornelsen, em seus trabalhos de mestrado e doutorado, desenvolve uma linha de reflexão análoga. Citando-o, “Döblin estava consciente do grau de assimilação em que se encontrava e lamentava chegar ao ponto de não mais ter condições de trilhar o caminho de volta.” Continuando, “Perante o mundo que fica conhecendo na Polônia, Döblin coloca em questão a atualidade e o progresso. Tendo em consideração o judeu do Leste Europeu, apegado aos ensinamentos religiosos, Döblin volta-se contra o tipo do judeu ocidental, do qual também faz parte.” Cf. CORNELSEN, 1995, p. 86 e 105.

INTRODUÇÃO

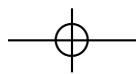
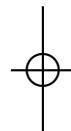
qual os judeus seriam uma nação no exílio, à espera da redenção messiânica ou de algum outro tipo de força que os levaria de volta às terras de seus ancestrais. A contrapartida desse sentimento seria a condição de estrangeiros, eventualmente tolerados, mas sujeitos a todo tipo de arbitrariedade, que os judeus experimentam por onde passam.

A viagem de Döblin à Polônia e seus encontros com o judaísmo deixaram marcas profundas na maneira como ele passou a ver a si mesmo e a seus contemporâneos. Observado com temor e às vezes até mesmo com repulsa, o judaísmo polonês também abriu seus olhos para a possibilidade de formas de vida baseadas em parâmetros que antes lhe eram desconhecidos.

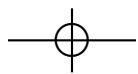
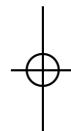
A dialética entre a secularização fragmentadora e a solidez dos antigos laços comunitários e religiosos, que parecem ameaçar as conquistas dos judeus no cerne da civilização ocidental, é um dos processos representados no grande painel do judaísmo europeu no período entreguerras traçado nesta *Viagem à Polônia* — um livro que trata de dilemas judaicos ante a modernidade que, um século depois de sua primeira edição, permanecem irresolvidos.

BIBLIOGRAFIA

- BUBER, Martin. *Die Legende des Baalschem*. Frankfurt a. M.: Rütten & Loening, 1918.
- CORNELSEN, Élcio L. *Elementos do pensamento filosófico-religioso de Alfred Döblin e seu reflexo no romance Berlin Alexanderplatz*. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, 1995.
- _____. *Gott oder Natur? Metaphysische Unterströmungen im Werk Alfred Döblins*. Tese de Doutorado. Universidade Livre de Berlim, 1999.
- DÖBLIN, Alfred. *Reise in Polen*. [Hrsg. Und mit einem Nachwort von Heinz Graber] Munique: Deutsches Taschenbuchs Verlag, 1987.
- _____. *Schicksalsreise*. Bericht und Bekenntnis. Frankfurt a. M. 1949 apud GRABER, Heinz. *Nachwort*. In: DÖBLIN, Alfred. *Reise in Polen*. Munique: Deutsches Taschenbuchs Verlag, 1987.
- ZWEIG, Arnold. *Das ostjüdische Antlitz*. Wiesbaden: Fournier Verlag, 1988.



Viagem à Polônia



Varsóvia

Vou balançando sobre os trilhos, no interior do longo vagão de trem. O trem saiu de Berlim como uma flecha. A sequência de trilhos parece interminável. E eu sigo em disparada, balançando junto com as ferragens e com o madeirame do vagão, atravesso uma tubulação colossal e gorgolejante, noite adentro. Os vagões oscilam sobre o molejo. Soam ruídos confusos: pancadas ritmadas que vêm das rodas, vibrações, giros, tinir de janelas, silvos, raspões ocos, arranhões, assovios breves e penetrantes.

Eu — não estou aqui. Eu — não estou no trem. O vagão martela os trilhos sobre as pontes. Eu — não o acompanho. Ainda não. Continuo parado na plataforma da estação de trens, na Schlesischer Bahnhof.¹ Esses mesmos passageiros se encontravam à minha volta quando embarquei e agora estou sentado sobre o estofamento verde, em meio a malas de couro, bolsas, mantas, casacos, guarda-chuvas. Estou preso aqui dentro. O trem me leva adiante, me confina em seu interior, chacoalha comigo sobre os trilhos, noite adentro.

Eu estava olhando a vista da janela, por sobre uma haste metálica. Agora — dois rapazes baixam a cortina, enfiam cigarros na boca, se põem a tagarelar numa língua desconhecida. Suas mãos estão cobertas por luvas cinzentas de tecido grosseiro, na cabeça uma boina de viagem pouco acima dos olhos escuros e inquietos. Eles sorriem. Um deles aponta para o jornal que leva debaixo do braço. Chega um terceiro, mais velho, gordo. O falatório estranho, cheio de silvos e de erres que rolam, prossegue. Agora eles abrem um espaço. Uma menininha, cujas

1. Desde 1950 a estação se chama Ostbahnhof, de onde partem os trens para o Leste.

VIAGEM À POLÔNIA

pernas muito brancas estão nuas até a altura do meio das coxas, calçando delicados sapatos de verniz, com um vestido de veludo amplo e curto, cabelos negros e soltos, passa e detém a cada tanto seus passos, olhando à direita ou à esquerda, no corredor. Muito séria, olha para a frente com olhos tristes.

Eu — não estou aqui. O jornal está no meu colo. “O triunfo do Zeppelin”,² eu leio, cada vez mais temeroso, quase sentindo dor. O trem, este prodígio ressonante, me conduz para o Leste. Aqui ainda estamos na Alemanha, aqui ainda me sinto quase em casa, aqui vem Frankfurt an der Oder:³ quase não consigo acreditar, quase não reconheço o país. Eles todos viajam comigo. Estes são meus companheiros de viagem. O jovem que estava tagarelando junto à janela agora entra no meu compartimento e se senta ao meu lado. Põe-se a falar. Uma voz que se dirige a mim. Minha voz volta a mim. Afasto as malas em meio à noite. Angustiado, penso na Polônia. Peço-lhe que me fale sobre a Polônia. Penso nas minhas intenções.⁴ Mas agora já não são mais minhas intenções: não as reconheço.

Noite. O trem oscila à nossa volta. Alcançamos a fronteira, três horas a leste de Berlim.⁵ A cada tanto os três elegantes senhores se põem a falar numa língua diferente da anterior. Os movimentos que eles fazem com os olhos, estranhamente ansiosos, chamam minha atenção, assim como seu jeito estranho de

2. Trata-se do dirigível Zeppelin LZ 126, que realizou voos de teste nos dias 25 e 26 de setembro de 1924.

3. O rio Oder, que atravessa a cidade, constitui hoje a fronteira entre a Alemanha e a Polônia. À sua margem oriental, no estado de Brandemburgo, encontra-se Frankfurt an der Oder, que não deve ser confundida com Frankfurt am Main, localizada a oeste, no estado de Hessen.

4. Döblin viajou à Polônia com o objetivo de recolher impressões para um livro. A expedição foi financiada pela editora S. Fischer Verlag, responsável pela publicação da primeira edição da obra, e pelo jornal berlimense *Vossische Zeitung*, que chegou a divulgar, ainda durante a viagem, alguns trechos em forma de crônicas.

5. A época, a cidade fronteiriça com a Polônia era Zbąszyń, conhecida até 1920 pelo nome alemão Bentschen. Essa localidade fica a cerca de 100 km de Frankfurt an der Oder, ponto em que hoje se estabelece a fronteira.

VARSÓVIA

contrair os ombros: eles arrulham e cantarolam em iídiche. Juntam as cabeças cobertas com boinas de viagem inglesas. E então o trem para. Um ato solene tem início. A porta na ponta do vagão se abriu, todos os passageiros deixam o corredor. Dois homens trajando uniformes verdes entram no vagão, seguidos por um terceiro em trajes civis, segurando um caderno. Eles inspecionam os passaportes e fazem anotações. Um deles entra em nosso compartimento e nos manda abrir as malas. Todos permanecem em silêncio. Os funcionários vão passando, de compartimento em compartimento. O trem segue viagem. A negra meia-noite chegou. O trem para. Será uma estação? Um silêncio tenso paira no ar. Novamente os três homens vêm andando sobre o tapete. Agora, porém, um soldado de uniforme preto vai à frente deles, um policial com um tremendo sabre de cavalaria laqueado. Em troca do passaporte ele dá a cada um uma ficha de chumbo, numerada. São poloneses, homens bem-nutridos, corados, com rostos bonachões. Como se estivesse em meio a uma guerra, a multidão de passageiros se lança para fora do vagão. Somos obrigados a atravessar plataformas escuras, a subir e a descer escadarias, para então alcançar os gigantescos barracões de madeira da alfândega. Aqui já é o estrangeiro. O trem já cruzou a fronteira. Já estou pisando em solo estranho. Tudo se passou tão depressa. Ainda agora eu estava considerando, há duas semanas, há três semanas, em casa, refletindo. Era o meu plano. E agora o plano está aqui, diante dos meus olhos, não se encontra mais em minha cabeça, mas se desenrola à minha volta. E eu o percorro. Ele é mais forte do que eu. É assustadora esta passagem de um pensamento para o mundo visível.

Nos cartazes sobre as paredes junto às escadas há palavras e sílabas cujo significado desconheço. Provavelmente dizem apenas: este e aquele trem partem desta e daquela plataforma. Mas numa língua estrangeira essas palavras me inquietam e me tensionam. E como haveria de ser diferente? Agora começo a emudecer, começo a me tornar surdo. — Adiante. Permaneço deitado, cochilando — por horas ou por minutos — em meio às cortinas do vagão-leito.

VIAGEM À POLÔNIA

Uma luz cinzenta atravessa uma fresta nas cortinas. Ergo-me. Pela janela avisto planícies e pequenos bosques. Junto à água, sob uma ponte de madeira, uma camponesa caminha descalça, a cabeça coberta por um lenço branco. O que é isto? Rebanhos de gado. Novas plantações. Muitos gansos brancos. Isto é a Polônia. Um bando de mulheres trajando saias coloridas segue por um caminho. Uma velha e cinzenta estação de trens. Caminha-se pelos trilhos em direção ao trem. Meu coração se contrai. Estremeço.

O rosto das polonesas: testas largas, baixas, o rosto recheado. A junção do nariz com a testa é profunda, às vezes com uma cavidade em forma de sela. O nariz despencava achatado sobre as bochechas; narinas muito largas, com cavidades escuras e dilatadas. As bocas largas e carnudas. Os olhos, debaixo das sobrancelhas espessas, quase horizontais, quase coladas uma à outra, bastante afastados um do outro. Suas silhuetas grandes. Nas ruas, debaixo de chapéus, têm um caráter extraordinariamente provocante. As jovens, senhoritas, moças, ocupam as ruas em bandos, de braços dados, junto a jovens senhores. Descem de fiacres, observam seus reflexos nas vitrines iluminadas. Trajam meias claras ou cor de carne e sapatos elegantes e deslizam muito graciosamente das confeitarias e dos restaurantes, ou descem as escadarias das igrejas. Todas estão maquiadas e têm o rosto coberto de pó de arroz. Andam à toa pelas calçadas. Com certeza sabem mirar as setas do cupido. Nos espaços internos, perdem-se. Homens tanto quanto mulheres de um tipo puro, com cabelos loiros e castanhos. Os homens são maciços, fortes, há entre eles exemplares colossais. Junto ao Hotel Bristol encontra-se um palácio ministerial, atrás de um jardim sombrio. Antigamente era o palácio de um magnata, Radziwiłł. Depois, foi a sede do governo russo.⁶ À sua frente encontrava-se uma escultura em bronze

6. O palácio, grande castelo de Varsóvia, foi residência da influente família Radziwiłł. Em 1818, passou a pertencer ao Estado, tornando-se sede do governo, e desde 1994 abriga oficialmente a Presidência da República da Polônia.

VARSÓVIA

representando o Duque Paskewitsch.⁷ Paskewitsch Eriwanskiy, um homem feito de dureza e de crueldade.

Em 1830 e 1831 houve uma revolução dos poloneses.⁸ O Arquiduque Konstantin,⁹ comandante supremo russo do exército polonês, deveria ter sido assassinado, os soldados estrangeiros deveriam ter sido desarmados e o país, liberto do jugo russo. Tudo fracassou. Perto de Varsóvia, junto a Grochów, os infelizes poloneses foram derrotados pelo russo Diebitsch, e foram novamente derrotados perto de Ostrołęka. Este Paskewitsch foi o sucessor de Diebitsch. Terminou o que seu predecessor começara. Varsóvia e a Polônia foram perdidas.

Os poloneses não esqueceram de nada. Removeram seu monumento. Agora, porém, diante da nova sede do governo polonês, veem-se dois guardas vivos, trajando uniformes pretos, com grandes sabres e capacetes. Figuras vivas de proporções colossais. Eu os observo a cada vez que saio do hotel.

Uma das ruas principais de Varsóvia se chama Krakowskie Przedmieście. Outra delas, Marszałkowska. A Marszałkowska é densamente povoada. Em sua parte setentrional, onde se encontram os cinemas, junta-se uma verdadeira multidão. Lojas elegantes. Da estação de trens brotam verdadeiras massas humanas. Nos dois lados das ruas, os edifícios são numerados com números pares e ímpares. Cada edifício se apresenta de forma muito gentil: uma luminária de duas faces destaca-se sobre o portão de entrada, anunciando o número e o nome da rua, e permanece acesa durante a noite inteira.

7. Iwan Fjodorowitsch Paskewitsch foi oficial do exército russo e responsável por sufocar a insurreição polonesa de 1831. Posteriormente, recebeu o título de Príncipe de Varsóvia e assumiu o cargo de governador-geral da Polônia.

8. Trata-se da chamada Guerra Russo-Polonesa, também conhecida como Insurreição de Novembro, ocorrida entre 1830 e 1831, que terminou com a derrota do levante polonês pelas forças do Império Russo.

9. Konstantin Pawlowitsch Romanow, grão-duque da Rússia, tornou-se, após o Congresso de Viena, em 1815, líder militar do exército do Reino da Polônia do Congresso, exercendo de fato o papel de representante do czar no território.

VIAGEM À POLÔNIA

Caminho de manhã pela Krakowskie Przedmieście. Muitos oficiais. O Comando Geral do Exército fica nas redondezas. O país está se armando. Tem memória. Os oficiais saúdam com dois dedos, comodamente. Os subalternos respondem, virando para a frente a palma da mão. Eles portam quepes frouxos, boinas achatadas e soltas à moda francesa, puxadas para trás, com quatro cantos. Sobre seus colarinhos há ornamentos de prata de diferentes formas e sobre as ombreiras, estrelas. São sempre uniformes de campo de um verde amarelado. Nas vitrines dos fotógrafos de rua há retratos deles. Ostentam condecorações em grande número, assim como fitas coloridas.

Não faz muito tempo que os poloneses têm seu próprio exército,¹⁰ e todos o observam com grande interesse. Bondes passam, vagões vermelhos com reboques, em cujos lados estão brasões da cidade de Varsóvia: uma mulher com corpo e cauda de peixe, uma ondina, uma sereia. Com as mãos, ela brande um sabre e segura um escudo. Os passageiros vão dependurados do bonde, com os pés apoiados no estribo ou pendurados de maneira muito assustadora, equilibrando-se com uma só perna sobre o para-choque traseiro do veículo. Dentro do bonde, os passageiros empurram-se uns aos outros para a frente, pois a saída fica junto ao condutor. Todos os que estão de pé no interior do bonde se seguram, oscilando, nos corrimãos de madeira. As pessoas correm atrás do bonde de uma maneira que é desconhecida nas cidades alemãs, embarcam e desembarcam aos saltos, em alta velocidade.

Música militar, lenta, solene, um funeral. O cortejo segue adiante, acompanhando uma banda de reluzentes instrumentos de

10. A partir de 1772, o território polonês foi por três vezes partilhado entre a Prússia, o Império Russo e a Monarquia Habsburga. Após as Guerras Napoleônicas, o Congresso de Viena decidiu criar entidades autônomas nos territórios anexados, como o Reino do Congresso (ou Polônia do Congresso), uma união constitucional entre a Polônia e o Império Russo, sob a autoridade do czar, e a Cidade Livre de Cracóvia. Em 1832, a autonomia do Reino do Congresso foi abolida e o território incorporado ao Império Russo, e em 1846 a Cidade Livre de Cracóvia foi anexada pelo Império Austríaco. De fato, a Polônia deixou de existir como Estado independente até o fim da Primeira Guerra Mundial.

VARSÓVIA

metal. Um soldado, com a cabeça descoberta, carrega um grande crucifixo. Um sacerdote trajado de branco. A carroagem fúnebre, coberta de flores. A gente, nas calçadas, tira seus chapéus.

Atravesso a via férrea, esburacada e coberta de cubos de madeira. Na esquina uma coluna traz anúncios dos teatros assim como anúncios fúnebres, com largas bordas pretas, com cruzes impressas no alto e folhas de palmeira embaixo. Junto à coluna há vendedores de frutas: peras e maçãs expostas em grandes tabuleiros portáteis envidraçados. O que está fazendo a camponesa com o lenço de cabeça vermelho? Sentada atrás de sua cesta, ela deixa a cabeça pender: adormeceu em plena luz do dia. O homem ao lado dela expõe cigarros produzidos pelo Estado, os “Papierosy”, numa caixa vermelha, sobre um tripé.

E quando alcanço a esquina, o olho para a direita na travessa larga — que visão surpreendente! É uma aparição espantosa, atordoante. Vê-se ali um edifício tremendo, fantástico, uma catedral russa. Ainda agora os fiacres se locomoviam ao meu lado, um automóvel passava, os jornaleiros apregoavam o *Curier Warschawski*, as vitrines modernas reluziam. E agora a apavorante, paralisante — Deus sabe quanto — estepe do Volga, que ali escancara sua bocarra. Ante esta vista, tudo para. Ali ergue-se, paralisada, uma Ásia que oprixe o coração. O edifício se chamava Catedral Alexander Newsky. Foram dezoito anos para construí-lo. Dizem que tinha cinco cúpulas folheadas a ouro. E ao seu lado havia uma torre alta, com sinos. A torre já não está mais ali, tampouco vejo as cinco cúpulas. O edifício feito de pedras se eleva na praça vasta e só o que resta dele são suas estruturas altas e arredondadas. Uma grande torre central, obtusa e achata, é rodeada por outras, menores. Aquela coisa cheia de pórticos e portais avança sobre a praça. Trata-se de uma fortaleza com ameias. Imagens coloridas de santos bizantinos foram pintadas sobre os portões. Mas ninguém entra ali. A edificação está cercada por todos os lados por tapumes, sobre os quais foram colados cartazes de cinema. Sob a cerca aparecem as soleiras dos portões. As janelas do edifício gigantesco estão va-

VIAGEM À POLÔNIA

zias, pretas, muitas delas cobertas por tábuas, outras tampadas com alvenaria. A praça se chama Jardim Saxão. Assustadora, sinistra e inquietante é a visão deste edifício, que agora é pouco a pouco demolido e aniquilado. Há algo de doloroso, comovente e chocante na visão desta igreja, que foi dedicada a um Deus, a um Deus no qual se acreditava profundamente — e que agora está sendo demolida como se fosse o próprio mal.

Mas há outra coisa. Eu percebo. Isto aqui, esta edificação, não foi pensada nem desejada como igreja. Foi construída para ser um punho cerrado, um punho, feito totalmente de ferro, que despencou sobre o melhor lugar da cidade, e cujo estrépito deveria ser ouvido para sempre. Era impossível que esta igreja passasse desapercebida. Ela deveria funcionar como mais um memorial do general Paskewitsch. O que é esta cerca? A jaula, a grade por detrás da qual um animal monstruoso foi confinado. Luto, pena. Mas não tenho como me opor a esta solução.

O orgulho e o ânimo do povo libertado são grandes. A pouca distância da cerca encontra-se uma escultura em bronze de Poniatowski,¹¹ sobre um pedestal baixo, de pedra. Sob a égide dos russos, o herói polonês teve que ser representado como um romano, vestido com uma toga abstrata. Não havia como mostrar o antigo uniforme. Depois ocorreu uma revolta, e uma derrota dos poloneses. O general vencedor ganhou esta escultura de presente e a levou para sua propriedade rural em Minsk. Antes disto, porém, foi preciso cortar em pedaços o orgulho nacional feito de bronze, pois as pontes não eram suficientemente fortes para suportar seu peso. Na propriedade rural do general, estes pedaços ficaram apodrecendo por anos a fio no interior de um barracão.

11. O príncipe Józef Antoni Poniatowski, sobrinho do último rei polonês, foi homenageado com uma estátua equestre em Varsóvia. Essa escultura, criada por Bertel Thorvaldsen, foi destruída em 1944 durante a ocupação nazista, mas posteriormente reconstruída e recolocada diante do Palácio Presidencial em 1952.

VARSÓVIA

O acordo de Versalhes obrigou os russos a devolvê-los. Agora, o herói voltou a brilhar sob a luz, para a alegria dos poloneses.¹²

Quase todos os nomes das ruas e das praças da cidade foram mudados, e as lembranças da antiga desgraça e da humilhação foram afastadas. Praças muito frequentadas receberam os nomes de Mickiewicz e Słowacki.¹³ Uma avenida larga passou a chamar-se Traugutta, em homenagem a Romuald Traugutt, comandante da revolução de 1863,¹⁴ executado na cidadela de Varsóvia. Desde o centésimo aniversário da morte de Napoleão a grande praça diante do correio central se chama praça Napoleão.

A Krakowskie Przedmieście segue em direção ao sul. É curiosa a mistura de pessoas que se veem ali: criaturas elegantes, aristocratas e membros da alta burguesia, estudantes com boinas brancas e fitas vermelhas. Mas a grande maioria são pequenos burgueses usando roupas grosseiras, camponeses e camponesas com a cabeça coberta por lenços floridos. Um padre, a cabeça descoberta, trajando uma batina marrom e uma capa, com uma corda na cintura, caminha de sandálias sobre a calçada, com os pés desnudos. Ele tem uma barba comprida, marrom-escura. À direita da porta da igreja, há uma fileira de velhas mulheres acoçoradas sobre os degraus. São mendigas. Entre elas, está também uma moça. Ela estende a mão esquerda. Um policial conduz uma jovem loira exuberante, atravessando os trilhos. Ela leva um xale branco sobre os ombros, indiferente, e marcha sobre sapatos verde-veneno. Os fiacres trafegam, ágeis. Os cocheiros chicoteiam os cavalos. Devagar avançam, entre eles, dois fiacres de camponeses, com as tábuas laterais vergadas para fora. O pe-

12. Döblin visita a Polônia em 1924, seis anos após a restauração de sua independência como Estado soberano. Em suas descrições, aparecem traços do processo de reconstrução e afirmação da identidade nacional polonesa.

13. Adam Mickiewicz (1798–1855) e Juliusz Słowacki (1809–1849) foram poetas do romantismo nacionalista polonês.

14. Döblin se refere ao Levante de Janeiro, ocorrido entre janeiro de 1863 e abril de 1864. Tratou-se de uma revolta dos poloneses contra os russos em razão da anexação de seu território.

VIAGEM À POLÔNIA

queno camponês está sentado ao lado de sua esposa sobre um monte de palha, segura as rédeas e as puxa, a cada tanto.

Estou na parada do bonde, examinando as gentis tabuletas dos bondes, sobre as quais estão escritas as rotas percorridas por cada linha. E então, em meio à multidão, um homem solitário e barbudo se aproxima de mim, trajando um cáften preto esfarrapado, a cabeça coberta por uma grande boina negra, calçando botas de cano alto. E logo atrás dele, falando palavras que eu reconheço como alemãs, um outro, igualmente vestido de preto, um grandalhão, com rosto largo e vermelho, as bochechas cobertas por uma barba rala e ruiva. Ele fala, impetuosamente, com uma menina pequena e maltrapilha, decerto sua filha. Ao seu lado caminha, acabrunhada, uma mulher, com a cabeça coberta por um lenço preto: sua esposa. Ele dá um encontrão no meu peito. Eles desaparecem em meio ao tumulto. Ninguém lhes dá atenção. São judeus. Estou espantado, não, assustado.¹⁵

Estou no escritório de uma repartição pública. Salas provisórias. A cidade é pequena demais para a massa de funcionários que atrai. Fora, há cabides de madeira para pendurar os casacos. Na antessala, senhores elegantemente trajados caminham de um lado para outro, em duplas, de braços dados. Um deles se encosta num radiador e então uma listra branca surge na roupa sobre as suas costas. Uma cena russa: um velho senhor está sentado diante do telefone em uma salinha separada por divisórias, um funcionário subalterno. Vem um estranho e lhe faz uma pergunta. Eles fazem reverências um diante do outro. Atravesso uma cortina vermelha e subo por uma escada, atravessando corredores, passando por fogões de cozinha deslocados. Um homem culto e muito sereno se dirige a mim. Estudou soci-

¹⁵. Como muitos intelectuais judeus-alemães emancipados, Döblin conhecia o judaísmo tradicional e religioso apenas por relatos de terceiros e convivia em Berlim com judeus igualmente distantes da tradição, integrados à cultura burguesa alemã. Em textos autobiográficos, ele próprio afirma que, até viajar à Polônia, seu conhecimento sobre o judaísmo era mínimo e sua relação com os judeus, traumática.

VARSÓVIA

ologia em Berlim e me ajuda, muito amigavelmente. “Eles estão em suas próprias casas. É algo tremendo. Garibaldi¹⁶ exortou os povos da Europa:”

Não abandonem a Polônia! Todos os povos têm o dever de ajudar esta nação infeliz, que mostra para o mundo até onde pode chegar o desespero. Ainda que desprovida de armas e de seus melhores jovens, já proscritos ou presos, ainda que oprimida por um grande exército, ela se ergueu como um gigante. Os homens deixaram as cidades e se lançaram às florestas, decididos a vencer ou a morrer. As mulheres se lançaram sobre seus algozes, que raptavam seus filhos, e lhes arrancaram os olhos.

Não abandonem a Polônia! Não esperem pelo dia em que vocês, como ela, sejam levados ao desespero — não deixem arder a casa do seu vizinho, se vocês quiserem ser ajudados quando o incêndio devorar a sua própria. Romenos do Danúbio, magiares, germânicos, escandinavos, vocês são os guerreiros defensores dos povos na guerra de vida ou morte que hoje atinge a honrada terra de Sobieski e de Kościuszko. Esta guerra é uma guerra do despotismo contra a justiça — um caso trágico de assalto perpetrado pelos três abutres do norte¹⁷ contra a liberdade e a vida de uma das mais significativas nações da Europa. É uma guerra da desordem, da violência brutal contra a ordem dos homens que desejam viver do trabalho de suas mãos em seus lares, uma desordem que só perdurará enquanto cada qual pensar apenas no próprio umbigo e abandonar seu vizinho infeliz à ganância dos assassinos coroados.

Não abandonem a Polônia! Ao menos imitem os seus próprios tiranos, que não se abandonam uns aos outros.

16. Giuseppe Garibaldi foi um líder republicano e nacionalista italiano, figura central do *Risorgimento*, movimento de unificação da Itália. Tornou-se símbolo do ideal revolucionário e da luta pela liberdade no século XIX, atuando também na América do Sul — no Brasil e no Uruguai — antes de participar das campanhas que levaram à formação do Estado italiano unificado em 1861. Sua imagem difundiu-se por toda a Europa como emblema do humanismo laico e do engajamento político contra o absolutismo e o clericalismo.

17. Ele se refere às três potências que partilharam a Polônia: o Império Russo, o Império Austríaco e o Reino da Prússia.

VIAGEM À POLÔNIA

E você, vigilante dos Alpes, filha dos homens de Rütli,¹⁸ lance sua força republicana sobre a balança da Europa e saberá quanto ela pesa. Hoje cabe aos povos livres restabelecer a ordem mundial, perturbada pelos desejos dos déspotas. Não abandonem a Polônia! Se nós todos ajudarmos, como é o nosso dever, estaremos cumprindo com um dever sagrado e o mundo poderá recompor-se de acordo com o bem de uma raça humana abençoada por Deus.¹⁹

E os próprios poloneses:

E agora nós também nos dirigimos a você, nação moscovita. O lema que recebemos dos nossos antepassados é a liberdade e a fraternidade dos povos. Por isso perdoamos até mesmo o assassinato da nossa pátria, até mesmo o sangue de Praga e de Oszmiana, a violência perpetrada nas ruas de Varsóvia, as torturas nos covis da cidadela. Perdoamos você pois você também é infeliz, é vítima dos assassinos, é oprimida e torturada e os cadáveres dos seus filhos balançam das forças do czar, enquanto seus profetas congelam em meio às neves da Sibéria. Mas se, nesta hora decisiva, você não se arrepender pelo seu passado e não sentir em seu peito a ânsia sagrada pelo futuro; se você se recusar a nos apoiar em nossa luta contra o tirano, que nos mata e que lhe opõe, se você não nos apoiar, então ai! Ai de você! Pois diante de Deus e de todos os povos da Terra vamos lançar sobre você a maldição da vergonha e da tortura e da eterna submissão, e desafiar você para a luta medonha da destruição, a última luta da civilização europeia contra a selvagem barbárie asiática.

Eles se encontram agora em suas próprias casas. Pois uma fronteira tem a força de um tirano. O importante é não esquecer nada, nem a si mesmo.

18. O Juramento do Rütli é um dos mitos fundadores da Suíça e está ligado à aliança perpétua firmada em 1291 entre os cantões de Uri, Schwytz e Unterwalden. Segundo a lenda, os “homens livres” desses três vales reuniram-se em Rütli, representados por Arnold de Melchtal, Walter Fürst e Werner Stauffacher. Até o final do século XIX, o juramento foi considerado o ato de fundação da Confederação Suíça, mas hoje é visto como uma narrativa que se mantém sobretudo no imaginário e na cultura nacional.

19. Trecho adaptado da proclamação de Garibaldi “Aos povos da Europa”, feita em Caprera em 15 de fevereiro de 1863.

VARSÓVIA

Tenho em mãos um anuário oficial polonês de 1924. Não quero me assustar com as cifras. Esta Polônia tem, em 1921, um território de 400 mil km² sobre os quais vivem 27 milhões de habitantes. Destes, 11 milhões provêm da antiga Polônia do Congresso; 8 milhões da Áustria; 4 milhões da Prússia. Faltam, ainda, 4 milhões: estes ocupavam os “territórios orientais”, as regiões de Grodno, Vilna, Minsk e da Volínia. Isto significa 70,3 pessoas por km². Na Alemanha a densidade demográfica é quase o dobro: 126,8. Na Inglaterra 152,8. Na Bélgica 245,3. Há, portanto, espaço na Polônia. Ainda assim, me espanto ao ver como são pouco povoados outros países, como os escandinavos, e ao saber que na Espanha há apenas 42,2 habitantes por km². Na porção europeia da Rússia são apenas 22,1. E a Finlândia, ao que parece, permanece bem vazia: vivem ali apenas 8,8 habitantes por km². A Terra tem espaço para todos.²⁰

No último século as cidades polonesas cresceram vigorosamente: Varsóvia tinha em 1860 cerca de 150 mil habitantes; vinte anos mais tarde sua população já havia dobrado e em 1900 já eram 700 mil. Mais mulheres do que homens: na região de Varsóvia, 121 mulheres para cada 100 homens. Há de ser consequência da guerra. No país há quatrocentas igrejas católicas, com 7 mil sacerdotes.

E mais um número chama minha atenção: as cifras relativas à última guerra, à qual este Estado deve seu ressurgimento. No total, incluídos todos os estados, foram 7 milhões de mortos, 14 milhões de feridos. Foram mobilizados 55 milhões de homens. Faltam ainda os doentes, que morreram em seus lares em decorrência da guerra. E as crianças que os milhões de homens

²⁰. Döblin retirou os dados de *Tablice statystyczne Polski 1923* [Tabelas estatísticas — Polônia 1923], publicada pelo Główny Urząd Statystyczny, “Escritório Central de Estatística”, embora tenha arredondado de forma significativa alguns deles. Por exemplo, o território da Polônia era de 386 634 km² e a população de 27 177 500 habitantes. No manuscrito, contudo, ele cometeu um erro ao somar os decanatos (417) em vez das igrejas católicas romanas (4 587) registradas nas diferentes regiões.

VIAGEM À POLÔNIA

mortos não puderam gerar. Não tenho dúvidas de que estes números logo haverão de ser esquecidos. Se ao menos os mortos não forem esquecidos pelos que hoje estão vivos. Pelos supostos 7 milhões dentre os 55, que haverão de ser convocados na próxima guerra. Ou pelos 70 de 550 milhões. Há uma teoria de manada e de obediência a respeito da natureza humana. Há, também, outras teorias. Também é possível querer e pensar. As leis de todos os países são pensadas assim, pois fazem de cada um responsável pelos seus atos. E, no entanto, determinadas ações de massa dispensam as pessoas de responsabilidade, especialmente quando se trata de questões de vida ou morte. Ninguém pode abrir mão dos direitos dos outros. Deve-se morrer apenas em nome de coisas pelas quais também se deseja viver.

Mas eu não me intrometo nos assuntos particulares dos candidatos à morte.

O mapa das ruas é simples: de norte a sul duas grandes avenidas paralelas, a Marszałkowska e a Krakowskie Przedmieście e suas continuações, que têm outros nomes. Ao sul, estão casarões com jardins e parques. A oeste, Wola, o bairro operário. Ao norte, junto ao Vístula, a cidade velha e o castelo. E a oeste dali, o bairro judeu.

Trata-se de uma cidade antiga, com palácios, residências de famílias patrícias que, pouco a pouco, decaem a olhos vistos. A administração russa acelerou a destruição. A decadência do mundo da nobreza é facilmente percebida a partir do castelo, para além do velho mercado, em todas as ruas que partem dali e também em outras, mais distantes. Veem-se fachadas que se esfarelam horrivelmente, janelas quebradas, corredores escuros. Entra-se num destes prédios e vê-se uma porta espantosa, um terraço com uma bela grade de ferro fundido — sobre a qual pendem lâmpadas proletárias.

Há também prédios modernos, em blocos ou isolados, com seis a oito andares. Algumas regiões em torno da praça Napoleão, junto ao correio central, em direção à Nowy Świat, são inteiramente modernas. E mais adiante proliferam os ictiossauros de hoje e de amanhã, junto a comoventes e decrépitas vovozinhas de

VARSÓVIA

pedra. Vou andando em direção ao norte ao longo da Krakowskie Przedmieście em direção ao Vístula. O rio, esta preciosidade, foi deixado fora da cidade. Talvez tenha sido bom, penso comigo mesmo, pois suas margens permanecem tranquilas e intocadas por estes edifícios pavorosos. Na rua, na vitrine de um fotógrafo, observo a fotografia de um homem sem gravata. Seu olhar está embacado. É Witos, o antigo ministro.²¹ Ainda que fosse proprietário de terras, queria parecer camponês e recebeu a rainha da Romênia assim, sem gravata. Do outro lado da rua, na esquina, em frente à livraria, muita gente entra num grande café. Permanecem com seus chapéus sobre as cabeças, no interior. Antigamente, funcionava ali o mercado negro. O que haverá ali agora? É meiodia. O sol está quente e eu caminho sem casaco. Um presidiário trajado de linho cinza-esverdeado é conduzido, seguido por um soldado armado. Depois deles mais dois presidiários, algemados um ao outro. Sobre os trilhos, atrás do bonde, dois homens se encontram. Sacodem as mãos impetuosamente. Beijam-se nas faces.

Do norte, do lado do castelo, soa música. Jovens caminham à frente, a calçada está cheia de gente. Um batalhão da infantaria polonesa marcha, trajando o uniforme cintento de batalha, com mochilas e panelas às costas, e capacetes de aço com águias brancas. São rapazes fortes, com a expressão obtusa de todos os soldados que marcham.

Em meio ao burburinho dos camponeses sempre volta a aparecer alguma mulher polonesa das classes mais altas, calçando sapatos finos, maquiada, com movimentos elegantes e traços irregulares, às vezes muito suaves, às vezes picantes.

Uma grade de ferro imponente cerca um gramado. Em meio às árvores e aos canteiros de flores, degraus levam ao pedestal de um monumento. Sobre os lados do monumento há tocheiros de ferro fundido. Em cima, bem no alto, está um homem cujo nome consta de uma tabuleta: Adam Mickiewicz, a cabeça descoberta,

21. Wincenty Witos foi um político do Partido Camponês Polonês. Exerceu o cargo de primeiro-ministro em três ocasiões: 1920–1921, 1923 e 1926.

VIAGEM À POLÔNIA

trajando um paletó comprido, com um casacão às costas, a mão direita à frente do peito num gesto eloquente, a mão esquerda pendente. Em 1885, sob domínio russo, esse monumento foi silenciosamente inaugurado.²² O autor de *Pan Tadeusz*.²³ Um daqueles que mantiveram desperta a alma de um povo alquebrado. No inverno, a folhagem das árvores desaparece. E agora ele, que morreu em Constantinopla, está aqui. Em todas as cidades polonesas há praças e ruas que levam seu nome.

Uma igreja. Gente que passa e faz o sinal da cruz, tira o chapéu. Eu entro, passo pelo padre, que vigia uma mesa cheia de bilhetinhos, ofereço um trocado, ele parece agradecer. Que esplendor, colunas, altares barrocos, uma pompa dourada. Uma mulher pobre permanece ajoelhada no corredor central. Uma imagem de Maria me emociona: ela paira sobre uma foice de prata, uma lua. Assim sua alma e Deus se ligam com a natureza. A divindade se dissolve na natureza. Mesmo depois de sair, esta imagem encantadora permanece diante dos meus olhos: a deusa sobre a lua, uma deusa lunar.

O bulevar termina numa praça onde há uma coluna de pedra altíssima e uma velha construção amarelada. É o velho castelo.²⁴

Um velho guardião, careca e delicado, mostra-me o castelo. Ele fala francês. Como conhece as salas, como fala apaixonadamente sobre os objetos que nelas se encontram! Ele pede para recuar, mostra a luz brilhante do sol que cai sobre a sala. Do lado que dá para o subúrbio de Praga há terraços com jardins suspensos. Os russos banalizaram este edifício elegante e seus

22. O monumento a Adam Mickiewicz em Varsóvia foi projetado por Cyprian Godebski. No ano do centenário do poeta, 1898, a estátua foi inaugurada sem discursos, já que as autoridades czaristas proibiram qualquer manifestação pública durante a cerimônia.

23. Em síntese, o livro aborda o Levante de Janeiro (1863–1864) contra o czar russo, a partir das lembranças de imigrantes poloneses em Paris. Trata-se de uma obra que enaltece a soberania da Polônia como nação independente.

24. O castelo real foi construído em estilo barroco-clássico nos séculos XIV–XV. Destruído pelos alemães na Segunda Guerra Mundial, foi reconstruído entre 1971 e 1988.

VARSÓVIA

delicados aposentos, encharcaram as paredes internas e externas de tinta amarela e vermelha. Há uma grande sala dedicada a Saturno: uma escultura representa o deus romano, carregando um grande relógio sobre as costas encurvadas. Há muitas coisas que os russos levaram embora e nunca devolveram.

Caminho sobre tábuas no porão. Uma imensa biblioteca está ressurgindo, sob uma longa e bem iluminada arcada. O antigo portal, que dava para um pátio interno, e as arcadas tinham sido fechadas com paredes de alvenaria.

Vê-se, ao ar livre, um bisonte de metal, um animal colossal.

À direita erguem-se os majestosos arcos de ferro de uma ponte. Por ali devem passar os trilhos. Os bondes oscilam, traçegando em ambas as direções. O edifício amarelado, o castelo, desce em direção à margem do rio. E aqui está o Vístula, o rio largo e plano. Não há correnteza: é como um espelho que reluz, uniforme. Massas de areia amarelada surgem, aqui e ali, na superfície. Barcos aguardam à margem. O sol lança a sombra dos gradis da ponte à superfície da água. Do outro lado do rio, a margem arenosa é coberta de grama. Operários perambulam, trilhos, locomotivas fumarentas. A travessia da ponte é demorada. Há muita gente pobre que se dirige para o outro lado do rio. Na outra margem um policial permanece sentado sobre seu cavalo marrom. Atravesso e chego a um bairro humilde, que me alegra, como fazem todos os lugares desordenados e cheios de vida. Costumo passar depressa diante de igrejas e de palácios. Aqui é o bairro de Praga. As camponesas, trajando saias amplas de tecidos floridos, carregam cestos. Judeus vestindo cáftens, com olhos ansiosos, dão passadas pesadas e displicentes, como se os pés se colassem ao solo. Usam botas desajeitadas e calças largas e manchadas de sujeira. Muitos deles são magros, quase todos andam encurvados. Dirigem-se, vagarosamente, à ponte.

À direita, vê-se uma alameda larga. O calçamento está em estado lamentável. Casinhas com fachadas encardidas. Uma lacuna se abre entre duas casas: é a entrada de um mercado. Lá, em barraquinhas de madeira pintadas de vermelho, vendem-se

VIAGEM À POLÔNIA

frutas, roupas, botas. Os vendedores são, quase todos, judeus. Às vezes, uma família inteira se aglomera em uma única banca. Chamam a freguesia. Alguns deles têm apenas um caixote ou um cesto. Em algumas tabuletas estão grafados os nomes de mulheres judias: Gitla, Freidla, Nicha, Chana, Estera. Quantos rostos marcados pelo sofrimento, a pele pálida como pergaminho, as mulheres descabeladas, velhas de lábios grossos, olhos arregalados, bochechas pendentes, de uma feiura assustadora.²⁵

Mas ao sul da Krakowskie Przedmieście estão a Nowy Świat e a Ujazdowskie, avenidas bonitas, modernas, com poucas lojas: móveis, antiguidades. Por fim, um parque e um palácio de verão, o de Poniatowski. Na margem oposta de um lago outonal vê-se o palacete, uma espécie de Sanssouci. É cercado de água e à sua volta há esculturas em estilo rococó que representam figuras desnudas. O Teatro Real, ao ar livre, está sendo restaurado. Há ali um semicírculo formado por colunas quebradas: antigamente as pessoas se encantavam com ruínas artificiais. O anfiteatro é coroado, no alto, por uma guirlanda de esculturas antigas. Não lamento o fato de estarem todas ocultas por tapumes. Há, ainda, um segundo teatro, fechado. Seu jardim é hoje um café, com cadeiras de vime, mesas sobre a areia amarelada e solta, pouca gente. É um outono ameno. Um jovem soldado colocou seu quepe sobre a mesa, ao seu lado. Suas mãos, no colo, seguram as mãos de uma jovem namorada de tranças castanhas, que sorri para mim com seus olhos reluzentes.

Em direção ao sul, na esquina da Nowy Świat com a Jerozolimskie,²⁶ uma alameda ampla, há um restaurante por detrás de uma bela varanda envidraçada, que chama minha atenção ao entardecer. Do teto, pendem lâmpadas que lançam seu brilho sobre a rua como se fossem estrelas. Para o lado esquerdo, a alameda não se chama mais Jerozolimskie, e sim 3 de

25. Embora manifeste curiosidade pelos judeus tradicionais, Döblin também se espanta com seus costumes e, sobretudo, com a pobreza em que viviam.

26. A Aleje Jerozolimskie, “avenida Jerusalém”, atravessa o centro de Varsóvia de leste a oeste, com cerca de 12 km de extensão.

VARSÓVIA

maio. Aqui há uma construção. Um tapume de madeira fecha a rua, deixando livre apenas uma passagem para pedestres. Aqui pretende-se reorganizar o tráfego por meio da construção de uma via subterrânea para os trens que vêm da Estação Central e vão para lá, desviando-os para o outro lado de Praga. Aqui deverá ser construído o novo parlamento — atualmente, o Sejm²⁷ se reúne nas instalações de um antigo colégio e internato de meninas, dos tempos do czar. Cruzando a estreita abertura que há em meio aos tapumes, sigo ao longo de uma extensa cerca.

Esta avenida em construção chama-se 3 de maio. Na velha Polônia, à época da grande Revolução Francesa, houve uma longa assembleia no parlamento. A infelicidade e a morte já se encontravam às portas. Todas as circunstâncias desfavoráveis já eram percebidas como graves e eram discutidas:

As raças do gado, ruins e degeneradas; os campos, exauridos, cheios de ervas daninhas e de pedras, os campos, reduzidos a pântanos. As florestas, exploradas de maneira desordenada e cheias de lacunas. O país, despovoado e corrompido por causa das guerras e conflitos incessantes do século anterior, por causa dos incêndios e das epidemias, por causa da péssima administração. O campesinato, totalmente degenerado. A burguesia, praticamente inexistente. O distrito de Netze, praticamente despovoado. Bydgoszcz tinha, em 1772, menos de oitocentos habitantes.²⁸

A Constituição de 3 de maio de 1791 extinguiu a monarquia eletiva, que era a principal causa de corrupção no Estado, extinguindo os escandalosos privilégios da aristocracia polonesa, que lhe asseguravam o direito de veto a qualquer tipo de decisão do parlamento. Sem dúvida tratava-se de uma bela Constituição, que

27. No tempo em que a obra foi escrita, o termo designava as três instâncias do parlamento polonês: a Izba Poselska ou “câmara baixa”, o Senat ou “senado” e o rei. Desde a restauração da independência em 1918, o parlamento passou a ser bicameral, composto pelo Sejm, “câmara baixa”, e pelo Senat, “câmara alta”, modelo que se mantém até hoje.

28. Döblin se baseou em um relatório de oficiais prussianos de 1773 sobre os territórios poloneses anexados na Primeira Partilha da Polônia, ocorrida no ano anterior.

VIAGEM À POLÔNIA

merece ser homenageada por meio de nomes de ruas. No ano seguinte, alguns príncipes poloneses se sentiram impelidos a proteger a antiga “liberdade polonesa”, o que significava seus poderes feudais. A Rússia aplaudiu. O acordo de Targowica, que estes aristocratas firmaram com os russos, não se tornou nome de rua alguma. O czar marchou sobre a Polônia, contra o 3 de maio.²⁹

Perambulo ao longo da cerca. A tarde cai. Carrinhos de bebê são empurrados de volta para as casas. Há velhos que leem os jornais e casaizinhos que se tocam com os joelhos, sentados nos terraços. A cerca termina e surge uma visão imponente, a mais impressionante de Varsóvia: a ponte Józef Poniatowski. A terra, embaixo, recua: a ponte passa sobre colinas e ondulações e então suas colunas e arcos cruzam o Vístula. A ponte começa diante dos meus olhos. É larguíssima. É preciso caminhar bastante sobre ela antes de alcançar a água, isto é, o Vístula. É uma ponte digna das águas que atravessa. Sobe-se nela cruzando um portal imenso, e então uma esplêndida alameda suspensa surge diante dos olhos, com seus trilhos e com suas calçadas de ambos os lados. Lá embaixo, ouve-se o tilintar dos bondes, à direita estão os barracões dos carvoeiros, ao fundo a silhueta de um bosque que descreve um grande arco negro. Em meio à escuridão crescente, surgem casarões sombrios, atrás de mim e à minha esquerda. Aqui e ali, luzes bruxuleiam nas janelas. A fumaça se ergue das chaminés das fábricas. Escadarias levam para baixo. Nelas, há mulheres com frutas. Uma grande estrela branca surge no céu.

E então surge uma cerca, que interrompe o trânsito sobre a ponte. Daqui é impossível seguir adiante. Aqui embaixo, começa o Vístula, e a ponte termina. Na penumbra, as colunas nuas se erguem da superfície tranquila da água. Em volta de algumas

29. Uma parte da elite polonesa formou, em 14 de maio de 1792, a chamada Confederação Targowica, que, com apoio da czarina Catarina II, insurgiu-se contra a Constituição de 3 de maio de 1791. A intervenção russa desencadeou a chamada Guerra em Defesa da Constituição, que resultou na suspensão da Carta Magna e preparou o terreno para novas ocupações do território polonês pelos russos e prussianos, consumadas na Segunda Partilha da Polônia.

VARSÓVIA

dessas colunas, há andaimes. A verdadeira ponte foi explodida durante a guerra. O espaço entre as colunas permanece vazio. Indiferente, a grande correnteza lança sobre elas pequenas ondas. Permaneço ali por um bom tempo e então faço meia-volta.

Os sinos anunciam: seis horas. A escuridão se precipita com terrível rapidez. É quase como se fosse possível tocá-la. À minha direita, permanece uma mancha branca no céu. Ainda há pouco, eu tinha avistado a lua, opaca e apagada. Agora, o que se vê ali é um círculo ofuscante, cada vez mais ofuscante, de um branco amarelado berrante, sobre o qual há retalhos de nuvens. Candelabros elétricos brilham sobre a ponte. Na ida, eles já emanavam sua luz branca, mas era possível desviar deles o olhar. Agora, é impossível tirar os olhos deles. Quanto mais caem a escuridão e o breu, mais se revolta contra elas a luz esférica que se espalha, ávida, em todas as direções. No vazio ao meu lado e à minha frente, já não estão mais as profundezas. Luzes vermelhas surgem, à direita e à esquerda, da cidade à qual eu me dirijo. Onde estão as torres das igrejas? Onde, as chaminés das fábricas?

A velha nobreza polonesa, a Schlachta,³⁰ o homem feudal do *liberum veto*, foi extinta ao longo de um século de exílio. Mierosławski,³¹ um dos líderes da Polônia, dirigiu-se a seus compatriotas numa comemoração da Revolução de 1830, e disse, a respeito do czar:

Aprendam química, mas apenas tanto quanto seja necessário para produzir pólvora e salitre para a revolução. Aprendam mecânica, mas apenas tanto quanto seja necessário para compreender as leis da alavanca, para reerguer do túmulo sua mãe sepultada. Aprendam música, mas não para acalmar a fúria de Saul do czar, e sim para reavivar os fantasmas. Se vocês tiverem tempo e dinheiro, não vão à Ópera Cômica da igreja de Loretto, e sim ao templo de Molière.

³⁰. Schlachta ou Szlachta era um título de nobreza polonês que foi abolido, junto com todos os outros títulos de nobreza, pela Constituição de março de 1921.

³¹. Ludwik Mierosławski (1814–1878) foi um dos principais líderes militares do movimento de libertação nacional do século XIX. Participou da guerra de independência da Itália contra a Áustria.

VIAGEM À POLÔNIA

E então ele se voltou contra os detestados senhores feudais poloneses, vituperando-os:

Religião, família, propriedade são ídolos da civilização. Os condes poloneses, os jesuítas e os judeus estão intimamente ligados com o czar e desejam mantê-lo no poder... Nossos senhores são os especuladores que, por meio de uma aparente emancipação do povo polonês, expropriam minuciosamente o povo, o desarmam e o imobilizam e assim o tornam incapaz de participar da revolta nacional.

Ele vituperava contra a aparente liberdade do Ocidente.

Até mesmo a direita nacionalista hoje chama a si mesma de democrática.

Pela segunda vez, me aproximo do Vístula, partindo da Nowy Świat e descendo pela Tamka, ao longo da qual há muitos terrenos baldios. O caminho que margeia o rio recebeu o nome de Kościuszko, o maior revolucionário e libertário polonês, cujo rosto um tanto selvagem está impresso em cédulas de dinheiro.

E à direita, sobre o fluxo de água, vejo a ponte destruída, em plena luz do dia, como eu desejava. Quatro colunas feitas de pedras maciças, duas delas com andaimes, sem arco. São as marcas de um grande acontecimento: a guerra. A ponte destruída é um monumento vivo. Foi assim que uma força colossal, a do czar, foi-se embora deste país. Trata-se de uma imagem poderosa, história sem livros, uma advertência assustadora e ameaçadora.

O vento levanta pequenas ondas inquietas da superfície cinzenta e escura da água. A luz ofuscante do sol se derrama sobre as torres vermelhas das igrejas de Praga. O bonde cruza a ponte. É agradável e tranquilizante caminhar aqui, à beira da água. Pessoas humildes passeiam, levando seus filhos nos braços. Estão ajardinando a margem do rio, com árvores e bancos. A Karowa, muito bem calçada, desemboca ali, à esquerda, numa escadaria de madeira que desce até a beira da água. Na esquina, fica o Instituto de Higiene, mulheres com toucas brancas entram no prédio, levando pastas com livros debaixo do braço.

À tarde, um cortejo fúnebre de gente pobre passa, vagarosamente, diante do meu hotel. O ataúde é carregado por dois ho-

VARSÓVIA

mens, sobre uma prancha de madeira muito rudimentar. Diante do hotel, o homem que vai à frente do caixão escorrega e o caixão está prestes a cair. Passantes saltam, o sustentam, o põem de volta em seu devido lugar. O bonde detém sua marcha. Os enlutados, que seguem adiante acompanhados de um sacerdote, só aos poucos percebem que algo não está em ordem e olham à sua volta. O homem que ia à frente se apruma, sacode a poeira, procura por sua boina suja na calçada. Ele se volta e retoma sua posição. Enquanto caminha adiante, a contragosto, ele ralha, por cima dos ombros do outro, com um trabalhador que se encontra na calçada.

Não há cafés musicais na cidade e mesmo os cafés comuns são bastante raros. Há um bem em frente ao Hotel Bristol, um café de homens de negócios, outro, menor, no andar térreo do Teatro Municipal, na praça do Teatro, e ainda alguns outros, mas a maioria deles são apenas confeitarias. Ali há bolos maravilhosos, ou melhor, que parecem maravilhosos: na maioria das vezes, têm um sabor desagradável. O café é servido em copos, e já vem com leite e açúcar quando se pede um pingado. Bom não é. Eles não sabem prepará-lo. Já nos restaurantes é diferente: lá se ouve música mais delicada do que na Alemanha, e a comida é mais fina. Muitas vezes tomo uma sopa vermelha de beterrabas, *borsch*, às vezes com um ovo, às vezes sem. Tudo é preparado com verve e servido com gestos ágeis e elegantes. Garçons e uma grande quantidade de ajudantes. Eles começam com substanciais entradas frias, sempre acompanhadas de vários tipos de bebidas alcoólicas polonesas, aguardentes fortes que queimam os lábios. O serviço está incluído na conta, mas sempre se acrescenta umas moedas à nota, para que o papelzinho não saia voando do pratinho. Às três horas, começa-se a comer e é quando se aumenta o volume da música. Só a plebe almoça mais cedo. Pela primeira vez, vou almoçar no Oaza. Fico boquiaberto com a música. Quase não tenho apetite. Mas a música aqui é tão refinada! São três músicos e mais um para virar as páginas das partituras. Me sinto totalmente perdido. Entre as costeletas de rena e trechos da *Tosca*, fico desorientado.

VIAGEM À POLÔNIA

Veem-se aqui poucos raquíticos nas ruas: poucos homens, mulheres e jovens com pernas tortas. A minha pergunta está totalmente equivocada: quem, neste país, tem as pernas tortas? Os homens ou as mulheres? As crianças ou os adultos? As pernas só se entortam no Ocidente.

Ninguém come na rua, nem nos bondes. Pessoas bem-educadas nem mesmo fumam na rua. Um capítulo grandioso da vida alemã que não existe aqui. Só quem conhece os famosos sanduíches berlineses embrulhados em papel sabe do que estou falando.³² Aqui, a pessoa pode sentar-se tranquilamente em qualquer bonde sem precisar temer que um senhor ou uma senhora abram suas pastas e bolsas e tirem de seu interior algum embrulho suspeito. Na Alemanha, isto é sempre o prenúncio de uma cena desagradável: o homem voraz que mastiga, a besta humana que morde e engole. Tem-se vontade de fugir de um banco para outro e, finalmente, para a plataforma. Mas aqui, na Polônia, a pessoa permanece tranquila, protegida pela mão de Deus.

Depois do teatro e do concerto, vai-se aos grandes restaurantes para cear, tarde da noite, até à uma, às duas, às três. Há poucos lugares para dançar. Não há boates. Os bombons são fabulosos.

Cinema: Ossi Oswalda.³³ É uma sorte não compreender nada dos textos. Aqui todos sussurram as palavras tão logo elas aparecem na tela. Murmúrios e zumbidos enchem a sala. A música alegra: apenas um piano, dois violinos e uma viola. Peças bem conhecidas, muitas delas alemãs, mas que interpretações! Ainda ontem eu acordei da minha sesta ouvindo uma música assim. O som dos violinos penetrava pela janela aberta do meu quarto, inquietante, inexorável. Como se faz música

32. Döblin faz aqui, no original, uma alusão à obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe. No original, ele escreve: *Nur wer das Stullenpapier kennt, Weiß, was ich leide*, em paródia ao verso de Goethe, *Nur wer die Sehnsucht kennt, Weiß was ich leide* [Somente quem conhece a saudade sabe o que estou sofrendo].

33. Foi uma atriz alemã do período do cinema mudo, cujo nome civil era Amalie Anna Oswalda Stäglich.

VARSÓVIA

aqui! Como cantam esses violinos! Como soava o canto dos violinos subindo pelo ar através da chuva cinzenta que caía sobre o pátio interno! E aqui? O filme tratava de — não sei o quê. Só de tempos em tempos eu olhava para a tela. Já a música dos violinos insinuou-se no meu sangue de maneira divina. A cada vez que eu olhava para a tela, a fatal Oswalda tinha seduzido mais um. Já tinha dado cabo do seu namorado, a tiros de revólver. Mas este ela há de salvar. São as coisas simples do amor. Os “enredos” são totalmente indiferentes, as situações sempre se repetem. Aí se encontra a doçura da vida.

E que belos rapazes e belas moças se encontram ao meu lado, deixando-se seduzir pelo filme, prestando atenção, ansiosos por imitar o que veem na tela.

Rumo ao oeste, para Wola, o bairro operário. No fim da longa rua Chłodna, que vai do leste para o oeste, desço do bonde. O antigo limite da cidade: ali há dois pequenos portais. A rua é muito movimentada, são duas horas da tarde. Aqui, diante dos portais, um policial monta guarda, em seu cavalo. Uma grande massa de operários e camponeses perambulam por ali. Entro à direita, a massa se torna ainda mais densa: estou num gigantesco mercado popular, chamado “Rogatka Cerceli”.

Uma vez que se atravessa a entrada exígua, vê-se que o mercado se alarga mais, ao fundo. Junto à entrada, encostados na parede, há homens que oferecem calças e casacos de pele. Um operário jovem examina detidamente uma calça velha, vestindo-a sobre a sua. Agora ele observa um paletó e o veste sobre o seu. Parece satisfeito. Mulheres de operários, as cabeças cobertas por lenços, aproximam-se e se misturam com as hordas de mulheres que já se encontram ali. Elas carregam gansos vivos nos braços, aos seus pés há gaiolas com galinhas. Mascates carregam lotes inteiros de xales sobre os ombros. Outros levam nas mãos botas de couro de cano alto. Os homens usam boinas de pano impermeável marrons e cinzentas. À direita, nas casas, há lojas abertas, sem vitrines: em todas, as vidraças foram removidas. Vende-se farinha e semolina, em grandes sacas. Em meio ao caminho duas mulheres, que es-

VIAGEM À POLÔNIA

tão negociando alguma coisa, estendem acolchoados vermelhos. Outras empurram carrinhos, uns maiores, outros menores. Diante de um dos mascates reúne-se uma pequena multidão. Ele grita, dá golpes. No tabuleiro do seu carrinho, há pentes, que ele golpeia com um bastão, fazendo-os voar pelos ares. “Eles não se quebram!” Tão boa é a qualidade da sua mercadoria!

O tumulto. O barulho.

Atravesso uma ruela que é completamente tomada por vendedores de botas de cano alto, uma alameda de cestas de frutas. O mercado se estende, passando pelo final da rua Ogrodowa, limitado, à direita, por casas. Agora aparecem dúzias de lojinhas fixas: pães brancos estão expostos, imensos. Panelas. Em meio a tudo isto, veem-se, às vezes, pequenas livrarias. Mulheres de lenços coloridos na cabeça perambulam, outras permanecem sentadas no interior das suas lojinhas. Bem ao fundo há barracas de frutas. Nelas, vendem-se figos, amarrados em longas cordas. E, por fim, as alegres e coloridas bancas de verduras: maçãs, beterrabas, cenouras, cebolas dependuradas em cordas. Olho à minha volta. Por entre as fileiras de casas, uma passagem me levou a uma praça retangular. Uma jovem elegante, uma mulher imponente, trajando um casaco de peles, o rosto maquiado, encontra-se parada em meio a uma passagem. Seu grande galgo branco está de olho no ganso de uma camponesa. Ela segura o cão pela guia; ele puxa com muita força. A camponesa ri, a dama ri, o ganso, nos braços da camponesa, abaixa seu longo pescoço branco e aponta em direção ao cachorro seu bico amarelo. O cão ladra, salta, está fora de si. Me parece uma cena erótica entre a camponesa e a dama. Passo por cestos cheios de repolhos brancos.

Tendo alcançado o centro do mercado, tento fazer meia-volta. Há bancas com brinquedos. Instrumentos musicais; gramofones soam; louças; copos coloridos. Camponeses compram cadeados, cordas. Casaquinhos de criança pendem de hastes, tecidos. É preciso curvar-se. Cuecas brancas com fitas; camisas; lenços. Bancas com vestidos, ternos. Aqui veem-se vendedores judeus de barbas pretas; velhas mulheres judias. Peles de ovelha e de

VARSÓVIA

outros animais são oferecidas para venda em quantidades maciças. Vende-se comida, em panelões. Surgem camponeses loiros, de faces achatadas, rostos bonitos e severos. Camponesas também. Apregam-se chocolates e panquecas. Jovens polonesas perambulam, à procura de algo, operárias, camponesas, calçam sapatos finos, mas suas pernas estão — nuas. Num primeiro momento, custo a acreditar, mas vejo, frequentemente, que algumas caminham descalças, como é hábito dos camponeses. Há uma disputa acalorada entre duas mulheres idosas por causa de um casaquinho de criança vermelho. Crianças lançam setas de madeira. Em meio à confusão, há policiais virando a cabeça em todas as direções. Encontro alguns civis que parecem policiais à paisana. Aqui o mercado negro funciona com muita rapidez.

Tomo o meu caminho, passando pelos vendedores que apregoam pentes, e ando, a passos rápidos, pela rua Chłodna de volta para o oeste. Um drama engraçado desenrola-se na esquina, diante da estação do bonde: um menino de cinco anos colocou seu irmão menor dentro de um caixote de frutas muito estreito. O garotinho não consegue se mexer, grita, quer erguer as pernas. Mas o menino prendeu uma corda num buraco do caixote, fez um nó bem-feito e agora reboca o irmãozinho ao longo da calçada. Enquanto um chora, o outro trota, alegremente, como um cavalinho. Todos riem e abrem alas.

A rua Chłodna: edifícios altos, novos. Mais adiante, armazéns por detrás de cercas, casas térreas decrépitas, algumas com restos de insígnias ornamentadas nas fachadas. A rua movimentada está cheia de passantes, carroças, bondes. Um homem trajando um cáften carrega um caixote com chapas de vidro. Duas escolares, de boinas de veludo vermelho, com longas tranças castanhas, flanam, vagarosamente, diante de dois meninos de boinas listradas. Elas dão risadinhas, eles parecem sérios e inseguros. De súbito, as meninas desaparecem no interior de uma casa. Os meninos espionam por um buraco no portão arruinado. De dentro vêm risadas, fora veem-se sorrisos sarcásticos. Eles apertam a maçaneta. E então os meninos abrem o portão vagamente,

VIAGEM À POLÔNIA

rosamente e entram. Chegam mais rapazes e moças. Do outro lado da rua, há um colégio de moças. Passo diante de uma igreja.

A rua Chłodna desemboca numa praça, cujo nome aparentemente é Mirowski. Ali veem-se muitas carroças. Um grande edifício amarelo atravessa a praça em linha diagonal: trata-se de um mercado moderno. O lado esquerdo da praça, diante do mercado, está totalmente tomado por grandes montes de palha suja e de cestos vazios. Uma pequena fileira de tabuleiros com frutas se estende em direção à entrada do mercado. Depois de passar por esta ala, peixes, peixes, peixes, caixas de água, peixes vivos e mortos. E no fundo começa mais um mercado: velharias, roupa. E, numa segunda ala: manteiga, queijo, também frutas. Aqui há quase só judeus, regateando, trajando cáftens, barretes. Apregoam-se confeitos.

Do lado de fora há bazares que vendem botas. Estou em outra praça, que se chama “Żelazna Brama”, portão de ferro.

Ainda antes de chegar aqui, grandes massas humanas que se aglomeram, pessoas que se atropelam, comprando, vendendo, em grande confusão. O centro desta praça é ocupado por um círculo, no qual está escrito um nome que termina com “pole”. Não consigo lê-lo. Carroças com mercadorias cruzam a praça, num movimento caótico. Os cocheiros berram, as crianças soltam gritos estridentes. Homens levando grandes massas de balões coloridos perambulam pelas bordas da praça. Em torno de um círculo, no centro, há somente bancas de tecidos. Que abundância de tecidos, lenços de cabeça, xales. Há barracas com fitas, que pendem esplendorosamente. Caixas cheias de botões, amontoadas. As mulheres se aglomeram ali, mandam estender os tecidos à sua frente, tecidos maravilhosos, outros de cores berrantes. A gritaria e a algazarra das mulheres. Em meio a tudo isto, uma barraca com imagens de gesso e de bronze.

Do outro lado do círculo, uma nova muralha de carroças carregadas de palha e de cestos amontoados. Vejo então, bem à minha frente, uma fileira densa de gente. Todos olham para o alto. Um prédio, não, toda uma fileira de prédios, desabou

VARSÓVIA

ali, transformando-se numa colossal pilha de entulho, com mais de quatro metros de altura, a marca de uma terrível destruição, branca e vermelha, cimento, tijolos despedaçados, pedaços inteiros de paredes. Seca e disforme, a massa gigantesca aparece sob a luz do dia, como as entradas ressequidas de um animal morto. Uma cerca foi erguida em torno dos escombros, junto a uma esquina. As paredes posteriores das casas permanecem de pé. Bombeiros e pedreiros arrancam pedaços inteiros destas paredes, golpeiam-nos com picaretas. Vigas enormes se lançam do paredão e pendem sobre o vazio. Papéis de parede vermelhos e azuis sobre o paredão. Pedaços do telhado que pendem, do alto, prestes a despencar. De pé sobre o paredão, eles golpeiam as ruínas da antiga construção. O tempo todo mais e mais escombros despencam sobre a pilha, com estrépito. Nuvens de poeira voam sobre a rua, a gente cobre os olhos e a boca com as mãos, afasta-se dali.

O dono dos prédios escavou porões demais para conseguir mais espaço. As paredes racharam e o bloco de prédios desabou.

Esta praça, este mercado formigando de gente, a Źelazna Brama, se estende em direção a uma edificação com ares palacianos com colunas esverdeadas, passando diante dos prédios desabados e alcançando a tranquilidade do Jardim Saxão. Fiares, grama verde e bancos diante do parque. Ali, num barracão de madeira, estabeleceu-se um “bazar americano”. Três homens berram, em iídiche e em polonês, sem se importar um com o outro: sempre um preço único para três tipos diferentes de mercadorias, sabão, cadernos, suspensórios.

E então surge a grade de aço do parque, do Jardim Saxão. As ruas acabam aqui. O parque outonal. As lindas folhas amareladas pendendo dos galhos das árvores, no chão, jazem ali como corações. Bandos de crianças brincam. Sobre os bancos, debaixo das folhas, há verdadeiras hordas de babás, mulheres conversando, jovens, velhos, fumando. Bancos inteiros repletos de judeus, que fumam, leem jornais, conversam em voz alta. Mulheres e homens trajados com cáftens que riem e discutem muito seriamente. Estou sentado junto a um grupo de crianças. Duas

VIAGEM À POLÔNIA

meninas, vestidas com muito esmero, brigam no caminho que passa à minha frente. Talvez tenham quatro anos de idade. De súbito, a que traja um suéter branco avança em direção à outra, que leva o guarda-chuva de boneca e a empurra pelas costas. A que leva o guarda-chuva cai, com uma expressão transtornada no rosto, ou melhor, deixa-se cair sobre a mão esquerda. Com a mão direita, preocupada, ela segura o guarda-chuva. E então volta a se erguer, aguarda um momento e se dá conta da situação. Ergue sua mão suja e chora, chora terrível e deliberadamente. A mãe da menina de branco logo a puxa para perto de si e, ao ouvir o choro, bate em suas mãos, em suas costas, em sua saia, bate com ainda mais força do que a força do choro da outra que, junto à mãe, exige desculpas, vingança, consolo. Mas, então, a menina de branco se desvencilha, faz um movimento rebelde e triunfante contra a mãe, e se posta, ali, teimosa e colérica. O rosto da mãe enrubesce, se enfurece. Ela xinga a filha, que permanece imóvel e, então — enquanto a outra continua a chorar em diferentes tonalidades e volumes —, começa a chorar também, berra, bate os pés. As duas crianças erguem suas vozes, competindo uma com a outra, para ver quem sofreu injustiça maior, se a que está com o guarda-chuva junto de sua mãe ou se a que permanece sozinha no meio da passagem, com as mãozinhas fechadas em punho diante do rosto, o nariz e os olhos gotejando. As mães gesticulam nervosamente.

Eu caminho em meio à folhagem farfalhante. Estátuas barrocas de mulheres se alongam sobre o gramado. A fileira de colunas do Comando Geral do Exército. E então novamente surge, ao fundo, sinistra, assustadora, inquietante, a catedral russa, sem as cúpulas douradas, por trás da cerca de tapumes repleta de cartazes de cinema. Um garoto dorme sobre uma tábua junto à cerca, sob a luz suave do meio-dia, com as pernas dobradas, o rosto coberto por um boné. Carruagens elegantes, com rodas emborrachadas, trafegam silenciosamente sobre o asfalto.

Uma ruela muito estreita na cidade velha: as casas ficam tão próximas uma da outra que se pode tocar, simultaneamente,

VARSÓVIA

as paredes de um e de outro lado da rua. Uma escadaria que sobe. Uma bela mulher loira, sentada sobre um degrau, com a blusa aberta, amamenta seu bebê. Seu olhar acompanha os passantes, tranquilamente.

Tenho em mãos um endereço. Mas o homem que eu procuro não mora neste prédio. O casal de velhinhos, os porteiros, conhecem, segundo me dizem, seu novo endereço. Mas não podem escrevê-lo para mim. Não sabem escrever.

Os fiacres³⁴ são muito usados aqui e as tarifas são baixas. Os assentos estão desgastados. É um meio de transporte singular. Em meio aos gritos do cocheiro, que exclama *hu e ho*, seguem junto às calçadas. Avançam rapidamente. Cada cocheiro leva às costas uma espécie de medalhão, feito de chumbo.

Estamos na semana da aviação. Em todas as grades veem-se cartazes chamativos. Há uma ameaça de guerra da Rússia bolchevista. Automóveis zumbem pela Krakowskie Przedmieście com bandeirolas amarelas. É uma carreata de propaganda. Os dois automóveis que vão à frente carregam modelos de aviões. As hélices giram. Automóveis enfeitados com flores, seguidos por damas e cavalheiros, que ostentam cartazes e distribuem filipetas. À frente de todos, a câmera de cinema. À noite, os automóveis de propaganda se detêm, diante dos cafés, levando jovens com instrumentos de sopro. Eles cantam, buzinam, clamam, entram nos cafés.

Passo por um museu, que acaba de ser inaugurado, um Museu Nacional provisório. Uma confusão de sarcófagos egípcios, quadros, moedas, objetos de artesanato. Num canto está a máscara mortuária de Chopin. Imagens de apóstolos. Kowalski, Gerson, Malczewski, Małłowski. Pela primeira vez dou com o nome de Wyspiański, um célebre artista polonês, pintor e dramaturgo, que viveu em Cracóvia. Coleções de armas, salas históricas. Numa vitrine, lembranças de Kościuszko:³⁵ seu certificado de batismo,

34. Tipo antigo de carruagem de aluguel, geralmente puxada por um só cavalo.

35. Andrzej Tadeusz Bonawentura Kościuszko foi engenheiro militar e general polonês, lembrado como herói nacional por liderar, no final do século XVIII, a resistência contra a partilha da Polônia.

VIAGEM À POLÔNIA

sua patente de oficial, fotografias. Uma sala do tempo de Napoleão. Vejo então, admirado, uma vitrine com “lembranças” alemãs: um capacete de aço, uma cruz de ferro, um capacete da polícia prussiana. “De onde vocês têm tudo isto? Vocês nunca guerrearam contra a Alemanha!” “Isto provém do armistício de 1918.”³⁶ Sinto-me atingido. Isto é ódio. Eles conservam seu ódio à Alemanha. Cultivam-no. Não pergunto mais nada.

Há muitos objetos expostos que fazem referência a Napoleão. Em 1921, houve uma grande comemoração do seu centenário. Um comitê anunciou:

Desde a divisão do nosso país, Napoleão foi o primeiro a abrir as portas da nossa prisão, para abrir o caminho em direção à nossa liberdade. Ele deu uma Constituição ao Grão-Ducado de Varsóvia, uma Constituição moderna, forte e flexível. Decretou a liberdade e a igualdade de todos os cidadãos. Comemoramos a lembrança deste homem imortal. Cada soldado deve lembrar-se do juramento: pela fama, pela Polônia, pelo mundo.³⁷

Em 1812, porém, Napoleão disse em Narbonne:

Eu amo os poloneses no campo de batalha. São uma raça heroica, mas não gosto de seus conselhos e de suas assembleias, do seu *liberum veto*, de suas reuniões parlamentares cujos participantes, a cavalo, têm em punho suas espadas desembainhadas. A Europa já tem coisas deste tipo

36. De 1915 a 1918, Varsóvia esteve sob ocupação alemã, cujo objetivo era obter o apoio dos poloneses ao esforço de guerra sem lhes conceder verdadeira independência política. Em 1917, quando Józef Piłsudski desencorajou os soldados poloneses a jurarem fidelidade à Alemanha, milhares foram detidos e vários líderes políticos presos; o próprio Piłsudski foi levado a Magdeburgo, de onde só seria libertado no início da Revolução de Novembro. Durante a ocupação, as autoridades alemãs requisitaram alimentos em larga escala e reprimiram com violência greves e manifestações em 1918. No fim daquele ano, o desarmamento dos cerca de 30 mil soldados alemães estacionados em Varsóvia ocorreu em parte de modo pacífico, graças à cooperação do Conselho de Soldados com Piłsudski, mas alguns pontos estratégicos — como a prefeitura, a estação ferroviária vienense e delegacias de polícia — só foram tomados após combates.

37. A citação pertence ao capítulo “*Odezwa Komitetu Stołecznego*” [Proclamação do comitê da capital], no livro *Księga pamiątkowa Obchodu Napoleońskiego w Polsce* [Livro de memórias da celebração napoleônica na Polônia].

VARSÓVIA

em número mais do que o suficiente graças ao tolo Cortes de Cádiz.³⁸ Vou arrancar Moscou das mãos de Alexandre, vou atirá-lo à Ásia. Mas não hei de tolerar nenhum tipo de sociedade de privilegiados, nem em Varsóvia, nem em Cracóvia, nem em nenhum outro lugar.³⁹

Na invasão de Napoleão à Rússia, o célebre Kościuszko conteve-se: Napoleão não se declarou abertamente a favor da Polônia. E então Fouché falsificou o nome de Kościuszko ao concluir os poloneses para a guerra. Oitenta mil poloneses seguiram Napoleão rumo à Rússia. Oito mil voltaram: a Polônia levou muito a sério esta guerra. Na Itália, as legiões do general Dąbrowski lutaram por Napoleão e sofreram terríveis baixas. Mas quando chegou a Paz de Lunéville⁴⁰ o nome da Polônia não foi lembrado. Sim, o grande imperador queria se livrar dos seus soldados poloneses: designou-os para abafar uma revolta de negros em Santo Domingo. Eles se recusaram. Foram ameaçados com canhões. E assim foram embarcados em Livorno e em Gênova. Quase todos morreram em Santo Domingo.

Eles tiveram que fazer sacrifícios intermináveis. Daí vem sua selvageria e sua cegueira.

Sábias as palavras de 1861: “Sob um regime estrangeiro moderado os poloneses se rebelam porque podem; sob uma tirania, porque precisam”.

Atravesso a praça do castelo. Penetro mais profundamente na cidade, em direção ao norte e ao leste. Um oficial de alta patente, um senhor mais velho, segura seu quepe nas mãos e caminha, cabisbaixo, mostrando a cabeleira branca. Ele entra pelas portas abertas da catedral, à minha frente. Ajoelha-se diante de uma capela lateral. Sobre o chão de pedras, no corredor lateral, um ho-

38. Era o nome dado à assembleia política espanhola no início do século XIX, cujo objetivo era abolir a monarquia absolutista e estabelecer uma Constituição nos moldes iluministas e inspirada na Revolução Francesa.

39. Döblin cita, com omissões e alterações, o texto “Die polnischen Aufstände seit 1830” [Os levantes poloneses desde 1830], de Emil Knorr.

40. Tratado de paz assinado em 9 de novembro de 1801 entre a França e o Sacro Império Romano-Germânico.

VIAGEM À POLÔNIA

mem deitado, camponês ou operário, calçando botas sujas. Está esticado sobre a barriga, com o rosto voltado para o chão. Seus braços estão estendidos em posição horizontal: ele se estendeu em forma de crucifixo. Sua boina se encontra no chão, um pouco à frente da cabeça apoiada sobre o piso de pedras. A lajota em torno de sua boca e de seu nariz está molhada e preta. O exterior da igreja é gótico. No interior há uma grande confusão de estilos, altares, estátuas, bustos; barroco, renascença, rococó. A construção também vem sendo constantemente ampliada, desde o século xv. E gosto de ver como cada um construiu conforme seu desejo. Uma igreja é feita para aqueles que a frequentam. O homem que está ali, estendido no chão, não tem ideia do que seja o estilo gótico. Estou curioso para ver quando ele vai se levantar. Este é um camponês da Polônia. É também por ele que o país lutou, isto é, por sua igreja católica e por sua língua polonesa. Dez minutos mais tarde, quando volto a passar pelo corredor, ele continua deitado ali.

É bom que haja mendigos e que eles se mostrem. Eles despertam a compaixão. É preciso vê-los, assim como é preciso ver os mártires na igreja. É impossível livrar-se deles por meio de esmolas: amanhã, depois de amanhã, eles estarão ali novamente, tão certos quanto a miséria humana e quanto a escuridão da existência. Há muitas igrejas: uma do outro lado da rua Młodów, na Krakowskie Przedmieście. A igreja dos Bernardinos. Outra na mesma rua, atrás do monumento a Mickiewicz. A igreja das Freiras da Ordem da Visitação. A igreja da Santa Cruz, junto ao monumento a Copérnico. Desde o amanhecer, mendigos se encontram ali, de pé ou deitados, a gente entra e sai, gente do povo, muitas mulheres, estudantes com boinas brancas ajoelham-se junto a um banco, nos degraus de algum altar lateral, no qual ardem velas. As imagens de Maria, dos santos, cujos retratos ornamentados se encontram ali, parecem mover-se sob a luz bruxuleante das velas, diante de tanto amor premente. É comovente ver os jovens senhores e senhoras que se encontram de manhã cedo. Eles cruzam a barreira de mendigos, levando pastas e bolsas. Ajoelham-se bem no fundo

VARSÓVIA

do corredor, abaixam as cabeças, olham fixamente para os altares, movem os lábios, erguem-se, fazem o sinal da cruz, saem.

Estas igrejas, repletas de preciosidades, operadas por padres muito saudáveis e bem nutridos, têm uma ornamentação curiosa, autenticamente polonesa: placas em homenagem a poloneses famosos e também túmulos. A fama nacional está associada às preces. Na igreja da Santa Cruz, há um epítáfio de Chopin, o músico que morreu em Paris, de um romancista, Józef Ignacy Kraszewski, de um escritor de sobrenome Plug,⁴¹ de um escultor chamado Prószyński, os túmulos de um velho cardeal, Michael Radziapowski, de um padre chamado Tarlok. Na igreja das freiras da Ordem da Visitação, do outro lado da rua, há bustos em mármore do romântico Casimir Brodziński;⁴² os nomes de Tadeusz Czacki⁴³ e de Śniadecki.⁴⁴ A nacionalidade, expulsa das ruas e das praças, o orgulho do povo, recolhe-se ao interior das igrejas inexpugnáveis. E não são só as paredes da igreja que se prestam a isso: também os membros da hierarquia eclesiástica tomaram para si a causa da nacionalidade. Igrejas e mosteiros se transformaram em depósitos de armas; ordens e congregações participaram dos levantes populares. Nos anos 1860, o marechal de campo Conde Berg mandou realizar uma *blitz* nos conventos e congregações de Varsóvia. No convento dos Bernardinos foram encontradas adagas, munição, estribos, peças para montagem de máquinas, uma gráfica. O prior Zaremski era o responsável pelas armas dos revolucionários. A igreja polonesa pagava 12% de seus rendimentos anuais como contribuição para a causa da revolução. O governo nacional polonês, na clandestinidade, criou um esquadrão de carrascos para seus inimigos. A ideia foi de um padre da Santa Igreja, Mikozewski.

41. Andrzej Plug era o pseudônimo de Antoni Pietkiewicz.

42. Poeta romântico e tradutor polonês.

43. Tadeusz Czacki foi um historiador, pedagogo e numismata polonês, além de coautor da Constituição de 3 de maio de 1791.

44. Jędrzej Śniadecki foi um médico, cientista e filósofo polonês.

VIAGEM À POLÔNIA

Padres se tornaram líderes de guerrilheiros: marianos, trinitários, lazistas, carmelitas, paulinos. O superior dos Bernardinos, Zaborek, organizou revoltas. Os franciscanos participaram de atentados. O capuchinho Kowarski foi enforcado pelos russos em 1863, depois de assassinar um oficial czarista. Quando o czar mandou fecharem as igrejas de São Bernardo e de São João por causa de suas atividades políticas clandestinas, o clero fechou todas as igrejas e o administrador da Arquidiocese de Varsóvia conclamou ao luto nacional. O bispo Rzewuscy de Varsóvia, que se recusou a revogar o interdito eclesiástico, e que se recusou a tratar com o núncio apostólico de Viena por intermédio do representante do czar, proibindo, também, a ocupação das abadias pelo governo, foi despachado pelos russos para Astracã.⁴⁵ Num semanário católico, publicado por um prelado, escreveu-se: “A nação polonesa é, pela vontade de Deus, uma unidade indissolúvel”. E então esta frase estranha: “É dever da Polônia preservar a vida do catolicismo, transmiti-lo e desenvolvê-lo”. Tudo o que se fazia àquela época estava impregnado pela ideia do messianismo polonês.⁴⁶ O sentimento nacional, impedido, voltado para seu próprio interior, cresceu vertiginosamente.

Entre nós, na cruz da Polônia martirizada, todos os costumes, todas as tradições legadas pelos nossos ancestrais, todos os costumes religiosos herdados, foram preservados na íntegra e santificados. Quem sabe se, por meio do fogo de nossos longos sofrimentos, a Polônia purificada não se tornará um exemplo que mostrará a saída para o triste cisma que hoje divide a cristandade.⁴⁷

Uma prece circulava por entre o povo:

45. Cidade russa próxima à divisa com o Cazaquistão.

46. Trata-se de uma corrente histórico-filosófica surgida após a supressão da Revolta de Novembro, segundo a qual o sofrimento da Polônia sob o domínio estrangeiro abriria caminho para a liberdade dos demais povos europeus. Essa concepção sustentava que a nação polonesa só poderia renascer como parte de uma nova ordem política no continente.

47. Adaptação de uma citação do discurso de Adam Czartoryski por ocasião da celebração de um aniversário da Constituição de 3 de maio de 1791.

VARSÓVIA

Deus, que concedeste por tantos séculos o brilho do poder e da fama à Polônia, que a protegeste de desastres sob o escudo da tua Providência, impedindo a sua humilhação, diante de teus altares erguemos nossas súplicas. Senhor! Devolve-nos a Pátria e a liberdade!

Tu, que te comoves com a nossa derrota, tu que protegeste os que lutam pela tua causa sagrada, que quisesse fazer o mundo inteiro testemunhar nossa coragem, que multiplicaste nossa fama mesmo em meio à desgraça, restitui à nossa Polônia seu antigo esplendor, frutifica seus campos e suas terras arrasadas.

Concede-lhes felicidade e paz eterna, cessa de punir-nos, ó Deus furioso!

E a outra:

Embriagada com o fogo e com o vapor do sangue dos nossos irmãos chega até mim esta voz, ó Senhor! O mais terrível lamento, o último suspiro. Ante preces assim os cabelos encanecem.

Já não conhecemos cântico que não seja de lamentos. A coroa de espinhos cresceu em torno de nossas testas, eterna como uma lembrança da tua ira, nossas mãos erguem-se para ti em súplica.

Quantas vezes já nos castigaste! E nós, ainda nem curados de nossos recentes ferimentos, voltamos a exclamar: ele se reconciliou, pois ele é nosso pai e nosso rei! E voltamos a nos erguer, confiantes, pois é por tua vontade que o inimigo nos opõe, há gerações, e lança sobre nossos peitos, rindo, a pergunta, como se fosse um pedregulho: *E onde está o pai? Onde está o Deus?*⁴⁸

São os russos que construíram a edificação mais sólida que existe nesta cidade polonesa: o presídio central. Numa silenciosa rua lateral, no norte da cidade, é um prédio de seis andares. O térreo foi construído em arenito. Vêm, depois, três andares com paredes de tijolos vermelhos à vista e, em seguida, os pavimentos superiores pintados de branco. Trata-se de uma construção massiva. Uma verdadeira fortaleza. Em 1904 foram aprisionados

48. As canções “*Gott, der du Polen*” [Deus, que concedeste à Polônia], criada como adaptação do hino oficial do Reino do Congresso da Polônia, e “*Mit Feuerrausch*” [Embriagada como o fogo] foram consideradas hinos nacionais secretos até 1918 e ainda são lembradas hoje. Döblin utilizou as traduções de Emil Knorr, em “Os levantes poloneses desde 1830”, abreviando ambos os textos.

VIAGEM À POLÔNIA

aqui dez revolucionários condenados à morte. Não foi o catolicismo que os impulsionou e fortaleceu: eles conheciam uma outra santidade. O Partido Social Democrata Polonês, PPS,⁴⁹ decidiu libertá-los. O chefe de polícia desta fortaleza certo dia foi convocado pela chancelaria do governador-geral: disseram-lhe que estava para vir um capitão de cavalaria, um certo barão Bindberg. Este deveria apresentar-se ao chefe de polícia que, em troca de uma declaração escrita, deveria lhe entregar os prisioneiros. O capitão veio, escoltado por policiais, entregou sua ordem escrita, conversou por duas horas com o diretor do presídio. Por fim, ele confirmou formalmente a entrega dos prisioneiros e assumiu sua custódia, levando-os num veículo do próprio presídio. O barão era Grozechowski. Ele ainda vive e é capitão do exército polonês. E então eles fugiram. Os prisioneiros não tinham a menor ideia do que estava se passando. Eles achavam que estavam sendo levados para serem fuzilados. No dia seguinte, proclamações jubilantes do PPS clandestino surgiram nas paredes da cidade.

Outro político revolucionário era Sulkewicz. Ele descendia de uma família de tártaros, era estudante, ingressou no PPS na década de 1890. Em Londres havia uma gráfica da organização clandestina polonesa de combate aos russos. Sulkewicz organizava o contrabando. Ele conseguiu um emprego como funcionário da alfândega de Eydtkuhnhen⁵⁰ e lá conduzia o material contrabandeado pela fronteira, com a ajuda de mulheres, que escondiam os jornais e as brochuras debaixo das roupas, ou de homens esbeltos. Passados alguns anos, ele foi descoberto, conseguiu um passaporte falso, fugiu e continuou a viver na Polônia, na clandestinidade. Tendo sido descoberto, ele foi para Cracóvia, então sob domínio austríaco. E foi lá que a guerra de 1914 o encontrou. Sob o comando de Piłsudski,⁵¹ ele ingressou na Legião Polonesa, do lado austríaco, e morreu aos quarenta anos de idade.

49. O PPS unia ideais socialistas à luta pela independência da Polônia.

50. Em polonês, Czernyszewskoje.

51. Józef Piłsudski foi um dos principais responsáveis pelo restabelecimento da independência da Polônia após a Primeira Guerra Mundial. Em 1926,

VARSÓVIA

Havia um certo Alexander Siedielinkow, Intendente russo do assim chamado Décimo Pavilhão, a ala dos prisioneiros políticos. Fazia o papel de intermediário entre os prisioneiros e o partido. Nas celas os prisioneiros percebiam, por sua expressão facial, se ele trazia consigo uma carta secreta que lhes era destinada. Ele, então, deixava a carta em algum lugar da cela, sob um maço de cigarros, por exemplo, saía e voltava para certificar-se, logo depois, alegando que tinha esquecido seu maço de cigarros. Contava aos prisioneiros o conteúdo de protocolos e sinalizava suas provocações. Era casado com uma polonesa. Naquela época — os anos 1890 —, prisioneiros privilegiados do Décimo Pavilhão recebiam carne assada à hora do almoço, enquanto os trabalhadores só comiam carne ensopada com verduras. Mas Siedielinkow abrigou trabalhadores em celas de privilegiados. Sem a sua ajuda, a fuga de Piłsudski teria sido impossível. Ele se aposentou em 1913 e morreu em 1916, aos 63 anos de idade. Seus filhos são poloneses.

Piłsudski era um prisioneiro importante em seu pavilhão. Deveria ter sido libertado pelo Partido, pois temia-se que seria condenado a uma pena muito longa. Seus camaradas, fora, consultaram um psiquiatra. Este lhes recomendou que ele se portasse como um louco, instruiu-os a lhe dizer que ele deveria recusar a comida, temendo que estivesse envenenada. Se ele sentisse fome, deveria pedir bolachas e chocolates. Quando Piłsudski estava exaurido, médicos russos foram até o presídio, reconheceram que ele estava simplesmente representando o papel de louco. Considerou-se levá-lo à Sibéria, onde Piłsudski já havia estado preso por cinco anos. Ele foi levado a um hospital em Petersburgo. O grupo clandestino procurou por um médico e encontrou o professor Mazurkewich. Hoje ele é professor de psiquiatria na Universidade de Varsóvia. Conseguiu um emprego no hospital em Petersburgo, onde tratou do prisioneiro. Certo

liderou o Golpe de Maio e instaurou um regime autoritário, governando o país até sua morte, em 1935.

VIAGEM À POLÔNIA

dia dispensou, por algumas horas, os guardas que vigiavam o doente, oportunidade para que seus camaradas o libertassem.

O intelectual Montwit foi procurado em 1904 sob suspeita de pertencer ao grupo terrorista do PPS. Os russos mandaram seus funcionários para prendê-lo em seu apartamento. Quando eles se aproximavam, ele se defendeu, matou dois deles e ainda disparou cem tiros antes de ser dominado. Tendo sido preso, recusou-se a dar qualquer tipo de informação, alegando chamar-se Mirecki. Sob o nome de Mirecki, ele foi condenado à morte e enforcado. Depois de sua execução o partido divulgou sua verdadeira identidade.

Peter Chnupko era um operário da indústria têxtil. Foi preso mais ou menos à mesma época que Montwit. Supostamente ele participara de um assalto a um trem, junto a Rogów, no qual 100 mil rublos do Estado russo foram roubados. Foram encontradas no local as bandeiras vermelhas do Partido Revolucionário. Chnupko chamava-se Jan Kwapiński. Foi condenado à morte. Como ele ainda não era maior de idade, foi condenado à prisão perpétua em Katorga. Ali permaneceu por onze anos. Foi libertado em Oral, em 1917, pela Revolução, se integrou a ela e foi para a Polônia. Hoje é chefe dos sindicatos livres.

Esta foi a luta dos poloneses pela liberdade. Quem é capaz de não se comover! Quero saber o que se passa no país hoje, quais forças e poderes participam da organização do Estado, quais forças governam oficialmente e quais não oficialmente. Quem tem o poder e quem tem a palavra? Mas logo desisto, pois não conheço a língua do país, ou melhor, as línguas do país: polonês, ucraniano, russo-branco, iídiche, lituano. Pergunto: quem passa fome no país e quem está saciado? O que é considerado aqui como um crime político? Quem e quantos são os prisioneiros políticos? Quais são os crimes mais comuns?

No fim da tarde sou levado à gráfica e redação de um jornal de esquerda. Uma pequena mendiga, de seus dez anos de idade, encontra-se diante do meu hotel, descalça, trajando uma saia miserável, com algumas caixas de fósforos. Como ela corre atrás

VARSÓVIA

dos passantes, disputando-os com um menino. Ela se lança atrás de qualquer pessoa que esteja um pouco mais bem-vestida. Corre como uma doninha sobre o calçamento. Agora ela sumiu. Uma hora mais tarde, volto a encontrá-la, numa outra esquina. Ela se aproxima de mim com sua roupinha vermelha.

Uma travessa escura e estreita. Um edifício velho e malcuidado que, no passado, foi ocupado pelos alemães para imprimir um jornal. Entro numa pequena gráfica, onde os trabalhos são feitos à mão. As salas da redação são amplas, mobiliadas como que provisoriamente com mesas e cadeiras. Todo o lado direito do aposento permanece vazio. Numa parede estreita pendem dois cartazes coloridos. Propaganda belga. Um conclama para o 1º de maio, com uma multidão agitando bandeirolas alegremente. Sobre o segundo lê-se a palavra “Pax”. Foi produzido em julho de 1923, para os trabalhadores belgas do Vale do Ruhr: à esquerda, o papa coroado; à direita, Vandervelde;⁵² no centro um homem que se parece com Zola, cada qual acima de um lema pacifista. Abaixo, corre o Ruhr.

O escritório do redator-chefe, uma sala exígua, também esparsamente mobiliada. No canto, junto à janela, uma bandeira envolta numa bainha de couro. Um homenzinho velho com a cabeça apoiada sobre a escrivaninha. Parece doente. O *pince-nez* torto sobre o nariz. Sua barba é escura e desgrenhada. Ele fala devagar e em voz baixa, melancólico, retraído. Adverte-me para não dar ouvidos aos interesses partidários no país, nem às minorias nacionais, que só fazem criticar tudo. O Estado é jovem e primeiro precisa consolidar-se. Foi difícil fazê-lo dizer alguma coisa a respeito de si mesmo. Durante a época do domínio russo se refugiou e pouco depois voltou clandestinamente ao país. A cada noite ele era obrigado a dormir em um lugar diferente. A polícia alemã não era tão engenhosa quanto a russa. Mais tarde me contaram como este homem passou fome. Em meio à sua grande miséria escreveu

52. Émile Vandervelde foi um professor universitário e político socialdemocrata belga.

VIAGEM À POLÔNIA

um livro, dedicado à esposa, que mal e mal sobrevivia trabalhando como costureira. Foi consumido pela luta. Sofre de arteriosclerose e de asma. Está largado sobre sua cadeira, enrolando cigarros. Permanecemos sentados por algum tempo. Ele se levanta. É um homem silencioso, tristonho. Sua vida difícil está escancarada diante dos meus olhos. E eu a vejo. Ele aperta minha mão.

Numa parede da espaçosa sala da redação, fora, está a fotografia de um jovem que pertencia ao antigo grupo terrorista do Partido; os russos o executaram. No passado, Piłsudski e também o atual chefe de Estado trabalharam neste jornal. Ambos se afastaram. O chefe de Estado queria se dedicar ao trabalho corporativo, em cooperativas.

Rosa Luxemburgo, que foi assassinada na Alemanha, e Jogiches,⁵³ a quem aconteceu o mesmo nos tempos da Revolução, e que era de família polonesa, consideravam que fosse necessário manter relações econômicas com a Rússia. Estes concretizaram a ligação entre o marxismo e o movimento independentista polonês, criaram a base marxista do movimento: a luta de classes apenas pode se desenvolver livremente no contexto de um Estado Nacional.

Eles me contam, enquanto caminhamos pelas ruas tomadas pela multidão, ao anoitecer: havia uma solução austro-polonesa para a questão da Polônia,⁵⁴ que envolvia um ataque à Rússia. Na solução de Roman Dmowski, que Rosa Luxemburgo traduziu

53. Leo Jogiches foi um político socialista nascido em Vilnius, então parte do Império Russo e hoje capital da Lituânia. Participou, ao lado de Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Franz Mehring, da fundação da Liga Esparquista e, posteriormente, do Partido Comunista Alemão (KPD), tendo papel ativo na Revolução de Novembro de 1918. Com Luxemburgo e Julian Marchlewski, fundou em 1893 a social-democracia do Reino da Polônia, partido que se opunha ao PPS e rejeitava a luta pela independência polonesa em favor de uma revolução socialista internacional.

54. Aqui, Döblin delineia os dois programas políticos fundamentais para a restauração da soberania polonesa, representados por Józef Piłsudski e Roman Dmowski. Piłsudski via no governo austro-áfrico um aliado temporário contra a Rússia e organizou, no início da Primeira Guerra Mundial, legiões

VARSÓVIA

em termos marxistas, estavam em ação, por um lado, a crença na invencibilidade da Rússia e, por outro, uma repulsa às fantasias dos poloneses da Galícia. Aliás, Tisza,⁵⁵ na Áustria, opôs-se à divisão da monarquia Habsburga em três partes: a Polônia, ao lado da Hungria e da Áustria. Desejava uma Polônia que fizesse parte da Áustria, embora não tivesse fechado questão sobre o grau de dependência entre os países. O futuro, porém, acabou sendo determinado pelos dinâmicos e imaginativos galicianos. Pois na Polônia do Congresso, o sóbrio país russo, desenvolveu-se a terrível passividade varsoviana. Até mesmo depois da ocupação de Varsóvia pelos alemães esta passividade prosseguiu, por medo dos russos. E então as legiões polonesas recuaram da Galícia; Piłsudski foi o primeiro ativista, o homem que, em 1918, sofreu a violência em nome da Polônia, junto com elas.

Quanto a Piłsudski: é um revolucionário do gênero de Mazzini,⁵⁶ nascido em uma família de revolucionários. É anticlerical, está no segundo casamento, tem vários filhos da segunda esposa. Como chefe de Estado, foi induzido a se casar na igreja pelo clero. É um radical de esquerda, ainda que não mais pertença ao PPS. Organizou o exército de acordo com suas próprias ideias, colocando seus amigos e assistentes nos postos mais elevados, e sob as ordens deles os velhos oficiais russos e austriacos. Assim, há muitos jovens que ocupam postos militares elevados. É um homem fascinante, profundamente passional, opositor radical do parlamentarismo. Para ele, o parlamento nada mais é do que uma assembleia de tagarelas. Não se candidata ao cargo de chefe de Estado porque não quer passar a vida participando de inaugurações

polonesas a seu serviço. Dmowski, por sua vez, depositava suas esperanças no apoio do Império Russo para o restabelecimento da Polônia.

55. István Tisza foi primeiro-ministro da Hungria em dois mandatos, de 1903–1905 e 1913–1917, tendo desempenhado papel central na política austro-húngara durante a Primeira Guerra Mundial.

56. Giuseppe Mazzini foi um político e pensador italiano, um dos principais ativistas do movimento do *Risorgimento*, que levou à unificação da Itália em 1861.

VIAGEM À POLÔNIA

de exposições de arte. No momento, está fora do cenário político, mas certamente isto não vai ficar assim por muito tempo.

Segundo se diz, e eu acredito nisso, não se pode comparar os operários poloneses aos alemães. Eles ainda são revolucionários. Muitos ainda levam revólveres no bolso. Seu passado é bem diferente do passado imperial alemão. Eles eram o povo, e o Estado não foi simplesmente abolido e retirado de cima de suas cabeças. Há muitos dentre eles que ainda não compreendem qual é o sentido das assembleias. Em 1920 os bolcheviques não receberam seu apoio. Só os camponeses confiavam que o comunismo lhes seria vantajoso, elegeram conselhos nos territórios ocupados, enquanto os senhores de terras fugiam. Depois, lidou-se de maneira astuta e civilizada com os camponeses. Os bolcheviques não conhecem os poloneses. O ataque militar à Polônia foi um equívoco.⁵⁷

Um político comunal me orienta. A Polônia tem uma Constituição democrática. Mas, na esfera administrativa, ainda estão em vigor determinações russas, de maneira que a polícia pode realizar buscas no interior de residências sem autorização judicial. Em determinadas regiões permanecem em vigor medidas regulamentares das forças de ocupação. No leste, o administrador distrital tem o poder de proibir reuniões. As cooperativas ficam submetidas a um poder central, que presta contas apenas ao Judiciário, de maneira que não podem sofrer influências políticas. As cooperativas de consumo possuem mais de 800 mil associados. Há, também, cooperativas agrícolas. As minorias nacionais — ucranianos, judeus, alemães, russos brancos — devem viver integradas ao Estado. O governo pretende fundar uma universidade para a grande minoria ucraniana em Cracóvia, assim como a Áustria havia criado uma universidade para os italianos em Innsbruck, e não em Trieste. Os ucranianos, porém, querem esta universidade em

57. A derrota do Exército Vermelho em 1920, durante a Guerra Soviético-Polonesa, frustrou o projeto de levar a revolução soviética à Europa ocidental por meio da invasão da Polônia.

VARSÓVIA

Lemberg, que se encontra no território ucraniano. Aqui, porém, o governo teme que a universidade adquira um papel político.

Os principais agrupamentos políticos poloneses são: os nacional-democratas, conhecidos pela sigla ND, que representam os interesses dos latifundiários, mas também da indústria pesada, têm apoio da pequena-burguesia e também do clero e, como se diria no Ocidente, são conservadores ou reacionários. Há também um grupo camponês cristão-nacionalista e um grupo formado por trabalhadores cristãos democratas, que permanecem aliados. Há um grupo de proprietários de terras, o partido Witos, que leva o nome de seu líder e representa os interesses da velha aristocracia polonesa. As minorias, quatro grupos parlamentares, têm cerca de oitenta representantes. Por fim, há os socialistas e os comunistas. Os comunistas, esparsamente representados no parlamento, têm muitos seguidores no país. As minorias, eleitas em bloco, agem livremente no parlamento e possuem diferentes colorações sociais: os judeus são capitalistas ou pequenos comerciantes, os alemães são vinculados ao legado da aristocracia dos Junkers⁵⁸ ou socialistas, os russos brancos formam um bloco de camponeses radicais, os ucranianos estão representados de diferentes maneiras em diferentes blocos.

O sistema legal polonês é difícil de ser compreendido. O país é constituído por regiões governadas de diversas maneiras, as leis não são estabelecidas com facilidade. Em todos os partidos teme-se uma guerra de vingança dos alemães. Há esperança nos democratas alemães. Espera-se e ouve-se ansiosamente, e com certa incredulidade, o que eles dizem e como agem.

Um homem, depois de me ouvir atentamente, diz: 60% das exportações polonesas passam por Gdańsk, a antiga Danzig alemã. Por isso, o porto tem uma importância vital para a Polônia. Ele se enerva ao falar sobre o discurso que um político alemão de esquerda fez em Genebra, no qual o assunto era o “fabulosa-

58. São cavaleiros com título de nobreza. Dessa aristocracia descendiam, entre outros, Otto von Bismarck e Paul von Hindenburg.

VIAGEM À POLÔNIA

mente irracional” corredor polonês.⁵⁹ Um terceiro junta-se a nós. Sorri muito enquanto ouve os outros. É jovem. Seus comentários ocasionais são afiados e irônicos. O esperto político comunal, enquanto isso, me passa um recorte de um jornal do país. Trata-se de um jornal que defende os latifundiários e os grandes industriais, intitulado *Republik*, fundado por Padrewski, o pianista e político. A *Gazeta Warszawska* se parece com a *Kreuzzeitung* alemã. Virulentamente antisemita, um jornal-revólver, é a *Poranna Gazeta*. O *Echo* é o órgão do partido Witos. Quanto ao pacífico e democrático *Polski Kuryer*, é pouco lido. Já o *Poranek Kurier* de Piłsudski é muito ideológico. Os operários têm, em Varsóvia, o *Robotnik*, em Cracóvia o *Do Przodu*. E há vários outros jornais, mais pálidos, porém muito populares. Em média os jornais do país têm de 10 a 12 mil assinantes. Me admiro: é um número muito pequeno. Ah, os camponeses, os analfabetos. O clero deve ter muito poder. O modelo ocidental de Estado é estranhamente deturpado aqui.

O terceiro jovem agora se intromete em nossa conversa e, ante a clara reticência dos outros dois, começa a falar todo tipo de coisa sobre si mesmo. Em tudo o que ele diz há um tom estranhamente irônico. Ele é polonês, mas fala sobre as coisas com um distanciamento que chama a atenção. Na Inglaterra há Lloyd George,⁶⁰ diz ele. É profundamente odiado. É considerado um imbecil, e um inimigo da Polônia. Dizem que, durante os deba-

59. O termo “corredor polonês”, cunhado na República de Weimar, referia-se à faixa de terra de 30 a 90 km de largura concedida à Polônia pelo Tratado de Versalhes. Ela abrangia a área de Pomerânia de Gdańsk (Pomorze Gdańskie), que pertenceu à Polônia até 1772 e depois se tornou parte da Prússia ocidental. Como a demarcação separou a Prússia oriental do restante da Alemanha, foi rejeitada por todos os governos da República de Weimar. Em outubro de 1938, ao recusar ceder a Cidade Livre de Gdańsk e permitir a construção de uma rodovia e uma ferrovia extraterritoriais através da Pomerânia, o governo polonês levou Hitler a iniciar os preparativos para a guerra, que se concretizaria em setembro de 1939.

60. David Lloyd George foi primeiro-ministro do Reino Unido entre 1916–1922.

VARSÓVIA

tes que ocorreram em Paris em 1919, ele confundiu a Silésia com a Cilícia. O italiano Nitti⁶¹ é igualmente detestado por causa de seu artigo “A Europa sem paz”. Macdonald⁶² é um místico, um idealista confuso e infeliz. Herriot⁶³ é o seguidor lógico de Clemenceau.⁶⁴ Mas no país todos se preocupam muito com a extinção da Embaixada do Vaticano. Os russos têm uma representação oficial em Varsóvia. Ainda assim, há não muito tempo Trotsky afirmou: “A Polônia é a nossa ponte para a Europa”, o que certamente não foi dito assim, de improviso. Quando o assunto da conversa é a Rússia, estabelece-se um diálogo interessante entre o sarcástico jovem e os outros dois. Ele descreve quantos milhões os russos teriam pago, ou deveriam ter pago, depois do acordo de paz.⁶⁵ E então os dois outros interferem: nove décimos das obras de arte que foram levadas da Polônia permanecem em mãos dos russos, a Rússia não pagou nada nem as devolveu. Sim, diz ele, “veja o senhor, quem está com raiva dos russos? Os assim chamados esquerdistas! Eles nunca se cansam de recriminar a Rússia”. Seu rosto começa a se contorcer em uma careta e ele

61. Francesco Saverio Nitti foi primeiro-ministro italiano logo após a Primeira Guerra Mundial, em 1919. Em seu livro *L'Europa senza pace* [A Europa sem paz], ele explicou por que considerava indispensável uma revisão do Tratado de Versalhes.

62. James Ramsay Macdonald foi um dos fundadores do Partido Trabalhista Independente britânico e primeiro-ministro britânico durante o reinado de George v.

63. Edouard Herriot foi um político francês do Partido Radical, de esquerda.

64. Georges Clemenceau foi político, jornalista e estadista da Terceira República Francesa. Exerceu o cargo de primeiro-ministro em duas ocasiões, 1906–1909 e 1917–1920.

65. O Tratado de Paz de Riga, concluído em março de 1921 entre a Polônia e a Rússia Soviética, previa indenizações pelos investimentos realizados nos territórios poloneses sob domínio russo, além da devolução de bens culturais transferidos para a Rússia após as partilhas e a repressão dos levantes de 1794, 1831 e 1863. Também deveriam ser restituídas fábricas desmontadas em 1915, quando o exército russo se retirou da Polônia. Na prática, apenas uma pequena parte do acordo foi cumprida — entre elas, a devolução do monumento a Poniatowski, que Döblin pôde ver no Jardim Saxão em Varsóvia.

VIAGEM À POLÔNIA

começa a falar sobre os judeus. Na imprensa de direita, 50% são judeus batizados, a esquerda burguesa conta com poucos judeus, os socialistas, com mais. Os casamentos mistos são incontáveis.

O senhor sabe o que é o frankismo? Frank⁶⁶ foi um sectário judeu de alguns séculos atrás, aqui na Polônia. Ele fanatizou os judeus e os persuadiu a se batizarem. Teve um sucesso imenso. O rei polonês, à época, apoiou a ação, concedendo títulos de nobreza aos judeus batizados, que automaticamente se tornavam nobres poloneses. Uma contribuição singular à questão racial. Faça, hoje, uma investigação a respeito de quem são esses orgulhosos aristocratas, a nobreza polonesa, mas seja discreto. Pois eles são antisemitas.

Aquele que tinha falado sobre Gdańsk ainda não concluiu o assunto. Ele repete que, se a Alemanha pretende estabelecer uma relação pacífica com a Polônia, seria um erro voltar sempre ao tema de Gdańsk e do corredor polonês. Não há nenhuma utilidade prática nessas discussões perturbadoras sobre o corredor. Ouço atentamente. O jovem olha para mim com um ar sarcástico e maldoso.

Estou sentado diante de um político muito inteligente e muito sóbrio do Partido Nacional Polonês. Com as mãos cruzadas sobre os joelhos, ele diz:

Assim como em todos os outros lugares do mundo, também na Polônia, depois da estabilização monetária, os camponeses ficaram muito empobrecidos, tendo em mãos só o dinheiro desvalorizado. E a questão das nacionalidades: a consciência nacional é tênue entre os ucranianos, ora eles se referem a si mesmos como poloneses, ora como russos, ora como ucranianos. Os alemães são ricos, uma nação altamente cul-

66. Jacob Frank foi o último líder do movimento sabataísta, iniciado no século XVII por Sabatai Tzvi, que se autoproclamou messias dos judeus. Preso pelos otomanos em 1666, Tzvi foi forçado a converter-se ao islamismo. Ainda assim, sua mensagem messiânica espalhou-se por comunidades judaicas da Europa e do Império Otomano, inspirando correntes que mais tarde encontrariam eco entre judeus asquenazes do Leste Europeu, como o frankismo — movimento fundado na Polônia do século XVIII, de caráter místico e sincrético, que reinterpretava o messianismo sabataísta e provocou grande controvérsia entre as lideranças rabínicas.

VARSÓVIA

tivada e privilegiada. Entre judeus e poloneses havia, até 1903, um convívio excelente. E então surgiram os judeus russos, enérgicos, esperitos, os detestados lituanos,⁶⁷ tornaram-se os oponentes dos poloneses e dos judeus radicados na Polônia.⁶⁸ E agora fundiram-se com eles. Os judeus são, unicamente, comerciantes, mas a base econômica da Polônia é estreita demais para sustentar tantos comerciantes. É daí que vem sua pobreza. Em nenhum lugar as tensões entre ricos e pobres são tão grandes como entre os judeus. Enquanto a inflação trouxe algo para a Alemanha, ou ao menos para uma parte dos alemães, a Polônia só perdeu com isso. E agora luta-se contra a deflação.

Quando ele volta a falar da questão das nacionalidades, mostra-se ainda mais tranquilo e despreocupado:

É preciso saber diferenciar entre as questões do cotidiano e os ideais. Os parlamentares e oradores, em sua maior parte, só querem saber dos ideais. Ao menos no parlamento. Lá imediatamente eles se põem a falar sobre autonomia, independência cultural e sabe-se lá mais o quê. Mas nos lares e na vida cotidiana a coisa é completamente diferente. Não há ninguém que pense em destruir a vida nacional e o patrimônio cultural de um povo. Nós, poloneses, sabemos suficientemente bem o que significa uma coisa assim. Sabemos tanto o que é a opressão quanto quais são os seus efeitos. Como se pode imaginar, não é fácil nem rápido pôr ordem nessas questões por meio de leis. Assim, há uma lei que permite o bilinguismo na zona ucraniana. Esse e outros assuntos não são negligenciados. Mas pense na vida cotidiana: a deflação, o saneamento dos pântanos, a construção de estradas e de moradias.

Passo na frente de um “Musée des Beaux Arts”. Este edifício foi visitado pelo primeiro presidente da República Polonesa num dia

67. O termo *litvakes*, em iídiche, designava os judeus originários da Lituânia histórica — então parte do Império Russo — e, em sentido mais amplo, os judeus do norte e do nordeste do Império que migraram para o Congresso da Polônia após 1862, quando foram suspensas as restrições à residência. Vistos como estrangeiros pelos judeus locais, distinguiam-se por sua língua, práticas religiosas e modos de vida. Eram considerados racionais e rigorosos na observância, em contraste com o temperamento mais emocional e místico dos judeus hassídicos, o que acentuava o sentimento de distância e rivalidade.

68. Um dos aspectos mais interessantes da viagem de Döblin está na descoberta de uma enorme variedade entre os judeus que viviam na Polônia.

VIAGEM À POLÔNIA

de graves tensões políticas. Da sede do governo, no Belvedere, ele primeiramente se dirigiu ao Sejm, o parlamento. Já durante este trajeto, a multidão enfurecida lançou lama contra o veículo que o levava. E enquanto ele observava os quadros no museu, levou um tiro pelas costas. Esta foi a resposta a uma pergunta: que tipo de governo convém à Polônia? Um Estado Nacional? Ou um conúbio de povos? O tiro fez com que se decidisse pelo Estado Nacional.

Os mais importantes artistas poloneses se recusam a expor suas obras no museu por causa de conflitos com a administração. Há um quadro imenso de Henryk Siemiradzki, datado de 1897. Vê-se um touro negro agonizante, cujo sangue jorra. Sobre ele está amarrada uma moça muito pálida, morta. Ela evidentemente é cristã, enquanto os homens em volta dela são romanos. De uma certa Alexandra Lascenka⁶⁹ há uma sala inteira: motivos egípcios, palmeiras, camelos, tendas, árabes. Kopozynski é melhor: foi capaz de representar bem o pavor de uma fuga com crianças chorando. Atravesso uma sala inteira cheia de horrendos quadros históricos no estilo de Makart.⁷⁰ Não sou capaz de deter meus próprios passos. História, história e sempre história. Já sei: estes quadros não mostram nada do que o povo realmente sente. Nossas alamedas de glórias e de vitórias não significam absolutamente nada. O povo é muito mais rico do que esses pintores pensam. Acaso a “História” pode provar qualquer coisa acerca dos sentimentos do povo? Quantos membros do povo efetivamente participam deste tipo de “História”? Sobre um pedestal está, ainda, uma donzela de pedra, que descansa.

Em Varsóvia, em Łódź e na província há 3 mil empresas com títulos protestados. Em Varsóvia as falências chegaram à cifra de

69. Por conta da terminação do genitivo “a”, Döblin entendeu que era uma mulher. Trata-se do pintor polonês Aleksander Lascenko.

70. Hans Makart foi um pintor austríaco do século XIX. Natural de Salzburgo, foi convidado pelo imperador Franz Josef I a instalar-se em Viena, onde recebeu do governo um ateliê particular. Retratava, entre outras cenas, feitos heroicos do Império, sendo um dos principais representantes do chamado Período da Ringstrasse, momento de grande prosperidade cultural do Império Austro-Húngaro.

VARSÓVIA

200 mil dólares. Há planos para novamente fazer da Polônia um país agrário.⁷¹ Prevê-se uma grande reforma agrária, que deverá dividir os latifúndios. Estes são os perigos diante dos quais o país se encontra: fronteiras incertas, ameaça ucraniana e bolchevique, crise econômica, pobreza interna, divisões nacionais.

Em toda parte, o povo cria cooperativas para se manter. Do outro lado da grande ponte sobre o Vístula, na região da antiga cidadela, deverão ser construídas novas residências para oficiais, todo um bairro novo, construído por uma cooperativa dos oficiais poloneses. Na avenida em frente à Universidade me deparo com uma grande livraria científica: pertence à cooperativa dos alunos do Ensino Médio. Toda a medicina foi reorganizada sobre bases socialistas. Um decreto governamental de 1920 atribuiu às diretorias das sociedades de assistência à saúde, formadas por empregadores e por empregados, o direito de escolher, por meio do voto, o tipo de sistema médico a ser implantado. Nas províncias, a falta de médicos obrigou à livre escolha. Nas cidades, porém, foi criado um sistema médico fixo. Todas as antigas associações de seguro-saúde, de pequeno porte, foram liquidadas. Bairros com 5 mil habitantes criaram suas próprias sociedades. As sociedades de bairros foram reunidas em associações. Há associações deste tipo em Cracóvia, em Lemberg, em Poznań, em Łódź, em Varsóvia e em outras localidades. A de Poznań tem hoje 5,5 milhões de associados, a de Lemberg 250 mil, a de Łódź um pouco mais. A introdução deste novo sistema fixo foi, de início, muito difícil. Os médicos boicotaram as sociedades, que tiveram muita dificuldade em encontrar profissionais dispostos a trabalhar para elas: em sua maior parte, quem se prontificava eram foragidos da Rússia e das regiões fronteiriças. Logo, porém, tinham um número suficiente de médicos a seu serviço e o boicote foi abafado. Em Varsóvia foram recentemente criadas dez clínicas, ambulató-

71. Na época, cerca de 70% da população polonesa era dependente da agricultura. Desde 1919 discutia-se uma lei de reforma agrária, que acabou sendo aprovada no Sejm em 1925.

VIAGEM À POLÔNIA

rios de bairro, nos quais foram empregados trezentos médicos, especialistas e clínicos-gerais. Logo os médicos que haviam sido empregados em caráter provisório puderam ser substituídos por outros, nativos. Os médicos de uma determinada região fazem um número máximo determinado de visitas e dão um número máximo determinado de consultas nas clínicas a cada dia.

Os poloneses sabem que precisam trabalhar muito para reerguer seu país. Gastam-se quantias gigantescas com armamentos. Eles se preocupam com a consolidação cultural do país, com a constituição da nação. Na velha Polônia do Congresso o número de escolas mal chegava a 4 mil; agora já são 10 mil. Há universidades técnicas em Lemberg, Varsóvia, Poznań. Uma Escola de Minas em Cracóvia. Foram criadas escolas técnicas, mas são pouco frequentadas, e o número de alunos está em queda, pois falta uma classe média.

Criou-se, para as universidades, uma Liga Polonesa para Ajuda aos Estudantes. Piłsudski doa seu salário de marechal à Universidade de Vilna. Desde o início da ocupação, em 1915, há universidades em Varsóvia, em Lemberg e em Cracóvia, que já haviam existido no passado, e em Poznań e em Vilna foram criadas novas universidades. Da Galícia vieram os professores-assistentes para toda a Polônia. Ao menos teoricamente estas universidades não têm um *numerus clausus* nacional — exceto a de Poznań, que é dirigida por fascistas.⁷² Nesta Universidade radicalmente antialemã e nacionalista polonesa há também, segundo ouvi, tensões entre os professores de origem austriaca e prussiana. Atualmente a Universidade passa por uma reforma segundo os padrões ingleses: o doutorado será uma honraria especial, enquanto a maior parte dos cursos de pós-graduação leva apenas ao título de mestre. A Faculdade de Filosofia já recomenda cursos de “Magister of Arts”.

⁷². Poznań era um bastião da Democracia Nacional, movimento político de orientação nacionalista e conservadora, distinto do fascismo, mas marcado por forte identidade patriótica.

VARSÓVIA

Converso com um professor da Escola de Belas Artes.⁷³ Ele está trabalhando, corrigindo provas. Veste um avental branco, tem seus quarenta e poucos anos, com uma barba bem aparada. Um tipo sanguíneo, um homem fino e simpático. Esta escola foi criada há dois anos, tem dez professores em período integral, dentre eles muitas mulheres. Ele entende a arte e seu campo de trabalho num sentido amplo. Não se trata, simplesmente, de pintura e de decoração. A arquitetura também é vista por ele como parte do seu ofício, assim como a escultura. Conheço esse entendimento. Ele é um europeu. “Mas o que se passa em Varsóvia?” Ele se queixa. “Há pouco senso estético na cidade. É uma cidade de comerciantes. Cracóvia é diferente.” Há planos para a construção de um museu nacional junto da ponte Poniatowski, aquela que foi destruída, onde se encontram os tapumes, e onde também deverá ser a nova sede do parlamento. “A guerra”, diz ele, e eu vejo, “pesou muito sobre a minha geração.” Seu rosto se torna melancólico e cinzento. Mas há muita esperança. As pessoas se empenham ao máximo, mas a reconstrução, a imensa reconstrução, não é fácil. Com quanta cordialidade ele me esclarece! Como se abre diante de mim!

Vislumbro um imenso trabalho de organização, de dificuldade incomensurável. De fato, é preciso o apoio de todo o povo para realizar algo assim. É uma alegria e um orgulho dar conta de um trabalho como esse. Uma alegria com a qual tenho grande empatia.

Me parece que um destino trágico recaiu sobre a literatura polonesa. Ela foi, um dia, uma das bases de sustentação do povo — enquanto o povo se encontrava sob o jugo dos tiranos. Agora que a Polônia está livre, a base de sustentação se tornou uma simples peça decorativa. Como em toda parte. Os livros estão expostos nas vitrines, e as pessoas os compram ou não os compram. E

⁷³. As anotações de Döblin registram um encontro com o pintor e arquiteto Józef Czajkowski, que lecionou, a partir de 1923, na Escola de Arte de Varsóvia, transformada em Academia de Belas Artes em 1932.

VIAGEM À POLÔNIA

aqui compram-se ainda menos livros do que na Alemanha: as tiragens são muito baixas, a ponto de causar suspeitas. Os autores jovens já não mais querem a antiga ligação em via única com o povo, por meio do patriotismo. Desde o estabelecimento do Estado, seu olhar se tornou mais livre e seus horizontes se expandiram. Mas os jovens autores têm poucos leitores.

Um dos livros que está exposto na vitrine é de Reymont, um romance, *Colorido. O rei da Nova Israel*, de Upajski, abertamente hostil aos judeus. Livros de Ossendowski. Boy-Zelenski divulga a literatura francesa. De um modo geral, veem-se muitos livros franceses: Romain Rolland, Marcel Schwob, Claude Farrère, Poincaré. Ali está Henry Ford. Tagore. Quantidades massivas de Jack London. O livro de guerra de Piłsudski: *O ano de 1920*. Literatura polonesa mais antiga: Słowacki, Kochanowski.

Pergunto a um conhecedor de literatura⁷⁴ sobre os escritores vivos. Ele me conta sobre os autores alemães que são hoje conhecidos na Polônia. Kellermann é muito apreciado. Menos seu *Túnel* do que seu *9 de novembro*, recebido entusiasticamente pela imprensa. As obras do dramaturgo Hauptmann quase nunca são apresentadas. Ele é considerado um defensor do imperialismo prussiano e recentemente mostrou-se antipático no plebiscito sobre a Alta Silésia. Hanns Heinz Ewers tem muitos leitores. Esteve há pouco tempo em Varsóvia, apresentou uma conferência diante de um público quase todo judaico. Com o monóculo diante do olho, respondeu a perguntas como: “O senhor é judeu?”, “O senhor sabe beijar bem?”, “O que o senhor pensa a respeito de Lênin?”. Há muito interesse por assuntos exóticos e franceses: os romances de aventuras de Jack London vendem como pães quentes, assim como os livros de Ossendowski, Rolland, Anatole France e Charles Louis Philippe.

E os próprios poloneses? Até agora só ouvi falar de uns poucos nomes. De fato, as línguas criam barreiras terríveis en-

74. As anotações de viagem de Döblin sugerem que ele tenha conversado com Jacek Frühling, renomado tradutor polonês de literatura alemã.

VARSÓVIA

tre os povos, assim como as fronteiras políticas. Żeromski é um dos romancistas em ascensão. *Cinzas, Luta com as almas, Sem-teto* são alguns dos títulos de seus livros. Reymont, o autor de *Camponeses*, ainda vive. Não há muito tempo faleceu Wyspiański, o grande artista, pintor, dramaturgo e diretor. *Casamento e Redenção* são os títulos de suas obras mais importantes para teatro. Segundo meu conhecedor de literatura, são peças que possuem traços simbólicos e metafísicos. Ele afirma que Wyspiański descende do teatro grego, mas eu não consigo imaginar nada, apenas ouço o que ele tem a dizer. Dentre os mais jovens, a sra. Rygier-Nałkowska, Kaden Bandrowski. Com este eu converso pessoalmente, um homem robusto e simpático, que tem a sobriedade característica dos mais capacitados. O *arco*, seu romance, é bastante popular. Ele me dá de presente seu último livro, *General Bartsch*. Os mais jovens são os autores do grupo Skamander,⁷⁵ um círculo de poetas talentosos. Mas, segundo se diz, sua fecundidade já se esgotou. Eles se opõem ao radicalismo formal, e defendem o radicalismo do conteúdo. Eles cantam a rua, as mulheres, os negros. Ou seja, as grandes tendências europeias chegaram também à Polônia. O ensaísta Brzozowski é muito influente, ele também um europeu.

E será que as coisas na Polônia se passam diferentemente do que acontece na Alemanha? O espírito passa por sobre o povo como se fosse levado por um guindaste. Tenho a impressão de que a Polônia ainda está muito longe de ter tempo para a alta literatura. Quanta miséria! Que massa gigantesca de analfabetos! Para quem se cria arte? Eu daria de ombros para as grandes tendências da Europa. Olharia para este povo pobre, e não para a pequena e casual elite.

75. O Skamander foi o grupo de poetas mais influente da Polônia da primeira metade do século xx, ativo até o início da Segunda Guerra Mundial. O nome do grupo vinha da revista em torno da qual se reuniram autores como Antoni Słonimski, Jan Lechoń, Julian Tuwim e Jarosław Iwaszkiewicz. Inspirados pelo Futurismo, Expressionismo e outros movimentos da cultura europeia, esses poetas buscaram renovar profundamente a estética literária polonesa.

VIAGEM À POLÔNIA

O Teatro Municipal no extenso edifício na praça do Teatro acaba de ser reformado e recentemente foi inaugurado em meio a solenidades. Apresentam *Mazepa*, de Julius Słowacki. Entrou num vestíbulo bem iluminado. Porteiros uniformizados, seguindo grandes e pomposos bastões, estão de ambos os lados da porta. Na chapelaria, moças e mulheres uniformizadas com aventais brancos. Levam no peito fitinhas brancas e vermelhas, as cores nacionais da Polônia, que lhes vão muito bem. No auditório há duas galerias. O espaço não tem muita profundidade e dá uma impressão de rigor e de solenidade graças à balaustrada de mármore da primeira galeria, que se projeta sobre o vazio. As cadeiras são feitas de madeira amarelada, que transmite uma sensação de calor, enquanto as paredes são pintadas de bordô. Ao fundo, por trás da brancura do mármore e do calor da madeira amarelada, está o intenso bordô, que prenuncia a morte e a violência. Todos os assentos são estofados com um tecido azul. Sem qualquer tipo de ornamentação, o tecido da cortina pesada pende do teto. A peça começa às oito horas e termina à meia-noite. Os intervalos são breves. O palco giratório estrala e gême. Ao final da peça, vê-se que sua força cresceu a cada ato.

No palco reina uma grande exuberância de cores. É um palco retangular, muito largo e muito profundo, sem angulação de perspectiva. Representa um salão ducal e tem ares imperiais. No forro do teto há vigas de madeira e as paredes e o chão são cobertos por tapetes — e que tapetes! Há belos quadros antigos e candelabros pesados. Ao fundo, um balcão, ao qual se chega por uma escadaria, se projeta sobre o espaço vazio. Atores ostentando roupas muito caras e elegantes circulam, como num quadro de Matejko.⁷⁶ Sussurra-se e conversa-se na corte, perambula-se à espera do rei. Enfim, ele aparece, um homem frágil, misantropo, com um rosto genuinamente eslavo, piscando os olhinhos franzidos, austero, choroso, uma voz esganiçada e par-

76. Jan Matejko foi um pintor polonês do século XIX, conhecido por retratar eventos políticos e históricos.

VARSÓVIA

ticular, como a de alguém que se perde ao contar uma história. É assim que um autor vivo evoca o passado morto, e um único ator vivo faz reviver uma peça morta. Diante do rei está um homem colossal, vestido de escarlate, o duque, o senhor deste castelo, e carrega um candelabro. Mais tarde, ele reaparece trajado com um manto de brocado azul e por fim, depois da morte de seu filho, trajado de seda negra. Ele se porta senhorialmente e ao lado dele o rei parece um vermezinho. Mas eu não acredito em nada do que diz o ator. Ali está também um belo jovem francês, Mazeppa, tenor da cabeça aos pés, pajem do rei Jan Kasimir. Conheço apenas o conteúdo da peça, e só posso assistir ao espetáculo como se fosse uma pantomima: as palavras só me valem como notas musicais, por assim dizer. Estou condenado a ser um expressionista rigoroso. Vê-se também uma jovem senhora muito fina: Amelia, a esposa do duque colossal. Esses poloneses têm uma grande seleção de belos atores, e dão preferência a eles mais do que nós. Como esta senhora alegra o velho rei misantropo sob uma árvore! Que direção na dança desses dois em meio à corte! Agora ela sofre, sentada num banco ao lado dele, e pragueja. O próprio filho do duque, o jovem sombrio que se encontra ao lado de Mazeppa, a ama em segredo, à sua madrasta: é um dom Carlos polonês. Mas o duque enlouquece de ciúmes de Mazeppa. A bela e jovem duquesa se envenena, o jovem sombrio se suicida. E com Mazeppa acontece o que todos sabem: o duque o amarra sobre um cavalo selvagem.

Há tanta nobreza, luar, canto de rouxinóis e sangue nessa peça. Dos versos derramam-se sentimentos de cor azul-celeste. Assim é a vida aos dezesseis anos de idade! E o romântico não cresce além deste ponto. Nós outros, aos vinte anos, já sofremos operações de pedra na vesícula. Na Alemanha pouco ouvi falar desse Julius Słowacki que, segundo consta, morreu de tuberculose em Paris. Trata-se de um romântico exagerado. Talvez os atores pudesse ter representado sua peça corajosamente, expressando a alma do dramaturgo, com um lirismo delicado intercalado por momentos de exacerbação e de crueldade, com

VIAGEM À POLÔNIA

uma atmosfera fantástica e nebulosa. Pois os poetas também procederam assim ao tratar de Mazeppa que, de fato, foi atado nu a um cavalo selvagem por um nobre polonês, mas nada lhe aconteceu. A natureza não era cruel. Franz Liszt, porém, o perseguiu, depois de sua morte, ao longo de uma sinfonia inteira. Mas o pior que lhe aconteceu foi na Alemanha, onde Rudolf von Gottschal o transformou numa peça de teatro.

Por que, ao ver a duquesa Thekla, a nobre de Schiller se insinua nos meus pensamentos? Não, prezada senhora, a senhora não pertence a esta família, ainda que também chore: "A floresta de carvalhos retumba, as nuvens avançam". A senhora provém da escola de teatro em Weimar. — Vejo as últimas cenas grotescas de puberdade de Słowacki. O marechal, o colosso, realizou inteiramente seus planos e agora seu filho jaz morto em seu ataúde, e ele mesmo está vestido de seda negra. A duquesa morreu, Mazeppa corre sobre o cavalo. E eis que o Marechal tem consigo uma faca, e a aproxima da própria garganta. Ainda bem que o pano cai. Uma vez vi no hospital um homem que tentou cortar a própria garganta. Disseram isto para mim. Sem saber de nada, me aproximei dele, que estava sentado sobre uma maca — e estava vivo. Para me mostrarem seu ferimento, empurraram sua cabeça para trás, como quem abre uma tampa, e então eu vi aquela coisa pavilhosa: a garganta talhada até atrás, a respiração que escapava pela fenda, os músculos despedaçados à mostra. Ele só não conseguiu alcançar a jugular. Uma enorme cavidade sanguinolenta, da qual escapava o ar. E o homem estava vivo, tentava falar. É com esta terrível lembrança que o espetáculo termina para mim.

Aplaudiu-se de pé. A peça provocou emoções intensas. As mulheres se levantaram, com seus braços brancos desnudos e com joias e brilhantes no pescoço e nas orelhas. Suas faces, assim como as de muitos homens, me parecem um tanto rudes e agrestes. Ah, os três esplêndidos candelabros da sala! Pendem, imponentes, e emanam luz e ofuscantes faíscas coloridas.

No "Teatro Polonês" apresentam *Danton*, de Romain Rolland. O autor é um grande pacifista e um homem profundamente hu-

VARSÓVIA

mano, mas sua forma de criar é profundamente desumana. Conheci *Danton* em Berlim. “Salve!” Indignado, penso que será uma apresentação insuportavelmente entediante. Tenho que ver o que os poloneses pretendem com ele. A peça é composta de três atos. Se um deles for deixado de lado, restam um ato entediante a título de introdução e o terceiro ato. É com este que se deveria começar: não é de Rolland, mas da atual direção do teatro. Em Berlim, Danton era um *bon vivant* fleumático. Aqui ele é um francês gordo e autoconsciente, imerso nos prazeres e na alegria de viver, e o que melhor sabe fazer é rir e gracejar. A risada brota-lhe diretamente da barriga. São excelentes atores. Um dos membros do comitê revolucionário brilha no mais desavergonhado e atrevido naturalismo: é um verdadeiro porco, um animal, tirado da sarjeta sem ter sido lavado. Me alegro em ver a força que habita a vulgaridade. Eles sabem apresentar todos os comparsas revolucionários como membros da ralé. E Robespierre é um verdadeiro jumento, tristonho: a imbecilidade como uma força da natureza. Desde o início fica evidente que ele será o vencedor. Esta é a sombra que Napoleão projeta diante de si.

Na quinta-feira, concerto na sala da Filarmônica, um grande acontecimento social. Tenho uma cadeira no balcão, do lado direito. Mas, por engano, vou para o lado esquerdo, mandam-me de um lado para o outro, já estou decidido a ir embora porque, ao que parece, a única língua que se comprehende aqui é o polonês. Subitamente, encontro meu lugar. Lá embaixo vejo um piano Bechstein. O nome do maestro é Fittelberg. Ainda que seus cabelos estejam tosados como os de um abade, não me parece que seja cristão. Ao piano, Arthur Rubinstein. O que posso dizer? Acho que não ouvirei música polonesa aqui. O diretor deste exemplar teatro polonês se chama Fischmann, ainda que ele grafe seu nome como Fiszmann. O diretor artístico é um bom polonês, que estudou com Reinhardt em Berlim. Em Berlim encontrei essa mesma confusão. A *jazzband*, uma coisa de negros, é a melhor música europeia. Quero ser um mico de circo se Goethe, o Deus da classe média alemã, não leu Sófocles, que viveu nos Bálcãs, há

VIAGEM À POLÔNIA

2 mil anos. E sinto um calafrio nos ossos: o que aconteceu com os carolíngeos? Eles importaram a literatura do Oriente Médio para a Europa Central. O principal centro de distribuição por atacado desta literatura era Roma. Quanto ao varejo, ficou por conta dos reis, por meio do fogo e da espada. E os nomes dos livros eram: Velho e Novo Testamento. E acaso isso significou o assassinato organizado e o suicídio das nações? Não: não há ninguém que seja capaz de mamar das próprias patas. O concerto de Brahms, tocado por Rubinstein num piano Bechstein, é — arte polonesa! O pianista toca com o rosto voltado para mim. Parece estar na casa dos trinta anos, é pálido e transpira copiosamente. Seu ritmo é muito marcado, também pela cabeça e pelo rosto. Aplausos entusiasmados. Há uma massa de jovens na sala. À minha frente, no balcão, está sentado o jovem primeiro-ministro e reformador das finanças polonesas Grabski.

Na mesma sala da Filarmônica apresentam um filme de propaganda intitulado *Finlândia*. Fui convidado pelo embaixador finlandês. Árvores são derrubadas na neve. Tenho empatia com o destino das árvores quando vejo os homens que se aproximam, sorridentes, e se põem a golpear os flancos da árvore com seus machados. Depois vêm os cavalos e as árvores são puxadas pelos cabelos por meio de cordas em direção ao vale. Estas criaturas gigantescas são lançadas sobre trenós, e então deslizam sobre a neve. Lá embaixo são lançadas à água e flutuam até chegarem ao ponto onde são reunidas como se fossem animais, tiradas da água e levadas a uma estufa. Sua seiva evapora. Agora os troncos enormes e inertes são cortados em grandes pedaços. A serra os devora. E logo são apenas pedaços e migalhas de madeira, lançados em enormes cubas, em refinadas prensas. Lá são transformados num pó úmido. E, pouco tempo depois, se tornam papel, enormes bobinas, espessas como árvores, que seguem viagem a bordo de trens. É nisto que se transformou o galho, que nasceu a partir de uma lírica fecundação, por meio de uma borboleta ou de uma abelha, cujas folhas reluziam ao sol, em cuja sombra se deitaram casaizinhos. Ele mesmo era uma maquinaria colossal,

VARSÓVIA

uma bomba de sucção, um milagre da química e da física. E com ele, com o papel, o assunto ainda não está encerrado. Já sei no que este papel será transformado. Como será impresso, para que o povo seja instruído e também enganado. O filme só mostra como a avalanche começa a se formar. Esclarecimento por meio dos jornais! Não seria melhor se os camponeses permanecessem analfabetos? A fazenda-modelo que aparece em seguida é mais agradável de ver. O leite é transformado em manteiga. Surgem portos congelados. Que quebra-gelos eles têm! Uma luta. Corrida. Saltos. Ao lançar o disco os atletas giram em torno de si mesmos. O homem é um animal forte. Mas o que ele é capaz de realizar num laboratório, sem músculos, apenas com seu cérebro mole, é ainda mais poderoso. O exército. Tropas que avançam. Soldados. Soldados. Muito simpático vê-los marchando assim, tão eretos. Mas logo se aproxima a criatura abominável: o tanque de guerra. Como ele sobe e desce pelas colinas, gordo e oscilante como uma tartaruga. Ele não é cuidadoso ao lidar com as árvores, como os homens com seus limpos machados. Atropela-as, desastradamente, e então as decepa e esmaga. Atrás fica o cadáver atropelado, a abominação continua a arrastar-se. Vacila e tomba. É assustador vê-la avançar floresta adentro. Ninguém, na sala, deixa de sentir pavor. E, no entanto, ela é uma filha de todos nós.

Um teatro popular com um público sério de pequenos burgueses. A plateia e os três balcões lotados. Pela vigésima vez apresenta-se uma comédia local dos velhos tempos: *Viagem para Varsóvia*. O casamento e a divisão dos poderes no casamento evidentemente correspondem, aqui, ao que se passa na outra Europa: o herói de chinelas é alvo de chacotas, a mulher forte domina e é, igualmente, alvo de chacotas, as duas filhas se tornam idiotas neste contexto familiar. Elas vêm de uma aldeia com sua gaiola de passarinhos: judeus, trajando cáftens, fazem papel de bonachões. Na estação de trens de Varsóvia a família se perde, galãs seduzem as filhas, que depois são procuradas por toda parte em Varsóvia e por fim são encontradas. Sete quadros, quatro horas, canto, dança. A direção de cena é bem-humorada:

VIAGEM À POLÔNIA

as manobras do trem sobre o palco provocam muitas risadas, tantas quanto uma dúzia de canções populares.

Trata-se de um produto para a classe média. A ele acrescentam-se piadas sujas e pernas despidas, para lhe dar um ar urbano. A calcinha é um barômetro do grau de cultura: se ela for muito comprida, trata-se de bárbaros. À medida que a calcinha encurta e deixa a vista mais livre, o espírito se eleva. Descobri que se pode medir o grau de cultura com uma régua.

Comenta-se muito um filme dinamarquês, intitulado *Pat e Patachon*. Vou a uma sessão, à tarde. Os presentes, dentre os quais há muitas crianças, estão jubilantes. Na tela veem-se um gordinho e um magricelo. Eles caminham com passos vacilantes, trançando as pernas por horas a fio. Um dos dois abre uma torneira e depois não consegue mais fechá-la. A água jorra para o alto. Ele, então, se senta sobre o jorro de água. O público gargalha.

Enquanto estou assim, sentado no escuro, me pergunto o que encontro ali. Uma alegria inofensiva. Música de cinema: "De onde vêm seus lindos olhos azuis?", "Bonequinha, você é a luz dos meus olhos". Uma banda de jazz, ora ruim, ora melhor. Militares orgulhosos, que carregam suas espadas. Gente sentada nos cafés. Mulheres que olham pelas vidraças. Jornaleiros. Desocupados nas estações de trem. Caixas de correio, telefones, funcionários em guichês. Ao anoitecer, a lua, a lua em meio a uma massa azul-escura e, junto a ela, nuvens esbranquiçadas. Eu no meio das risadas de homens, mulheres e crianças, na tela de cinema, na sala de cinema. O lanterninha que me vende um programa, que eu não sou capaz de ler. Ao piano, uma música conturbada. É uma tarde de domingo. Duas horas durante as quais eu não penso em nada e me estico nessa sala escura e descanso.

No Oaza dança-se. É um lugar de primeira categoria. À meia-noite aparecem os casais típicos da alta burguesia. Há dois deles que querem parecer que sabem dançar bem, e executam seus passos com uma expressão compenetrada, enquanto olham timidamente para o público. Um senhor mais velho, trajando *smoking*, com uma mulher rechonchuda. A banda de jazz está

VARSÓVIA

sobre um pódio, diante de uma parede pintada. Por fim, consigo classificar esta música: trata-se de dadaísmo negro. Eles imitam a música original com uma docura admirável. É por isso que eu os amo. Eles são capazes de ofender, escarnecer e seduzir. A gente mal percebe, mas a clarineta toca junto com o piano, o violinista canta em falsete, a percussão toca nos momentos errados. Eles martelam como se fossem pedreiros. Agora tocam “Chicago”. Duas pessoas tristonhas se levantam de uma mesa na qual há cálices de vinho, dançam, continuam tristes, são incapazes de se livrar de suas tristezas. Uma delas é um moreno, muito bem penteado, uma espécie de Herriot. Ele se curva enquanto dança, tropeça. O saxofone começa a soar. Os músicos se levantam de seu pódio, menos o pianista e o percussionista, que não têm como se levantar. Agora todos se levantam de suas mesas e se põem a dançar no meio do salão. A elegância burguesa nunca perde o equilíbrio. O dançarino moreno faz uma reverência diante de uma jovem esguia trajada de amarelo. Eles saem dançando tango com muita habilidade. Há surpresas rítmicas. Ora eles se apressam, ora permanecem estáticos. Deslizam com passos discretos. Então ele a puxa para trás e a lança por sobre a coxa. Ele a empurra para a frente e um dos seus pés já está colocado, obscenamente, entre os sapatos com escaravelhos dourados dela. Ele gira sobre os calcânhares, lança-se para um lado, desliza para trás. Ao mesmo tempo, o saxofone continua a balir. Depois, sentam-se, cada qual a uma mesa. Ela envolve o pescoço com uma estola de pele. Tem cabelos loiros, rosto de menina, lábios voltados para cima. Ele dá umas tragadas num cigarro. Eles ainda dançam um Boston soluçante. O pianista recua e agora toca percussão. Um dos músicos pega a perna de uma cadeira e se põe a soprar nela. Os outros se juntam a ele, num coro ofegante e explosivo.

As mulheres das boas famílias engordam nas ancas, mas tentam ocultá-las com cintas. Estas, porém, despencam durante as danças. Agora um solista está sentado bem no centro da sala. Com os joelhos segura a lâmina de um serrote, verga-a com a mão direita e a golpeia suavemente com a mão esquerda, produzindo sons

VIAGEM À POLÔNIA

encantadores. Ele toca Puccini num serrote. Esta voz que brota do metal é uma voz que parece mais humana do que a própria voz humana, é um cantar etéreo, que se estende e sussurra. Sons pairam no ar, o som imaterial das esferas, produzidos por uma lâmina de serrote. — O que se encontra em toda parte? A Europa das classes altas. Há algo em mim que se sente em casa aqui.⁷⁷

77. Embora Döblin a descreva como uma “viagem aos judeus”, a obra dedica grande atenção aos aspectos político-sociais da Polônia ressurgida. O autor frequenta óperas, teatros e outras atividades culturais típicas da burguesia, à qual pertencia por hábitos e erudição. Ao longo da viagem, tece uma crítica contundente a esses costumes, mas não deixa de se identificar com eles.

O bairro judaico de Varsóvia¹

Vivem em Varsóvia 350 mil judeus. Essa cifra corresponde à metade do número de judeus que vivem na Alemanha.² Uma pequena parte deles vive dispersa pela cidade, a grande maioria, porém, habita sua região nordeste. Trata-se de um povo. Quem só conhece a Europa ocidental não sabe o que isso significa.³ Eles têm seus próprios trajes, sua própria língua, sua

1. A ocupação judaica do bairro remonta a uma lei de 1821. No outono de 1940, a área foi incorporada ao gueto de Varsóvia, arrasado após a revolta ocorrida entre 19 de abril e 16 de maio de 1943. Depois da guerra, no local foi erguido o bairro de Muranów, onde hoje se encontram dois monumentos aos heróis do gueto e, desde 2013, o Museu Polin da História dos Judeus Polacos. Ao longo do capítulo, Döblin menciona também outros espaços de presença judaica em Varsóvia.

2. Efetivamente, o que levou Döblin à Polônia foi o violento atentado antisemita ocorrido em novembro de 1923 no bairro de Scheunenviertel, em Berlim. Considerado um dos primeiros episódios dessa natureza na República de Weimar, deixou a comunidade judaica berlimense em estado de choque e perplexidade. O bairro já recebia, desde o século XIX, refugiados judeus vindos do Leste Europeu. Na tentativa de responder à onda migratória, os donos das grandes lojas de departamentos Wertheim e Tietz, também judeus, passaram a reservar vagas de trabalho para esses recém-chegados. Essa prática alimentou teorias conspiratórias segundo as quais haveria um “conluio judaico” que bloqueava o crescimento econômico da Alemanha. Entre as justificativas do atentado estava a crença infundada de que os judeus monopolizariam o papel-moeda, controlariam a economia e acabariam por escravizar os alemães.

3. Havia uma distinção clara entre os judeus emancipados, como Alfred Döblin, e os judeus tradicionais. Em resumo, os primeiros, a partir dos séculos XVIII e XIX, deixaram gradualmente a vida nos enclaves judaicos e, sob a influência do Iluminismo, integraram-se tanto quanto possível às sociedades dos Estados-nação europeus em formação, sobretudo na Alemanha e no Império Austro-Húngaro, adotando valores burgueses. Já aqueles que permaneceram nos enclaves continuaram a cultivar uma vida fortemente determinada pela

VIAGEM À POLÔNIA

religião, seus costumes, seu antiquíssimo sentimento nacional — e também sua própria consciência nacional.

Os judeus foram expulsos da Palestina, sua terra natal, há 2 mil anos. E, desde então, perambularam por muitos países, às vezes por vontade própria, às vezes por terem sido expulsos. Foram comerciantes, homens de negócios, financistas, sempre estiveram em íntimo contato com os povos em meio aos quais viviam, mas, ao mesmo tempo, permaneceram sempre firmemente ligados às suas peculiaridades e especificidades. Sempre houve partes que se desgarraram, mas, ainda assim, o povo manteve sua integridade. E hoje a população judaica é maior do que era há 2 mil anos. Do sul foram empurrados para o norte: foram arrancados da Espanha, onde haviam residido às centenas de milhares, e também foram expulsos da França para a Alemanha, e de lá para a Polônia e para a Rússia. O ódio econômico sempre os vitimou, assim como a repulsa a um povo estrangeiro, a má vontade, o medo de seus cultos estranhos. Essa Polônia os acolheu no século XIII.

Chegaram a um país onde havia poucas cidades, e passaram a ocupar uma posição social intermediária, a meio caminho entre os camponeses e a nobreza. Desempenharam as funções de uma classe burguesa. Um certo duque de Bolesław concedeu-lhes privilégios e os protegeu, garantindo-lhes, também, autonomia judiciária e administrativa.⁴ Seus privilégios foram confirmados várias vezes, também por Casimiro, o Grande e, por último, pelo rei da Polônia Stanisław August, no século XVIII. Desfrutavam de verdadeira autonomia num grau elevado.⁵ Logo começou

religiosidade, distante das ideias iluministas de desenvolvimento e progresso, caso muito mais frequente na Europa Oriental. Para Döblin, até então, esses judeus eram praticamente desconhecidos.

4. Em 1264, o príncipe polonês Bolesław, o Piedoso, emitiu o Estatuto de Kalisz, que concedia a liberdade aos judeus e estabelecia as obrigações dos cristãos. O rei Casimiro III, o Grande, renovou-o em 1334 e ampliou seu escopo para todo o Reino da Polônia.

5. Os membros das comunidades judaicas que pagavam impostos elegiam um conselho comunitário, o *kahal*, responsável por distribuir a carga tributária entre as famílias, regular questões comerciais, supervisionar sinagogas, escolas

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

a circular um dito: “Polônia, o céu da nobreza, o paraíso dos judeus, o inferno dos camponeses”. Ainda assim, em todos os séculos, sempre houve perseguições aos judeus. A nova era nacional revogou seus privilégios. Agora a política das minorias e da autonomia ressurge, sob novas vestes.

Em Varsóvia, fixaram-se no Beco de Abrahão,⁶ no centro da cidade. Eram proibidos de exercer o comércio, conforme a legislação de Varsóvia à época. Só aos cristãos e aos cidadãos locais era garantido o direito de comerciar. Em várias ocasiões, eles foram expulsos da cidade, passando a viver em aldeias, sob a proteção da nobreza. Ainda em 1788 deputados de Varsóvia exigiram que todos os decretos concernentes aos judeus se tornassem ainda mais severos. Não obstante, eles permaneceram sob a proteção da nobreza.⁷ “Existem determinadas necessidades econômicas diante das quais outros fatores não têm relevância alguma.” Com 3,5 milhões de judeus na Polônia, hoje este é um povo que continua a crescer.

A rua Nalewki atravessa o nordeste de Varsóvia na mesma direção da Krakowskie Przedmieście e da Marszałkowska. É

e instituições de caridade, além de atuar como tribunal em conflitos internos. Em nível suprarregional, os judeus poloneses possuíam o chamado *Vaad Arba Aratzot*, “Conselho dos Quatro Territórios”, que se reuniu pela primeira vez em 1580, e, a partir de 1623, também o *Vaad Medinat Lita*, “Conselho da Terra da Lituânia”. Ambos exerciam funções semelhantes às de câmaras municipais em assuntos da vida judaica, sendo reconhecidos pelas autoridades da comunidade polaco-lituana. Essas instituições foram dissolvidas em 1764.

6. Os primeiros judeus que se estabeleceram em Varsóvia chegaram provavelmente na virada dos séculos XIII e XIV.

7. Em 1483, o príncipe da Mazóvia, região histórica em torno de Varsóvia, impôs restrições comerciais aos judeus. Em 1527, Varsóvia recebeu o privilégio de *non tolerandis judaeis*, que impedia sua residência na cidade e os obrigava a se fixar em localidades vizinhas. Embora a proibição tenha sido repetidamente burlada, não se formaram novos bairros judaicos. Desde o século XVII, havia colônias judaicas em propriedades nobres e eclesiásticas juridicamente autônomas, como na área da atual Aleje Jerozolimskie. No século XVIII, os judeus voltaram a se estabelecer em vários pontos, mas foram sucessivamente expulsos, mesmo após a suspensão da proibição de residência em 1768.

VIAGEM À POLÔNIA

uma rua larga, a principal artéria do bairro judaico de Varsóvia. De ambos os lados da Nalewki saem ruas, com suas travessas e travessinhas. E tudo, ali, é lotado, apinhado de judeus. Os bondes trafegam pela Nalewki. Os edifícios ao longo dessa rua têm fachadas sujas e decrépitas, como a maior parte dos edifícios de Varsóvia. Cada prédio tem seu pátio interno. Entre num deles. É um quadrado que se parece com um mercado, tal a quantidade de gente que se amontoa ali. São judeus, a maior parte deles vestidos com cáftens. Em torno do pátio há lojas de móveis e lojas de peles. E, ao atravessar o pátio de uma dessas construções, alcanço outro pátio, apinhado, cheio de caixotes e de carroças. Judeus carregam e descarregam as carroças. Há grandes estabelecimentos de comércio ao longo da rua Nalewki. Placas coloridas anunciam, às dúzias, couros, peles, ternos, chapéus, malas. No térreo dos prédios e nas sobrelojas, estabelecimentos de comércio. Em direção à cidade, no lado sul da rua, junto à rua Długa, veem-se grandes lojas modernas: perfumaria, carimbos, produtos manufaturados. Leio nomes estranhos: Waiselfisch, Klopferd, Blumenkranz, Brandwain, Farsztandig, Goldkopf, Gelbfisch, Gutbesztand. Nomes derrogatórios foram dados aos membros desse povo desprezado. Continuo a ler: Goldluft, Goldwaser, Feldgras, Oksenberg.⁸ Há mulheres judias em meio à multidão. Usam perucas negras, cobertas por um pequeno véu negro, enfeitadas na parte posterior com uma espécie de flor. Estão envoltas por mantilhas negras. Chama a atenção um homem alto, vestido com roupas modernas, acompanhado de sua elegante irmã. Tem um andar orgulhoso e leva sobre a cabeça um barrete de judeu. Sobre o calçamento, famílias conversam. Dois homens mais jovens, trajando cáftens imaculados, com suas mulheres vestidas com roupas polonesas modernas e

8. A maioria dos judeus poloneses só recebeu sobrenomes após as partilhas da Polônia, em virtude de decretos imperiais — na Áustria em 1787, e na Prússia em 1796–1797. Era possível escolher o sobrenome mediante pagamento às autoridades. Sem condições de arcar com esse custo, os judeus pobres eram, muitas vezes, obrigados a adotar nomes pejorativos ou ridículos.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

muito sedutoramente maquiadas. Junto a eles, um menino vestido de marinheiro. Em sua boina lê-se “torpedo”. Um policial polonês orienta o tráfego. Este convívio entre dois povos distintos! Veem-se moças que passam de braços dados, não parecem judias, riem, falam iídiche, vestem-se à moda polonesa, até mesmo usam meias transparentes. Caminham eretas. Os ombros dos homens são frouxos, suas costas, encurvadas, seus passos, arrastados.

É manhã. Chama a atenção a massa de velhos com barbas brancas. Veem-se muitos cáftens sujos, esfarrapados. Eles olham com seus rostos pálidos e suas barbas amareladas. A atividade dos comerciantes nas calçadas e nas ruas é muito intensa. Há também muita gente que permanece encostada nas paredes, com uma expressão indiferente e obtusa no rosto. Cinco homens completamente esfarrapados aguardam diante de um corredor, com cordas atadas em torno do corpo. São carregadores. Jornais em iídiche são apregoados. De enormes porões saem homens que carregam grandes sacas às costas. São horrivelmente maltrapilhos. As solas de suas botas estão soltas, as mangas de suas camisas, rasgadas, as costuras, arrebentadas. Um menino conduz um velho com olhos brancos e mortos. São mendigos. Uma mulher velha e ensebada se insinua entre os passantes e estende a mão. Diante de uma banca oficial de venda de cigarros, junto ao calçamento, três judeus velhos permanecem fumando e conversando. Há muita gente assim, à toa, que fica olhando e espera, espera, espera... Uma ventania sopra, a cada tanto, ergue pelos ares seus mantos negros, deixa à vista os fios das suas vestimentas rituais. Diante de uma vitrine, um homenzinho gordo, de barba negra, uma corda grossa e cheia de nós em torno do tronco, com ares de erudito. Seu cáften ensebado e suas calças são trapos. Outros perambulam, em pequenos grupos, vagarosos. Os gigantescos armazéns de tecidos. Leio os nomes: Seidenstrumpf, Butterfass, Tuchwarger, Spiegelglas. E então Jakob Natur, Israel Gesundheit. A cada dez ou doze prédios surge uma quitanda de um judeu. Veem-se frutas nas vitrines. Um homem caminha em meio à multidão carregando um monte de bengalas debaixo do

VIAGEM À POLÔNIA

braço. Longas barbas balançam ao vento, negras, muitas delas ruivas. Predominam tipos franzinos e narigudos. Na escuridão, ao fundo das lojas, veem-se cada vez mais homens sentados, às vezes junto a mesas, que comem, discutem. Carroças abarrotadas de tecidos transitam de um lado para outro. Leio os nomes: Amethyst, Diamant, Safir, Goldwasser, Mülstein. Às vezes veem-se rostos muito vermelhos com barbas ruivas como raposas, e homens de ombros largos. A rua Gęsia cruza a Nalewki. É uma rua estreita e muito comprida pela qual transitam bondes. Judeus em carroças, trajando cáftens, dobram a esquina, acompanhados de elegantes senhoras. Carroças abarrotadas de sacas.

E então caminha, em meio à multidão, uma figura que chama a atenção: um homem muito alto, trajando um longo cáften de seda, com uma longa barba branca repartida ao meio, que oscila ao sabor do vento. Leva sobre a cabeça um grande chapéu redondo. Seus olhos estão fixamente voltados para a frente. Tem uma expressão austera e orgulhosa. A seu lado vai um homenzinho muito asseado. É um rabino. Ele caminha e a multidão de comerciantes não o vê. E, a pouca distância dele, um cortejo fúnebre católico segue pela rua. À frente, de ambos os lados, no alto de hastas, há lamparinas acesas. Atrás do carro fúnebre seguem os enlutados, gente simples, com as cabeças descobertas e, por último, uma única carroça com as mulheres. Que rostos enrugados vejo à minha volta! Assoam o nariz sem usar lenços: levam a mão ao nariz e a enxugam nos seus cáftens.

A rua Dzika. A pequena joalheria: uma moça judia, na flor da idade, à porta, com cabelos ruivos cacheados e exuberantes. Num abatedouro de gansos uma mulherzinha rude trabalha na vitrine, com os braços mergulhados em sangue até a altura dos cotovelos, e destrincha um ganso. Tapeçarias, padarias, açouques, lojas de quinquilharias. Um livreiro ambulante oferece livros em iídiche. Crianças aos montes: chama a minha atenção seu tipo eslavo. Os traços judaicos só aparecem depois. Vagarosamente, um homem atravessa o calçamento, levando uma cadeira na mão direita, outra na mão esquerda e mais três empilhadas sobre a

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

cabeça. Surpreendo-me ao ver uma lojinha muito estreita e alta, apenas um quartinho que se abre para a rua. Em seu interior está um homem muito velho que fuma, sentado sobre um banco. A lojinha está atulhada de cima a baixo, com um lixo pavoroso, uma montanha de ferro-velho que chega a cobrir seus pés: chaves, anéis, arames, fechaduras. Nas tabuletas leem-se nomes como Kleinfinger, Berlinerblau, Rotblut, Halbstrunk, Tuchband, Zweifuss, Alfabet, Silberklang. Pintores de paredes vestidos com aventais e com as cabeças cobertas por boinas andam de um lado para o outro carregando escadas, cal. Ao falar, essas pessoas não gesticulam tanto assim com os braços e com as mãos. O que se pensa no Ocidente é uma distorção. Há velhos com longos cachos trançados pendendo junto às orelhas. Vistos pelas costas, em seus pesados cáftens, que parecem saias, assemelham-se a mulheres. E, de fato, quando saltam sobre alguma poça, levantam as saias como se fossem mulheres. Muitos deles têm uma expressão sonhadora. Parecem ainda não ter despertado.

Um homenzinho, velhíssimo e muito sujo, se arrasta ao longo de um muro. Quando o vejo de frente, percebo que ele está pálido como cera. Sua boca permanece aberta. Seu olho esquerdo é pequeno e vermelho. Sua pálpebra parece virada do avesso. Mas seu olho direito está arregalado e é branco. Ele tateia à sua frente, com a bengala na mão esquerda. E assim ele segue, ao longo do muro em ruínas, sob a luz do meio-dia. Um pequeno engraxate judeu me espia, corre em minha direção, me puxa da rua para o portal de um prédio. Rápido como um raio, ele se põe a lustrar meus sapatos com golpes de escova, à direita e à esquerda. Por fim, a flanela se rasga, tal a intensidade do seu trabalho. Os sapatos estão reluzentes como verniz. Mais três meninos se colocaram à nossa volta. O engraxate e um deles trocam palavras nervosas e hostis. E então um dos menino termina o serviço. Pergunto o preço. No mesmo instante uma tensão toma conta dos três outros meninos, e eles se aproximam. Ele pede dois zlotys. Dois zlotys! O preço desse serviço deveria ser 50 centavos, isto é, um quarto do que ele pede. Os meninos esperam para ver

VIAGEM À POLÔNIA

o que vou responder ante tamanho atrevimento. E eu pago — pago dois *zlotys*. Depois, consigo ver o rosto radiante do meu engraxate. Enquanto isso, os outros três conversam, cheios de ódio e de cobiça. E então meu engraxate subitamente passa correndo ao meu lado, fugindo, perseguido pelos outros.

A grande sinagoga na rua Tłomackie:⁹ um templo em estilo classicista, estreito, alto. No topo, uma cúpula com uma estrela de Davi. Um pequeno servente conversa com um policial polonês ao pé da escadaria. É sábado de manhã. Os frequentadores sobem os degraus, em massa. Aqui há poucos que andam vestidos de cáftens e barretes: é a sinagoga da classe média e também dos esclarecidos, dos emancipados e dos assimilados. Uma antessala vazia com portas de vidro. E, curioso: à direita e à esquerda da entrada há pias com água gotejando. Os que entram mergulham ali seus dedos: são os resquícios de um banho ritual judaico e, ao mesmo tempo, como isso se parece com as pias de água benta das igrejas católicas! No interior do templo acumula-se a multidão. As pessoas conversam, a maior parte delas em voz baixa, algumas em voz alta. Um homem mais velho pede a um jovem que lhe ceda o lugar. Como faíscam os olhos desse homem de barba grisalha, que acaba por chamar o bedel. Balançando a cabeça e falando-lhe com delicadeza, o bedel acaba por desalojar o jovem. O grisalho continua a lançar olhares venenosos por um bom tempo. Na parede dos fundos, junto a inscrições em polonês, há três relógios com letras hebraicas. Mostram horas diferentes. Não os comprehendo.¹⁰ À minha frente, um homem reza muito

9. A Grande Sinagoga de Varsóvia, reformista, localizava-se no número 7 da rua Tłomackie e era a maior da cidade, com capacidade para cerca de 2,2 mil pessoas. Construída entre 1875 e 1878, foi dinamitada pelas tropas alemãs em 16 de maio de 1943, ao término do levante do gueto. Atualmente, o principal centro religioso e cultural judaico da capital polonesa é a Sinagoga Nożyków, na rua Twarda 6, erguida entre 1898 e 1902, e uma das duas, dentre as cerca de quatrocentas sinagogas e casas de oração de Varsóvia, que sobreviveram sem danos à guerra.

10. Os relógios mostravam os horários das orações matinais e vespertinas, assim como as orações do *shabat* e dos feriados judaicos.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

alto ao mesmo tempo em que balança o corpo. Tem a cabeça coberta por um chapéu. Subitamente, ele se volta, interrompe suas preces, bate nos ombros de um servente de cabelos brancos. Eles se põem a conversar sobre a doença de uma mulher. O bedel exclama: “Não fiquem parados no meio do caminho!”. No andar superior, as mulheres permanecem sentadas por detrás de uma cerca branca. Vejo chapéus modernos e elegantes. O número de mulheres, aqui, é muito inferior ao que se vê nas igrejas católicas. A maior parte dos homens portam seus xales de oração¹¹ brancos, com listras negras e azuis. Alguns os usam como se fossem cachecóis, outros os levam dobrados, pendurados nos braços. Há também muitos jovens que caminham de um lado para o outro, dentre os quais quase uma dúzia de soldados. Mais tarde, serão ainda mais. Evidentemente, não se trata de gente distinta. Não hesitam em enfiar o dedo no nariz enquanto conversam. Há pessoas com ar compenetrado, que seguem vagarosamente pelo corredor central. O bedel abre espaço para elas, que se sentam à frente da sinagoga. Meninos com boinas de marinheiro ficam de pé sobre os bancos enquanto seus acompanhantes leem os livros de rezas e os seguram pela mão. Esses homens têm olhares ágeis. Há muitos rostos largos e carnudos. Conto sete janelas de cada um dos lados da sinagoga. São janelas pequenas, desprovidas de ornamentos. Da galeria erguem-se sete colunas, que sustentam sete arcos de cada lado. Uma pequena escada leva ao altar. Uma lamparina vermelha, acesa. Uma grande cortina. A liturgia se assemelha à que se vê nas igrejas católicas, especialmente no momento em que o sacerdote abre a cortina, apanha um utensílio de prata que tilinta e ressoa, e o segura no braço como se fosse um ostensório. Acompanhado de funcionários, o sacerdote desce os degraus, passa diante do altar em meio a cânticos, volta

11. Döblin se refere ao *talit*, um xale usado pelos judeus durante as orações, em cujas extremidades há fios atados em uma borla, chamados *tsitsit*. Ao longo da obra, ele evita nomear objetos religiosos em hebraico, como usual no ambiente judaico, o que pode ser visto como indício de seu distanciamento em relação à identidade judaica durante a viagem.

VIAGEM À POLÔNIA

a subir os degraus. Em cima há homens comuns que leem. Aqui vê-se uma grande proximidade entre a comunidade e o sacerdote. Eles leem e, a cada tanto, a multidão e o coro se juntam a eles, ruidosamente. Agora surgem meninos no altar. Ouço como eles recebem bênçãos. Ouvem-se sussurros de todos os lados. Muita gente se precipita, nervosa, sobre o corredor central, querendo aproximar-se do altar. O templo está lotado. Em sua parte posterior, entram, incessantemente, pessoas que se empurram da antessala. O servente, com sua barba branca, briga com elas. No altar, um menino recita palavras em hebraico com uma voz apaixonada. Sua voz justamente está mudando e a cada tanto ele desafina. Embaixo, as pessoas sorriem e fazem sinais. Todos os homens e mulheres se levantaram e esticam o pescoço. Há cada vez mais gente tentando ir para a frente da sinagoga. O sacerdote canta, em seguida outro menino começa a recitar. E agora há homens que começam a ir embora enquanto outros continuam se empurrando da antessala para o interior da sinagoga. Eu também vou embora, da mesma forma que as mulheres, no andar superior. Na antessala formam-se grupos que discutem uns com os outros. Postados ao pé da escada, de lá fitam os passantes.

Fora, as lojas estão fechadas. Devagar, homens trajando câfvens flanam pela rua silenciosa. À medida que me aproximo da praça do teatro, a paisagem se transforma rapidamente. Estou de novo na Polônia, numa grande e pulsante cidade polonesa.

A liquidação da Idade Média judaica na Europa do Leste começou na segunda metade do século passado. A modernidade se apresentou diante das aldeias judaicas por meio da indústria moderna e da economia capitalista. Começou, assim, uma crise crônica, que exigia mudanças radicais que, no entanto, só foram possíveis no país de forma parcial. A emigração alcançou cifras enormes. Na América do Norte, então, ocorreu, sem qualquer tipo de restrição, uma rápida e radical transformação na condição econômica dos emigrantes: 78% dos judeus norte-americanos se tornaram operários. Dentre os que permaneceram na Europa do Leste, o resultado da crise foi a busca por

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

trabalho físico e produtivo. Em apenas três décadas, 175 mil judeus se tornaram camponeses. Mas o decreto russo, “Fora do campo!”, pôs fim a essa tendência.

Durante o século XX, a crise ininterrupta agravou-se ainda mais. Começou a guerra na Europa: 400 mil judeus, isto é, cerca de 80 mil famílias, foram desalojados, perdendo suas moradias, lojas, oficinas, terras de cultivo. Em seguida, entre 1918 e 1921, guerra civil, epidemias, *pogroms* no território russo, que vitimaram meio milhão de judeus.¹²

Um jovem político judeu conversa comigo e diz, sorrindo, indiferente, que na Polônia os judeus têm sua igualdade de direitos garantida pela Constituição. Na prática, porém, há muita coisa que continua como no tempo dos russos. Quem tem a nacionalidade judaica não tem chances de avançar na carreira militar. O Acordo de Versalhes, em seu Artigo 10, trata das comunidades judaicas. E o Artigo 11 trata dos judeus. Na condição de minoria, eles devem ter assegurados seus direitos a uma língua e a uma religião próprias. É preciso admitir que isso não significa um claro reconhecimento jurídico da nacionalidade judaica. Mas, por força das circunstâncias, os judeus são considerados como uma nacionalidade, estão representados como uma das minorias no Sejm, o parlamento polonês. Os poloneses de direita querem um Estado Nacional. Outros, porém, querem uma Federação. Esse foi o sentido da operação militar chefiada por Piłsudski em 1920. Ele

12. A partir do século XIX, e sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, grande parte dos enclaves judaicos do Leste Europeu empobreceu e se esvaziou. Esse processo foi impulsionado pelo ressurgimento da Polônia no pós-guerra e com a crescente demanda por mão de obra na indústria nacional, que atraiu essa população às grandes cidades e levou à formação de uma expressiva classe proletária judaica no país. À dissolução do mundo tradicional judaico, somaram-se as políticas antisemitas, as condições de vida precárias e as sucessivas crises descritas por Döblin — fatores que ajudam a explicar o elevado número de judeus que, entre o final do século XIX e o início do XX, buscaram refúgio na Alemanha. Nesse contexto de crise social e hiperinflação, os acontecimentos do Scheunenviertel em 1923 emergem como uma resposta violenta e irracional.

VIAGEM À POLÔNIA

chegou até Kiev. Quis tomar conta de toda a Ucrânia. Esteve em Vilna, na Lituânia, e quis tomar conta da Lituânia. Ele queria uma grande Polônia, na qual vivessem amigos cercados por amigos. A direita opôs-se a ele, enquanto as legiões e os jovens estavam do seu lado. Mas os bolcheviques o expulsaram de Kiev. E o que ficou foi a difícil, muito difícil solução parcial de hoje, a colcha de retalhos do Estado polonês atual. Aliás, sorri o político, toda essa discussão já nem é mais atual. Atual, na Polônia, é saber se as finanças vão se estabilizar e se a economia tem como se sustentar.

Quantos judeus vivem na Polônia? Cerca de 3 milhões. Isso significa dez por cento da população do país. E quantos judeus há no mundo hoje? Cerca de 15 milhões. Aqui obtenho um retrato da situação econômica dos judeus poloneses. O Estado polonês passa por uma crise de estabilização. Ela atinge os judeus com uma intensidade extrema. Pois há, entre eles, muitos que vivem do comércio e de insanas especulações. Até o momento, as medidas políticas do Estado polonês impediram essas massas de se expandirem e de se organizarem de maneira normal. Está a caminho a tributação de renda e de patrimônio. Só uma minoria possui algum patrimônio e algum capital, enquanto a tributação sobre a circulação de mercadorias atinge todos os comerciantes, que são taxados em 2,5% de tudo o que vendem. A consequência disso é que, neste ano, em Varsóvia, os judeus solicitaram 8 mil concessões de comércio a menos do que no ano anterior. Em Łódź esse número mal atinge a terça parte do registrado no ano anterior. As massas de comerciantes se dissolvem. O próprio Estado, sendo pobre, está em busca de receitas. Para tanto, recorre aos monopólios. Os comércios de tabaco, aguardente e palitos de fósforos são monopólio do Estado. Ainda assim, há 32 mil famílias judias interessadas no comércio de aguardente e de tabaco. O lema “Deixar o comércio em favor do trabalho físico e produtivo” torna-se extremamente urgente. Ao mesmo tempo, há um dito oficial que circula pela Polônia de hoje: “Um terço dos operários das indústrias terá que emigrar, um terço terá que encontrar outra profissão, um terço permanecerá para atender à

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

demanda interna". A emigração, em especial para a América do Norte, tornou-se extremamente difícil na atualidade. A fundação de um Estado judeu na Palestina, o "Lar Nacional", é considerada por uma parte da massa judaica como a única solução possível.¹³ Ouço falar, também, do projeto do governo russo para a Crimeia, e circula a ideia de que, um dia, a Rússia vai se tornar um país de imigração judaica. A simples mudança de situação social e econômica das massas judaicas, que deixam de lado o comércio e passam a se dedicar ao trabalho produtivo,¹⁴ como campone-
ses e como artesãos, é levada a cabo com grande energia por uma instituição denominada ORT,¹⁵ que constrói oficinas, pa-
trocina assentamentos agrários e fornece máquinas e sementes. Me alegro ao ver um cartaz dessa organização inteligente e de indiscutível utilidade: um camponês corpulento balança em seus braços um alfange. Trata-se de um judeu ucraniano. À sua volta estão representados os comerciantes magricelos, que olham atônitos para este gigante.

13. Döblin visitou a Polônia num período de forte efervescência dos ideais de autodeterminação judaica e de crescente anseio pela criação de uma pátria nacional. A noção de um Estado judeu já circulava desde o século XIX, for-
mulada por autores como Nathan Birnbaum, que cunhou o termo "sionismo", Theodor Herzl, autor de *O Estado judeu* (1896) e organizador do Primeiro Congresso Sionista, e Max Nordau, cofundador e teórico do movimento. Os debates eram intensos e muitas vezes marcados por divisões e dissidências quanto aos rumos do projeto sionista.

14. O processo de secularização dos judeus na Polônia, entendido como sua integração à sociedade não judaica, ocorreu paralelamente à proletarização do país e, em grande parte, em decorrência dela. Ainda assim, essa integração foi distinta — e muito mais limitada — que a emancipação judaica, a Haskalá, ocorrida um século antes na Alemanha, quando os judeus buscavam ascender à condição burguesa: sonhavam com o reconhecimento das classes altas, adotavam os hábitos dessas elites, falavam alemão em lugar do iídiche e rejeitavam qualquer traço que os vinculasse ao passado nos enclaves do Leste.

15. Em russo transliterado, *Obshestvo Remeslenovo i zemledelcheskovo Truda* [Sociedade de Artesanato e Trabalho Agrícola].

VIAGEM À POLÔNIA

Falo com um líder sionista,¹⁶ um homem barbudo, cheio de vida, extraordinariamente enérgico.

O povo polonês despreza e ridiculariza os judeus. Também tem medo deles, de certa forma. A velha nobreza polonesa tinha judeus que lhe serviam como bobos da corte e algo disso subsiste até hoje. No judaísmo polonês de hoje não existe vida religiosa e espiritual, um movimento religioso e espiritual como nos tempos do apogeu do hassidismo. O judaísmo se encontra inteiramente sob o signo da secularização. O velho clericalismo é combatido e deve continuar a ser combatido. As formas de vida vão se tornando cada vez mais livres. Muita gente já usa veículos no *shabat*, fuma no Jardim Saxão durante o *shabat*. A observância estrita só se mantém nas ruelas do bairro judaico. O cáften e o capote já não significam muita coisa.¹⁷ Há comunistas que se vestem com cáftens. As velhas escolas, *cheders*, estão em vias de desaparecimento. O fato de que os ortodoxos tenham sido obrigados a se juntar num partido político é um sinal evidente do declínio do clericalismo.

Descubro que a divisão de cadeiras entre as minorias no parlamento polonês ocorreu por meio de um acordo: as minorias formaram um bloco. Há 34 parlamentares judeus. Muito embora os sionistas não sejam maioria, lideram politicamente a bancada judaica. A minoria judaica exige a revogação do descanso obrigatório aos domingos. Querem abrir suas lojas aos domingos. Atualmente eles sequer têm o direito de trabalhar em casa aos domingos. Dois dias de descanso por semana signi-

16. Döblin conversou em Varsóvia com o político, publicitário e historiador sionista Itzhak Grynbaum, que foi membro do Sejm e presidente do Conselho Nacional Judaico entre 1919 e 1933. Após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se o primeiro-ministro do Interior do Estado de Israel. A conversa com Döblin foi registrada em 6 de outubro de 1924.

17. O cáften e o capote diferiam apenas em alguns detalhes e, a partir do final do século XVIII, suas características se confundiram, de modo que o capote (*kapote* em iídiche, *kapota* em polonês) passou a designar genericamente as roupas externas masculinas. De forma aproximada, podia-se distinguir que o cáften era uma peça longa e estreita, semelhante a um casaco, em geral feita de tecido mais simples e em tonalidades claras. E o capote, uma roupa externa até as panturrilhas, com abotoamento duplo, gola larga e cinto, geralmente confeccionada em seda escura e brilhante.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

ficam prejuízos e, portanto, os judeus são obrigados a trabalhar no *shabat*. Querem subsídios para suas escolas. Ouço, também, o outro lado: o governo não tem como subsidiar essas escolas, uma vez que os judeus sequer têm um consenso com relação ao idioma de ensino nelas — se o hebraico ou se o iídiche. Querem, também, livre admissão nas universidades e nos quadros dos ministérios, assim como a possibilidade de galgar postos mais elevados dentro da hierarquia militar.

Um clube judaico, do partido operário de esquerda Poalei Zion:¹⁸ salas amplas, um grande refeitório. Come-se de acordo com as leis dietéticas judaicas. Jovens jogam xadrez. Há uma biblioteca com 2 mil volumes. Eles formam uma rede de cooperação, têm uma caixa de empréstimos para desempregados.

Sou levado a uma moderna escola judaica.¹⁹ Atravesso um pátio, chego a um prédio miserável, nos fundos, e subo por uma escadaria horrorosa. Dois professores jovens e inteligentes. A língua de ensino é o iídiche, mas o hebraico e o polonês são também matérias importantes. Atravesso um encantador museu escolar com esculturas de argila, vejo uma sala de aula. Meninos e meninas. Fazem colagens, desenham modelos e figuras. Aproximam-se de mim e me mostram seus trabalhos, com entusiasmo. Uma classe de alunos mais velhos: meninas bem-vestidas cantam enquanto o professor de música toca piano. Um inter-

18. O Poalei Tzion (literalmente “Trabalhadores de Sião”) era um partido de orientação socialista-sionista. Defendia a criação de um Estado judeu socialista na Palestina e, ao mesmo tempo, a autonomia cultural e nacional dos judeus na Polônia. O movimento teve origem no Império Russo no final do século XIX e organizou-se como partido em 1906. No Congresso Mundial de Viena, em 1920, o partido dividiu-se em duas alas, esquerda e direita, em torno da relação com a Internacional Comunista. Na Polônia, o Poalei Tzion da esquerda se organizou como partido a partir de 1924.

19. Döblin visitou uma escola ligada à Centralna Żydowska Organizacja Szkolna (cisz), a “Organização Escolar Judaica Central”. Fundada em Varsóvia em 1921, a instituição reunia correntes diversas — bundistas, folcloristas, sionistas socialistas e comunistas — em torno de um projeto comum de educação judaica laica e em língua iídiche.

VIAGEM À POLÔNIA

valo, durante o qual, numa outra sala, os alunos cantam uma canção exultante, cujo entusiasmo atravessa todas as paredes e atinge em cheio meus ouvidos. Essa é uma escola laica do povo judeu. Há, no ano de 1924, 103 escolas laicas como essa, em 69 cidades polonesas, que atendem 13 mil alunos. Há também colégios e seminários de professores judaicos laicos. No total, são mais de duzentas instituições de ensino como essa, com 20 mil alunos. Trata-se, portanto, de uma autoemancipação da massa operária do povo judeu. Eles não são sionistas, repudiam o clero, mas, sendo socialistas, repudiam, igualmente, a péssima ordem social vigente. Sua luta, portanto, visa dois objetivos: a libertação política e a libertação econômica. É como a ação do velho partido socialista polonês. Num panfleto o dramaturgo Scholem Asch afirma: "Nossas escolas, mais do que quaisquer outras, precisam afastar-se de todas as tendências. As almas das crianças não pertencem a ninguém. Nossa caminho em direção à humanidade é um caminho judaico". Outra expressão: "A escola das massas despertas".

Vejo duas grandes editoras judaicas²⁰ e comprehendo os efeitos das disputas entre os idiomas. Toda essa montanha de boa literatura europeia, traduzida uma vez para o iídiche e uma vez para o hebraico. Excelentes livros didáticos são publicados em dobro, em duas línguas, estes em hebraico, aqueles em iídiche. Quem apoia o hebraico são os sionistas burgueses, que são simplesmente nacionalistas. O iídiche, a outra língua popular, é cultivado pelos amigos da classe operária, pelos socialistas laicos.

Observo seus jornais, um sionista, outro socialista, um sem filiação partidária, todos em iídiche.²¹ Têm matérias interessantes. Aqui eles ridicularizam o decreto de um rabino galiciano: é proibido às mulheres mostrar os cabelos em público. As mulheres devem deixar de lado o costume das roupas transparentes, para que assim se abstêm de pecar. Do contrário, serão con-

20. Em suas anotações, Döblin relata uma visita à editora hebraica de Abraham Sztybel e às editoras iídiche de Borys Klackin e do Merkaz, em Varsóvia.

21. Trata-se dos jornais *Haynt*, sionista, e *Folkstsaytung*, socialista, além do jornal independente *Der Moment*.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

sideras pelos outros como moças solteiras. Nas casas, os leitos dos cônjuges devem ser colocados longe um do outro. Camas de casal são proibidas.

A cômica luta dos judeus de Radom contra seu *rebe*:

Antes da guerra, em Radom, um filho do Morsch-Haura de Radom, o representante do *rebe*, lecionava sem contrato de professor. Era um jovem como todos os outros. Ninguém lhe dava atenção e ninguém imaginaria que este jovem vestido à moda europeia estivesse de olho no rabinato de Radom. Em 1912 o cargo de rabino de Radom ficou vago e à época foi eleito para ocupá-lo o conhecido filho de Zirel, atual *rebe* de Kischen. O filho de Zirel já estava a caminho de Radom. No entanto, recebeu de Radom uma carta cheia de ameaças, dizendo-lhe que não ousasse ir para lá e que nenhum rabino lituano obteria a permissão necessária para aceitar um cargo de rabino numa cidade polonesa. Descobriu-se que o autor da carta com ameaças era Jechiel Kestenberg, aquele mesmo jovem de Radom, que sabia muito bem o que estava fazendo. Passado pouco tempo, ele foi designado pelo governo de então para ser o representante do rabino oficial. Este foi o primeiro passo. Em Radom houve uma grande indignação, mas isso não adiantou nada. Passado algum tempo, este Kestenberg se apresenta e passa a vestir-se com um cáften e um elegante capote, portando-se como se fosse o *rebe* de Radom. Durante a guerra, Kestenberg fez tudo o que estava a seu alcance para consolidar sua posição na cátedra do rabinato. Vi eram os austríacos e ele se submeteu a eles. Os austríacos partiram e vieram os russos e vieram dias negros para os judeus de Radom, e Kestenberg, do alto de sua tribuna, passou a falar de uma punição: eu adverti vocês para que não se aliassem aos austríacos! Por fim, os austríacos conseguiram consolidar sua posição em Radom e o *rebe*, então, tomou novamente o seu partido. Os austríacos agradeceram-lhe pelos seus serviços e o nomearam *rebe* de Radom. A guerra terminou e Kestenberg começou a fazer planos para obter sua nomeação por parte do poder polonês. No final de 1920, dirigiu um pedido a Varsóvia, para que fosse nomeado rabino de Radom. Mas aquilo que nenhum *rebe* era capaz de compreender foi compreendido por um ministro polonês. Ele recebeu uma resposta dizendo que, de acordo com as leis judaicas, um *rebe* deve ser eleito pela comunidade e não nomeado pelo governo. E o governo determinou que em Radom fossem realizadas eleições para o cargo de *rebe*. Foi estabelecido um comitê eleitoral, que já estava

VIAGEM À POLÔNIA

pronto para votar. Algumas semanas mais tarde, porém, chegou uma notificação de Varsóvia dizendo que as eleições seriam adiadas. Uma delegação judaica de Radom dirigiu-se a Varsóvia, apresentou-se ao ministro e indagou por que o decreto relativo às eleições em Radom havia sido revogado. E como resposta receberam a seguinte decisão: um conhecido deputado socialdemocrata de Radom apresentou-se ao ministro e declarou que o rabino Kestenberg é um homem muito confiável e leal ao governo. As eleições para rabino em Radom são, na verdade, uma maneira de acobertar atividades revolucionárias judaicas dos judeus de Radom, e como não há paz nas demais regiões do país — àquela época havia greves em Czenstochau — o ministro via-se obrigado a revogar as eleições. Kestenberg e os deputados se uniram para impedir que fossem realizadas eleições em Radom. Logo a seguir, judeus de Radom, de todos os partidos políticos, dirigiram um memorando ao governo, apontando para a situação anormal de Radom, onde não havia um rabino eleito pela comunidade, e também para o fato de que falsas informações tinham levado o governo a desconfiar da comunidade judaica de Radom. Em seguida, o ministro mandou anunciar que as eleições em Radom não tinham sido revogadas, mas apenas adiadas, e que assim que houvesse eleições para a Câmara municipal também haveria eleições para o cargo de rabino. Deus ajudou e chegaram as eleições para a Câmara municipal. O rabino Kestenberg começou a trabalhar em todas as frentes. Preparou uma lista própria de candidatos, que sofreu uma grande derrota: de 22 eleitos, apenas três eram da lista de Kestenberg. A Câmara municipal se constituiu, foram eleitos os administradores e, na primeira reunião da administração, foi aprovada por unanimidade a decisão de realizar eleições para rabino em Radom. A decisão da administração foi aceita pelo Conselho municipal, com dezesseis votos a favor, dois votos contra e quatro abstenções. Diante de tal decisão, a Câmara anunciou, em 21 de setembro, eleições para o posto de rabino. Mas, já no dia 26 de setembro, foi publicada nos jornais uma carta aberta de três membros do Conselho declarando que Radom já tinha seu rabino, o genial Jechiel Kestenberg. E para saber quem tinha razão bastava ler a segunda carta aberta, publicada pelos jornais no dia 3 de outubro e assinada por trinta membros da Câmara e do Conselho: Radom exige um rabino eleito e as eleições deverão realizar-se obrigatoriamente. Também foi declarado que, antes que a Câmara tivesse publicado sua segunda carta aberta, uma delegação da comunidade havia se dirigido ao ministro,

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

informando-o da história de Kestenberg e da situação das eleições em todos os seus detalhes. Em seguida, o ministro confirmou que as eleições não poderiam ser anuladas, e que Radom poderia e deveria eleger um rabino. O Gaon Kestenberg, porém, não silenciou. E, assim como anteriormente ele havia se empenhado em conquistar os deputados socialdemocratas, agora ele passou a se empenhar em conquistar a proteção da Assembleia dos Rabinos, pedindo-lhes que proibissem todos os rabinos poloneses de se candidatarem nessa eleição. Sem perder tempo, ele partiu para a realização de seu plano de impedir a eleição para o cargo de rabino, ainda que toda a população tivesse declarado expressamente seu desejo de ter um rabino eleito, e não um rabino nomeado. Esperamos que a Assembleia dos Rabinos tenha suficiente discernimento para não interferir nesse assunto.

É véspera do Dia do Perdão judaico.²² Pela manhã caminhou pela longa rua Gęsia. Ainda há algumas lojas abertas, a maior parte delas já está fechando as portas. Há enormes massas de gente na rua, os bondes estão superlotados. Passo diante de um edifício muito antigo e comprido: é um presídio militar. Diante das janelas foram fixadas placas de ferro vermelho. A luz só chega às celas por cima. Uma empresa tem como nome Kirschensaft, um cabeleireiro chama-se Nordwind. Cruzo muitos homens, todos eles judeus, que levam bilhetes presos à gola dos paletós. Não comprehendo: trata-se de uma manifestação? As ruas estão completamente atulhadas de gente. A proximidade de um cemitério se anuncia por meio de oficinas de cantaria. É a véspera do Dia do Perdão judaico. O momento do juízo se aproxima e cabe às pessoas arrependerem-se e purificarem-se. E primeiro cabe-lhes reconciliarem-se com seus mortos. Agora eles se dirigem ao cemitério, para visitar seus mortos, suplicam por perdão e pedem-lhes que intercedam junto a Deus a seu favor. Uma multidão se encaminha para a rua Okopawa. Lá se encontra o

22. O Dia do Perdão, em hebraico Iom Kipur, é o mais sagrado do calendário judaico. Celebra-se no décimo dia do mês de *tishrei* (que, em 1924, correspondeu a 8 de outubro) e tem como preceito um jejum de cerca de 25 horas, marcado pelo exame de consciência, confissão de pecados, arrependimento e conversão.

VIAGEM À POLÔNIA

grande cemitério.²³ Uma mureta baixa e vermelha o cerca: o portão de ferro está aberto. No interior há uma praça com bancos, todos eles ocupados por homens, a maior parte deles vestidos com cáftens, as cabeças cobertas por boinas ou barretes. Alguns fumam cigarros. Junto ao muro, em meio às árvores, há homens, sozinhos ou em grupos, que seguram livros nas mãos, murmuram, cantarolam, balançam, pisam com um pé e com o outro. Já me chama a atenção um murmúrio persistente que vem do lado direito, do cemitério: gritos isolados, vozes muito altas e entre-cortadas, também cânticos, deve haver ali uma grande multidão, uma multidão imensa. Ainda não a vejo. É como se eu estivesse perto de uma grande massa humana. Às vezes os cânticos, os gritos e o barulho generalizado são tão fortes que é como se eu estivesse numa quermesse. A multidão segue ao longo do muro, à direita. Lá fica a alameda principal, ampla. Ao longo dela estão as sepulturas de pessoas ilustres. Há túmulos suntuosos, grandes placas de mármore preto ou branco erguem-se, com inscrições em hebraico e em polonês, ou só em hebraico. São longos textos. Um desses monumentos, muito alto, está cercado. Há gente em torno desse túmulo, que lê as inscrições e aponta: "Peretz! Peretz!". Vejo mais um monumento extraordinário: uma cobra enrolada em torno de um galho e, junto a ela, uma roda quebrada e um jugo quebrado. Sobre uma outra placa gigantesca está gravado um longo texto em hebraico e, acima dele, a imagem dourada de um cervo com uma coroa e uma mão com uma faca.

E então me assusto com os gritos impetuosos de mulheres, que começam e terminam com uma longa e dolorosa nota can-

23. O Cemitério Judaico de Okopowa, em Varsóvia, fundado em 1799, é um dos maiores da Europa, com aproximadamente 250 mil lápides. Durante a ocupação alemã foi parcialmente destruído, serviu como local de execução e também como esconderijo para judeus perseguidos, por situar-se fora do gueto. Ali estão sepultados nomes célebres como o historiador Majer Balaban, o criador do esperanto Ludwik Zamenhof, a atriz e produtora teatral Rachel Kamińska, o último presidente do Conselho Judaico do gueto de Varsóvia, Adam Czerniaków, e o médico e combatente Marek Edelman. Há ainda um memorial e uma sepultura simbólica de Janusz Korczak. O cemitério permanece em uso até hoje.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

tada, que se repete insistentemente. Ninguém lhes dá atenção. Avançando em meio às fileiras de sepulturas, dou com um túmulo. É um túmulo horizontal, junto à terra. O cemitério inteiro está coberto por relva verde, por uma relva suave e uniforme, por flores selvagens brancas, vermelhas, azuis — no chão uma moça elegantemente vestida está deitada junto a uma mulher velha. A mulher se agarra ao túmulo sobre o qual está deitada. Não consigo ver o seu rosto. Um grande lenço preto cobre sua cabeça e seus ombros. Ela chama, grita, exclama, soluça; grita, em iídiche: Pai, nosso querido pai, você foi tão bom para nós, você ficava sentado a meu lado, todos esses anos, em casa, na loja. E eu fiquei aqui. Estou aqui. Ajude-me, para que as crianças possam estudar, para que tenham uma vida boa. A vida está difícil. A vida está tão difícil, Sara está aqui. Não estamos passando bem. Por que você morreu? Por nossa causa? Eu nunca lhe fiz nada de mau.

Às vezes a moça se ergue, assoa o nariz, enxuga os olhos, volta a se deitar.

E, conforme sigo ao longo do muro, acompanhando as fileiras de túmulos de mármore, e deixo para trás a alameda dos ricos e dos famosos, os túmulos colossais desaparecem, dando lugar a um grande campo irregular, tomado por pedras tumulares, algumas pequenas, já meio afundadas na superfície da terra, outras maiores. Aqui tudo parece confuso e abandonado. Vejo homens com livros de rezas aqui e ali, atrás das sepulturas. E de todos os lados, mesmo daqueles onde parece não haver ninguém, vêm cânticos, gritos, soluços, gemidos. Como se fossem fios de fumaça que se transformam numa nuvem grossa. A cada tanto vejo algo que se ergue em meio ao verde: costas, cabeças, rostos. São sempre moças e mulheres, com lenços, com chapéus, com velhas perucas enfeitadas com flores. Elas jazem sobre os túmulos, choram, gritam, lamentam-se, clamam, apaziguam os mortos. Muitas delas gritam numa melodia simples de dor e de lamento. Muitas mulheres cantarolam como numa liturgia, parecida com a que se ouve nas sinagogas. Este é o lugar onde elas rezam em voz alta. O serviço religioso das mulheres acontece sobre os túmulos.

VIAGEM À POLÔNIA

Os homens permanecem de pé, eretos, com seus livros de rezas nas mãos, murmuram, inclinam-se, sérios e solenes, enquanto as mulheres e as moças lamentam, gemem, soluçam, entoam suas ladinhas cortantes agachadas aos seus pés.

Em fiacres de aluguel, em táxis e em automóveis particulares chega mais gente. São homens elegantes, acompanhados de mulheres, que caminham ao lado deles. Com os olhos vermelhos e lábios trêmulos elas se colocam diante dos túmulos e fixam as inscrições com os olhos. De um lado vêm lamentos horripilantes e convulsivos. Junto a uma coluna quebrada vê-se uma mulher com roupas modernas. Com as mãos, cobertas por finas luvas de couro amarelo, ela segura a coluna lisa. Em convulsões, emite gemidos desamparados. A cada tanto ela respira, ofegante, tirando o lenço encharcado de sobre o rosto. Ela é incapaz de controlar os soluços. Agora suas mãos deslizam pela coluna e ela tomba por sobre a relva, sobre o túmulo, com o rosto voltado para o chão, e grita. De um outro lugar vem, a cada tanto, uma voz de mulher que parece estar repreendendo alguém. Uma mulher velha e enrugada está ajoelhada, bem ali. Ela chora muito alto, uivando, sempre com breves pausas. Ela abraça o túmulo com seus dois braços. Um grupo de homens forma um círculo em torno de um túmulo. Eles balançam, segurando seus livros de reza, um deles recita as preces em voz alta. Todos os túmulos estão voltados para um mesmo lado, rodeados de um mato selvagem que ameaça ocultá-los. Em cima de diversos túmulos, até mesmo sobre os monumentos de mármore, encontram-se tijolos quebrados e às vezes pedras de tamanho considerável, que seguram maços de mato, deixados ali como sinais.²⁴ Há um túmulo envolto em papel de seda branco, cheio de inscrições em preto.

24. O costume judaico de colocar pedras sobre os túmulos simboliza a honra e a lembrança dos mortos. As pedras são compreendidas como um emblema de uma memória duradoura, ao contrário das flores, que murcham e morrem. Diversas explicações foram propostas para esse gesto, entre elas a de que serviriam para manter o peso da sepultura durante as andanças do povo de Israel pelo deserto.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

Assim as súplicas são transmitidas ao túmulo. Há muita gente que anda de um lado para o outro, procurando. Depois, arranca o mato que já cobriu completamente o túmulo.

À medida que me afasto do mar de gemidos, lamentos e gritos de mulheres e vou me espremendo em meio à multidão em direção à saída — já são quase onze horas da manhã — toda a confraria de mendigos da cidade se reuniu ao longo da alameda principal do cemitério, e com eles também os jovens representantes das instituições benfeitoras da comunidade judaica. Hoje, todos fazem donativos, como se quisessem assim pagar tanto pelo mal que possam ter feito aos mortos como pelos pecados cometidos no ano que passou. É o dia dos mortos e dos pobres. Agora, multidões de mendigos, de cegos e de surdos enfileiram-se ao longo dos túmulos. Se põem no meio das alamedas e assim interrompem o fluxo da multidão. Insinuam-se em meio à gente. Gritam, lamentam, agarram, seguram os passantes pelas mãos, são implacáveis — tanto quanto as recriminações que essas pessoas fazem contra si mesmas. Há mudos que balbuciam e estendem as mãos. Um outro entoa uma ladainha espantosa. Em toda parte, ouve-se: “*Judeus! Rachmones!*”²⁵ “Deem uma esmola para uma criança judia!” Mulheres horrivelmente esfarrapadas carregam crianças envoltas em panos. Velhas judias amareladas permanecem imóveis com suas perucas duras. Um grande círculo de gente formou-se em volta de um túmulo: um jovem encontra-se prostrado ali, com a boca espumando. Braços e pernas se agitam em convulsões, mãos frouxas acompanham os movimentos. Sua boina está no chão, ao seu lado. Já na ida eu o havia visto de relance e ele continua deitado ali. Sua boina está cheia de notas de dinheiro e o tempo todo, em meio a palavras de misericórdia, o dinheiro continua a voar para lá. A espuma grossa se movimenta ao ritmo de sua respiração. Trata-se de espuma de sabão. O homem é um profissional. Um trapaceiro.

25. Hebraísmo que pode ser traduzido como “piedade”, “misericórdia” ou “compaixão”.

VIAGEM À POLÔNIA

Em toda parte, abrem-se as carteiras e os bolsos nos peitos das mulheres. Notas de dinheiro e moedas caem. Os mendigos reúnem verdadeiros montes de papel. Os voluntários e as voluntárias das instituições de beneficência judaicas se abrigam debaixo das árvores e têm latas nas mãos. Seguram alfinetes e bilhetes azuis, vermelhos e brancos: os mesmos que, há pouco, eu tinha visto na rua. Os voluntários gritam, interpelam os passantes, enfiam os alfinetes nas golas dos paletós.

À saída, a multidão é assustadora. Há um empurra-empurra perigoso. Uma gritaria colossal. Os jovens voluntários perseguem os passantes até a rua. Fora há um enorme acúmulo de veículos. Bondes suplementares circulam e ainda assim a massa não se reduz.

Estou chocado com o que vi e com o que ouvi. No bonde, subindo as escadas do hotel, sozinho em meu quarto, não consigo voltar a mim. É algo de arcaico, de atávico. Será que isso tem algum tipo de ligação com o judaísmo? Isso são resquícios vivos de ideias arcaicas! São resquícios do temor dos mortos, do medo das almas penadas. Um sentimento que foi transmitido aos membros desse povo juntamente com sua religião. São os remanescentes de uma outra religião, do animismo, do culto aos mortos.

Ao anoitecer, num *schil*.²⁶ Fica no fundo do pátio de um prédio residencial, num cômodo estreito e comprido, iluminado por luz elétrica. Está apinhado de gente. No alto, fica a galeria das mulheres. Na entrada, veem-se cartazes com o retrato de um rabino da Palestina: pedem-se contribuições para um fundo; este *schil* pertence a uma comunidade sionista. Com dificuldade atravesso, junto com meu guia, a muralha humana e me empurro, passo pela *bimá*, a elevação cercada que fica na terça parte dianteira da sala e sobre a qual se faz a leitura da Torá, até alcançar a parede dianteira, junto ao oficial e seu pequeno coro.

26. *Schil* ou *schul* são termos em iídiche para se referir ao templo judaico. A palavra “sinagoga”, por sua vez, tem origem grega.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

Em meio ao silêncio absoluto de todos os presentes, o oficial²⁷ começa a rezar o Kol Nidrei. Ele é corpulento, tem uma barba branca, traja um manto branco, sobre o qual colocou seu xale de orações. Sobre a cabeça, um barrete de veludo tecido com fios de ouro. Os xales de oração dos demais homens são simples e grosseiros. Alguns são ornamentados com bordados de prata. O oficial começo, em voz baixa. Ele volta a entoar a mesma prece, agora mais alto. E ainda uma vez, com um vozeirão choroso.

É com essa melodia poderosa que tem início a cerimônia. Não me parece, porém, que todos os presentes estejam igualmente apreensivos e emocionados. Vejo um ou outro que conversa. O pequeno coro entra em ação. Os meninos e os jovens cantam tudo de cor. É o oficial que os dirige e, durante os cânticos, acaricia este ou aquele menino, e o olha, balançando a cabeça em aprovação. Vem então o momento culminante da cerimônia. Para se preparar, o homem de barba branca cobriu a própria cabeça com o xale de orações. Outros homens na sala imitam o seu gesto. O tecido desaba sobre o seu rosto e ele o segura com o queixo. E o que eu ouço a seguir, o que ele canta, é um eco dos gemidos e dos soluços que ouvi no cemitério pela manhã. Agora, porém, em forma de cântico. Com fervor, absorto em si mesmo, ele se retirou dali, envolto em seu xale, e seu fervor enleva a todos. Ele realmente chora e soluça e seus soluços se transformaram em canção. Um cântico que é conduzido pelos soluços. A canção naufraga em seu elemento primordial. Ele faz um trinado, sua voz se arrasta de tom em tom, cada vez mais baixa. E então ele volta a erguê-la, desesperado, suplicante, e torna a abaixá-la, lamentando. E volta a erguê-la. Na galeria, o choro toma conta das mulheres. Quanto mais o homem gême e choraminga, mais elas se rendem. Seu choro se torna cada vez mais alto e cada vez mais agudo e acaba superando o dele. Um choro genuinamente

27. Döblin usou o termo alemão *Vorbeter*, que pode ser traduzido como “orador que reza em voz alta”. Corresponde ao *chazan*, o cantor litúrgico das sinagogas, responsável por dirigir o serviço religioso através do canto.

VIAGEM À POLÔNIA

temeroso tomou conta da sala e ecoa por todos os cantos. O canto grave dos homens, que balançam o corpo para um lado e para o outro, soa abafado por debaixo de seus mantos. A cabeça do velho barbudo se inclina para trás, seus olhos estão cerrados. As lágrimas correm visivelmente sobre as bochechas. E então o tumulto se acalma. Vêm hinos solenes, e também cânticos surpreendentemente alegres. E por fim, quando tudo termina, e todos já se preparam para ir embora, alguém entoa uma canção. E todos, velhos e jovens, homens e mulheres, cantam juntos: o orgulhoso e esperançoso hino sionista, *Hatikva*.²⁸

No pátio veem-se janelas acesas. Lâmpadas brilham. Olho por uma janela e vejo homens sentados sobre um banco, com seus xales de oração: trata-se de um *stiebel*²⁹ de judeus hassídicos. Eles permanecem sentados a noite inteira, rezando. Na manhã seguinte me encontro novamente na sinagoga sionista, onde também há muitos que permaneceram a noite inteira. O ar está terrivelmente abafado. Há gente com a cabeça apoiada em bancos. O homem de barba branca conduz a liturgia. Entro pelo corredor de um prédio na rua Nalewki. Os grandes pátios estão desertos. Um menino corre por ali, a cabeça coberta por um barrete preto, vestido com um casaco preto comprido, preso com um cinto. Ele é pálido, sujo e escrofuloso. Atravesso o segundo pátio com meu acompanhante. Uma moça judia muito elegante nos aponta o caminho. Ali, no edifício em frente, encontra-se a grande sinagoga dos judeus de Gur,³⁰ seguidores do grande, do mais poderoso de todos os *rebes*, o de Gura Kalwaria. Há alguns meninos que correm diante de uma porta, vestidos como o escrofuloso, mas trajando belas meias brancas de lã e chinelos.

28. Tornou-se, posteriormente, o hino de Israel.

29. Em iídiche, “pequena casa”. Trata-se de um pequeno espaço de oração, tipicamente hassídico.

30. Ger (ou Gur) é uma dinastia hassídica polonesa originária da cidade de Gura Kalwaria. Seu fundador foi o rabino Yitzchak Meir Alter, conhecido também por Chidushei HaRim.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

E enquanto nos preparamos para galgar a escadaria escura, sobre degraus desgastados e em meio a paredes quebradiças, vejo que se trata de um lugar muito especial. Uma música estridente, penetrante, não, não se trata de música, já ecoava pelo pátio enquanto o atravessávamos. Vinha daqui. Agora uma gritaria selvagem e confusa desce pelas escadarias, e então murmúrios entre-cortados por gritos, uma grande confusão de sons, que às vezes se juntam num único clamor ruidoso. Os homens estão parados na escada, de pé ou sentados. Só com dificuldade conseguimos avançar sobre as pernas deles. A entrada fica no segundo andar. Há ali uma multidão espantosa e não há como entrar. Mas meu acompanhante é um homem corajoso. Eu me sinto constrangido porque nossas roupas chamam a atenção aqui, onde todos estão vestidos com cáftens e barretes. Finalmente, quando estou no meio deles, numa grande sala, que se abre para outra, ainda maior, reconheço a seriedade solene, a profunda seriedade, não, a apreensão e a comoção das pessoas. Reconheço, igualmente, o significado das suas barbas. Compreende-se o significado das barbas quando se está em meio a essa multidão de homens com seus grandes mantos de oração sobre a cabeça. Trata-se de cabeças de árabes, de homens dos grandes desertos de areia. Posso imaginar grandes camelos ao lado desses homens. Seus rostos angulosos, expressivos, com uma vitalidade excessiva. Há neles algo extremamente forte, senhorial, heroico. Posso imaginá-los como guerreiros. Não se trata de homens da rua Nalewki de Varsóvia. Há aqui muitos velhos austeros, com os rostos voltados para a grande sala contígua, da qual às vezes ressoa uma voz muito alta, certamente aquela do oficiante. Muitos meninos leem ao lado dos grandes. Tudo se concentra em grande tensão. Os homens leem o mesmo trecho, porém cada um por si, como se cada um fosse seu próprio sacerdote. Isso é algo que se reflete em sua enorme seriedade. Enquanto rezam, os homens balançam o corpo ostensivamente, de uma maneira particularmente incisiva. A determinada altura das preces, um deles de súbito se ajoelha e, em seguida, todos os demais fazem o mesmo, em meio a um

VIAGEM À POLÔNIA

certo tumulto. Aos poucos e de maneira confusa, eles voltam a se erguer. O homem simples de barba marrom que está ao meu lado reza com ímpeto e em voz alta. Agora sua voz soa alterada, não sou capaz de seguir o que ele está lendo: ele se põe a chorar. Os outros também têm vozes vacilantes. Agora todos erguem suas vozes num coro e um êxtase confuso de clamores estridentes toma conta da sinagoga. Em silêncio, eles balançam seus corpos e, em seguida, gritam. E agora, o que é isso? Um cântico jubilante, partilhado por todos. A música se torna cada vez mais viva, já é quase uma dança, exultante. Começa com palavras e em seguida termina com um *lá, lá, lá* que já é quase uma risada.

Massas de gente se lançam, umas sobre as outras. O tempo todo os homens que estão na frente se empurram para os fundos enquanto os que estão na sala vizinha tentam entrar aqui. Eles buscam a parede dos fundos, onde há um cano de água, e voltam de lá com as mãos pingando, erguem-nas e as sacodem para secá-las. Eles são obrigados a lavar as mãos a cada vez que as sujam de alguma maneira, até mesmo por simplesmente tocar a própria cabeça. Todos trajam mantos brancos e, sobre eles, os xales de oração. Do outro lado, numa parede da grande sala, vejo suas boinas e casacos dependurados. Como parecem todos dignos! O brilho dos olhos negros desses homens simples. Como parece orgulhoso e seguro de si o menino que está ao lado deles, rezando com seu rosto redondo, cheio e imberbe.

Desço pela terrível escadaria. No pátio vejo, através de uma janela, homens sentados trajando seus xales de oração, mergulhados em suas preces. Eles não cantam tão alto, e seu número é reduzido. São os seguidores de outro *rebe*, bem menos poderoso. Atravesso a rua e me dirijo a outro prédio, nos fundos de um pátio, tão lamentavelmente arruinado quanto o primeiro. E como os degraus de pedra são tomados por multidões aqui! Todo o povo judeu está rezando, todos estão prostrados diante do seu Deus. Eles rezam sobre os degraus e quem sobe a escadaria é obrigado a passar pelo meio deles. No andar superior, meninos mais velhos brigam e trocam socos, querem penetrar

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

no *stiebel*. Um velho se intromete, com palavras entrecortadas e olhares ameaçadores. Na entrada desse apartamento há homens agachados. Na ampla antessala estão acocorados junto à parede, totalmente envoltos em seus xales de oração, que lhes cobrem até as cabeças. No interior de uma salinha eles se amontoam, segurando nas mãos os livros de oração. Ninguém nos impede de entrar. A cada tanto recebemos olhares atônitos e hostis. E agora um velho olha fixamente para mim, e em especial para os meus pés, e diz: “Aqui não se anda de sapatos”. Em silêncio, vamos forçando nosso caminho para baixo, em meio à multidão.

Nessa véspera do Dia do Perdão o fundo para a Força Aérea Polonesa pretendia realizar um concerto benéfico na sala da Filarmônica. Fiquei sabendo que compareceram apenas onze pessoas. Me contam isso com uma certa dose de prazer. Pela manhã, escândalo dos comunistas: judeus comunistas distribuem panfletos ridicularizando os religiosos, contra o “clericalismo”. Os vendedores de jornais são expulsos, e exclamam: “A religião é o ópio do povo!”. Há pancadaria. Numa cozinha operária há judeus comendo e fumando nesse dia de jejum. Ali também há brigas. Judeus que saem de confeitarias são insultados por judeus religiosos.

A grande festa se acabou. A Festa das Cabanas³¹ não está longe. E agora já se veem homens carregando tábuas nos pátios das ruas dos judeus, simples tábuas de caixotes pregadas, com as quais eles constroem suas cabanas. Deixa-se uma porta, o teto é coberto com folhagem. Nos pátios brota uma cabana ao lado da outra. Cada família tem uma mesa e bancos, dispostos no interior das cabanas. Em muitos pátios há extensões de fios da rede elétrica, que são então conduzidos ao teto das cabanas, para iluminá-las. Há alguns que constroem suas cabanas não no chão, mas nos terraços, nos terraços mais altos, sobre os quais não há nada. É uma festa muito peculiar desse povo. Será que eles

³¹. O nome hebraico para essa festa é Sucot. Celebra-se de dias 15 a 23 do mês de *tishrei*, cinco dias após o Iom Kipur. Em 1924, a festa aconteceu entre os dias 13 e 21 de outubro.

VIAGEM À POLÔNIA

ainda sabem o que estão preparando? São os resquícios de uma festa da natureza. Que estranha e embaçada lembrança para um povo de comerciantes e de pensadores, que não tem solo, não tem país, não tem Estado! Não tem plantações, nem colheitas nem natureza! Através de pátios sombrios, junto a latões de lixo, e a terraços exíguos eles levam seus caixotes miseráveis. E sobre eles espalham algumas folhas tristonhas. Com a perda de seu Estado, de seu país, perderam de vista também a natureza, todo o colossal mundo do que tem cor, canta, voa e cresce. Seus filhos já não aprendem nada a respeito dos cristais, das plantas, dos animais. E quão pouco os adultos chegam a perceber disso tudo! Estão totalmente envoltos pelo manto da metafísica, desde a manhã até o anoitecer, associados a seu Deus transcendente. Em meio a outros povos, a metafísica surgiu a partir do pessimismo e da ascese. Os judeus, porém, permaneceram fortes, terrestres, até mesmo têm, como eu vejo, o otimismo dos homens ambiciosos. Sua metafísica é a metafísica de homens ativos, introvertidos porque foram privados de sua atividade. Trata-se de — árabes. Dentre eles surgiram religiões que se colocaram acima dos Estados, mas eles permaneceram judeus e sua religião permaneceu sua religião. Permaneceram assim, ainda que, ao final, tenham sido confinados a um âmbito puramente espiritual, formando, aparentemente, uma comunidade religiosa. E agora se preparam para celebrar uma festa da natureza nos pátios sombrios de uma metrópole, junto a latões de lixo, sobre terraços descobertos. Isso parece o gesto de uma massa indestrutível: apesar de tudo!³²

Não há como evitar: conforme atravesso os corredores dos prédios e vejo cabana após cabana, sou tomado pelo espanto e

^{32.} Nos *Schriften zu jüdischen Fragen* [Escritos sobre questões judaicas], Döblin caracteriza os judeus simultaneamente como povo, *não povo* e superpovo. São um povo porque possuem tradição e língua próprias; um *não povo* porque se adaptam aos lugares para onde migram; e um superpovo porque, mesmo dispersos na diáspora, mantêm entre si um elo cultural que os unifica. Para Döblin, trata-se de um povo que, em razão do longo exílio, traz consigo há milênios o templo nas costas, como parte de sua bagagem.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

pelo respeito. E pela alegria: o espírito vive, o espírito cria na natureza. O espírito e a força de vontade mantêm essa gente unida. Nenhuma assim chamada desgraça foi capaz de dividilhos, porque eles não queriam que isso acontecesse. E conforme eles migram pelos milênios, vacilam, são expulsos, tornam-se um símbolo da única coisa que traz consigo o nascimento, a criação: o espírito e a força do eu. Me alegrei em ver que, entre os poloneses, eles estão sentados em suas próprias casas. Não há nada que possa escapar à atenção dos judeus. Ainda que talvez já estejam maduros para uma tarefa maior. Pois um experimento tão gigantesco quanto esse simplesmente não tem como terminar de maneira comum e prosaica.

Sigo ao longo da rua Krolewki e passo diante da Bolsa de Valores. Chego, então, à praça Grzybow, de onde sai a rua Granzina, em direção ao norte, à Nalewki. Nessa praça triangular, com a igreja de Todos os Santos vê-se a azáfama costumeira de passantes e comerciantes, de corretores da Bolsa e de mercadores de tecidos.

Aqui os homens levam longos maços de folhas verdes, juncos e galhos na mão direita, e na mão esquerda uma caixinha de papelão em cujo interior se encontra uma maçã. São os preparativos para a festa. Veem-se muitas crianças que correm com seus barretes negros. Elas balançam bandeirolas de papel colorido, com cabos verdes e vermelhos. O papel duro tem imagens vermelhas berrantes com letras hebraicas e a imagem de Moisés. No centro desses papéis há aberturas que são como altares em miniatura, em cujo interior se vê outra inscrição. E no topo do cabo coloca-se uma maçã com uma vela.³³ Assim é a comemoração da Festa das Cabanas.

Num domingo antes das sete da manhã ponho-me a caminhar por Varsóvia, junto com o meu acompanhante, para iniciar a vi-

33. Em Sucot, a Festa das Cabanas, utiliza-se um conjunto ritual composto por quatro espécies vegetais: *lulav*, o ramo de palmeira, *hadás*, o ramo de murta, *aravá*, dois ramos de salgueiro, e *etrog*, a cidra. As “quatro espécies”, devem ser seguradas durante as orações, quando se recitam bênçãos e se fazem movimentos rituais.

VIAGEM À POLÔNIA

agem ao grande *rebe* de Gura Kalwaria.³⁴ As portas das igrejas estão abertas, diante delas veem-se mendigos agachados, no seu interior entoam-se cânticos. Atravessamos a manhã cinzenta e silenciosa em meio ao silêncio dominical da cidade. Aos poucos, a carruagem se enche com homens trajando longos casacos negros e boinas negras. Todos levam pacotes, sacolas, sacas, caixotes. Não sabemos onde fica a estação, mas basta seguir o cortejo negro de homens, de judeus jovens, velhos, de barbas negras e de barbas ruivas, que agora também percorrem as ruas em verdadeiras hordas.

Diante dos precários e mal-arranjados guichês na estação de trens, eles formam filas, dois a dois. Há poucos não judeus. Há um alvoroço no ar. Já é tarde e esse é o último trem. À tarde começa um dia festivo e então eles estarão impedidos de viajar. Eles andam de um lado para outro, subornam os que estão mais à frente na fila, para que lhes comprem passagens. Pedem-se cinco, dez marcos. Por fim, todos se lançam sobre a entrada da plataforma e embarcam nos vagões miseráveis, com vidros quebrados. Esperam nas plataformas, todas as passagens estão entupidas de gente, os rostos barbudos e os barretes colados uns aos outros. Bem à minha frente encontra-se um homem, que me dá as costas, o rosto voltado para a janela do vagão. Ele está usando seu xale de orações branco e agora se põe a prender seus filactérios³⁵ nos braços. Ao lado vejo uma única camponesa com um lenço de cabeça branco, sentada sobre uma saca cinzenta. Na

34. Döblin visitou Avraham Mordechai Alter, o quarto rabino da dinastia Ger (ou Gur), uma das mais influentes lideranças do judaísmo hassídico na Polônia. Conhecido como Imrei Emes, foi um dos fundadores da Agudat Israel em 1912, movimento que buscava representar o judaísmo ortodoxo no cenário político moderno.

35. Trata-se dos *tefilin*, par de filactérios usados nas orações matinais. São formados por correias de couro e duas pequenas caixas pretas de formato retangular, que contêm pergaminhos com trechos da Torá. Uma é colocada sobre a cabeça, acima da testa, e a outra sobre o braço — geralmente o não dominante —, com a correia enrolada até a mão. O uso dos *tefilin* é tradicionalmente reservado aos dias de semana e expressa a observância cotidiana do preceito de lembrar e cumprir os mandamentos divinos.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

sala de espera ela estava amamentando seu bebê, e ainda o fazia quando se dirigiu à plataforma. E então, enquanto ela caminhava, o bebê perdeu seu seio, e agora está chorando. A outra criança, uma menininha com um lenço de camponesa na cabeça, corre a seu lado. Agora a mãe sentou-se no chão da plataforma. Um judeu lhe cedeu o lugar sobre a saca cinzenta. Ela volta a oferecer o seio ao bebê, que estica para o alto seus pezinhos com meias azuis. Passamos por uma casa de camponeses em escombros, uma ruína da guerra. Nos vagões, ouvem-se discussões acaloradas.

Já no bonde eu havia observado os judeus, que conversavam uns com os outros, sussurrando, rindo: "Gura!". Agora veem-se poloneses rudes sentados nos vagões, com cães de caça e com armas. Em algumas estações do trem eles se divertem gritando: "Gura!". Mas os judeus não lhes dão atenção. Eles acariciam os cães e ao final começam a conversar entre si, se perguntando se vão, também eles, um dia, caçar. Na Palestina o monte Carmel já está sendo reflorestado, mas não se sabe qual é a situação da caça ali. E então os poloneses se intrometem: a multiplicação das religiões não beneficia a humanidade. No fim das contas, todos pensam o mesmo e acreditam nas mesmas coisas e por isso deveria ser possível que os homens se compreendessem uns aos outros. Eles se fazem de esclarecidos, querem ser leais e conciliadores. Os judeus comprehendem e concordam. Os dois lados soam falsos. É com curiosidade que eu e meu acompanhante, que também está vestido à maneira europeia, somos observados. Ele se dirige a eles em iídiche e eles se tornam amigáveis. Mas eu serei capaz de ver o *rebe*? Eles balançam a cabeça, em sinal de dúvida. Essa gente vem de longe. Um deles — de rosto fino e inteligente — usa um chapéu redondo de veludo preto. Vem da Galícia oriental.³⁶ O Gerer Rebe tem ali uma comunidade de seguidores.

O galiciano se põe a falar com um sionista: o erro dos sionistas é que eles acreditam serem capazes de instalar ditaduras em todos

36. A Galícia oriental é uma região entre as atuais Polônia e Ucrânia, a leste da Eslováquia. Não confundir com a região espanhola, ao norte de Portugal.

VIAGEM À POLÔNIA

os lugares. Na Palestina já se vive praticamente num regime comunista. Diz o sionista: uma ditadura forma-se por si só, lá onde aparece. É preciso instaurar uma ditadura para evitar que isso aconteça. Diz o galiciano: ninguém pensa nos ortodoxos, nos religiosos. Mas não são os sionistas, e sim os religiosos que fundaram a Palestina. A Palestina vive por causa dos seus sonhos e dos seus pensamentos. E são os donativos deles que sustentam a Palestina. Por meio de suas constantes viagens à Palestina e por meio de seus pensamentos os ortodoxos prepararam o renascimento de Sião da mesma forma que o renascimento da atual Polônia foi preparado durante a ocupação. Um velho — com sua barba branca de marujo, com as gordas bolsas sob os olhos, com seu cachimbo fumarento, ele parece um perfeito bôer³⁷ — diz: esteve na Palestina há cinco anos. Se alegrou ao ver o país e ao ver que lá se trabalha muito. Mas não basta ter solo e trabalho. É preciso manter a religião.³⁸ As pessoas apenas mantêm as aparências. Celebra-se o *shabat*, nas lojas e nas ruas, mas não nas casas, como deveria ser. Os preceitos são negligenciados. Há gente que pretende ser judia e sequer respeita o *shabat*. O sionista se dirige a mim, sussurrando: “Na era do messias os preceitos já não valem mais”. Mas ele não ousa dizer isso em voz alta. Numa pequena estação, os caçadores e seus cães deixam o vagão. O tempo está cinzento. Corajosos, eles caminham, atravessando poças e brejos.

37. Os bôeres eram colonos europeus, sobretudo neerlandeses, alemães e huguenotes franceses, que se estabeleceram na África do Sul a partir do século XVII. De tradição calvinista, dedicavam-se principalmente à vida rural e formaram a base da população africânder.

38. O movimento migratório judaico para a Palestina começou no final do século XIX, dando origem às primeiras *aliot*, ou levas de imigração. Parte dos imigrantes, influenciada por ideais socialistas, fundou as comunidades agrícolas conhecidas como *kibutzim*, onde o trabalho coletivo prevalecia sobre a observância religiosa. Entre religiosos ortodoxos, porém, persistia a crença de que o retorno à Terra de Israel só poderia ocorrer com a vinda do messias, encerrando o exílio (*galut*).

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

Há três passageiros do vagão, com grandes sacas, que vêm do nordeste da Polônia e estão viajando há dias em sua peregrinação a Gura Kalwaria. Vejo que são gente preocupada, com seus livros de rezas nas mãos. Eles querem ajuda. O *rebe* é um santo. Segundo eles dizem, ele é maior do que os outros *rebés*, maior do que o de Czortków,³⁹ do que o de Bełz,⁴⁰ é o maior, o maior de todos.

Passadas duas horas de viagem, o trem para em Gura e os vagões se esvaziam completamente. De novo é desnecessário perguntar pelo caminho para a aldeia. Quando dobramos na ampla estrada que vai até a aldeia, um quadro inquietante se revela diante dos nossos olhos. Este tumulto de peregrinos vestidos de preto — os que vieram conosco no trem e ainda muitos outros mais — com seus sacos e pacotes, que sobem pela longa estrada. Este ir e vir de barretes negros. As árvores amareladas às margens da estrada, o céu, no alto, cinza-esbranquiçado — e em meio a tudo isso uma massa negra que se locomove de maneira quase espantosa, centenas de cabeças uma junto da outra, ombros que se arrastam, e avança como uma multidão de formigas. E do outro lado há gente que vem ao seu encontro, que olha através das janelas dos casebres, que acena.

Os homens e os meninos, porém, que esperam pelos viajantes e vão ao seu encontro, são de um tipo muito peculiar. Têm cabelos compridos e seus cachos se agitam — esses cachos retorcidos como saca-rolhas, que despencam de sob seus barretes e oscilam à frente das suas orelhas, junto às bochechas, junto à garganta.⁴¹ Esses homens, jovens e meninos que caminham vestidos com seus cãftens negros, com suas grandes boinas negras e reluzentes, têm um ar romântico, sonhador e medieval. Seus rostos têm uma expressão peculiar, de tranquilidade e seriedade. Alguns

39. Dinastia hassídica fundada por Dovid Moshe Friedman em 1865, uma das maiores da Galícia.

40. Outra dinastia hassídica galiciana do século XIX, cujo primeiro rabino foi Sholom Rokeach.

41. Ele se refere aos *peiot*, em hebraico, ou *peies*, em iídiche, espécie de costeletas masculinas comuns especialmente entre alguns grupos ortodoxos.

VIAGEM À POLÔNIA

têm olhares de uma liberdade e de um orgulho absolutamente incomuns. Os meninos, muito bem arrumados para o dia de festa, andam calçados com meias brancas e com elegantes chinelo.

“Onde fica a corte do *rebe*?” Estamos cercados por todos os lados de homens — as mulheres não vêm aqui — que olham para nós com espanto enquanto conversam entre si. Seus olhares são desconfiados, distantes. Não adianta nada o fato de meu acompanhante falar com eles em iídiche, ininterruptamente. Sempre há outros que nos olham com estranhamento. Me parece que estou no meio de uma gente exótica, que não deseja a minha presença nem a do meu acompanhante: eles nos veem como intrusos. À esquerda, um grande portão de madeira entre duas casas permanece aberto. Entramos, junto com os outros, e estamos num pátio quadrado, amplo, lotado de gente. No fundo do pátio há uma edificação de madeira, muito comprida, simples, de um só pavimento.

Estamos no corredor da edificação. À esquerda veem-se homens saindo por uma porta com os braços erguidos. Alguns acenam com lenços. Ali há uma sala de orações e reuniões.

No corredor há seis ou oito vigilantes, que nos observam de maneira abertamente hostil. Meu acompanhante se dirige a eles. Percebo sua expressão de desprezo. Eles dão de ombros, sorriem, cruzam os braços, nos deixam ali esperando. Meu acompanhante disse que eles teriam dito que o *rebe* hoje recebe o público em geral, que não há encontros particulares e não há exceções. E que, se fazemos questão absoluta de vê-lo e de falar com ele — o que eles não acreditam que possa vir a acontecer —, teremos que nos colocar ali, junto com todos os outros. Meu acompanhante diz — e eu já percebi — que essas pessoas têm má vontade e prefeririam nos expulsar dali. Como novas conversas não produzem qualquer resultado, resolvemos nos colocar na fila diante da porta, junto à qual há cerca de doze jovens aguardando. Há um fluxo permanente de gente em direção ao interior da sala. Somos alvo dos olhares de todos. Ininterruptamente há gente que se aproxima de mim. Como eu permaneço prudentemente em silêncio, meu acompanhante

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

interfere. Isso não dura muito tempo. Logo estamos completamente entalados e cada um tem que cuidar de si mesmo. Em silêncio, as pessoas se empurram umas às outras. Em silêncio, todos se apertam em direção à portinha, que a cada tanto se abre e volta a se fechar. É pior, muito pior do que tudo o que eu já vi em aglomerações urbanas. Não consigo dizer nenhuma palavra. Às vezes tenho vontade de escapar dali. Mas quando vejo como as pessoas estão grudadas umas às outras, quando vejo essa hostilidade silenciosa e violenta, entrego os pontos. Não empurro como os demais, apenas sou levado pelos outros, que fungam nas minhas orelhas e no meu pescoço. Solto os pés, lá embaixo, ergo os joelhos e me deixo levar.

Aos poucos — já estou quase exausto — vejo a fresta da porta aproximar-se. Agora a porta está aberta: o homem que está do lado de dentro, o porteiro, já não consegue mais fechá-la. Os homens barbudos, fortes, com as cabeças cobertas por barretes negros, agarram os batentes e as dobradiças da porta com suas mãos peludas, lançam seus braços por sobre as cabeças dos outros e assim puxam seus corpos em direção à porta, com as faces ruborizadas. E ninguém se lamenta, ninguém reclama. As pessoas suspiram. Meu acompanhante, um homem forte, afastou-se de mim e está lá na frente. Com um golpe impetuoso, ele se libertou da massa, contornou-a, e agora empurra, golpeia e ataca o outro lado da porta, onde há menos combatentes. E, subitamente, perco-o de vista. Ele desapareceu no interior da sala. O que será agora? O que devo fazer, como vou reencontrá-lo? Mal ele entrou, me deixando sozinho em meio à terrível massa de músculos, um braço muito comprido começa a golpear os homens que estão à minha frente. Golpeia-os de dentro para fora. Vejo o porteiro corpulento, que se volta contra a multidão. Com o ombro esquerdo ele empurra os que estão mais à frente enquanto com o braço direito ele golpeia e martela os dedos que estão fixos nas dobradiças da porta, os ombros, os barretes negros. As mãos se soltam. Eu me abaixo: agora ele vai me atingir. Mas então, com o punho cerrado, ele golpeia o peito do homem

VIAGEM À POLÔNIA

que está a meu lado com o punho cerrado, fazendo-o recuar, e agarra meu braço. Ele me puxa para dentro. Estou bem na frente. Vejo meu acompanhante lá dentro. Ele acena para mim. Mais um passo e estou dentro. Sacudo-me e respiro.

Uma sala ampla e vazia. Assoalho de madeira, paredes de madeira. Meu acompanhante está à minha frente com um homem mais velho, que aponta para uma janela à direita. Olho para lá, me dirijo para lá. Há uma mesa junto à janela. E à mesa, com as costas voltadas em direção à luz, está sentado um homem corpulento e atarracado. Ele balança o corpo, sem parar, ora mais intensamente, ora menos, para a frente e para trás. Sobre a cabeça, ele usa um pequeno barrete negro. Sua cabeça está totalmente envolta por uma cabeleira colossal, marrom-escura, entremeada com fios grisalhos. Cachos pesados despencam sobre suas orelhas, sobre suas bochechas, chegam quase até os ombros. Um rosto cheio e carnudo surge em meio aos cachos. Não consigo ver seus olhos. Ele não olha para mim, nem para meu acompanhante. Permanecemos em pé junto à mesinha simples. Suas mãos gordas reviram um monte de papeizinhos. São bilhetes escritos. Uma conversação se estabelece entre ele e o meu acompanhante. O *rebe* para de se agitar, e continua a revirar os bilhetinhos. Sua expressão é severa, e em nenhum momento ele ergue o olhar da mesa. Ele balança a cabeça. Subitamente meu acompanhante diz a ele: “Ele está lhe pedindo para lhe fazer uma pergunta”. Eu penso: “Impossível, esta não é minha intenção. Quero falar com ele e não lhe fazer uma pergunta!”. Mas o *rebe* já está falando de novo. Não sou capaz de compreender uma palavra sequer desse iídiche tão peculiar. E então, subitamente, a mão do homem, uma mãozinha flácida e carnuda, se encontra entre as minhas mãos. Estou atônito. A mão não aperta, apenas se coloca junto à minha. Ouço uma voz que sussurra: “*Scholem*”. Meu acompanhante diz: “Vamos!”. E, aos poucos, vamos indo. Enquanto isso já entrou mais um, deixou mais um bilhetinho sobre a mesa, disse algumas palavras, voltou a sair, andando de costas com o rosto voltado para o homenzinho que balança o corpo junto à janela.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

O que aconteceu? Com um sarcasmo ácido, me conta ele, o velho junto à porta tinha-lhe agradecido por termos vindo conversar com o santo. Mal meu acompanhante conseguiu entrar, ele tentou forçá-lo a sair, mas então ele acabou me puxando para dentro. O *tzadik*,⁴² o poderoso, num primeiro momento mostrara-se totalmente inacessível. No entanto, depois, ele perguntou, apontando para mim:

O que ele quer? Quem é ele? Ele quer me perguntar alguma coisa? Eu não sei quem ele é. Será que é um advogado, alguém da justiça que quer me investigar? Eu não permito a ninguém que me investigue! Ele não tem nada a me perguntar e eu não tenho nada a lhe responder.

Ao final, ele foi misericordioso comigo, e me disse “*scholem*”, a bênção.

Pelos fundos da casa nos arrastamos para fora. Uma horda de mendigos nos aguarda. Eles avançam sobre nós, com grande ousadia nos recriminam por causa do valor das nossas esmolas. Outros se intrometem, curiosos. “O que foi que ele disse a vocês? Tiveram sucesso?”

Vamos andando em torno da casa. Olham para nós com antipatia e espanto. Entramos no *beit midrash*⁴³ aberto. Trata-se de um grande saguão quadrado, muito arejado, com uma *bimá* no centro. Ao longo das paredes encontram-se bancos e prateleiras, sobre as quais há velhos livros desgastados. Há velhos, sentados sobre os bancos. Alguns usam xales de oração, outros não. Estão debruçados sobre grossos volumes, sozinhos ou em grupo, falam, leem, sacodem o corpo.

42. O termo hebraico *tzadik*, “justo”, designa, no hassidismo, o líder espiritual considerado um exemplo de retidão e sabedoria, mas também um intermediário entre a comunidade e o divino. Venerado por seus discípulos, o *tzadik* encarna a presença da santidade no mundo e orienta os fiéis em sua vida espiritual.

43. “*Beßmedresh*” em alemão, conforme citado no original. Corresponde ao hebraico *beit midrash*, literalmente “casa de estudo”. Diz respeito aos espaços dedicados ao estudo e à interpretação da Torá.

VIAGEM À POLÔNIA

A fresca estrada outonal. Estou assustado, espantado e envergonhado. Conversamos com as pessoas. Entramos numa estalagem de judeus. Um velho estalajadeiro nos recebe. No interior, observamos sua mulher torta e sua filha, que está na casa dos trinta anos, com um olho estrábico, evidentemente cego. Não há conhaque nem cerveja. Sobre a mesa há ganso assado, frio, vidros com pepinos em conserva, vidros com arenques acebolados. Dois peixeiros jovens, que ainda agora devoravam ruidosamente um pedaço de salsichão na mesa ao lado da nossa, conversam enquanto nos tranquilizamos. Eles dizem que as pessoas vêm para cá para estarem perto dele, para rezar na casa do santo e para lhe pedir *scholem*. Há muitos que escrevem seus nomes, seus desejos, seus pedidos de conselhos num bilhetinho. São os bilhetes que vimos ainda agora. Na aldeia, eles dormem em quartos com oito pessoas e em cada cama dormem sempre duas pessoas. No ano novo vieram para cá cerca de 5 mil seguidores do *rebe*. Estavam alegres, beberam muitos barris de cerveja. Eles desejam um feliz ano novo ao *rebe*. Pagam caro pelo alojamento.

À tarde eles se amontoam em torno da grande mesa do *tzadik*. Há, ali, um grande tumulto, como pela manhã, na audiência, ou talvez ainda maior. Uma grande mesa é levada para o centro do saguão. Há gente que, já desde bem cedo, se arrasta por debaixo da mesa, para assegurar-se de poder estar perto do *rebe*. O *tzadik* se senta junto com seus filhos e com seus convidados de honra. Todo o resto permanece de pé, em volta deles. À mesa o *tzadik* se põe a discursar, apresenta explicações sobre o Talmud e sobre a Torá, novas interpretações. Os fiéis o observam, junto com seus convidados, prestam muita atenção aos seus movimentos, tentam captar cada uma das suas palavras, interpretam-nas, conversando uns com os outros. O grande ganho que se pode obter aqui é comer *schiruim*, os restos da tigela do *tzadik*. A gente disputa

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

esses restos literalmente a tapas. Às vezes o *tzadik* dá, ele mesmo, um pouco de comida de sua própria tigela a alguém.⁴⁴

Na aldeia não se dá muita importância ao *tzadik* nem a seus seguidores. Ganha-se dinheiro com ele. O pai do *rebe* atual era um homem muito piedoso, mas o atual lhes parece excessivamente mundano. Ele é muito rico, de nascença, graças a generosos donativos e graças a expedientes astuciosos. É proprietário de terras na Palestina, onde recentemente foi capaz de apazigar disputas religiosas. Dos fiéis que vêm para consultá-lo ele não aceita um centavo sequer. Circulam a seu respeito verdadeiras lendas. Encontro um livreto impresso no qual há um retrato dele, desse príncipe espiritual do povo judeu.

Na aldeia me sinto como alguém que foi expulso, e não consigo suportar os olhares invasivos e sarcásticos dos curiosos na rua. Quero ir embora dali e me sinto feliz quando consigo enxergar a estação de trens. No trem contam-me uma história a respeito do Gerer Rebe e do trem. Há algum tempo o Gerer Rebe quis viajar de trem para Varsóvia. Da plataforma, alguém lançou uma pedra contra o vagão no qual ele estava sentado. Depois de alguma hesitação, ele acabou partindo. Na volta, porém, ele contou a seus seguidores o que lhe aconteceu. Um grande nervosismo tomou conta dos homens, pois alguém tinha lançado uma pedra contra o *rebe*, e o fez na plataforma da estação. Eles estavam furiosos com a administração das estradas de ferro e decidiram que não mais viajariam de trem. Promulgaram um boicote das estradas de ferro. Agora, eles deixavam Gura em carroças ou a bordo de barcos. A notícia se espalhou e os peregrinos que vinham de longe só se dirigiam a Gura de carroça ou de barco. A linha de trens tinha como clientes principais os pere-

44. Dentro das sociedades judaicas tradicionais, a vida cotidiana era orientada por normas religiosas que expressavam a soberania do poder divino. O hassidismo surgiu nesse contexto, reforçando a dimensão espiritual da experiência e concentrando na figura do *tzadik* a autoridade moral e mística da comunidade. O estofo intelectual e civilizatório de Döblin, nessa situação, não era de grande valia.

VIAGEM À POLÔNIA

grinos. Passado um certo tempo de vigência do boicote judaico, a administração, em Varsóvia, começou a dar atenção ao assunto, já tendo recebido a queixa dos peregrinos. Ela se empenhou em reparar o dano e acertar a situação. Os judeus, porém, insistiam que uma pedra tinha sido lançada a partir da plataforma, e que eles não estavam sendo suficientemente protegidos. Então um alto funcionário das estradas de ferro se dirigiu a Gura e ofereceu uma indenização. Depois que a administração declarou que lamentava o incidente, os peregrinos de Gura entregaram suas armas, suspenderam o boicote e voltaram a viajar de trem.⁴⁵

Meu acompanhante conhece canções irônicas em iídiche, cujo tema são os *rebes*. Essas canções têm melodias semelhantes às canções dos hassídicos e parece que são bem conhecidas em toda parte. Uma dessas canções ridiculariza os “filósofos” da cidade grande e diz que melhor seria se eles se sentassem “à mesa do *rebe*”, para aprenderem a pensar com ele. Outra lamenta as dificuldades das estradas de ferro modernas: com o *rebe* tudo é mais simples. Ele estende seu xale e sobre ele é capaz de caminhar sobre o mar. Outras, ainda, são obscenas e se assemelham em tudo àquelas que se dirigiam contra o clero católico à época de Lutero e mesmo antes dele.

Mas, na manhã seguinte, enquanto atravesso um pátio em Varsóvia, em meio às cabanas, com meu acompanhante, um *hassid*, um seguidor do *rebe* me convida a entrar em sua cabana. Ficamos sentados ali, na penumbra. Dois dos seus filhos se juntam a nós. Sobre a mesa há vinho e várias travessas cobertas. Ele conta que tem oito filhos, três da sua primeira mulher e cinco da segunda. “Sim”, diz ele, sorrindo, “vocês, na Alemanha, não costumam ter tantos filhos. Mas Deus não gosta do que vocês fazem. Não se deve interferir na obra de Deus. É assim que nós pensamos, aqui.” Euuento a ele o que vi em Gura, e lhe pergunto o que é isso de comer os *schiruim*. Um dos filhos, que tem dezesseis anos de idade, intervém: em meio a tanta confusão

45. O *rebe* foi um dos financiadores da construção do trecho ferroviário entre Varsóvia e Gura Kalwaria.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

há gente que desmaia e há gente que contrai tuberculose. É preciso carregar essas pessoas para fora. O pai não lhe dá atenção: Comer e beber: a esse respeito temos ideias bem diferentes das de vocês. Vocês acreditam que comem para o corpo. Nós não pensamos assim. Vemos na comida e na bebida algo espiritual, que alimenta o espírito. Talvez o pão e o vinho não sejam nada, ou não sejam muito. Mas quando eles chegam perto do *rebe*, se transformam e se tornam algo especial. O *tzadik* não é como uma pessoa qualquer. Ele é santo, graças aos seus estudos e graças ao pai e ao avô dos quais ele descende. Quando o *tzadik* toca um peixe, ou apenas o olha, sobre a mesa, algo do seu espírito se transmite a esse peixe. E quem come um pedaço desse peixe também absorve algo do espírito do *rebe*. Há tumulto e pancadaria junto ao *tzadik*, mas há também um ganho em estar ali. Simplesmente em estar perto da sua mesa. As coisas que ele diz à mesa são coisas inteiramente novas, que lhe são reveladas por Deus enquanto ele está comendo.⁴⁶

Este homem que está falando comigo é um homem caloroso, de olhos suaves, que fala com muita delicadeza. Às vezes ele sorri, com pena, e com leve ironia, olhando para seu filho e para mim.

Como é possível que um povo democrático reverencie um santo? Trata-se de um resquício: o Império⁴⁷ foi despedaçado e a estrutura na qual as pessoas se sustentam é a religião e o culto, e seu representante principal é o *rebe*. É preciso compreendê-lo a partir de um ponto de vista nacional: trata-se de líderes, de reis, de duques, de príncipes. E, de fato, eles efetivamente imperaram até o século passado. Isto, porém, não é tudo. Os judeus carregaram consigo, através dos séculos, muitos remanescentes da Idade Média. Eles têm sua Torá, um livro único, mas paralelamente à Torá correm também crenças mágicas e feitiços anônimos. Nesse

46. A cena reflete a devoção fervorosa e o encanto dos seguidores em torno do Gerer Rebe, cuja figura carismática era associada à santidade e a poderes espirituais extraordinários. Para Döblin, essa experiência equivalia a um mergulho em um imaginário medieval, prenhe de mistério e fé.

47. Ele se refere ao Império Austro-Húngaro, dissolvido em novembro de 1918, após a Primeira Guerra Mundial. A região em questão havia anteriormente feito parte de seu território.

VIAGEM À POLÔNIA

sentido o judaísmo se assemelha ao budismo, cuja doutrina própria subsiste ao lado de um mundo de deuses arcaicos. Essa crença mágica ilegítima é levada adiante pelo povo, às costas dos líderes judeus,⁴⁸ dos príncipes espirituais. E ela se tornou especialmente viva a partir do momento em que o hassidismo místico faz renascer a magia. E então os magos se tornam príncipes, se tornam *rebes*. A página foi virada. E agora subsistem, além disso, as dinastias de *rebes* — sua época de ouro já passou — nas quais um misterioso tipo de eleição divina continua vivo.

Peço para me traduzirem o conteúdo do livreto em cuja capa está impresso o retrato do Gerer Rebe. Trata-se de discursos refinados e solenes que o pai do atual *rebe* proferiu.

Um Cohen⁴⁹ que compra um escravo pode cobrir o custo dos seus alimentos com o dízimo. Um Israel não pode. Por quê?

A resposta mais profunda é: o corpo e a alma estão juntos. A alma é alimentada pelos céus e o corpo é alimentado pela terra. Quando o corpo se vincula à alma, ele também passa a ser alimentado pelo céu. É assim que os filhos de Israel foram alimentados por Deus ao longo de quarenta anos, no deserto. E quando o corpo não se vincula à alma, é obrigado a sustentar-se sozinho. O mesmo vale para os judeus. Todos os judeus pertencem a Deus e são seus servos por meio de um contrato de compra eterno. Segundo as leis, todos eles têm que ser alimentados pelos céus. É só porque pecamos que Deus não pode nos aceitar inteiramente como seus servos, e somos obrigados a nos sustentar.

Uma segunda frase:

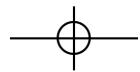
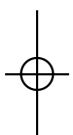
Os sábios dizem: este mundo é apenas a antessala do lar verdadeiro, o mundo do além. Há, porém, um dito que diz: *mais vale uma hora de boas ações do que o mundo do além inteiro*. Como é possível entender isso? Como é possível combinar essas duas afirmações? Assim perguntou o *rebe* e seus devotos ficaram sem resposta. E ele, então, disse: na

48. O hassidismo relativiza a centralidade do rabinato erudito e do estudo talmúdico abstrato, associado aos *litvakes*, enfatizando em seu lugar a experiência mística e o êxtase religioso. A relação com o divino é buscada de forma simples e espontânea, o que explica em parte a rápida expansão do movimento a partir do século XVIII.

49. A palavra hebraica se deixa traduzir por sacerdote.

O BAIRRO JUDAICO DE VARSÓVIA

verdade, esse mundo é também o mundo do além. Mas não somos capazes de perceber que isso é assim. Para tanto, é preciso estar livre dos pecados, livrar-se dos desejos e aproximar-se do esplendor divino. E então este mundo deixa de ser a antessala do lar verdadeiro. Os prazeres mundanos dos seres humanos são apenas ilusões. A pessoa come: que proveito tira disso? Enquanto se come, diz-se: está doce, está gorduroso. Depois, torna-se nada. E os demais prazeres? A cada instante, quando acreditamos que sejam alguma coisa, eles desaparecem como a fumaça. Depois de uma hora, na manhã seguinte, são esquecidos — e a pessoa os quer de volta. Mas um homem que retornou à fé se esquece dos prazeres desse mundo. Ele se vincula a Deus. Ele experimenta o prazer espiritual, que é maior do que todos os prazeres desse mundo. É assim que se comprehende que esse mundo é apenas uma antessala. Quando você retorna à fé e a luz oculta se revela diante dos seus olhos, logo você deixa de lado esse mundo e descobre a infinita glória de Deus. E com isso você chegará mais tarde ao além.



Vilna¹

Dentro do grande saguão da estação de trens de Varsóvia há um cercado de madeira, um grande quadrilátero. Em seu interior encontram-se hordas negras de gente agachada, deitada, sentada sob a luz vacilante. Gente que dorme deitada de costas sobre os bancos de madeira, deita-se sobre grandes sacas no meio do cercado, um colado ao outro, com o rosto voltado para baixo. Eles roncam, suspiram. Alguns comem com voracidade, cortam, com seus canivetes, grossas fatias de pães redondos. Tento encontrar meu caminho em busca do trem que vai para Vilna. Nessa estação de trens não há nenhum entre os funcionários dos guichês, nem nenhum dos funcionários do tráfego, que fale alemão. Em meio à luz fraca vejo que não há nenhum vagão-leito. Já é tarde. Embarco. Agora começa uma hora de uma luta em vão durante a qual tento alcançar o vagão-leito. Uma luta sem palavras, pois fui tomado pela mudez. Primeiro, permaneço sentado durante um quarto de hora, ao lado de um senhor que lê distraidamente um jornal. Em seguida, chegam os controladores de bilhetes, o que se repete no meio da noite. Sou despertado do meu cochilo ainda três ou quatro vezes, para mostrar meu bilhete. E a cada vez eu mostro, também, o meu bilhete para o vagão-leito, pergunto em alemão e em francês, onde, onde fica o vagão-leito, se é

1. Conhecida historicamente como *Vilna* em iídiche e russo, *Wilno* em polonês e, hoje, *Vilnius* em lituano, a atual capital da Lituânia foi durante séculos um importante centro político e cultural do Leste Europeu. Integrou o Grão-Ducado da Lituânia, o Império Russo e, entre as duas guerras, a Polônia. Era chamada “Jerusalém do Norte” pela influência de sua comunidade judaica e a presença de uma das maiores autoridades do judaísmo europeu, o Gaon de Vilna, Eliyahu ben Schlome Zalman. No corpo do texto de Döblin foi mantida a forma original “Vilna”, enquanto nas notas adotamos a forma corrente “Vilnius”.

VIAGEM À POLÔNIA

que há algum nesse trem. Antes de me deitar, resignado, ainda faço um passeio pelo trem, de ponta a ponta, e não encontro vagão-leito algum. A cada vez os controladores devolvem meus bilhetes, e não dão qualquer atenção às minhas solicitações e perguntas, que faço gesticulando. Em meu compartimento ocorre, então, uma transformação que nunca tinha visto antes. Dois funcionários entram, sobem nos assentos, põe-se a puxar algo da parede lateral. Vejam só, o que eles puxam, no alto, à direita e à esquerda, é um leito. Não é estofado. O homem que estava lendo o jornal se deita sobre seu assento, e eu diante dele. E sobre nós, sem lençol, sustentados por barras de metal, deitam-se dois estranhos, que estavam à procura do seu lugar e abriram as portas de todos os compartimentos. O primeiro é um funcionário que trabalha no nosso trem. Fico espantado. Como é possível que, num vagão de primeira classe, haja homens que se deitam calçando botas enlameadas? E que tipo de vagões-leito são esses que há na Polônia, sem uma única peça de roupa de cama? Até o amanhecer vou sacudindo, estou irritado, espantado. E depois, já na estação de trens de Vilna, avisto o elegante e sinuoso vagão-leito, que afinal veio junto com o nosso trem. Não mostrei mais o meu bilhete do vagão-leito. Para mim, já era o suficiente.

Antes do amanhecer, passei algum tempo olhando a vista pela janela do vagão, quando fui interrompido pelo companheiro de compartimento deitado na cama acima de mim, que soltou diante dos meus olhos suas pernas gordas, enfiadas em grossas meias de lã furadas, e calçou, bem perto do meu rosto, suas botas enlameadas, gemendo. Às sete horas da manhã a paisagem se transformou. Surgiram colinas ondulantes. Até aqui a paisagem era plana, uma espécie de estepe, na qual, a cada tanto, se viam prados e campos de cultivo. Agora, porém, ela se torna ondulante, cheia de colinas. Florestas, com folhagem densa e com pinheiros, se multiplicam. Uma construção que parece um castelo passa, pela esquerda. É uma ruína. Os túneis têm suas entradas e saídas vigiadas por policiais armados. Há tumultos no país. Os jornais reportam ataques de bolcheviques e de outros bandos, de quem não se sabe ao certo

VILNA

quem são. Subitamente sinto que são mais do que simples ataques de bandidos, que aqui há uma guerra que se põe em marcha. Atravessamos muito vagarosamente uma ponte alta e estreita. Como é bonita e cheia de vida a paisagem aqui! As colinas se transformam em montanhas. O vermelho flamejante e o amarelo das folhas das árvores, que começam a murchar com o outono, e em meio a elas a escuridão silenciosa dos pinheiros altíssimos. O trem muito comprido avança pelos trilhos. Uma agitação começa a tomar conta dos passageiros. Fora veem-se pequenas casas, isoladas, em grupos, ao longo de ruas. Estamos na estação de Vilna.

Em meio ao amanhecer gelado sigo por uma alameda. Casas térreas, a maior parte delas velhas e totalmente negligenciadas, sucedem-se. À esquerda surge então uma ruazinha muito estreita, sem uma calçada verdadeira. Estou sempre em busca da avenida principal, que imagino como algo extraordinário. Surge então um portal consideravelmente alto acima do nível da rua. Ouço vozes que cantam, continuo a procurar em meio às velhas construções. E à direita vejo uma multidão: camponeses, gente da cidade, homens e mulheres, ajoelhados no chão, com as cabeças abaixadas até o solo. Mas não são eles que cantam. A música vem de um outro lugar, do alto. E quando me volto vejo que, do outro lado do portal, há uma capela. E há um altar aberto, voltado para a rua, cheio de velas e de coisas coloridas que não sou capaz de identificar. As pessoas que sobem pela rua levam seus chapéus e boinas nas mãos. E eu também já tirei meu chapéu ao passar diante do portal. O que se encontra lá no alto é uma imagem milagrosa da Virgem Maria. É uma Madonna adorável. Ela está sobre uma meia-lua que também se parece com um enorme chifre partido de algum animal. Do peito para cima ela está despida. Traja uma túnica de sacerdotisa muito ornamentada. Sua cabeça coroada está ligeiramente inclinada para a esquerda. Suas duas mãos estão cruzadas sobre o peito. Seu pescoço delgado surge em meio a roupas e mantos esplêndidos, muito coloridos. E então surge um rosto magro e alongado, os olhos estão entreabertos, os lábios, cerrados. Raios dourados e pontiagudos circundam in-

VIAGEM À POLÔNIA

teiramente sua cabeça. Ela parece estar rezando, ou está ausente, ou ouve, com delicadeza e compaixão, ou está mergulhada em suas próprias dores, e tenta erguer-se delas: é difícil compreender a expressão do seu rosto. A imagem tem um efeito sugestivo. Comove. Os suplicantes estão à sua frente, prostrados, para juntarem as próprias dores à dor da divindade e então partirem dali, mais aliviados. É um grande mérito da arte criar uma imagem como essa. E pensar que essa imagem foi inspirada numa pintura.

A rua se chama Ostra-Brama. O silêncio é quase completo. As pessoas que estavam orando agora se calaram. À esquerda vejo trabalhadores que colocam tubos em valas na terra. Vou caminhando ao longo da rua, com seus casebres. O asfalto está num estado lamentável. São dez horas da manhã. No entanto, as lojas ainda estão fechadas. Mas há algumas que já estão abertas. E então eu olho sobre as placas e percebo que as lojas que permanecem fechadas são as lojas dos judeus. Ainda estamos em meio à Festa das Cabanas.

A rua se transforma num largo. Logo adiante uma velha construção de pedras. É o velho teatro.² À sua frente há fiacres enfileirados. Passo diante de um cinema e os cartazes chamam minha atenção: estão escritos em duas línguas. Há cartazes em polonês e há cartazes em iídiche. As placas de muitas das lojas também estão escritas em letras hebraicas, isto é, estão escritas em iídiche. Isso é algo que eu já tinha visto várias vezes na região em torno da rua Nalewki, em Varsóvia, e que aqui se encontra em toda parte. Ao que parece, a comunidade judaica que mora aqui ou é muito numerosa, ou é muito corajosa. Mas não vejo os judeus. Ainda que seja um dia festivo, certamente deve haver alguns dentre eles caminhando por aí. E então percebo que os vejo, mas não reparo neles. Eles estão ao meu lado no cinema, andam com boinas brancas, são homens e moças. Outros, mais velhos, avançam vagarosa-

2. O edifício foi construído entre 1785 e 1799 para servir como Câmara Municipal. De 1810 até 1864 abrigou o teatro polonês, encerrado pelas autoridades czaristas, sendo em seguida ocupado por um teatro russo. Hoje é a sede da Câmara Municipal de Vilnius.

VILNA

mente por sobre a praça esburacada, conversam entre si em sua língua. Ninguém, aqui, anda vestido com cáftens! Não vejo um único daqueles capotes negros. Todos se vestem à moda europeia e falam numa língua que não é a polonesa. É um tipo de judeus completamente diferente daqueles que se vêem em Varsóvia.³

Ao longo da rua estreita, na qual douro à esquerda, há um grande número de edifícios antigos. Um deles se parece com uma igreja muito antiga. O que se encontra a seu lado bem poderia ser um convento. Mas são homens e moças de boina branca que entram ali, atravessando os portões baixos e levando livros e pastas de couro debaixo do braço. Deve ser alguma instituição de ensino. E quando eu entro sob a galeria de arcos baixos e bem aquecidos vejo placas nas portas. Aqui é a Universidade, com suas salas de aula. O tempo todo eu pergunto: onde fica a avenida principal? Aos poucos vou percebendo que estou pensando conforme dimensões equivocadas. Aqui já é a avenida principal. As ruas desta cidade são ruelas tortuosas ladeadas por casebres.⁴ Sigo por uma calçada elevada, que se ergue, íngreme, ao longo de uma sarjeta muito ativa. À direita e à esquerda da ruela correm riachos sujos. Em determinados lugares o riacho está coberto por tábuas, flui por baixo delas, de maneira que se pode caminhar mais tranquilamente. Homens e mulheres vestidos à moda das pequenas cidades interioranas. Aqui e acolá veem-se moças e mulheres que usam meias claras ou cor de carne, de rosto pintado com um pouco de pó de arroz. Na maior parte das vezes, trajam vestidos domésticos folgados e botas pesadas de todos os dias. Diante das vitrines e das portas das lojas veem-se tábuas

3. Embora não usassem trajes tradicionais, os judeus que Döblin observa em Vilnius também não lembravam os emancipados de Berlim. Eram em sua maioria ortodoxos, mas de um tipo diferente dos hassídicos da Polônia central: seguiam uma religiosidade mais racional e reservada, e se vestiam à moda europeia.

4. A cidade não passou pelas reformas urbanísticas do século XIX que redesenharam capitais como Viena e Paris, inspiradas nos projetos do Barão Haussmann. Na descrição de Döblin, Vilnius conserva o traçado antigo e irregular de uma cidade medieval, sem as largas avenidas nos moldes dos bulevares franceses.

VIAGEM À POLÔNIA

grossas, pintadas de marrom, cadeados, tramelas pesadas. Numa das esquinas dessa rua vejo um policial andando. Ali fica meu hotel.⁵ O quarto é espaçoso, a mobília é pobre. Não há cortinas.

Numa pracinha na zona oeste da cidade, a pouca distância do bosque de Zakret, encontra-se uma igreja cujas grandes cúpulas douradas reluzem por sobre as ruas das redondezas. Trata-se de uma igreja ortodoxa grega.⁶ A região à sua volta é malcuidada, pobre, com construções precárias. Do outro lado da praça encontra-se um cemitério. É meio-dia. Entro na igreja e vejo toda uma fileira de mendigos junto à entrada. Elas abrem a porta assim que ouvem uma batida e se inclinam. A liturgia é monótona, o coro é fraco. Entra-se num amplo saguão, pintado com cores desbotadas, sem janela. Uns poucos homens e mulheres, ajoelhados ou em pé. Olham para o espaço circular da igreja, iluminado do alto pela luz do dia. Não há nem cadeiras nem bancos sobre o chão de pedras da igreja, sob a cúpula, mas há várias pequenas reentrâncias na parede, onde estão altares, mesinhas sobre as quais há todo tipo de coisa, flores em vasos, uma enorme quantidade de velas acesas, grandes e pequenas, bilhetes e imagens. Uma mulher acompanhada de duas crianças dirige-se a um desses altares enfeitados, no qual há água numa bacia. Ela seasperge com a água e, em seguida, ergue suas crianças, que fazem o mesmo. Tenho a impressão de que todas essas coisas sobre os altares se tornaram consagradas por meio de algum procedimento, ou estão prestes a ser consagradas. Uma parede dourada fecha o espaço da igreja. A parede é feita de madeira, e é menos alta do que a igreja. Atrás dela há mais um saguão. A parede foi inteiramente pintada com grandes imagens, sobre um fundo de ouro bizantino muito solene. Representam homens velhos com

5. Segundo os manuscritos da obra, Döblin se hospedou no Hotel Europa, localizado na esquina da Dominikanerstraße com a Deutsche Straße, em Vilnius.

6. Conhecida como igreja Romanov, foi erguida em 1913 em Vilnius para celebrar os trezentos anos da dinastia Romanov. As cúpulas douradas foram destruídas durante a ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial, e as pinturas murais descritas por Döblin também já não existem.

auréolas de santos e também o Cristo. Talvez sejam os apóstolos. A cada tanto, sou obrigado a olhar para a direita, para o espaço redondo da igreja — pois não tenho como ir para lá. Agora vêm cada vez mais pessoas — devem ser por volta de cinquenta — que ficam por instantes no saguão, de pé ou ajoelhadas, e de lá se dirigem ao interior da igreja, pessoas humildes, quase só mulheres, alguns operários. À direita uma construção singular surge de uma abertura na parede. Panos brancos estão pendurados sobre alguma coisa, assim como flores artificiais vermelhas e brancas. À frente, há tecidos coloridos dependurados. Os tecidos cobrem, igualmente, o forro do telhado dessa espécie de anexo. Aos poucos, reconheço: trata-se de um crucifixo de madeira sobre o qual está pintado o Cristo. Ao seu lado estão, como se estivessem cobertas por panos e por flores, duas santas. Uma voz masculina muito grave canta. Eu não sei de onde ela vem. O interior da igreja está vazio. Os fiéis à minha frente fazem o sinal da cruz de uma maneira especialmente conspícuia, ajoelham-se a cada tanto, encostam a testa no piso de pedras, erguendo as mãos para o alto.

Agora surge uma abertura bem no centro da parede do altar. Trata-se de uma porta arrombada. Nas profundezas do aposento que surge ali veem-se grandes mesas sobre as quais há prateleiras com utensílios. Há também objetos altos e coloridos sobre elas, talvez sejam flores. E, bem ao fundo, mais imagens douradas. E um azul-celeste esplêndido oscila ali, como se pairasse no ar. A cor está no meio de listras prateadas sobre o manto que um padre de barbas e cabelos brancos veste, enquanto atravessa a entrada do altar, vindo dos fundos, canta com uma voz grave e faz o sinal da cruz sobre a comunidade de fiéis. Ele então se volta, recua para junto da grande mesa com prateleiras, e dá início à liturgia, até que cede a vez ao coro, que está oculto. Há degraus até o altar. Muitos meninos, acompanhados de homens e de mulheres, subiram até ali e se colocaram diante da parede dourada, dos dois lados da porta central. O padre se aproxima deles, cantando, segurando nas mãos uma bacia, que ele trouxe dos fundos. A bacia reluz e ele asperge a testa dos fiéis. E então ele se volta e se

VIAGEM À POLÔNIA

dirige ao interior da igreja, em meio aos homens e às mulheres que o circundam de perto. Sob o esplêndido manto azul-celeste com listras prateadas ele veste uma túnica escarlate, que se torna visível quando ele movimenta os braços abertos. Largas fitas azuis caem para a frente. Seu assistente é um homem velho e simples, vestido com roupas simples de todos os dias. Ele carrega uma mesa, apoiando-a no corpo, e a coloca diante de um pequeno altar. Traz um incensório que fumega, pendurado numa corrente. O velho sacerdote o apanha, canta, balança-o diante de si. Rolos de fumaça azulada se erguem. Aroma de incenso. O sacerdote de cabelos brancos canta, o coro lhe responde, ele caminha ao redor da igreja com o incensório fumegante, detém-se diante de cada um dos altares e deixa que a fumaça se espalhe ali. Ele se volta em direção às pessoas ajoelhadas, espalha nuvens sobre elas. Ele se aproxima da parede dourada do altar, sempre cantando, e agora espalha a fumaça diante das imagens. É uma consagração, uma bênção. Fogo e fumaça: um eco dos antigos sacrifícios. Ele sobe os degraus e adentra o recinto detrás do altar, segue ladeando as mesas, também enche este aposento com fumaça. E então ele se aproxima da mesa transversal com as prateleiras e os utensílios, puxa em sua direção este ou aquele utensílio. O que estará ele fazendo? Parecem procedimentos sagrados. Vejo que aqui se realizam coisas mágicas e misteriosas. Feitiçaria. Com que persistência essas coisas sobrevivem, apesar da sua má fama. Por fim, o homem de barba branca, com seu rosto bondoso e saudável — ele calça botas pesadas e maciças sob o manto celeste — está novamente no centro da igreja. Há fiéis que vão embora e outros vêm nos seus lugares. A porta é sempre aberta e fechada pelas mendigas enfileiradas.

Do lado de fora, porém, a igreja tem uma cúpula dourada com um buraco assustador. A superfície metálica está completamente arrebentada e o que se vê é só uma terrível escuridão. Trata-se do resultado de uma bala de canhão dos bolcheviques em 1920.

Muitas pessoas com as quais eu falo sabem russo. Não há nem rastro de ódio à Rússia. Se alguém lhes pergunta se sabem

VILNA

russo, elas sorriem como se tivessem sido apanhadas. Isto é verdade sobre os nativos. Os poloneses que se mudaram para cá odeiam e temem os russos tanto quanto os de Varsóvia. Tenho dois mapas de Vilna: um do tempo dos russos e outro atual. Quase todas as ruas e praças tiveram seus nomes mudados. Em Varsóvia isto me alegrou, me fez bem ao coração. Curioso: aqui o efeito não é o mesmo. É como se este mapa tivesse sido imposto sobre a cidade, de cima para baixo. A rua principal do centro da cidade chamava-se Bolschaia e a avenida que cruza o nordeste de Vilna, Georgievsky Prospekt. Agora, porém, a Bolschaia se chama Wielka e Zamkowa e a Georgievsky Prospekt tem o nome de Adam Mickiewicz. Há também uma rua Słowacki, uma Piłsudski, uma Sigmund, uma Kościuszko.

Uma mulher culta se dirige a mim, sussurrando: os poloneses são corteses, sentimentais e falsos. Os russos têm uma alma livre, são sinceros e amáveis. Vejo, agora, que ela me compreendeu mal. Sou um amigo do povo polonês. Os poloneses passaram por séculos de infelicidade. Tiveram que se esconder, não podiam ser sinceros — justamente sob o jugo dos honestos e amáveis russos. A opressão torna as pessoas tortas e fracas. E a Polônia não é um país cujo território se estende livremente como a Rússia, nem é grande como a Rússia, mas está imprensada entre o leste e o oeste, entre o sul e o norte. E isso não produz pessoas simples. Uma ponte: sobre a terra ou sobre a água? — Mas me sinto entristecido.

O território em torno de Vilna é disputado. Os lituanos consideram Vilna como a sua capital. Os poloneses a ocuparam.⁷

7. Após a Primeira Guerra Mundial, o recém-fundado Estado lituano e a Polônia restabelecida apresentaram reivindicações conflitantes sobre Vilnius. A Polônia baseava sua pretensão na herança da antiga União Polono-Lituana, dissolvida em 1772, enquanto o novo Estado lituano considerava naturalmente Vilnius sua capital. Em dezembro de 1918, foi proclamada na cidade uma República Soviética, logo seguida pela ocupação do Exército Vermelho e pela criação da República Socialista Soviética da Lituânia e da Bielorrússia. Em abril de 1920, tropas polonesas tomaram Vilnius, mas em julho ela voltou a ser ocupada pelo Exército Vermelho e entregue ao governo lituano, que então firmou um tratado de paz com a Rússia Soviética. Em outubro do

VIAGEM À POLÔNIA

As fronteiras com a Lituânia estão fechadas. Há entre os dois jovens Estados uma guerra permanente.

Sob uma chuva fraca caminho pela rua dos Dominicanos. Um fio de água amarelado e sujo corre pela sarjeta. A calçada é de pedras, mas a cada tanto aparecem tábuas. Há vidraças remendadas. Na vitrine de uma loja há chapéus, tecidos, fitas. Na de outra, maçãs e bolachas. Cavalos puxam os fiacres sob cangas de madeira. Ao longo da calçada, nas colunas com anúncios, vejo cartazes sobre a semana da aviação. Na vitrine de uma papelaria está um retrato de Wyspiański, o rosto eslavo, a barba que cobre suas faces de tuberculoso, com as pontas voltadas para fora. Abaixo dele, uma pintora e poetisa, de rosto muito suave e delicado, apesar de sua gordura, olhando para baixo com os lábios apertados. É um ser humano. Uma artista doente. À esquerda, a rua se alarga. Um soldado muito forte, com uma boina escarlate de hussardo, vem subindo. Numa livraria vejo livros alemães, volumes da coleção Reclam, a história da arte de Springer, os Atlas Médicos de Lahmann, a anatomia de Rauber. Todas as lojas têm uma tendência a se tornarem bazares de bugigangas. Do outro lado da rua há um hotel que tem por nome “Versailles”. Para que tanto barulho?

A Universidade fica num edifício amplo e antigo. Foi fundada por Estêvão Báthory, um rei polonês que os eleitores da nobreza foram buscar na Transilvânia. Até o fim do seu reinado, ele só falava um pouco de polonês, mas governou bem o país. Foi obrigado a tomar como esposa uma princesa velhota, da dinastia jaguelônica.⁸ No prédio da Universidade há cúpulas gigantescas.

mesmo ano, o general polonês Lucjan Żeligowski e suas tropas ocuparam novamente a cidade e proclamaram o território como Lituânia Central. Os esforços de mediação da Liga das Nações fracassaram. Em janeiro de 1922, realizaram-se eleições para o Sejm local, boicotadas por lituanos, judeus e bielorrussos, mas com 64% de comparecimento. Esse Sejm decidiu unir-se à Polônia, e a incorporação foi reconhecida internacionalmente em 15 de março de 1923, quando a Conferência dos Embaixadores Aliados aceitou a nova fronteira oriental polonesa.

8. A dinastia jaguelônica governou a Polônia e a Lituânia, unidas desde 1386 — e, em períodos distintos, também a Hungria e a Boêmia. Sua influência

VILNA

À época dos russos, o prédio sediava um colégio. Ali se caminha ao longo de vastos corredores e escadarias. Trata-se de uma construção antiquíssima, de uma solidez inacreditável, o que tem um efeito tranquilizador. Durante a guerra certamente foi um ótimo abrigo contra as bombas. Não me parece ser um edifício construído e sim algo que cresceu de maneira orgânica. A luz elétrica não combina com este ambiente denso, secreto. As salas de leitura, as salas de aula com seus velhos e aconchegantes bancos de madeira, tudo está marcado pelo tempo, arredondado por séculos de contato contínuo com seres humanos. Em toda parte, veem-se portas de ferro. Mergulha-se nas profundezas de porões, subitamente dá-se com uma sala enorme e bem aquecida, onde está o catálogo da biblioteca. E tudo o que se encontra ali adaptou-se, ao longo de muito tempo, às formas dos seres humanos.

Um homem mais velho, franzino, me conduz por incontáveis escadas e corredores, nos quais se lê “cuidado!” e “atenção!”. É o arquivista, a pessoa certa nesse lugar, pois estamos no Arquivo do Estado. Nunca vi livros como os que há aqui. Alguns têm séculos. Há outros que são do tempo dos russos. Um único volume, às vezes com mil páginas, resiste ao tempo, numa encadernação inacreditavelmente sólida, de couro marrom desgastado pelo uso. Em geral a lombada de um livro é mais estreita do que a capa. Aqui, é o oposto. Esses volumes monstruosos são costurados com linha grossa. Há uma série denominada *Codex diplomaticus*, de um homem de origem alemã cujo sobrenome é Dögel.⁹ Muitos dos volumes são manuscritos. O homenzinho afirma que as atas do arquivo, se enfileiradas, se estenderiam por quinze quilômetros. Ali se encontram atas dos tribunais, numa curiosa confusão de lín-

estendia-se por amplos territórios da atual Europa Central e Oriental, incluindo partes da Ucrânia e da Bielorrússia. Sua hegemonia estendeu-se até 1572.

9. Mathias Dominicus Dogiel, reitor do Colégio Piarista em Vilnius, fundou a gráfica da Ordem Piarista em 1754. De sua principal obra, o *Codex diplomaticus regni Poloniae et Magni Ducatus Lithuaniae* (1759), estavam planejados cinco volumes, dos quais apenas três foram efetivamente publicados. Esses volumes figuraram entre as mais belas obras impressas na Lituânia do século XVIII.

VIAGEM À POLÔNIA

guas: o título está em russo, mas o conteúdo em polonês. Folheio um acordo num tribunal, que ele me mostra. O começo e o fim, o ritual do tribunal, em russo. E entre os dois, um longo texto em polonês. Há textos rutenos¹⁰ muito peculiares. Coleções com materiais do tempo da ocupação alemã. Revistas com retratos de generais alemães. Não há nada que possa escapar da imortalidade.

O velho senhor, muito atento, deixa um documento diante de mim: trata-se do boletim escolar de Julius Słowacki. Como se fosse um diploma, é todo escrito em latim solene. Słowacki e Mickiewicz frequentaram o colégio que havia aqui e moraram logo ao lado, na rua Zamkowa. As notas de Słowacki são quase todas “bom” e às vezes “muito bom”. E ele escreveu seu nome no verso da página — com uma caligrafia artisticamente refinada, a escrita característica dos estetas.

Embaixo, na penumbra de um corredor, jaz um torso feito de pedra ou de gesso, como se fosse uma escultura medieval da Catedral de Naumburg. Só espero que os estudantes não o ergam dali e não o usem como modelo para seus desenhos: só assim, no chão, debaixo de um arco, esta escultura pode viver. Por trás dessa porta de ferro — esse edifício estava desde sempre destinado a ser uma Universidade, para que os jovens perambulem por aqui, se sentem sobre seus bancos; num lugar assim, aprende-se melhor do que em outra parte — por trás dessa porta de ferro encontra-se uma quinta faculdade. Vilna tem cinco faculdades. E a quinta não é uma faculdade de filosofia desativada, nem uma segunda faculdade de teologia, e sim uma faculdade de artes. Não sei por que fizeram de uma escola de artes uma faculdade. Ainda assim, não tenho objeções. O professor titular dessa faculdade é um conhecido pintor de paisagens polonês. Mas não é ele quem me mostra a faculdade, e sim seu assistente. Porém, não há muito o que mostrar: uma ou duas salas onde duas senhoras

¹⁰. Os rutenos eram um povo eslavo oriental, historicamente identificado com as populações da antiga Rutênia — região que corresponde, em grande parte, à atual Ucrânia ocidental e à Bielorrússia. Viviam sobretudo na Galícia Oriental, na Transcarpácia e em áreas sob domínio da Lituânia e da Hungria.

VILNA

estão sentadas diante de grandes pastas. Têm ares de história da arte. Tanto as senhoras quanto as pastas. Tudo o mais por ali está associado às artes e às ciências, mas dificilmente resulta num todo coerente: há objetos da Idade da Pedra encontrados na região de Vilna, objetos pré-históricos, esplêndidos baralhos, cópias feitas em gesso de esculturas famosas. E então curiosas pernas humanas, às quais estão soldados correntes e grilhões. Talvez tenham sido de criminosos. Talvez de monges, que, para se penitenciarem de seus pecados, flagelaram a si mesmos e foram enterrados assim. Tenho a sensação de que, nessa sala, sente-se um espírito — justamente o do professor e pintor de paisagens, que se alimenta de tudo isso. Parece menos uma faculdade do que o resultado dos pensamentos flutuantes e fecundos desse professor. Acho ótimo que lhe proporcionem espaço. Vejo que se trata de um Estado jovem. O belo pátio interno quadrado que há aqui recebeu o nome do primeiro reitor da Universidade, Peter Skarga.¹¹ Embaixo, veem-se arcadas. Em cima também havia algumas que, no entanto, foram fechadas pelos russos. Os russos estavam menos interessados em beleza e em arquitetura do que em salas de aula bem aquecidas. Evidentemente que a pessoa não deveria usar o colar de Cleópatra para amarrar as próprias botas, mas, sob determinadas circunstâncias, penso que até mesmo isso possa ser feito. Acima das arcadas encontra-se um nicho. A imagem da Virgem, porém, foi tirada de lá. Resta, porém, uma inscrição.

A Universidade tem também uma igreja, que é tão antiga quanto a própria Universidade. Já vi muitas igrejas, e me lembro muito bem de algumas. Preciso dosar cuidadosamente meu consumo de igrejas para não desistir antes do tempo. Primeiro, observo e aprovo a sacristia com seu revestimento de madeira e com suas colunas flamengas. Considero a madeira trabalhada como um belo ornamento, mas então vem a surpresa: o sacristão

11. Peter Skarga foi um jesuíta polonês do século XVI, pregador da corte do rei Sigismundo III e um dos principais representantes da Contrarreforma na Polônia.

VIAGEM À POLÔNIA

mexe em determinados lugares e surgem armários por toda parte. Armários em cujo interior não há nada. Talvez esse tenha sido um lugar destinado às ciências ocultas. Além disso, a igreja tem esplêndidos vitrais, azuis e amarelos. Do alto da galeria, um busto de Moniuszko, um compositor de óperas polonês, olha para baixo. É a primeira vez que ouço seu nome desde que cheguei à Polônia. Ele foi organista dessa igreja. Há placas em memória de pessoas ilustres e até mesmo uma orgulhosa capela particular da família Ogiński, que tem até um órgão próprio. É nesta igreja que se realizam as cerimônias de formatura da Universidade. Trata-se de um costume tipicamente medieval. O que pode um jovem Estado fazer com velhas tranças? Usá-las, é claro! Um pouco por pompa, um pouco por seriedade, um pouco para irritar os outros.

Piłsudski, que foi estudante aqui, inaugurou ele mesmo a Universidade. Ao anoitecer, quando falo com um oficial polonês, ele me diz que hoje se pode ver Piłsudski andando de trem, quando ele se dirige à sua propriedade nos arredores de Vilna. Eu, porém, não vou até lá. Não tenho talento para fazer rapapés. Sou baixinho demais. Ao amanhecer, ouço toques fortes de trombeta. Diante do hotel há um posto do corpo de bombeiros. Uma grande carroça levando uma escada dispara pelo portão. A bordo vão alguns bombeiros, vestidos com um uniforme cinza esverdeado. Eles ainda estão sentados de qualquer jeito, mas logo se aprumam, com seus capacetes de metal reluzente sobre a cabeça. Há algo de romano nesses capacetes. Mas em meio à carroça vai um homem de pé, o que toca a trombeta, e sopra com força, para que todas as pessoas, na rua, ouçam como ele toca bem. Dois valentes cavalos marrons estão atrelados à carroça e avançam, sacolejando e puxando a carroça por ruas e ruelas em direção ao incêndio. Uma outra carroça, com um aparelho estranho, vai atrás. Também nela veem-se capacetes reluzentes. Deve ser a carroça-pipa. E então mais duas carroças com grandes tonéis pintados de azul-celeste, que levam a água pelas ruas, em direção ao fogo. E, por fim, mais uma carroça com escada e com guerreiros corajosos, dentre os quais se veem também alguns

civis. Todo o cortejo cruza a cidade, apressadamente. Não há dúvidas de que eles vão vencer o fogo. Passada meia hora, ouve-se de novo o toque da trombeta. Eles estão voltando. O fogo foi apagado. Ou talvez nunca tenha chegado a ocorrer.

Gostaria muito de ver mais coisas polonesas, lituanas, russas. Mas a língua me impede. E, longe de Varsóvia, não há quem me dê muita atenção.

O centro da cidade é velho, antigo, exíguo. Em direção ao norte surge uma outra parte da cidade, com um ar diferente e mais moderno. A grande avenida comercial Adam Mickiewicz segue numa linha diagonal do leste para o oeste. Na extremidade leste encontram-se a praça da catedral e o monte do castelo.

A Mickiewicza, ladeada por fileiras estreitas de árvores, tem lojas grandes e bonitas, frutarias amplas com uma riquíssima oferta de mercadorias. Algumas livrarias. Vitrines inteiras só com livros russos. Um Hotel Bristol, que não parece ruim. O melhor restaurante da cidade, dois cafés, onde há fabulosos bolos e confeitos russos autênticos produzidos lá mesmo. As salas estão repletas de doces. Não sei quem comerá tudo isso. Um “Teatro Polonês” fica um pouco recuado, diante do qual caminhou timidamente, e com respeito. *Jackie Koogan, vida longa ao rei:* talvez esse Jackie seja capaz de fazer alguma coisa interessante, mas animais amestrados e crianças-prodígio me assustam. Envergonho-me de vê-los.

Há carroças de camponeses na rua, algumas delas seguem em pequenos comboios. Os camponeses percorrem longas distâncias e temem os assaltantes. Os cocheiros seguem a pé, junto às carroças, das quais algumas são muito pequenas. Os camponeses calçam botas pretas, casacos de pele pretos ou brancos, grandes gorros de pele.

E ali, adiante, ergue-se, em meio ao outono, rodeado de folhagem amarela e marrom, o monte do castelo, com a parte mais antiga de Vilna. Um certo arquiduque Gediminas ali construiu sua fortaleza. Na planície o fogo ainda ardia no interior de um templo pagão. O homem, com quem a bela e delicada Edviges da Polônia foi obrigada a se casar, foi o primeiro representante da

VIAGEM À POLÔNIA

dinastia polonesa-lituana dos Jaguelões. Ao que parece, o contrato de casamento o obrigava a tornar-se cristão e a demolir o templo pagão. Em compensação, ele erigiu a catedral de Santo Estanislau, para se vingar do cristianismo: quando um cristão vê esse edifício pavoroso, torna-se outra vez pagão. Nada de bom resulta desses casamentos arranjados. A igreja se parece com um templo grego, ou com um teatro estatal polonês. Antiguidades do Vístula. O casamento foi dissolvido pela morte, a Polônia e a Lituânia voltaram a se separar, mas não foi possível desfazer a catedral. Ao que parece, santo Casimiro está sepultado em seu interior, dentro de um caixão de prata que pesa 1 200 quilos. Há também no interior da catedral oito esculturas de prata representando reis poloneses. E todos os perfumes das Arábias. Uma torre com um sino encontra-se ao lado desse templo grego ou teatro municipal. À hora do almoço passo por ali. No alto da torre alguém toca um trompete. O homem, lá no alto, sopra nas quatro direções. Eu ouço. Trata-se de um soldado e este é o costume nas guarnições polonesas. Os russos tiraram do parque que fica ao pé do monte do castelo o memorial de seu Púchkin. Decerto estavam interessados no metal. Depois da retirada de Rennenkampf, o castelo serviu de quartel-general das tropas alemãs. No parque municipal, à hora do almoço, ouve-se música alemã. Há fileiras de bancos, como num parque de uma estação de águas.

No alto do monte: uma muralha feita de pedras avermelhadas. Segundo uma lenda, há um túnel que sai daqui e vai até a localidade vizinha de Troki. Há casernas feitas com o mesmo material, embaixo, e pela encosta do monte desce uma vegetação amarelada. Vê-se dali, também, a superfície escura do rio, o Wilia.¹² Grandes quantidades de casinhas com telhados avermelhados. Ouvem-se as rodas das carroças, que avançam, e também marteladas. Ao lado do castelo, atrás de mim, há três curiosas cruzes brancas, muito altas, uma ao lado da outra. Dizem-me que são poloneses que estão sepultados ali. Eles foram mortos

12. Wilia é o nome polonês. Em lituano, o rio se chama Neris.

VILNA

pelo general Muravyov,¹³ em 1863. Ainda à época da ocupação, os poloneses, que não esquecem nada, erigiram essas cruzes. Um canhão: com ele, os russos costumavam sinalizar o meio-dia. Tantos costumes antigos! Graduação de universitários na igreja, o toque do trompete, a salva de canhão. Atualmente os relógios são cada vez mais populares, mas como as autoridades demoram a tomar conhecimento de algo assim! Por muito tempo contemplo, com prazer, a superfície lisa e escura do Wilia. Na margem oposta, as florestas se estendem, em semicírculo.

Depois que vi, do alto, o que se chama de praça do Castelo, junto à qual há uma igrejinha, e também o próprio castelo,¹⁴ não consigo me decidir a entrar. É um lugar que se destina apenas aos estrangeiros do tipo antigo, mas eu sou um estrangeiro do tipo moderno. Meu acompanhante, porém, quer vê-lo. Ele é de Vilna. Vou mostrar-lhe, então, o castelo.

— O governador-geral russo morava aqui?

— Sim.

— Eu sabia. Era de se imaginar. Mais tarde os alemães fizeram um clube de oficiais aqui. Ou um hospital militar, pois o comando-geral ficava do outro lado?

— Um hospital militar.

— A placa de mármore com inscrições douradas junto ao portão mostra que, ao retornar da Rússia, Napoleão residiu aqui. Na noite do dia 23 de novembro de 1812 ele deixou a cidade disfarçado.

Uma cigana passa diante do portão, levando uma criança pela mão. Eles estão acampados junto à cidade, muitos deles vêm da Rússia. Meu acompanhante é da opinião de que eles estão fugindo dos bolcheviques. “Eles não estão fugindo dos bolcheviques, meu filho. São gente pobre e quem sobe ao poder só ataca

13. Mikhail Nikolayevich Muravyov foi um oficial do Império Russo nomeado governador-geral da Lituânia e Bielorrússia em 1863. Tornou-se notório pela残酷 com que reprimiu os rebeldes, ganhando o apelido de “o carrasco”.

14. Döblin se refere ao Palácio do Bispo, reformado entre 1824 e 1832, situado na atual praça Daukanto, antiga praça Napoleão. Hoje o edifício abriga a sede da Presidência da Lituânia.

VIAGEM À POLÔNIA

os ricos. Eles estão sempre em fuga. Mais precisamente, eles estão sempre fugindo. Ou melhor: não fogem, migram.” Insisto sobre a palavra “migrar” com meu acompanhante. Em seguida, entramos no pátio do castelo. É perto da uma da tarde. Pode-se andar despreocupadamente por ali. Napoleão fugiu, os russos se retiraram, os alemães partiram. Agora estamos ali. Cogito, com meu acompanhante, se deveríamos hastejar uma bandeira e divulgar uma proclamação, em polonês e em iídiche, declarando que viemos como amigos e que, portanto, nós e nossas tropas devemos ser amparados de todas as maneiras. Mas primeiro quero perguntar ao porteiro. Não tenho nada contra ele. O porteiro nos viu e se assustou tanto que foi almoçar. Meu acompanhante o apanha. Eles falam um com o outro. Em que língua falam? Em russo. Eles honram Napoleão e falam um com o outro em russo ou em polonês. Já eu não honro Napoleão, mas falo francês. Quando me dirijo ao porteiro em francês, ele me responde dizendo que não fala iídiche. Deceptionado, sigo adiante, subindo a escadaria. Alcanço uma grande antessala, cujo tapete desapareceu com o passar dos séculos. Seguimos então em direção a um salão de dança. Móveis esfarrapados, em estilo rococó, lamentam a partida de Napoleão. Seguem-se aposentos caiados, com estufas simples, e que se perguntam o que estão fazendo no meio de um castelo. Muravyov, o poderoso, morava num quarto horrível, sem janela. Sem janela! É uma simples câmara. Muravyov sentia tanto medo que dormia num quarto sem janela. E agora percebo um cheiro que chega aos meus ossos e à minha medula, e que nunca senti no interior de um castelo. Ainda assim, não estou arrependido por ter entrado. Trata-se de um castelo incommum. Com certeza Muravyov ainda está vivo. Há um cheiro perturbador de seu medo no ar. Eu mesmo sou tomado de medo e quero fugir daqui. Por intermédio de meu acompanhante pergunto ao porteiro se Muravyov ainda está aqui. Muravyov deve estar aqui. Sinto o cheiro dele. Pode-se sentir o cheiro dele no ar. Com muita tranquilidade, o porteiro me responde que ele não está. O cheiro que se sente vem da canalização inexistente.

Ela não existe desde o tempo de Napoleão e sua falta se torna perceptível desde aquela época por meio deste cheiro, que se multiplica. E este estado de coisas é mantido inalterado, pois se trata de um castelo, uma construção histórica a ser vista e cheirada. Sinto-me aliviado ao saber que o terrível Muravyov não está mais aqui. O porteiro me mostra ainda outro remanescente do tempo dos russos: uma escada em caracol, à qual se chega por várias outras escadas. É a escada secreta, pela qual o grande tirano escapava em caso de necessidade.

Ao longo do rio, as casernas se seguem. Massas de soldados fazem seus exercícios militares. Vive-se num estado permanente de guerra. Há um hospital afastado, que pertence à Universidade. Foi inaugurado há pouco. É pequeno. No andar térreo fica o centro cirúrgico. No andar superior, as clínicas. Uma bela vista sobre os jardins, nos quais pasta uma bela vaca malhada.

Esfriou muito. Nas ruas, o hálito da gente se transforma em vapor. Sou levado a várias igrejas. Sigo, obediente, mas, uma vez lá dentro, fecho cuidadosamente os olhos e os ouvidos. Numa das igrejas vejo no alto de uma estaca o rosto carnudo de um camponês polonês esculpido em pedra. Contam que Napoleão, diante de uma igreja, teria dito que queria levá-la, inteira, para Paris. Pois não. Não suporto essas malditas obras de arte antigas. Prefiro uma pequena escola de tapeçaria junto a uma ponte. Ao que parece, a casa abrigava um bordel no tempo dos russos. Do outro lado da ponte de madeira há uma outra casa que também pertence à escola. Com a guerra, o idílio acabou. Agora ouvem-se pancadas, estalos, estampidos. Moças em grande número estão sentadas diante de seus teares, como organistas diante de seus órgãos, pisam nos pedais, agarram os fios, no alto, com as mãos.

Ouço comentários agradáveis a respeito da ocupação alemã. Segundo me dizem, eles deixaram como herança três cemitérios, um para civis, um para oficiais, um para soldados. O bom Deus dos alemães julga de acordo com as leis civis e militares. Na floresta de Zakret, longe da cidade, vejo, de fato, suas sepulturas, em longuíssimas fileiras, simples cruzes de madeira, e também as

VIAGEM À POLÔNIA

peculiares cruzes gregas ortodoxas dos russos, nas quais a barra transversal fica inclinada. Impera um silêncio absoluto. Jazem ali incontáveis mortos, que partiram deste mundo sob os estrondos dos canhões e em meio aos gemidos dos hospitais de campanha. Pobres criaturas. Decerto não há entre elas nenhuma que não tenha deixado esta vida terrível em meio a lamentos. Sinto-me torturado e envergonhado à medida que caminho em meio às sepulturas. Tenho a sensação de que devo pedir-lhes desculpas. Porque eles jazem enquanto estou vivo. Não quero perguntar-lhes, não posso perguntar-lhes como se sentem. Desejo que estejam tão bem e tão inteiramente belos quanto as folhas verdes e alongadas da grama que brota de suas sepulturas.

Sigo ao longo da rua dos Dominicanos, e passo por estudantes com suas boinas brancas. E quando alcanço uma esquina, onde estão o policial e os fiacres, chego à rua alemã,¹⁵ que é a rua dos judeus. Aqui comprehendo a língua que é falada. As lojas se sucedem, uma colada à outra, muita gente, judeus que carregam coisas e se juntam em grupos. Poucas vezes se vê um cáften. Quase todos usam roupas europeias interioranas. Há travessas muito estreitas e o comércio de rua invade também os pátios internos dos edifícios. As lojas são abertas, frequentemente sem vidraças, açougues e granjas lado a lado. Algumas das ruas são atravessadas por arcadas. Aqui se encontravam os limites do antigo gueto.¹⁶ Há uma vida intensa, aqui e no monte do castelo, onde os soldados fazem seus exercícios. Entro no chamado

15. A viela alemã, uma das mais antigas de Vilnius, deve seu nome aos comerciantes alemães que ali se estabeleceram no século XIV. Na época da viagem de Döblin, era considerada a principal rua comercial da cidade.

16. Os judeus começaram a se estabelecer em Vilnius no século XIV e, em certos períodos, chegaram a constituir o maior grupo populacional da cidade. No censo de 1897, realizado pelo Império Russo, representavam cerca de 40% da população, e no censo polonês de 1923, cerca de 56 mil pessoas, ou 34% dos habitantes. O antigo bairro judaico situava-se entre as ruas Dominikonų, Vokiečių e Didžioji, mas no século XIX os judeus podiam também residir em outras partes da cidade.

VILNA

“pátio dos judeus”.¹⁷ Junto ao portão há jovens que distribuem filipetas, folhetos e convites para uma assembleia, escritos em iídiche. Trata-se de um pátio de dimensões moderadas, cercado por casas pequenas e desinteressantes. A algumas se chega subindo degraus. As casas de estudos ficam uma colada à outra. Subitamente há degraus que, em vez de subir, descem. Para a minha surpresa, estou no interior de um templo lotado.¹⁸ Há galerias para as mulheres, separadas por vidraças. Ali está cheio de homens que rezam, que andam de um lado para outro, que conversam. No centro encontra-se a *bimá*, um palco de madeira rodeado por colunas e cercado. É muito ampla e para alcançá-la é preciso galgar degraus. À sua volta encontram-se bancos enfileirados. Há também púlpitos isolados, sobre os quais se encontram livros. Homens de aparência muito simples se encontram sobre a *bimá*, trajando seus mantos de oração. Não vejo mulheres. Há um homem que canta. Há muita agitação na sala. Ao fundo, dois grandes baldaquins. Vários relógios à parede.

É a sinagoga do grande Gaon. Ouço seu nome com frequência, o nome do grande sábio judeu da Vilna de cem anos atrás. Degraus partem do pátio e alcançam um aposento espaçoso, bem aquecido, feito de madeira. A *bimá* fica no centro. Em cima, homens com roupas comuns e mantos de oração. Um deles tem nas mãos rolos da Torá, enrolados em torno de duas hastas, e os ergue em direção ao aposento. Um outro sobe à *bimá*, segura

17. Em Vilnius havia mais de cem sinagogas, das quais mais de dez concentravam-se no chamado *shulhof*, ou “pátio da escola”, na rua dos judeus. Döblin registra ainda a presença de ginásios hebraicos e academias de estudos talmúdicos, as *ieshivot*.

18. Trata-se da Grande Sinagoga de Vilna. Seu primeiro prédio foi erguido por volta de 1573, mas destruído em um *pogrom* em 1592. Em 1633, os judeus da cidade receberam a permissão de reconstruí-la em alvenaria. No século XVIII, a sinagoga foi remodelada pelo mestre de obras Johann Christoph Glaubitz, no estilo renascentista italiano. Em 1794, durante a Revolta de Kościuszko, sofreu graves danos. Posteriormente à escrita deste livro, durante a Segunda Guerra Mundial, foi incendiada sob a ocupação alemã e, após 1945, demolida pelo regime soviético, que construiu um jardim de infância em seu lugar.

VIAGEM À POLÔNIA

os rolos por cima, enrola-os até que fiquem bem colados um ao outro e os amarra. Enquanto isso, a liturgia prossegue. Junto a mesas amplas há homens idosos com expressões muito sérias e compenetradas, e com a cabeça inclinada sobre seus livros. Há outros que conversam em voz baixa, recostados, revirando suas barbas brancas. Há pequenos grupos que se reúnem em torno de um livro. Aqui há mais púlpitos isolados, como no grande saguão da sinagoga que visitei antes. A gente não anda muito de um lado para outro nem ergue o olhar dos livros.

Quem foi o Gaon? Meus guias judeus sabem tudo a respeito dele. Ele se chamava Eliyahu ben Schlome. Chamavam-no de Elia Schlome. Nasceu no primeiro quartel do século XVIII e viveu até quase os oitenta anos. Já aos sete anos de idade apresentou uma conferência na grande sinagoga de Vilna. Aos nove, sabia a Bíblia de cor; aos dez, a maior parte do Talmud da Babilônia.

Conforme ouço e vejo como eles sabem de tudo com exatidão, me espanto. Só aprendi a respeito da Batalha de Maratona. Quer dizer que existem ainda outros assuntos importantes. Por que, então, justamente este episódio de Maratona me foi servido? Há muito tempo não me alimento mais dele. — Quanto ao Gaon, foi um estudioso de matemática e de astronomia, mas ganhou importância por outro motivo. Uma dissidência judaica surgiu na Ucrânia. Um único homem a concebeu, um homem que conhecia mal o Talmud e a Torá. E ele começou a contar todo tipo de coisa às massas judaicas empobrecidas que viviam nos vilarejos e nas aldeias das planícies russas. O talmudista fraco era o rabi Israel Baal Shem Tov. Ele não circulava no *beit midrash*, na casa de estudos, e sim fora, ao ar livre, e, segundo se diz, aprendeu a compreender as vozes dos pássaros e as palavras das árvores.¹⁹ “Ó!”, disse ele, “o mundo está repleto de raios de luz e de mistérios maravilhosos! E a mão pequena do homem

19. O Gaon de Vilna foi o maior representante da escola rabínica lituana e líder espiritual dos *misnagdim*, opositores do hassidismo nascente no século XVIII. Defendia o estudo rigoroso do Talmud e uma religiosidade racional e disciplinada, em contraste com o fervor místico e popular dos *hassidim*.

VILNA

se coloca diante dos seus olhos e o impede de ver as grandes luzes.” E também: “O que é a Torá senão um guia para o serviço de Deus e um instrumento para a união com Deus? Os rabinos, porém, não buscam este objetivo, e sim querem ostentar sua grande erudição. Qualquer homem pode se tornar grande e justo sem conhecer o Talmud”. As pessoas incertas acorreram a ele. Com certeza era um grandalhão, de uma naturalidade um tanto grosseira. E esta figura impressionante transmitiu ensinamentos sobre os grandes poderes da alma, sobre a onipotência da alma. Transformaram-no num *tzadik*, uma criatura sobre-humana, um ser misterioso, capaz de salvar os outros e de operar milagres. Até rabinos se tornaram seus seguidores. Ele ensinou a alegria e o prazer, o fervor durante a oração. A tristeza era algo que lhe parecia totalmente condenável. Para ele, os pensamentos puros e os sentimentos eram tudo. E também lhe parecia bom rezar em meio às florestas ou em meio aos campos. Seus seguidores foram chamados de *hassidim*.

O Gaon de Vilna passou um tempo no exílio, para purificar-se dos seus pecados, perambulou pela Polônia, pela Alemanha, orou, lutou para cumprir com suas obrigações diante de Deus. Ele se estabeleceu em Vilna, penitenciou-se, estudou o Talmud e a *cabala*. Não queria ver nem mesmo seus próprios familiares. Foi um fanático do conhecimento, um crítico rigoroso. Criticou Maimônides por ele ter sido um seguidor da maldita filosofia dos gregos, e repudiou o grande rabi Isserles. E então surgiu na Ucrânia um sonhador, um sem noção que, enquanto viveu, confundia o povo judeu diante dos seus próprios olhos. O Gaon tinha algo da soberania papal. E quando as coisas foram longe demais, aproximando-se da selvageria, ele impôs a excomunhão sobre os *hassidim* e sobre os seus líderes. Recusou-se a encontrar-se com eles. Foi-se embora de Vilna quando tentaram obrigá-lo a ouvir o que os inovadores tinham a dizer. Quando ele tinha 25 anos de idade, excomungou pela primeira vez os *hassidim* e, nove anos depois, repetiu a excomunhão:

VIAGEM À POLÔNIA

Que eles sejam reprimidos e que se espalhem como migalhas ao vento. Que sejam expulsos dos lugares nos quais se encontram, como se fossem leprosos e infectos. Que ninguém dirija seus passos para perto dos seus bairros, nem se associe com eles, nem participe das suas comunidades, nem coma da carne que foi por eles abatida, nem se case com ninguém deles.

Aos 77 anos de idade, ele os amaldiçoou pela última vez. Durante a vida do Gaon, a nova doutrina, que na verdade pouco tinha de nova e pouco tinha de doutrina, difundiu-se. O Baal Shem vivia na cidadezinha de Miedziborz, na Volínia. “A doutrina de Deus é perfeita; ela dá vida à alma.” Assim ele morreu. As queimas de livros — de textos hassídicos — e as perseguições se multiplicaram. O grande Gaon de Vilna foi incapaz de conter o movimento, que chegou a se insinuar dentro da sua própria residência. *Misnagdim*, protestantes — assim os que se mantinham fiéis às velhas formas da religião tiveram que chamar a si mesmos. Mas as disputas terminaram. Já o “Apter”,²⁰ um dos primeiros líderes hassídicos depois da era do Baal Shem, declarou:

O Shulchan Aruch é a nossa *estrada imperial*. Ao longo do nosso extenso exílio foram-se formando pântanos nessa estrada, interrompendo-a. O Baal Shem Tov encontrou um desvio, um caminho que passava por montanhas e florestas, mas que era seco e que levava ao destino. E agora grandes colossos de pedra fecharam esse caminho estreito, pelo qual já não se pode mais passar. Há novatos que se põem a procurar ainda mais caminhos, caminhos secundários, e tentam transpor novos abismos. E lá está o espírito do Baal Shem que, com os braços erguidos, pede para que se aceite a razão, para que ninguém conduza o povo por caminhos tortuosos demais, e para que se o conduza de volta à Estrada Imperial.

O Gaon não foi derrotado. Sua cidade, Vilna, a Jerusalém da Lituânia, permaneceu como o centro dos racionalistas.

O historiador Meyer assim caracteriza os semitas:

20. Avraham Jehoshua Heshel de Apta, conhecido como o Apter Rebe, foi um dos grandes *tzadikim* do hassidismo, nascido em meados do século XVIII.

A profundidade da vida da alma e a calidez da sensibilidade que caracterizam os povos indo-germânicos são estranhas ao semita. E isto se encontra diretamente relacionado ao fato de que falta aos semitas a força criativa da fantasia.

Talvez ele tenha considerado os judeus como semitas. Os judeus de hoje, na Rússia, na Polônia, na Europa ocidental: é difícil dizer em que grau ainda são semitas. Também não sei se os negros têm em relação aos brancos a vantagem de terem a pele negra ou se são os brancos que têm em relação aos negros a vantagem de terem a pele branca. Seja como for, Meyer certamente teria permanecido em silêncio diante do Baal Shem e de seus seguidores.

Na biblioteca do Gaon, novamente ouço falar desse homem tão poderoso. O velho bibliotecário espalha volumes e volumes diante dos meus olhos. Grandes páginas desgastadas: este é o Talmud. O papel amarelado mostra, em sua parte superior, o texto da Mishná e da Guemará,²¹, rodeado pelos comentários em letrinhas miúdas, especialmente na escrita de Rashi.²² Um grande volume com uma bela encadernação em couro branco contém fotografias do texto veneziano do Talmud da Babilônia, em dois volumes. Chama a atenção o nome de Strack,²³ o estudioso alemão do judaísmo. Aqui viveu o Gaon. Há um manuscrito seu, um livrinho pequeno e espesso. Trata-se de uma coleção de comentários ao Talmud. Numa enciclopédia russa vejo um retrato do próprio Gaon: um rosto fanático, olhos incandescentes, uma boca firme. A barba faísca em torno do seu rosto. Os rostos dos sábios que estão dependurados na parede da sala de leitura têm uma expressão mais suave, mais calorosa, porém

21. A Mishná, literalmente “repetição”, é a compilação canônica da tradição oral da Torá, redigida por volta do ano 200 da Era Comum. A Guemará, “acabamento”, reúne as discussões e interpretações rabínicas posteriores sobre a Mishná. Juntas, formam o Talmud.

22. Acrônimo de rabino Schlomo ben Jizchak (1040–1105), rabino francês e ainda hoje o mais importante exegeta judeu da Bíblia. Seus comentários sobre o Talmud são impressos em todas as edições.

23. Hermann Leberecht Strack foi um teólogo protestante e orientalista, um dos mais proeminentes estudiosos do judaísmo na Alemanha.

VIAGEM À POLÔNIA

empalidecem quando comparados ao do Gaon. Como o suave e delicado empalidece perto do poderoso! Hoje. Amanhã, porém, o poderoso também terá desaparecido.

Não posso deixar de pensar, quando saio: que povo impressionante, o judeu. Eu não o conhecia, acreditava que aquilo que eu costumava ver na Alemanha, aquela gente sempre ocupada, eram os judeus: os comerciantes que se refogam no amor familiar e vão engordando aos poucos; os intelectuais ágeis; a incontável gente fina, infeliz e insegura. Agora vejo: esses são exemplares que foram arrancados de seu tronco, que degeneraram, afastados do cerne do seu povo, que vive aqui e se conserva aqui. E que cerne é esse, capaz de produzir a riqueza transbordante do Baal Shem, a chama escura do Gaon de Vilna! Que coisas aconteceram nessas paragens orientais, aparentemente tão pobres em cultura. Como aqui tudo gravita em torno do espiritual. Que importância imensa se atribui ao espírito, à religião! Não é uma pequena camada da sociedade que se vincula à religião, e sim a massa. Esse povo está, como quase nenhum outro, centrado em sua própria tradição religiosa e espiritual. Nesse sentido, os judeus tiveram menos dificuldades do que os outros povos, pois ficaram livres de disputas em torno de coisas como formas de organização do Estado, revoluções, guerras, expansão de fronteiras, reis, parlamentos. Há 2 mil anos, os romanos os livraram dessas preocupações. E a verdade é que eles nunca se lamentaram por isso. Nem se sentaram às margens dos rios da Babilônia para chorar. O que lhes importava era apenas o Templo. Eles precisavam do Estado só por causa do Templo. E só em Sião encontra-se o verdadeiro Templo. Sob o influxo dessa ideia, como o Estado não voltou a existir, aos poucos começou uma transformação do povo como um todo. Silenciosamente, a renúncia a um país e a um Estado insinuou-se em meio ao povo. E eles mesmos se transformaram num povo-templo. Um povo que carrega o templo dentro de si. Um caso inédito. Que só pôde surgir em meio a circunstâncias tão peculiares e tão duradouras.

VILNA

E se agora fosse possível retroceder na história e realmente restituir-lhes Sião? Há, de fato, um movimento nesse sentido. As velhas circunstâncias artificiais não podem mais ser mantidas. Seu rigor se atenua com o tempo. A modernidade e a necessidade econômica arrancaram os judeus de seu antigo isolamento. O movimento de volta ao passado — já começou. A tragédia da realização encontra-se em curso. O Templo que eles encontrarão, se o procurarem, não será o Templo. Os religiosos sabem muito bem disso. Eles dizem: só o messias pode nos restituir o Templo. Os mais autênticos entre os judeus há muito tempo deixaram de esperar pelo Estado. Só é possível preservar-se por meio da religião e por isso é preciso manter-se estritamente dentro da religião. A política é incapaz de realizar o divino. A política só é capaz de gerar mais política. Para os religiosos, os tempos “modernos” não resolvem coisa alguma.

Ainda assim, as circunstâncias políticas e econômicas de hoje e o sofrimento das massas são fatos palpáveis. O velho organismo vai opor uma grande resistência à sua própria transformação. “Estado”, “parlamento”, encontram-se no horizonte — em oposição ao Gaon tanto quanto ao Baal Shem.

Sou capaz de enxergar a olho nu a ação das forças transformadoras que estão dissolvendo o judaísmo tradicional. A emancipação das massas se dá, no leste da Europa, no contexto de um nacionalismo sólido, e com uma ênfase toda especial sobre o nacionalismo.

Um senhor extraordinariamente culto²⁴ me orienta e, vejam só, não é de surpreender: ele nasceu na Alemanha e chegou a ser docente universitário lá. Ele possui um doutorado em três faculdades — o rabí Israel Baal Shem Tov não conhecia bem o Talmud —, é médico de profissão, muito reconhecido como tal e, ao mesmo tempo, é diretor do Colégio Hebraico. Enquanto ele fala comigo, sentado à escrivaninha, na sala ao nosso lado os pacientes claudicam enquanto esperam para receber seus tratamentos

24. Trata-se de Josef Regensburg, diretor do ginásio hebraico dr. Josef Epstein, em Vilnius. O edifício abriga hoje o Museu Judaico Estatal Gaon de Vilna.

VIAGEM À POLÔNIA

à base de eletricidade. É um homem de meia-idade que veio para Vilna durante a guerra. Conforme ele me explica, aqui há um colégio clássico hebraico e um colégio hebraico profissionalizante. O primeiro tem cerca de quinhentos alunos, o segundo, duzentos. Há também duas escolas de ensino fundamental e um jardim de infância, e está sendo construída uma universidade popular, que corresponde ao modelo da Academia Humboldt berlimense. Há também escolas de ensino fundamental na região de Vilna e algumas escolas de ensino médio. Nos colégios, de resto estruturados conforme os modelos ocidentais, a língua do ensino é o hebraico e além das matérias ocidentais os alunos aprendem hebraico, judaísmo, literatura hebraica antiga, medieval e contemporânea, Talmud. Os colégios se sustentam apenas com as mensalidades pagas pelas famílias dos alunos, que são muito elevadas.

O movimento hebraísta, chamado Tarbut, é, conforme ele me explica, diferente do sionismo. Acreditam que o hebraico deva se tornar a língua vernácula dos judeus. O iídiche é considerado como uma língua emprestada, uma espécie de dialeto alemão. Pode-se pedir uma cartola emprestada, mas não uma língua. A língua é o atributo de uma nação. Em toda parte, espera-se que os alunos das escolas hebraicas hebraizem o ambiente à sua volta. O iídiche é apoiado por gente de esquerda, a-religiosa ou antirreligiosa. Pode-se dizer que uma espécie de conflito entre classes sociais também se manifesta na disputa entre o iídiche e o hebraico: as classes sociais inferiores querem o iídiche, a classe média quer o hebraico, nas escolas superiores predomina o nacionalismo judaico, isto é, o sionismo. O movimento Tarbut não é antirreligioso, como fica comprovado pelo fato de que o estudo da Bíblia e do Talmud é por ele defendido. O que se busca é um movimento cultural hebraísta. Para os sionistas, Sião é um objetivo em si mesmo; para os apoiadores do movimento Tarbut, apenas um instrumento para a criação da cultura hebraica.²⁵

25. A organização Tarbut, fundada em 1917, promoveu uma educação secular e sionista em hebraico, abrangendo escolas primárias, secundárias e pré-escolas

VILNA

Visito o Seminário Hebraico de Professores. É um edifício singular, que abriga igualmente a “Comunidade Judaica” e o Seminário Iídiche de Professores. Pela manhã, por algum motivo, não há aulas. Um representante do sionismo está sendo esperado. Sou apresentado a um jovem de rosto banal, que se dirige a mim em hebraico e, ao se dar conta de que eu não o comprehendo, passa a me ignorar. E então esse homem, um professor, visivelmente um tolo, se põe a conversar alegremente e a fumar cigarros com um grupo de jovens, moças e rapazes, todos eles de dezessete a vinte anos de idade. São criaturas jovens que falam hebraico. Não consigo evitar de pensar que é como se estivessem falando francês na Alemanha. Eles executam seus conhecimentos da língua com verve, e provavelmente o fazem de forma bastante competente. Em vez do professor tolo, quem me guia é uma jovem. Ela me diz que os estudos se estendem por quatro anos, que há ali 130 alunos, dos quais 60% são moças. Que estudam Literatura Hebraica Antiga, Bíblia, Exegese, Talmud, Idade Média e Filosofia. Ela diz que eles estudam e eu acredito. Eles não são antirreligiosos, apenas são indiferentes à religião. A ginástica também é uma das disciplinas, assim como a modelagem, o desenho e o canto.

Saio sem dizer palavra e me dirijo à outra ala, a dos irmãos-rivais. Também entre os iídichistas²⁶ não há aulas hoje. Mas

financiadas por recursos privados. Sua missão era preparar os jovens para a vida na Palestina e fortalecer a identidade judaica nacional por meio do ensino do hebraico moderno. Só na região de Vilnius administrava cerca de trinta escolas, em sua maioria primárias, além de três secundárias, uma faculdade de professores e a pré-escola Nicanim, que funcionava em hebraico e polonês. Durante a ocupação soviética, as escolas Tarbut foram dissolvidas à força; sob a ocupação alemã, participaram das atividades clandestinas de ensino no Gueto de Varsóvia. Após 1945, novas escolas foram abertas na Polônia, mas tiveram de encerrar suas atividades poucos anos depois com o avanço do regime comunista.
 26. O iídichismo é um movimento judaico que defende a língua e a cultura iídiche como base do judaísmo moderno e secular. Suas bases ideológicas foram lançadas na Conferência da Língua Judaica de Czernowitz, em 1908. Embora o movimento tenha começado em Czernowitz, Vilnius tornou-se o principal centro do iídiche, reunindo instituições culturais e educacionais. O seminário de formação de professores de iídiche que Döblin visitou, fundado

VIAGEM À POLÔNIA

encontro um dos professores. Aqui há 112 alunos. Os pais dos alunos são operários, artesãos, pequenos comerciantes. Este senhor me diz: não há um único hebraísta que acredite sinceramente na língua hebraica na diáspora. A respeito do hebraico na Palestina, não é necessário discutir. É um fato consumado. Os hebraístas são, em sua maior parte, membros da burguesia, judeus em busca de assimilação, que querem disfarçar sua assimilação. Fora das horas de trabalho, falam polonês.

Um jornalista está presente. Tem um rosto extremamente refinado. É filólogo, iídichista apaixonado.²⁷ Ele declara: para os ocidentais, o sionismo significa o ressurgimento nacional, para os orientais, significa a regressão. O sionismo não é uma solução para a questão judaica, nem espiritualmente, nem economicamente. A Palestina continuará a ser por muito tempo um lugar para poucos escolhidos. Politicamente, seria incorreto dizer aos judeus poloneses que sacrificuem tudo em nome desse objetivo. O hebraísmo é estéril e privado de perspectivas. Enfraquece o judaísmo em aspectos muito importantes. O jornalista considera interessante que o sionismo seja tão apreciado entre os poloneses, ao contrário do movimento iídichista. Basta observar para ver claramente que os sionistas são pessoas cultas e refinadas, e que seu sionismo não as obriga a absolutamente nada. Fazem-se donativos e, enquanto isto, permanece-se como uma pessoa distinta na Polônia. Aqui, na região de Vilna, os iídichistas e os membros do Bund²⁸ estão em grande maioria. Há 3 mil alunos nas suas escolas. O Comitê Central de Educação Iídiche fica em Vilna. Há um colé-

em 1921 por Abraham Golomb, era o único do gênero na Polônia. Entre seus docentes estiveram o poeta Moishe Kulbak e o filólogo Max Weinreich, que mais tarde fundaria o Instituto Científico Judaico (YIVO).

27. Trata-se de Zalman Reisen, filólogo, crítico e historiador da literatura iídiche, além de redator-chefe do periódico *Vilner Tog*.

28. Bundistas eram os membros da *Liga Geral de Trabalhadores Judeus da Lituânia, Polônia e Rússia*, ou simplesmente o *Bund*, palavra alemã que significa “liga”. De orientação socialista e laica, o movimento defendia os direitos dos trabalhadores judeus e o iídiche como língua nacional.

gio clássico e um colégio profissionalizante, oito escolas de ensino fundamental, duas escolas para alunos com necessidades especiais, escolas noturnas para operários, um seminário de professores.

Uma escola de meninas iídiche. Meninas, de doze, treze anos de idade, a maior parte delas com cabelos castanhos, algumas com cabelos pretos, limpas e bem-vestidas, cerca de vinte criaturas muito graciosas, que permanecem sentadas, muito bem compostas. Elas estão discutindo a situação das mulheres conforme algum texto, criticam impiedosamente a inferioridade da mulher nos períodos mais antigos do judaísmo. Uma menina bonita e esperta está na frente, ao lado do professor, com o rosto voltado para a classe, e fala devagar. No fundo da sala, uma puxa os cabelos de outra. No último banco, duas meninas primeiro se dão as mãos e depois se abraçam rapidamente. Falam sobre epopeias heroicas judaicas, se é que jamais existiu algo assim. Agora outra vai para a frente da sala, com suas longas tranças castanhas escuras e uma saia preta. A blusa de lã azul, muito justa, põe em evidência seus seios desenvolvidos. Claramente trata-se de uma aula divertida. Elas riem muito com seu professor.

Numa outra sala, meninas menores têm aula de polonês. É engraçado ver como elas respondem de forma confusa, se agitam, chamam a atenção. Têm à sua frente livros poloneses, com trechos de grandes autores poloneses. Uma menina tem cabelos pretos cortados muito curtos, como se fosse um menino. Primeiro penso que se trata mesmo de um menino. Mas então ela se levanta e vejo que, debaixo da saia, há calças brancas e compridas.

Numa classe de alunos ainda menores, meninos e meninas estudam juntos, e recitam encantadoras poesias em iídiche, muitas das quais estão impressas num livro. Uma dessas poesias diz:

Passarinho, passarinho!
— *Pip-pip-pi!*
Onde está o papai?
— Não está aqui!
Quando ele virá?
— Amanhã cedo!

VIAGEM À POLÔNIA

E o que ele vai trazer?
 — Um copinho de cerveja!
 Onde ele vai colocá-lo?
 — Debaixo da porta!
 Com o que vai tampá-lo?
 — Com um pedacinho de papel!
 Quem vai bebê-lo?
 — Eu e você!

Outra:

Sobre uma montanha alta,
 Grande e verde,
 Há dois alemães,
 Com longas barbichas.
 São homens ricos.
 Vestem roupas curtas.
 Nossa Pai, Nossa Rei,
 Meu coração se alegra.
 Queremos nos alegrar,
 Queremos beber vinho.
 Queremos comer *kreplach*
 E não queremos esquecer
 O nosso Deus vivo!

E então:

Suas bochechinhas —
 Como rosas em flor.
 Sua boquinha —
 Doce como açúcar.
 Seus olhinhos —
 Como cerejas negras,
 Receber dela
 Um beijo doce!
 Seus cabelinhos —
 Como veludo crescido.
 Suas mãozinhas —
 Como *ribelach*.
 Seu coração e o meu
 Atados um ao outro,

VILNA

E ninguém sabe
Das nossas feridas!

Isso tudo soa como o alemão antigo, que se desenvolveu juntamente com o povo judeu. Os iídichistas não desejam abrir mão dessas riquezas, enquanto os hebraístas não desejam abrir mão de outras.

Um conhecedor da Grécia diz:

O zelo exagerado com o legado escrito dos ancestrais remotos é uma característica dos orientais, e os gregos são fundamentalmente orientais. A maior parte dos povos do Oriente, até os chineses, possuem, além da língua corrente, uma outra língua, hierática, na qual os antigos sábios escreveram. — Também o árabe tem sua antiga língua literária, que é escrita e compreendida num vasto território, que vai de Mossul a Meca e de lá até Mogador. Em contraposição, nos diferentes países abrangidos por este vasto território há muitos dialetos modernos, muito diferentes uns dos outros.²⁹

Portanto: não se trata, simplesmente, do confronto entre o Baal Shem Tov e o Estado, entre a Idade Média e a Modernidade, mas também entre o Oriente e o Ocidente. — A primeira cisão do povo judeu: Gaon, Baal Shem contra a política mundana.³⁰

A segunda cisão por meio dos emancipados: cidadãos burgueses contra socialistas. Os socialistas, humanistas e universalistas, conservam melhor a velha linhagem do Gaon, a grande ideia supranacional.

A escola iídiche, o seminário iídiche, se parece com a escola hebraica e com o seminário hebraico. A diferença literatura hebraica e Talmud numa, ciências na outra, não muda nada. Ambas são instituições ocidentais com especificidades nacionais. Um olhar sobre suas salas de aula e sobre seus currículos tornaria evidente que essas instituições, nas quais se fala iídiche

29. Retirado da obra *Tage in Hellas* [Dias na Grécia], publicada em 1924 pelo escritor e jornalista judeu alemão Bernhard Guttmann.

30. Döblin explicita um embate antigo, ligado à dispersão judaica após a perda da terra de origem. As comunidades judaicas tradicionais na diáspora apareciam, nesse contexto, como fragmentos do Oriente dentro do Ocidente.

VIAGEM À POLÔNIA

ou hebraico, são ocidentais. Modernas, nacionais e ocidentais. Ambas. São instituições civilizadoras.³¹

A economia e a política nos Estados onde os judeus vivem os conduzem, com ímpeto, aos braços da civilização moderna. É a isso que chamam de “secularização do judaísmo”. Ao mesmo tempo, desperta em meio aos milhões de judeus um novo sentimento: querem se tornar um povo europeu livre, aliviado do peso da velha opressão e do velho desprezo. Querem ou bem tornar-se uma minoria nacional ou ter seu lar nacional, tomado de empréstimo da esfera religiosa, na Ásia.

As massas — há um velho mundo que se desintegra³² — seguem por um caminho necessário e predeterminado. Apenas devem precaver-se de vestir roupas que os povos ocidentais já não desejam vestir.

À tarde, uma apresentação infantil num teatro iídiche. É uma sala ampla e bonita, na praça do Teatro. Um antigo cinema. A plateia inteira e os corredores estão repletos de meninos e meninas, todos bem arrumados e bem-humorados. Só reconheço como judeus uma pequena parte dentre eles. O contrassenso do conceito de “raça” torna-se evidente. Veem-se ali vários tipos étnicos. Todos são judeus — e querem sê-lo. A mistura de diversas raças é palpável, como resultado do entorno eslavo e polonês. A peça que está sendo apresentada é *Motke Ganef*,³³ de Scholem Asch, em iídiche. A peça, que já foi apresentada centenas de vezes nos Estados Unidos, era originalmente um conto: no primeiro ato, Motke, um jovem, deixa a casa paterna como ladrão. O pai o expulsa, a mãe busca consolá-lo e é incapaz de se separar dele. Ele ameaça, faz uma promessa: “Voltarei com uma carruagem e dois cavalos”. No segundo ato ele é um cavaliço num circo, que se apaixona por uma mulher de reputação duvidosa. Por ele, ela

31. O racionalismo judaico, embora distinto do racionalismo laico iluminista, dialoga com ele em alguns de seus fundamentos.

32. Döblin expressa a consciência de que aquelas comunidades judaicas tradicionais já estavam em declínio e em breve desapareceriam.

33. Pode ser traduzido para o português como “Motke, o ladrão”.

rouba o passaporte de um rico galã, para que os dois possam fugir juntos, entrega-lhe o dinheiro e um punhal, para que consiga obter passaportes falsos. No terceiro ato, Motke é proprietário de um bordel. É um cafetão, um homem forte e poderoso. E então ele vê uma “donzela pura”. A catástrofe se anuncia. Ele sente que sua vida se acabou. Ele quer se casar com essa donzela, afasta a prostituta, a mulher do circo, que o serviu e que o seguiu. Mas é tarde demais. O quarto ato já começa. Motke se sente culpado pelo seu destino cruel. Ele se envergonha diante da donzela pura — uma moça de família judia — e se confessa para ela. Precisa confessar seu passado, sente que ao fazê-lo se livra dele, e que ao confessar seus erros diante dela é por ela absolvido. E ele é obrigado a falar pois ela o chama pelo nome terrível do homem cujo passaporte ele usa. Ele não quer usar o nome de um morto. Ela o ouve, estarrecida, e permanece em silêncio, apesar de todo o horror. Mas os pais da moça também ouviram a confissão. E justamente no instante em que sua mãe aparece em cena, e sua felicidade está completa — ele abraça as duas mulheres: “Duas mamães” — os apitos soam. Os policiais entram em cena. Ele já não tem como escapar e salta pela janela.

A peça emocionante — escrita por um bom técnico com coração de poeta — é representada com grande verve. Os atores querem impressionar e acreditam que são capazes de fazê-lo por meio do exagero. Os gestos são impetuoso demais, tudo parece sobrecarregado, do palco à plateia. Só a mãe é discreta: é uma atriz amadora. Essa massa de crianças espertas e cheias de vida! Uma companhia festiva e alerta. Perambulo por ali, encantado.

Uma poetisa lírica me conduz,³⁴ uma criatura extremamente sensível. Não há cidade nem paisagem capaz de proporcionar prazer igual ao de uma pessoa tão especial.

34. Trata-se da poetisa e tradutora Sara Reisen, irmã de Zalman Reisen. Nos anos 1920, traduziu para o iídiche obras de autores como Lev Tolstói, Oscar Wilde, Charles Dickens, entre outros.

VIAGEM À POLÔNIA

Num domingo sou acompanhado por dois jovens numa visita ao velho cemitério judaico,³⁵ na periferia da cidade. Durante o caminho de ida, eles já começam a dizer que provavelmente o cemitério estará fechado. E de fato está, como constatamos diante do grande portão de madeira. O zelador mora em outra região. O mais astuto dos dois jovens imediatamente informa: não é preciso que eu me preocupe, eles vão dar um jeito. A expressão “dar um jeito” é por ele dita de maneira particularmente triunfante, e o outro concorda. Estou curioso por saber o que vai acontecer. A entrada do cemitério é um portão de madeira, fechado por dentro por uma tramela. À volta do cemitério há uma cerca de tábuas e uma cerca de arame esburacada. Um sobe às costas do outro, está lá no alto, solta-se do outro lado. É a isso que se chama “dar um jeito”. Antes que se passem trinta segundos, o portão já foi aberto e, rindo — é terrível dizer algo assim —, entramos no cemitério, trancando a porta às nossas costas. Ali se encontra uma enorme superfície de grama com algumas árvores, sobre a qual há tabuletas de pedra baixas, espalhadas aleatoriamente, de um lado ou de outro, isoladas ou em grupo. Há folhas murchas em toda parte, e também amontoadas em depressões do terreno. Uma chuva fina cai. As tabuletas de pedra têm longas inscrições em letras hebraicas quadradas, em vermelho e em amarelo. Frequentemente veem-se leões representados sobre elas. Cacos, fragmentos de pedras e tijolos estão espalhados por ali. É assustador o estado de abandono no qual se encontra esse cemitério. Sobre muitas sepulturas veem-se pequenos pedaços de tijolos, pedrinhas. São as marcas deixadas por homens

35. Antigo cemitério judaico de Vilnius, estabelecido no século xv e fechado para sepultamentos em 1831, localizava-se no bairro de Šnipiškės, entre um quartel e estábulos. Na época da visita de Döblin, o local ainda existia, embora cercado e trancado, como ele descreve. Posteriormente, foi saqueado durante a ocupação alemã e demolido pelo regime soviético após a Segunda Guerra Mundial. Parte das sepulturas foi transferida para o cemitério da rua Sudervės 28, em Šeškinė, onde hoje se encontram o mausoléu do Gaon de Vilna e as cinzas de *Ger Tzedek* (Valentin Potocki).

VILNA

piedosos que rezaram aqui. Pois as pessoas vêm de longe para orar junto aos túmulos de homens famosos, de homens santos. É aquele sentimento profundo e obscuro que os traz até aqui. Eles imaginam que, de alguma forma, ainda sejam capazes de sentir a presença do santo junto a seu túmulo, junto ao seu corpo, e que podem se aproximar dele da mesma forma que seus antepassados o fizeram em sua época. O morto está ligado ao seu túmulo, a alma que partiu está ligada ao corpo e pode ser chamada por meio de preces. E o homem piedoso, o *rebe*, o santo, está mais próximo de Deus e pode melhor interceder junto dele do que um ser humano comum, e talvez possa influenciar Deus. — Como tudo aqui fica entregue ao abandono. Ouço gritos de comando, soldados que cantam, e subitamente também mugidos. Subo uma ondulação do terreno, cheia de tabuletas de pedra espalhadas. De cima, vejo uma vaca pastando lá embaixo. Pastando em meio aos túmulos. Seu esterco está espalhado por toda parte.

Bem ao lado vejo um grande túmulo: o *tzadik* de Ger. Meus acompanhantes me narram a história dele. Era um jovem conde polonês, o conde Valentin Potocki, que estudava junto com um amigo, e viajou a Roma e a Paris. E certa vez, enquanto ele flanava por Paris, viu um velho judeu sentado, debruçado sobre seus livros. O conde falou com ele. E eles combinaram que o conde e seu amigo voltariam ali outras vezes. O velho homem lhes mostraria tudo o que está nas escrituras dos judeus. E eles passaram a frequentá-lo, por meses a fio. E, ao final, os dois amigos tinham perdido sua fé católica, e passaram a se empenhar para serem aceitos pelo judaísmo. E conseguiram, no ambiente de liberdade de Amsterdã. Deixaram suas barbas crescerem, passaram a se vestir com cáftens, voltaram à Polônia disfarçados de judeus pobres. Não sei mais detalhes. O jovem Valentin Potocki foi procurado por seus pais em Roma e em Paris. Não foi encontrado. Só depois de muitos anos surgiu um anúncio: há um homem piedoso que vive perto de Vilna e é muito honrado pelos judeus. Seu nome é Ger Tzedek. E ele é o conde Valentin Potocki. Foi um golpe terrível para a família dos condes. Ele foi

VIAGEM À POLÔNIA

reconhecido. Em vão foram todos os esforços para fazer o herege retornar à sua fé original. Um tribunal se reuniu, condenou-o à morte em Vilna. À morte nas chamas. Isto ocorreu no final do século XVII. Um dia depois que ele foi queimado vivo, sua pena foi revogada. A família não lhe preparou nenhuma sepultura. Um homem piedoso, um seguidor do morto, rabi Leser Sisski, subornou os vigias, aproximou-se do lugar onde a pira havia ardido, reuniu as cinzas e os ossos. E aqui onde estou agora ele foi sepultado. O lugar não permaneceu ignorado por muito tempo. Brotou uma árvore cujo tronco se curvava de maneira estranha, de modo que os galhos cobriam a sepultura. O amigo de Potocki permaneceu desconhecido, casou-se, emigrou para a Palestina.

Vejo a sepultura, a cerca de pedras à sua volta, a estranha árvore. Fragmentos de pedras estão espalhados desordenadamente. Em meio a elas há também blocos de madeira reluzentes. São pedaços da árvore que brotou do túmulo do Ger Tzedek. A árvore foi podada em parte. Quem a podou? O canto dos soldados se aproxima. E agora todo um pelotão, enfileirado de maneira bastante negligente, atravessa um buraco amplo na cerca de arame. Em meio a eles segue um suboficial a cavalo, ralhando. Eles carregam tinas com comida e conduzem cavalos através da cerca. E assim eles marcham pelo cemitério, cantando ruidosamente, gritando de um lado para outro. Montados sobre seus cavalos eles evitam os fragmentos de pedras e contornam os túmulos ainda conservados. O túmulo do Ger Tzedek foi demolido por soldados há não muito tempo, e a árvore foi podada. Mas — este é um atalho que leva de uma caserna a outra e a cerca está cheia de buracos. Tenho a impressão de que esses judeus de Vilna são orgulhosos, mas só em parte, e de forma estritamente local. A grama prolifera, alta. A cada tanto, nas elevações, acaba-se pisando em túmulos quebrados. Muitas vezes encontram-se sobre eles os belos leões que abanam suas caudas, o antigo símbolo da força. O túmulo do Gaon de Vilna. Uma casa baixa, feita de pedra, rodeada por uma cerca de ferro, agora fechada. Em seu interior estão o túmulo dele e os dos seus parentes. Aqui ele jaz, junto

com aqueles que, em vida, ele não conheceu muito bem. Quando sua mulher morreu, ele disse: “Tive que passar muita fome, mas o fiz em honra à Torá e por vontade de Deus. Você, porém, passou fome por mim, que sou só um ser humano”. Há várias pilhas de pequenos bilhetes sobre seu túmulo de pedra e no chão, ao seu lado. Até mesmo fora, veem-se bilhetes dependurados na cerca de ferro, presos com fios de palha ou ramos de grama.

Há uma comunidade de caraítas³⁶ aqui. Ao que parece, há também uma grande comunidade em Troki, outra em Halicz, na Galícia, e também nas redondezas de Łódź. É uma dissidência do judaísmo. Primeiro os judeus, sem país, sem Estado, sem templo, criaram o Talmud, na Palestina e na Babilônia. Esse trabalho foi concluído no século IV da Era Comum. Seguiu-se, então, o que um historiador descreveu da seguinte forma: “O estudo do Talmud declinou a ponto de se transformar numa memorização estéril do texto, privada de qualquer tipo de fecundidade espiritual”. O filho de um príncipe judeu na antiga Babilônia deu início a um movimento hostil ao Talmud, retornando à Bíblia: uma espécie de Lutero do judaísmo.³⁷ Ele acirrou determinados preceitos que, segundo seu entendimento, estavam implícitos na Bíblia ao mesmo tempo em que revogou outros. O velho e o novo grupo judaico

36. O caraísmo é uma ramificação do judaísmo que rejeita a tradição rabínica oral (Talmud) e sustenta que apenas o Tanach (a Bíblia hebraica) é autoridade legal. Anan ben David, no século VIII, é frequentemente citado como figura fundadora desse movimento que valorizava a exegese direta do texto bíblico. Para os caraítas, as leis orais são vistas como interpretações humanas que distorcem o sentido original da Escritura.

37. A analogia entre o caraísmo e o luteranismo deve ser feita com cautela. Döblin nota algumas correspondências, como a sobriedade das cerimônias e a ausência de cantilação ou gestos corporais nas rezas caraítas. Assim como Lutero contestou práticas católicas que, em sua visão, afastavam o fiel do Evangelho, os caraítas rejeitaram a autoridade do Talmud e da tradição rabínica, buscando uma relação direta com o texto bíblico. Ainda que ambos os movimentos compartilhem esse impulso reformador, suas origens e contextos são muito distintos: o luteranismo surgiu na Europa moderna, em meio à consolidação do capitalismo e à separação entre Igreja e Estado, enquanto o caraísmo remonta ao século VIII, no interior do mundo islâmico.

VIAGEM À POLÔNIA

viam um ao outro como hereges. O caraísmo existe ainda hoje, e se opõe radicalmente ao judaísmo talmúdico. Na periferia de Vilna, os caraítas construíram um templo, que quero visitar.

Ao longo do caminho meu acompanhante conta: antigamente os caraítas eram muito poderosos em Vilna. O principal templo da cidade estava em suas mãos. Certa vez houve um conflito grave. Um grande rei polonês, Casimiro, queria conceder determinados privilégios aos judeus e então surgiu a pergunta: quem eram os autênticos judeus e nas mãos de quem ele deveria colocar o poder, os caraítas ou os judeus “rabínicos”? Tratava-se de todos os poderes relativos à vida judaica, o culto, a escola, a autoadministração. O rei convidou representantes dos dois grupos para uma audiência. Um membro do grupo dos judeus rabínicos e outro do grupo dos caraítas se apresentaram ao rei. O caraíta, ao entrar na sala, tirou seus sapatos sujos. O rabínico, a seu lado, fez o mesmo, mas os colocou debaixo do braço e assim se postou diante do trono. “O que é isto que você está fazendo, rabi? Você está levando seus sapatos debaixo do braço? Por que você não os deixa lá fora, como fazem todos os outros?” O rabino:

Eu sei que não estamos aqui para nos lamentar sobre sapatos, senhor rei, mas não ousei deixá-los lá fora. Não ousei. Vou lhe dar uma resposta que provém de nossas Sagradas Escrituras. Nelas está escrito: quando Moisés estava apascentando as ovelhas de Itró, seu sogro, em Midian, ele se aproximou da montanha de Horeb, a montanha do Deus Todo-Poderoso. O anjo do Senhor surgiu numa sarça ardente. E Moisés se aproximou dela. Mas Deus dirigiu-se a ele: Moisés, Moisés, o solo no qual você está pisando é terra santa. Tire seus sapatos. Moisés, nosso líder, que seja abençoada sua memória, fez o que o Senhor ordenou. Estou lhe narrando um episódio das Escrituras Sagradas. Mas quando ele voltou da sarça ardente, senhor rei, e procurou seus sapatos, Moisés não mais os encontrou. Havia alguém atrás dele: um caraíta, que os roubou.

O caraíta, como se tivesse levado uma picada, voltou-se furioso para o rabi:

O que é isto que você está dizendo? Como você ousa dizer uma coisa assim ao grande rei Casimiro? Como você ousa aproximar-se do rei

com mentiras? Mentiras, sim, mentiras, senhor rei! Um caraíta havia de roubar os sapatos de Moisés! Um caraíta! Você está atacando a si mesmo, rabi. Moisés obviamente esteve sozinho diante da sarça ardente! Totalmente sozinho! Por acaso havia caraítas, quando Moisés estava diante do monte Horeb?

O rabi riu, curvou-se diante do rei, curvou-se diante do caraíta, abraçou delicadamente seus sapatos.

Ouça o que ele diz, senhor rei. Ouça o que ele mesmo está dizendo, e não eu, e decida. Ele está dizendo que não havia caraítas quando Moisés, que seu nome seja lembrado com Deus, estava diante do monte Horeb. Ele mesmo o disse. Só quem estava com Moisés era a gente de Itró, do sacerdote em Midian. Ele conhece bem as nossas Escrituras. E agora o caraíta se mostra e quer falar contra mim. Ele quer receber os poderes que o senhor vai conceder. Porque ele é mais nobre, mais autêntico. Quem é mais nobre? Uma criança é mais nobre do que seu pai? Onde é que uma criança é mais nobre do que seu pai? Estou dizendo uma criança. Uma criança! Quem é capaz de determinar de que tipo de criança se trata? Se é uma criança legítima ou se é, Deus nos livre, uma criança ilegítima, uma criança que nada quer saber sobre o seu pai?

Casimiro, o grande, ergueu as mãos. Riu juntamente com o rabino e com os demais membros da corte. O caraíta bufou. Mas o rabi recebeu os poderes dos judeus.

Seguindo-se pela avenida Mickiewicz por um longo trecho alcança-se o templo deles, situado numa grande praça onde há também um mercado, passando por um fórum de justiça recém-inaugurado. Chega-se, então, ao rio. Uma garoa fina turva a sua superfície. Do outro lado da ponte, numa região de colinas cobertas de florestas, há uma clareira na qual se encontra uma igreja ampla, com uma arquitetura estrangeira: uma igreja russa com cúpulas douradas. E a pouca distância dali, em meio ao verde, o pequeno templo dos caraítas. Cúpulas bizantinas, um prédio novo em folha. Entro pela lateral e me encontro no interior de um saguão muito sóbrio: há ali realmente algo da frieza e da sobriedade protestante e purista. À direita e à esquerda há fileiras de bancos com mesas, às quais se sentam cinquenta

VIAGEM À POLÔNIA

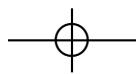
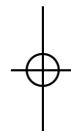
ou sessenta pessoas, homens e mulheres juntos, com os rostos voltados para a frente. Os homens levam chapéus à cabeça, alguns usam um xale de orações branco, curto e estreito sobre os ombros, um remanescente dos mantos de oração. Eles têm os olhares voltados para a frente, para o lugar na parede no qual estão inscritos os Dez Mandamentos, em letras hebraicas douradas. Há um altar mais elevado junto a essa parede e em seu centro uma mesa simples, coberta de tecido azul, sobre a qual foi colocada uma passadeira vermelha, bordada. Há um livro muito grosso, encadernado em vermelho, sobre a mesa. Certamente trata-se da Bíblia. Bem ao fundo, a parede é coberta por uma cortina bordada com fios de ouro. E diante dela alguém conduz a liturgia, cantando. É um homem alto. Vejo-o pelas costas. Ele está abaixo do altar, vestido com uma túnica azul-escura, sobre a qual traja uma camisa branca, à moda das camisas de membros de corais de igrejas católicas. E agora ele se volta. Dois homens trajados com roupas comuns, sentados na primeira fila, à direita, o substituem no canto. A cada tanto a comunidade intervém, cantando um “*amém!*”. Não há órgão nem coral. Os livros de rezas que os homens e as mulheres leem contêm letras hebraicas quadradas. Há mais livros na maior parte das prateleiras dos bancos. Todos permanecem imóveis. Ninguém mexe o tronco. Há alguns que mantêm as mãos juntas à frente do peito. E agora um homem se ergue do seu banco, se ajoelha diante da mesa do altar, se prostra inteiramente no chão, volta a se erguer e apanha o livro grosso encadernado de vermelho que se encontra sobre a mesa. Em meio a cânticos da comunidade, ele o conduz a um armário embutido na parede. E então termina o serviço religioso. Aos poucos os presentes apanham seus livros de rezas, guardam seus xales de oração em pequenas bolsas de tecido ou de couro. E agora, conforme passam por mim no corredor, posso observá-los. Muitos têm a cabeça coberta por boinas e parecem ser artesãos, operários, pequenos comerciantes. Falam uns com os outros em russo, alguns deles em polonês. Não ouço ninguém falando iídiche. Têm origens muito diversas.

VILNA

Nem a metade deles têm rostos ou expressões que correspondem ao que normalmente se associa aos judeus. Os demais têm as bochechas largas dos eslavos, narizes curtos e largos, todos os tipos de traços mongóis. Aos poucos, conforme o templo se esvazia, o cantor caminha vagarosamente entre eles, pelo corredor central. Leva uma boina redonda e achatada sobre a cabeça, azul-escura como seu manto, mas com uma listra branca em volta. Sua barba é branca. Um rosto tipicamente eslavo.

E na saída surge um debate ruidoso. No pátio aos fundos do templo há uma espaçosa cabana, feita de tábuas e coberta com folhagem, como é costume durante a Festa das Cabanas. Há um certo número de estrangeiros que desejam acompanhar os caraítas à cabana, do outro lado do pátio. Mas eles não permitem isso. Um caraíta, um homem simples, dirige-se em russo a um dos estrangeiros, e lhe diz que ele não perdeu nada por ali. A pessoa não deve se deitar na cama de um estranho. Outros caraítas, especialmente uma mulher, se intrometem. Os estrangeiros são obrigados a recuar. À porta ainda vejo a comunidade inteira atravessando o pátio verdejante e desaparecendo devagar com seu sacerdote na grande cabana comunitária.

Meus acompanhantes estão atônitos com o ódio que os atingiu. No caminho de volta, eles contam que os caraítas, aqui, quase só falam russo, mas entre si falam tártaro. Como chegaram a essa língua nem eles mesmos sabem.



Lublin

Há um passageiro que ronca no trem: não se trata de um serrar, e sim de um gaguejar, um estralar. Até que, por fim, ele engole. A válvula se fechou. Agora ele recomeça. Os rostos: como as pessoas sobem e descem sob a luz das lâmpadas. Às vezes parecem saltitar sobre os assentos estofados. Vejo dois homens corpulentos, um deles com uma barba escura e um rosto polonês rechonchudo. Está dormindo. Seu rosto gordo está sem expressão, sua boca completamente frouxa, seus lábios despencam, pesados. Ele dorme tão profundamente. Não é que ele durma: é o sono que se apodera dele, completamente. O sono o apanhou. Antes, ele estava enfurado. Agora, é o sono que o domina. E ele, como um devoto, cumpre com sua obrigação: suporta o que é obrigado a suportar. Um outro lançou a cabeça com a barba comprida e o cavanhaque grisalho para trás, apoiando-a no encosto. Meio sentado, meio deitado, ele dorme como se fosse um vidente. Está ocupado em observar, em ver. Atentamente, ele observa as imagens que se sucedem ante os seus olhos, contempla-as, mantendo firme sua cabeça.

E eu sou o predador desperto que caminha em meio a todos eles. Novamente estou me aproximando de Varsóvia. Já está amanhecendo. A paisagem é pantanosa. Em meio aos charcos surge, a cada tanto, uma pequena ilha gramada. Sobre as planícies paira a neblina, à borda das florestas. A cada tanto, grandes faixas com cultura de cereais cruzam a paisagem. A camada de neblina que paira sobre a terra envolve até os quadris os corpos das pessoas que caminham: vê-se apenas a parte superior dos seus troncos. Árvores se erguem como se tivessem sido cortadas. Junto às aldeias, a névoa se dissolve. Um tapete de

VIAGEM À POLÔNIA

campos verdes amarronzados se estende. Varsóvia se aproxima e então se afasta. Estou a caminho de Lublin. Dirijo-me ao sul. Segundo se diz, Lublin é uma bela cidade antiga.

Sob a luz do longo dia sinto que estou congelando no compartimento do trem. Minhas pernas doem. Estão quase adormecidas. Ao anoitecer, finalmente me levanto. A pequena e ofuscante estação de trens de Lublin. Meu coração se alegra.

E enquanto atravesso a cidade num fiacre vejo pela primeira vez há muitos meses um grande céu noturno, o incomensurável e negro céu da noite, com suas majestosas constelações. As estrelas brilham como sinais incandescentes. O céu se estende como uma cúpula com a profundidade do oceano, com a profundidade de um abismo marcado pelas estrelas reluzentes. Tenho vontade de decolar, de mergulhar nessa abóbada cheia de vida. De me lançar para o alto. Ao mesmo tempo, sinto-me tomado por um enorme orgulho e ergo a cabeça, sentado no fiacre, e volto sempre a olhar para o alto. Como se isso que vejo lá no alto fosse um sinal, não sei dizer do quê.

Por muito tempo avanço através de ruelas escuras, mas então, subitamente, surgem luzes. Sigo por uma rua tomada de gente. E ouço algo que me acompanhará durante toda a minha estadia em Lublin: risos, conversas, gargalhadas no meio da rua. Vêm das hordas de homens e de pessoas que passeiam por ali. Em Vilna não vi multidões como se veem aqui. Curioso. Viaja-se por muitas milhas cruzando areias, estepes silenciosas, pântanos e subitamente — as cidades estão separadas umas das outras — surge esse riso. De novo há gente que perambula sob a luz das lâmpadas, surgem lojas que vendem bolos e confeitos. E sinto uma alegria profunda. Um sentimento de gratidão percorre meu sangue, move as minhas mãos.

Durante a noite, no hotel, me deleitei com o calor da cama e com meus sonhos, até as cinco horas. Eram muitas imagens, que não fui capaz de capturar. Ainda fiquei cochilando por algumas horas, para saborear o gosto do sonho até o final.

LUBLIN

Assim como em Varsóvia, a avenida onde estou se chama “Krakowskie Przedmieście”. Ao longo do calçamento há árvores, predinhos de dois ou três andares, lojas modestas. Travessinhas: logo adiante a cidade termina e dá lugar à areia. Do outro lado vejo um obelisco negro. Duas mulheres loiras de mau gosto se dão as mãos. As cifras 1569–1825 surgem gravadas sobre pedra. A união entre a Polônia e a Lituânia foi firmada aqui. E por trás da coluna vê-se uma grande construção que está sendo demolida. No alto veem-se trabalhadores com picaretas. Um lamentável monte de escombros se espalha. Aqui ficava a catedral russa, católica ortodoxa grega, que está sendo demolida como a de Varsóvia.¹ Tenho pena. Subitamente me sinto sozinho e entristecido. Em Varsóvia algo assim me pareceria aceitável, pois Varsóvia é a capital. Mas onde vai levar esta demolição organizada de igrejas? Deveriam ser deixadas onde estão. O que se oferece em troca dessas igrejas? Tolices, ódio e besteiras. Estremeço de desgosto.

Um velho oficial se aproxima pelo calçamento, vestindo um velho sobretudo russo. Camponeses com boinas altas passam. Senhoras com meias claras. Os mendigos se curvam nas entradas dos prédios. Olho no interior dos prédios: grandes pátios. Ao fundo, barracões com galerias, cheias de caixotes e de roupas dependuradas. Há um prédio desabando. Embaixo vê-se entulho. A casa é sustentada por vigas de madeira. O edifício da Magistratura acaba de ser caiado. Diante da fachada há uma galeria com colunas. Trabalhadores poloneses desempregados

1. Trata-se da Igreja Ortodoxa Russa da Santa Cruz, erguida entre 1873 e 1876 por iniciativa do governador de Lublin, major-general Michal Bukowski. Foi demolida entre abril de 1924 e maio de 1925, por decisão do Conselho Municipal, em grande medida como gesto político: após a independência polonesa, restava apenas uma pequena comunidade ortodoxa russa em Lublin, uma vez que militares e funcionários czaristas haviam deixado a cidade. Os fiéis ainda contavam com a igreja da Transfiguração do Senhor, na rua Ruska, construída no século XVII no lugar de uma antiga igreja de madeira de 1447.

VIAGEM À POLÔNIA

estão sentados ali, balançando as pernas. Observo o velho portal de uma torre, decorado com imagens policromadas de santos.²

Vê-se pouca gente. Poucos cidadãos bem-vestidos. Trabalhadores poloneses, camponeses, judeus com seus trajes típicos. Uma cidade média. Pequena. Mas não é uma cidade adormecida, como o são as cidades deste porte na Alemanha. A pobreza é muito evidente, ataca por todos os lados. Todos, aqui, são obrigados a se mexer. Enquanto isso um passado grandioso desmorona em meio às casas e prédios. Um dilúvio sob a luz do dia. Volto pela mesma rua, passando diante do pequeno hotel onde, na véspera, tinha visto tanta gente rindo e passeando. Agora vejo as caras de gente com frio indo para o trabalho. As testas dessas pessoas são largas e altas, lançam-se para trás. São de um tipo russo, com cabelos crespos, loiros ou castanhos. Crianças loiras perambulam. Encontro gente corpulenta, com rostos ossudos, carnudos, quadrados. Barbas longas, cheias, às vezes retorcidas.

E outra vez as casas começam a rarear. Ao longo do caminho caem pequenas folhas de lilases, em grandes massas. Já estou novamente no limiar do campo. Surge um velho parque. É esplêndido. Agora, casernas. Recrutas bocejam junto às janelas. Pequenas carroças de camponeses rangem, a caminho da cidade. Numa rua transversal, uma praça de esportes, deserta. O cemitério católico. Mais um edifício amplo: é a Universidade Católica. E assim já vi a maior parte da cidade polonesa de Lublin. Mas tudo permanece mudo. Não há ninguém que se aproxime de mim.

Aposentos baixos. Mesas cobertas com toalhas brancas. Sobre uma delas há um vaso alto com flores. Entrei num restaurante. Se chega um cliente, o garçom transporta o vaso para outra mesa. Vem alguém e se senta a essa mesa e ele o leva a ainda outra. Ao final, ele é obrigado a levar o vaso embora dali. Junto à parede, às minhas costas, há grandes dignitários. Não os vejo, só os ouço tagarelando e comendo ruidosamente. Um

2. Trata-se da Krakauer Tor, o “Portal de Cracóvia”, do século XIV, reedificada no século XVIII. É através desse portal que se adentra a cidade velha de Lublin.

LUBLIN

velho, baixinho e gordo, se aproxima. Ele manca com a perna esquerda. Curva-se diante de alguém, que está sentado à mesa atrás de mim. Um jovem calçando botas de cano alto entra devagar. À entrada, ele apanhou um pedaço de pão de uma mesa, e agora mastiga enquanto anda com um porte orgulhoso. E então ele se senta à minha frente, revira a barba e, com maneiras muito refinadas, começa a procurar algo no interior da própria boca. Não encontra o que procura. Tateia os dentes molares esquerdos e direitos e então examina o dedo. Por fim, ele o limpa na toalha de mesa. Duas meninas, uma delas com a cabeça coberta por uma boina azul, tomam sopa. Todo um bando de colegiais com as cabeças cobertas por boinas brancas olha através da janela. Dois oficiais caminham por entre as mesas. É um prazer observar seus uniformes e suas figuras eretas. Com suas condecorações eles se acomodam e aguardam o garçom.

Estou hospedado na rua Bystrzyca, em Lublin, num hotel considerado bom. A cidade foi fundada no século X e o meu hotel é um testemunho desse fato. Quando entro ali à noite, me deparo com um porteiro, num cômodo ao fundo, que parece um cadáver dentro de um sarcófago. Sua boina está baixada sobre o rosto. Ele não entende nada. Se dá algum tipo de sinal de vida, é apenas por estar reagindo a alguma imagem onírica, apenas porque comprehendeu algo que o sonho lhe revelou. Subo pela escadaria. A balaustrada é feita de mármore quase legítimo: por enquanto, trata-se de madeira laqueada de branco. Meu quarto fica no segundo andar. As paredes foram caiadas e lustradas. No século X. Mais tarde, foram se tornando acinzentadas, obedecendo a uma lei natural. Ainda mais tarde, o hotel viu-se, por várias vezes, em meio à guerra. Em seu interior foram disparadas rajadas de metralhadoras. Algumas paredes e portas estão cheias de buracos e de rachaduras. Os administradores do hotel, com sua cultura histórica, mantêm cuidadosamente os rastros do passado. Certos costumes de guerra foram incorporados pela cultura hoteleira. Ao amanhecer, grita-se nos corredores como em preparo para um ataque, conversa-se em voz muito alta e assustadora através das portas. E lá embaixo,

VIAGEM À POLÔNIA

no pátio interno, foi instalada uma máquina que funciona das seis da tarde até as quatro da manhã mais ou menos, e cujos silvos lembram os de uma locomotiva. A pessoa se deita na cama e a máquina bufa, ritmadamente, e logo se tem a sensação de estar em meio a um campo de batalha, ou de estar no vagão-leito de um trem: uma ilusão pela qual não é preciso pagar nada!

Uma das coisas mais surpreendentes desse hotel é a porta do meu quarto. Ao caminhar pelos corredores, já reparei que maçanetas não são conhecidas por aqui. Não estamos mais acostumados aos padrões do século x. Na avenida principal, a "Krakowskie Przedmieście", há um monumento, o obelisco em memória à união entre a Polônia e a Lituânia. Mas as maçanetas do hotel onde estou e onde escrevo — sentado na cama porque o fio da luminária elétrica não alcança a mesa (à época dos Jaguelões e também sob o reinado de Sigismund August ainda não se escrevia aqui) — são monumentos muito mais antigos, de caráter arqueológico. Vistas pelo lado de fora, as portas do hotel não chamam a atenção: ainda que estejam um pouco petrificadas e esburacadas por cupins, parecem portas normais. Mas quando se usa essas portas, ou quando se tenta usá-las, percebe-se que se está diante de algo totalmente incomum. Essas coisas, aqui, têm o que se poderia chamar de caráter. Criaturas comuns morrem com o passar do tempo, mas há outras que, ao envelhecer, adquirem formas singulares de vitalidade.

Quando entro no meu quarto, primeiro não entro no meu quarto. Pois não tenho a chave. A chave tem seu lugar, ao qual ela se habituou, num quartinho que fica no meu andar, mas do outro lado do prédio. De qualquer maneira, não fica com o porteiro. Ela volta para lá, teimosamente, por instinto, como um cavalo ou um cachorro, ainda que, em meus pensamentos, eu a entregue ao porteiro. E quando tenho a chave em mãos, tenho duas chaves. São sempre duas chaves, penduradas numa argola de ferro, que eu não consigo separar uma da outra. Qual das duas é a minha, qual das duas é a certa — isto é algo que sou incapaz de determinar. A cada vez sou obrigado a identificar

LUBLIN

a chave correta fisicamente, isto é, por meio de tentativas e erros, pois não há como fazer um nó no ferro. E um risco com tinta, que fiz na chave certa, o camareiro descalço apagou. Da segunda vez tentei deixar claro ao menino qual era o significado daquele risco. Ele falava em polonês e eu em alemão. Eu falava, gesticulava. Ele olhava para mim, interessado, chamou outro menino, que também se interessou por mim. Ambos observaram o risco, este resultado de minhas longas reflexões. Balançaram a cabeça, riram. E então, evidentemente, entenderam que eu estava reclamando do risco, como se estivesse me queixando de uma sujeira na chave. E então, súbito, um dos meninos cuspiu na chave, enxugou-a na manga da camisa e a devolveu, sorridente. Eles ficaram esperando pela minha reação. E então eu tentei tirar a chave certa da argola. Ambos interferiram, proferiram uma longa prece de protesto e colocaram de volta na minha mão os dois objetos eternamente inseparáveis. E assim eu fiquei ali, parado no corredor, que estava bastante escuro, aliás, totalmente escuro. Com o casal de chaves nas mãos, pensava no que fazer. A disposição de espírito dessa chave e dessa porta já me era conhecida. É verdade que a maçaneta estava sempre pendendo para baixo, mas quando se tinha sorte — e o menino descalço, para minha irritação, sempre tinha sorte — ela ainda assim funcionava. Já o buraco da fechadura, de uma enorme profundidade, que cruzava toda a extensão da porta maciça, estava completamente bloqueado. Com a chave era preciso escavar a porta inteira, alcançar o centro do seu coração até sair pelo outro lado. Mas justamente aí se encontrava o erro, pois era preciso permanecer dentro da porta. A porta permitia ao atacante o prazer de golpeá-la e então o fitava com antipatia. Era preciso parar a uma determinada profundidade. Em qual? Justamente aí se encontrava o mistério. Há uma coisa que nunca cheguei a entender: a outra chave, a errada, também servia, de certa forma. Mas se eu viraesse com esta chave, a notoriamente falsa, que evidentemente abria uma outra porta, talvez a porta do meu armário, que estava sempre sem chave (isto só me ocorre agora e é provavelmente a

VIAGEM À POLÔNIA

solução do enigma, o motivo da resistência do camareiro) — se eu virasse com a chave notoriamente errada por algum tempo, de quinze minutos a meia hora, numa profundidade determinada da fechadura, tudo estava perdido. Era obrigado a dizer “*Pater peccavi*”, chamar o menino, que imediatamente se punha a sacudir a porta com procedimentos misteriosos, punha-a de novo em ordem com conjurações e então apanhava uma das inseparáveis e a abria, suavemente. A porta se abria! Eu mesmo, às vezes, por acaso, pegava a chave certa. E então eu a girava com grande delicadeza. Tateava cuidadosamente o interior da fechadura. Pois não fazia sentido, aqui, agir com grosseria. Como um animal dócil, a porta me permitia fazer com ela o que bem entendesse. E eu tentava, tenso, muito gentil, como se fosse um santo. E por fim encontrava a questionável profundidade correta, girava a chave uma vez, duas vezes — às vezes até (meu coração parava de bater) três vezes, quatro vezes, cinco vezes. Seria capaz de continuar assim por muito tempo. Era impossível saber quando era chegado o momento de parar. E então me ocorreu qual era o verdadeiro significado das marcas de tiros em algumas paredes e portas: eram os sinais dos disparos com os quais foram abatidos aqueles hóspedes que, não sendo capazes de largar das portas com as quais se confrontavam, acabaram por impedir o trânsito de pessoas pelo hotel. Trabalhava com temor, mas tive sorte! A maldade da porta não era muito grande. A velhice torna as pessoas fracas e bondosas. Depois de um determinado número de voltas, estava certo.

Mas então a porta não se abria. Ela estava destrancada, mas não se abria. E a causa, agora, era a maçaneta.

A maçaneta pendia, frouxa, num estado que, ao mesmo tempo, confirmava a solidão da porta. Na maior parte das vezes, era impossível fechar a porta completamente: logo uma fresta se abria. Mas quando a lingueta da fechadura se encaixava no orifício, era com decisão e com teimosia. Minha tarefa era persuadir a maçaneta depois do ataque à fechadura, convencê-la gentilmente a sair de seu estado inerte por meio de determinadas manobras. E isto só era possível por meio do amor combinado com a dose certa de

LUBLIN

energia. Era preciso apertar suavemente, puxar, balançar. E então, de súbito, depois que a maçaneta tivesse sido acalentada suavemente e com segurança, era necessário desferir um golpe terrível. A surpresa, o ataque inesperado, o golpe com a mão produziam o resultado. A porta se abria, de supetão, voava de encontro à pia que, por esse motivo, como convém a um lugar em estado de guerra, só era dotada pela administração de uma jarra e de uma bacia, não havendo ali copos nem garrafas de água. Só hóspedes sem noção seriam capazes de se irritar por não encontrar ali nada que pudesse ser usado para escovar os dentes e bochechar. Gente que nada sabia sobre o espírito deste estabelecimento.

Quanto a mim, estando há muito tempo habituado a esse tipo de coisa, logo me entendi com a situação. De maneira mágico-cabalística conquistei a intimidade da porta. De manhã, ao sair, eu a deixava ligeiramente aberta, e assim o ar permanecia puro. Se ela se recusava, eu não insistia. Eu me penitenciava, me aproximava dela com pedidos, até que ela me deixasse sair. E ela mostrava uma grande compreensão e um grande reconhecimento pelos meus problemas.

É de noite. Estou sozinho num grande cinema vazio, o Coliseu. Há lugar para mil pessoas, mas elas não chegam a cem. O piso é gelado. Uma pequena orquestra começa a tocar. Quem é capaz de resistir quando os violinos começam a cantar e se aproximam de você, falando de maneira imediata e pessoal? Vestir com palavras o choro e o doce clamor dos violinos e os suspiros tranquilizantes dos violoncelos. Estão repletos de calor, de um calor ressonante. Como as imagens de um filme se transformam por meio da música! É um belo filme. Barbara é uma mulher linda. Vejo duas vezes uma mesma parte do filme, apesar do frio glacial. É um convento russo. As freiras fazem reverências. Suas toucas altas parecem boinas medievais. Elas fazem o sinal da cruz com grande devoção. E então chega o pintor, cuja tarefa é decorar o forro do teto do convento, e vê a irmã Irene. Esta é a atriz Barbara. Não sei qual é o seu sobrenome. A bela, refinada e esbelta Barbara. Mesmo sem compreender as palavras, compre-

VIAGEM À POLÔNIA

endo a história através das imagens. Ela é forçada a posar para ele e isto acaba por transtorná-la. E Barbara representa esse papel com tanta delicadeza, com tanta sutileza. A madre superiora, que anda de um lado para outro carregando um bastão, ficou sabendo de algo. É preciso expulsar o pintor. E, ao mesmo tempo, Irene perde, pouco a pouco, a força da sua fé. Desamparada, inconsciente, ardendo de paixão, ela se deixa levar até o automóvel dele. E então ela se encontra no meio de uma grande cidade, onde é uma das belas da sociedade. Mas sua capacidade de resistir se esgotou. Embriagada pelo champanhe, ela abraça um novo amante. Há um novo amor que brota em seu íntimo. O marido recebe uma carta anônima. Coisas como essa são representadas milhares de vezes e milhares de vezes nós as acompanhamos, totalmente cativados. O ciúme se instalou na alma do pobre pintor, esse tormento infernal, que isola o ser humano e o transforma numa besta assassina. Ele então amassa a carta anônima, mas já é incapaz de esconder de si mesmo o que se passa e espera até que sua desgraça seja certa. Não, não a sua desgraça: esta já o atingiu. Ele espera pela cura, pelas vítimas das quais há de se vingar. A dor da despedida já se instalou entre Irene e seu amante. O abraço, o beijo — e o pintor infeliz. O jovem amante cai, num duelo contra o pintor. O pintor sonha: agora tudo voltou a ser bom como antes. Ele volta a aproximar-se dela, suplicando. O nojo e a indignação dela. Ela o vê como uma besta selvagem que saciou sua fome de vingança. E ela é a presa que ele conquistou, e que agora ele deseja consumir. Ela se sente tomada pelo ódio. Chora pelo morto. E retorna ao convento.

Numa igreja há uma estátua de mármore num nicho, que tem uma vitalidade inquietante. A igreja é sombria, mas a estátua em seu nicho é iluminada por uma luz branca lateral, pela luz do dia, que a desperta de maneira sobrenatural, tingindo-a de um branco acinzentado. Por que as camponesas estão prostradas diante dessa estátua, e a olham fixamente? Elas sabem que se trata simplesmente de uma coluna. Mas elas pensam e sentem por meio de imagens. O mundo e a natureza também pensam por

LUBLIN

meio de imagens, formas, figuras. A estátua não é um símbolo, como pensam os sóbrios. Ela é — realmente! — a Virgem Maria. Em todas as igrejas, as estátuas são, realmente, Deus: Maria.³ Em Vilna, diante dessa esplêndida e milagrosa Madonna, eu senti isso juntamente com as multidões. Não há nada mais natural do que o sentimento dessa gente ingênua. Eu compartilho da sua fé.⁴

Conforme avanço pela rua do Arquidiácono, com suas casas velhas e arruinadas, a rua se alarga. Um avião zumbe sobre a minha cabeça. Estou no alto de uma colina. Lá embaixo vejo a cidade. Um barranco desce, coberto de verde, e ao fundo as chaminés fumegam. À esquerda, porém, sobre o emaranhado de becos e de ruelas, ergue-se um edifício majestoso e imponente, cercado por uma muralha coroada por ameias. Algumas das suas janelas foram emparedadas. No centro da parte interna do edifício ergue-se uma torre circular sobre a qual se encontra uma espantosa construção em ferro. Há ruelas sujas à sua volta. Vê-se um sótão. Este edifício imponente é o antigo castelo, que hoje funciona como presídio. Não tenho como descer pelo barranco, como fazem os jovens.

Há uma rua, chamada Grodska, que me leva até lá embaixo. Crianças brincam à minha volta. Um cenário colorido, cheio de vida. Cheguei à rua dos judeus.⁵ As casas têm paredes pintadas de rosa e de amarelo. Há um portão que se estende sobre a

3. A estátua da Virgem Maria integra o altar de mármore da capela do Imaculado Coração de Maria, erguida entre 1857 e 1860 na igreja dos Capuchinhos, situada na rua Krakowskie Przedmieście 42, em Lublin.

4. Embora a proposta de Döblin fosse realizar uma “viagem aos judeus”, ele se mostra constantemente comovido com o catolicismo polonês.

5. No período do entreguerras, a cidade de Lublin era dividida em duas partes: de um lado o subúrbio de Cracóvia, habitada majoritariamente por poloneses; de outro, o bairro judaico. Da rua Archidiakońska, na cidade velha, onde se encontrava Döblin, era possível avistar não apenas o castelo de Lublin, mas também o bairro judaico, cujas ruelas históricas se situavam ao norte e nordeste do castelo. A presença judaica nesse bairro remonta ao início do século XVI, embora haja registros de judeus em Lublin já no final do século anterior. Com a ocupação alemã, em novembro de 1939, foi criado o gueto, liquidado na primavera de 1942, o que implicou a destruição total do bairro, incluindo sinagogas e cemitérios. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a cidade

VIAGEM À POLÔNIA

rua.⁶ Acima dele, há moradas. Por toda parte circulam homens, mulheres, crianças. Este portão foi elogiado por alguém como uma suposta beleza. Conheço bem esses apóstolos lamentáveis da beleza. Olho para as moradas que há acima do arco do portão, para as pessoas que olham pelas janelas, para as pessoas nas casas ao lado. Tudo é profundamente lamentável. E há quem ouse falar da beleza arquitetônica do portão! Um dia quero viajar à Itália e à Grécia para desmascarar todas aquelas coisas que os infames amigos das artes tanto amam, esses grosseiros tão delicados, a quem se deveria tratar de livrar da própria cegueira. Sinto um prazer amargo quando vejo o vermelho berrante e encardido, a tinta que recobre essa obra de arte. Assim é a vida. A rua desce, estreita e recurva. Ao longo do calçamento há lojinhas escuras. Um velho aguadeiro trota, passando por mim. Os baldes de água pendem de um pau que vai apoiado sobre seus ombros encurvados. Decerto não há água encanada por aqui. Homens esfarrapados se arrastam. Vê-se a carne branca dos seus ombros e das suas pernas. Várias ruelas desembocam na praça, lá embaixo, construída em torno de uma fonte. Casas de madeira, quebradiças. Casebres de pedras coladas com argamassa em torno da praça. Judeus vestidos com cáftens sujos andam de um lado para outro. Mulheres gritam. Um afiador de facas trabalha. Entro numa das ruelas. Sobradinhos e casas térreas, algumas pintadas de vermelho. Ao longo de todo o percurso, pairam sobre mim duas grandes rochas do castelo. Estou nos fundos do castelo. A ruela não tem

abrigava cerca de 43 mil judeus, aproximadamente 30% da população, dos quais apenas cerca de 1 200 sobreviveram.

6. A Brama Grodzka, “Porta do Castelo”, foi construída no século XIV como parte das muralhas medievais de Lublin e remodelada em estilo renascentista no século XVII; na segunda metade do século XVIII, apartamentos foram incorporados à sua estrutura. Até 1862, quando o decreto *De non tolerandis Judaeis* foi revogado e os judeus puderam estabelecer-se em toda a cidade, incluindo a rua Grodzka, a porta marcava a fronteira entre a Lublin cristã e a judaica, motivo pelo qual ficou conhecida como “porta judaica”. Desde 1992, funciona no local o centro cultural Brama Grodzka-Teatr NN, cuja missão é preservar a herança judaica de Lublin.

LUBLIN

saída. Entro numa outra ruela. Novamente essas casas que se parecem com barracos. O nome dessa ruela é Krawiecka ou algo assim. Multidões de crianças. O caminho é enlameado. Mulheres esfarrapadas carregam bebês. No céu ruge um outro avião.⁷

Aproximo-me, descrevendo um arco, do castelo, a fortaleza, o presídio, que se encontra sobre uma colina, sobre a qual há tocos marrons. Meninos pequenos jogam futebol ali, com um ramo de árvore. Usam calças de algodão fino, colorido. E então surge uma gritaria de mulheres. Uma pequena multidão se aproxima, para a qual se abrem alas. Crianças caminham à frente, um judeu velho e sério, vestido com um cáften e com a cabeça coberta por uma boina, caminha a passos firmes diante das mulheres que gritam. Ele não as olha. Não há ninguém que ampare essas mulheres. Por que ninguém chama a polícia, já que o presídio está bem ali? Por que se deixa as mulheres gritarem assim, totalmente desamparadas? Por certo este homem lhes fez algo de mau. E agora toda essa multidão passa por mim, as crianças esvoaçando em volta como moscas, as mulheres gritando horrivelmente, como desesperadas. O homem segue adiante, impassível. E então vejo que ele leva uma corda sobre os ombros, voltada para as costas. E sobre as costas ele carrega — eu o vejo por trás — um caixote negro e alongado, um caixote leve. Ah! É um ataúde. É isto. Trata-se de um cortejo fúnebre. É um cadáver. O cadáver de uma criança. Um enterro de gente muito pobre. Ele leva o ataúde às costas, preso à corda. É por isso que as mulheres vão gemendo e gritando atrás dele, puxando os cabelos. A mãe, parentes, carpideiras. Logo atrás delas, uma camponesa cruza o calçamento enlameado e entra por um portão aberto. Ela se

7. A Primeira Guerra Mundial representou um golpe decisivo para os enclaves judaicos, cujo processo de degradação e esvaziamento já havia começado no final do século XIX, com a industrialização. Muitos de seus antigos habitantes foram forçados a buscar trabalho nas cidades ou a se mudar compulsoriamente. Nas décadas de 1910 e 1920, a progressiva abertura e integração à vida urbana transformou os enclaves em espaços precários, reduzidos a fragmentos em agonia das antigas sociedades judaicas.

VIAGEM À POLÔNIA

posta ali, afasta os pés, ergue a saia, na frente. Um fio de água do qual se ergue vapor escorre sobre o calçamento, por entre os seus pés, que rapidamente se afastam ainda mais um do outro. O fio de água jorra da sua saia como o de um cavalo rude.

Outra vez subo pelo caminho, devagar. Nos corredores escuros sempre voltam a aparecer mais lojas. Há muitos homens que fumam nas calçadas. A sarjeta está cheia de cal. Paire no ar um odor de desinfecção.

Cheguei à praça do Mercado. O sol brilha. Há galinhas e gansos engaiolados e em caixotes de madeira, que gritam. Há uma multidão de homens esfarrapados por ali. Alguns têm sacas amarradas no corpo. Outros usam calças que deixam à mostra partes inteiras das pernas ou das coxas. Outros ainda, mais bem-vestidos, negociam com velharias, que seguram nas mãos. Eles se entreolham. O nome dessa rua é Duska. Vendem-se botas de cano alto, remendadas. Vejo uma camponesa que carrega um ganso: a cabeça do animal escapa por debaixo de uma axila, o pescoço vai preso entre os braços e uma das mãos segura as patas amarelas. Há hordas de crianças saindo da escola, com seus livros e cadernos dependurados em barbantes.

Observo mais detidamente essas crianças, que também me observam. São bem anêmicas. Judeus adultos, muito pálidos, andam vestidos com seus trajes nacionais, têm barbas vermelhas e rosto murcho e emaciado. Algumas dessas aparições são enigmáticas, assustadoras. Que farrapos vestem as meninas! Uma delas, talvez tenha dez anos de idade, veste uma pequena pele de ovelha branca e leva sobre a cabeça um grande laço vermelho. Mas no instante em que ela se aproxima da sarjeta um vento sopra, ergue a pele de ovelha e mostra que ela veste apenas uma blusa e uma calcinha. A grande rua dos judeus, que sai da praça do Mercado, chama-se Lubartowska. Nas ruas polonesas há pouca gente, mas aqui todas estão abarrotadas. Uma ponte atravessa um riacho. Na Lubartowska moram comerciantes prósperos e há inúmeras lojas, médias e pequenas. A gente se amontoa, se esbarrando. Poucos observam com atenção os passantes. Como

LUBLIN

há gente que permanece ali, diante das casas, nos corredores! Eles farejam, rodeiam os passantes. Há homens que se postam diante das suas lojas. Muitos transmitem uma impressão de dureza e de força. São homens frios e calculistas, de uma vontade sem misericórdia. Mas vejo também os que têm cabelos ruivos, os pálidos anêmicos cujos cabelos vermelhos reluzem. E, abaixo dos cabelos, olhos desconsolados, suplicantes, sem sobrancelhas.

As paredes das casas estão rachadas, esburacadas, há fendas que se abrem. Do lado de dentro há bancas e vendedores. Muitas carroças, conduzidas por judeus, que vão sentados ou agachados sobre caixotes ou montes de palha, chacoalham rua acima em direção à aldeia de Lubartów.

Passam pelo crucifixo, que fica no fim da rua. Segundo consta, soldados alemães mortos durante a guerra foram sepultados ali.

É tarde. Flocos de neve misturados com chuva começam a cair. À esquerda da rua há uma grande fábrica de carroças: em meio à multidão de comerciantes, uma indústria. Era propriedade de um alemão. Incendiou-se. Foi reconstruída. Diante desse amplo galpão, mulheres pobres se reúnem, sob a chuva e a neve, segurando baldes. Elas apanham a água quente da fábrica, que sai pelo encanamento do esgoto. Atrás de um jardim verde fica o hospital judaico. Entro, observo as salas a partir dos corredores. Uma placa vermelha, esmaltada, agradece pela “ajuda americana”. Alguém morreu. Os gemidos cantarolados de uma mulher ecoam pelo corredor. Parecem tornar-se mais fortes. Entristecidos, os vendedores aguardam nas lojas escuras, diante das portas. Perto do fim da rua estão construindo uma grande escola superior judaica, dos ortodoxos, uma *ieshivá*⁸ internacional. De um lado

8. As *ieshivot* (plural de *ieshivá*) são instituições judaicas de estudo religioso, em geral ortodoxas, voltadas ao ensino da Torá e do Talmud, frequentadas sobretudo por homens e rapazes. Para mulheres, surgiram mais tarde instituições chamadas *midrashot*. Döblin visitou o prédio da *ieshivá* Chachmei Lublin ainda em construção; inaugurada em 1930 por Meir Shapiro, tornou-se uma das mais célebres da Europa. Inovadora, adotava um modelo acadêmico sistemático inspirado nas universidades alemãs, com biblioteca moderna e

VIAGEM À POLÔNIA

da cidade encontra-se a Universidade Católica e aqui, essa, judaica. Segundo consta, abrigará mil pessoas, entre alunos e professores.

Estamos numa província. Na cidade grande, faz-se política. Na província, subsiste a lenta religião.⁹

Sinto-me desamparado e procuro alguém que possa me dar explicações. Vejo uma placa na Lubartowska, com escritos em iídiche e em polonês: comprehendo que se trata de uma exposição de quadros.¹⁰ E como vejo vários jovens por ali, me dirijo a eles em alemão. Eles me entendem. Deixo que me conduzam e então um jovem se coloca à minha disposição, para me guiar por Lublin. Os quadros são de uma exposição itinerante. Muitos deles têm temas nacionais judaicos: velhos, homens orando, casas de oração. Há também esculturas. Mas só os temas são nacionais. A pintura em si assimilou os métodos ocidentais.¹¹ Meu jovem guia é um membro do Bund, um socialista, de resto completamente sem noção. Pouco sabe sobre a realidade. Os jornais são sua única fonte de informações. Sorrindo, ele se coloca diante do novo edifício da *ieshevá*: “São os ortodoxos que vão construí-la. E quando a obra terminar, nós é que vamos ocupá-la e transformá-la numa escola moderna, ou vamos realizar nossas assembleias em seu interior”. Fico calado. Não acredito no que

dormitórios, sem deixar de seguir a tradição rabínica do estudo intensivo. Essa formação contrastava com a perspectiva dos judeus emancipados, para os quais a educação se baseava na *Bildung* alemã — humanista e secular, desvinculada do estudo das Escrituras.

9. Döblin contrapõe a modernidade política das grandes cidades à religiosidade tradicional das províncias, onde a fé permeia a vida pública e comunitária.

10. Döblin visitou a exposição itinerante da Sociedade Judaica para a Promoção das Belas Artes, inaugurada em 16 de outubro de 1924 no edifício da Companhia de Comércio. Suas notas de viagem registram nomes de expositores — em muitos casos, difíceis de decifrar —, entre os quais provavelmente figuravam os pintores Feliks Frydman, Abraham Ostrzega, Maurycy Appelbaum, Mané Katz, Symcha Trachter, Szymon Müller e Jakub Weinles.

11. Os modelos culturais e artísticos de inspiração iluminista da Europa ocidental foram amplamente emulados na Polônia do entreguerras. O Estado recém-recriado buscava afirmar uma identidade nacional própria, mas o fazia por meio de formas e práticas “importadas” do Ocidente.

LUBLIN

ele diz. Seguimos em direção à cidade. Uma camponesa conduz uma carrocinha, partindo do mercado e subindo por uma ladeira íngreme. O chão está molhado e a carroça volta a escorregar para baixo. Ela chicoteia o animal, e agora avança ladeira acima.

Meu jovem e tolo acompanhante me leva e me mostra tudo o que conhece. Passamos diante do teatro onde está sendo apresentada uma opereta de Fall, *Madame Pompadour*. Do outro lado da rua, a igreja da ordem dos Bernardinos está fechada. Meu acompanhante explica: “Tem uma altura descomunal e foi construída conforme o sistema antigo”. Não entendo o que ele quer dizer com isso. Pergunto e ele responde com novos enigmas. Junto à catedral, numa casa pequena, reside o bispo. Uma construção bonita e moderna junto à Archidiakońska chama minha atenção. Ele diz que se trata de uma escola que, antes da guerra, pertencia a uma francesa. Ele apresenta as colinas diante das quais vamos passando: “Sobre essas colinas ocorreram muitas guerras e muitas batalhas, com bandos”. Um velho casarão, no alto, desabou. Só resta metade dele em pé. Pouco antes do desabamento ainda vivia gente ali e na metade que permaneceu de pé, veja só, ainda hoje vive gente! O prédio de esquina cujo teto eu observava de cima foi uma vez uma igreja. Depois foi destinado a desabrigados e agora o clero está construindo ali uma residência para sacerdotes. E o que significam os machados no castelo? “Foram feitos como propaganda da cidade, há!”

Ele quer me levar ao velho cemitério judaico,¹² que é conhecido no mundo inteiro. Cruzamos um bairro miserável. Barracos meio afundados na terra abrigam famílias inteiras. Há certas casas que não consigo acreditar que abriguem seres humanos.

12. O antigo cemitério judaico de Lublin, estabelecido por volta de meados do século XVI e desativado em 1830, é um dos mais antigos da Polônia. Hoje conserva-se como espaço histórico protegido. Já na época da visita de Döblin havia outro cemitério em uso, fundado em 1829, enquanto este permanecia apenas como marco memorial. Pelas anotações do autor, é possível inferir que percorreu o antigo cemitério de sul a norte, entrando pela rua Sienna e saindo pela Kalinowszczyzna.

VIAGEM À POLÔNIA

Mas ele ri de mim, ostensivamente. Já estamos no limiar dos campos e dos pântanos. À direita, junto à ponte, vejo os campos e uma chaminé. “Daqui tem-se uma vista geral.”

O velho cemitério. Duas mulheres gritam uma com a outra quando somos anunciados. Elas brigam porque o velho guardião do cemitério, marido de uma delas, não está e ela ralha porque ele não está ali, o burro, e quem vai ganhar a gorjeta é o outro. Um judeu mais jovem, de cáften e boina, nos conduz, então. Cruzamos as colinas, que são bastante íngremes. Já estamos caminhando sobre as sepulturas.

Muitas delas estão afundadas na terra, cobertas pela relva. Placas de pedra surgem em meio à grama. O último sepultamento ocorreu há 96 anos. Há um lugar onde a colina desce. O homem ingênuo e piedoso aponta com sua bengala: aqui, há muitos anos, doze judeus piedosos enterraram a si mesmos, quando tentaram batizá-los à força. Em toda parte, há relva espessa e arbustos que escondem os túmulos. Há algumas pedras tumulares isoladas, a maior parte delas está em grupos. Algumas pedras têm cavidades como em Vilna, para que os suplicantes ali coloquem seus bilhetes com pedidos. O guia conta, muito seriamente, sem parar de assoar o nariz com a mão: “Aqui jazem homens diante dos quais o mundo inteiro estremecia”. Aqui há pedras bonitas, ricamente ornamentadas, com imagens de animais e símbolos. Ele mostra um túmulo um pouco afastado dos demais: “Ali jaz um *cohen*.¹³ Todos os dias vem um passarinho, à hora em que o sol está batendo ali, e canta sua canção. E se alguém o espanta, ele logo volta”. Há um grupo de homens sábios que foram sepultados juntos e, em meio a eles, também um homem rico. “Ele lhes deu dinheiro para que estudassem.” “Há 350 anos que o grande Marschall Lurya de Lublin foi sepultado aqui. Mão malévolas derrubaram e conspurcaram seu monumento. Os velhos frag-

¹³. Termo hebraico que significa “sacerdote”. Antigamente, os *cohanim* exerciam funções religiosas no Templo; hoje, suas funções são simbólicas: um *cohen* ainda realiza certas bênçãos específicas e observa algumas restrições rituais, como o contato com os mortos.

LUBLIN

mentos estão espalhados pela relva. Um novo monumento foi erigido, no qual se fazem elogios muito eloquentes ao falecido. Ele foi uma luz para Israel, compôs diversas explicações sobre o Talmud, foi um santo. Há ornamentos coloridos que representam cervos. Há pedras tumulares que foram roubadas para cobrir trechos lamaçentos de ruas e estradas. Sobre uma placa extremamente bonita há uma representação de um armário de livros sendo aberto. A imagem foi gravada na pedra de maneira especialmente plástica: aqui está sepultada uma mulher sábia. Um certo *rebe* Abrom Kasche foi um grande santo. Quando ele morreu e foi levado ao túmulo, enquanto o cortejo seguia por uma rua alguém gritou algo de ofensivo contra ele. E então o morto se ergueu, pedindo água quente para lavar as mãos. Deram-lhe a água quente e ele a lançou em direção à casa da qual havia partido a ofensa. E a casa ruiu, despedaçada. Agora estamos nos aproximando de um túmulo solitário, que se encontra num ponto mais alto que os demais. Mas o guia detém nossos passos e pousa sua bengala no chão. “É preciso permanecer a quatro braças de distância, segundo os preceitos.” É o rabi Jakob Pollack que está sepultado ali, há 450 anos. Em meio a uma massa de sepulturas está a da rainha judia por um dia da Polônia: há uma coroa gravada sobre seu túmulo e também uma pessoa nua, que lança uma seta. Estou diante de um novo monte de escombros: “Aqui um *rebe* se reúne com seus dez discípulos”. Há duas pedras tumulares encostadas uma à outra. São muito bonitas. Uma mãe e uma filha. A filha tem uma águia, junto à mãe veem-se dois pásaros sentados. O guardião saúda com solenidade especial um túmulo: pertenceu a um santo que era capaz de enxergar tudo a 400 milhas de distância. Mas, por fim, ele viu tanta sujeira! E então pediu a Deus que o fizesse enxergar a apenas 10 milhas de distância. E assim foi. Seu nome era Horwitz. Morreu há mais de cem anos. E então jaz um homem que era chamado de “cabeça de ferro”. Por quê? Quando ele olhava para uma árvore, era capaz de dizer exatamente o número de folhas que ela tinha. Há um túmulo com inscrições dos dois lados: a face posterior é

VIAGEM À POLÔNIA

colorida, a parte anterior parece conter inscrições em hebraico com as letras invertidas. De início, este túmulo tinha apenas uma inscrição: a anterior, colorida. Mas, subitamente, no meio da noite, sobre a outra face letas brotaram espontaneamente do interior da laje de pedra. Simplesmente assim.¹⁴

Nesta cidade ninguém tem tempo para mim.¹⁵ Mas há alguém que me concede uns poucos minutos. Um fabricante de açúcar muito rico da Volínia chamado Jaroszyński¹⁶ foi um patrocinador da Universidade. Quem supervisiona a Universidade, contrata os professores e elege o reitor é o Conselho Episcopal. Há três Faculdades. E nenhum dinheiro. Eles estão tentando transformá-la numa universidade pública, mas as outras universidades se opõem, pois isso significaria que o Estado seria obrigado a lhe fornecer verbas. A Universidade é católica. Seus estatutos evidentemente exigem o batismo cristão. Quanto ao convívio entre os povos polonês e judeu: à época dos russos havia boas relações entre os dois povos. Mas então os russos passaram a usar os judeus contra os poloneses. É daí que advém o antisemitismo polonês. O convívio social entre ambos os povos na cidade é igual a zero. A ortodoxia é forte. Nas eleições cívicas, os ortodoxos são maioria absoluta. Mas o Conselho Comunitário Judaico efetivamente explodiu depois que entrou

14. outrora um espaço de grande prestígio no judaísmo do Leste Europeu, o cemitério judaico de Lublin acabou compartilhando o destino da comunidade que o criou: a deterioração e o abandono que marcaram tantos antigos enclaves judaicos. Entre as personalidades ali sepultadas estão Shelomo ben Yehiel Luria, renomado rabino e crítico dos teólogos de seu tempo no século XVI; Jakob Pollak, fundador de uma *ieshevá* em Cracóvia; e Jakob Itzhak Halevi Horowitz, o célebre “vidente de Lublin”, respeitado *tzadik* hassídico.

15. As notas de viagem de Döblin registram encontros, em Lublin, com Jakub vel Jankiel Nissenbaum, diretor do jornal iídiche *Lubliner Togblat*, e com sua futura esposa, Bela Nissenbaum, ambos militantes do Bund. Outro interlocutor foi o advogado dr. Marek Alten, que, após a ocupação alemã, tornaria-se membro do Conselho Judaico do gueto de Lublin em setembro de 1939, seu vice-presidente em 1940 e, a partir de março de 1942, seu último presidente.

16. Trata-se de Karol Jaroszyński, empresário e financista polonês do início do século XX.

LUBLIN

em conflito com o governo porque mais da metade dos seus integrantes falava apenas iídiche. O governo exigia que pelo menos o Presidente do Conselho falasse polonês. Mas quando isso aconteceu houve um tumulto e esta foi a última reunião do Conselho.

Avanço em direção à estação de trens. A rua é muito longa, ladeada por casebres em sua maioria bem encardidos e por lojas pobres. Também encontro uma fábrica. Uma ponte moderna cruza um riacho lamacento. Acho que se trata do Bystrzyca, às margens do qual está Lublin. Trilhos estão sendo colocados ao longo de uma das margens do riozinho. Um bonde deverá seguir por ali, alcançando o centro da cidade por meio de um atalho. Há grandes camponeses e operários poloneses e, ao lado deles, judeus terrivelmente esfarrapados. Os poloneses têm as cabeças cobertas por boinas de pele ou por bonés de operários. São corpulentos, tranquilos, equilibrados, lerdos, frequentemente têm rostos frouxos e melancólicos. Há alguns que olham com esperança e com atenção, bem-humorados e bem-dispostos. Mas a seriedade observadora predomina. Entre os judeus, nessa região, prevalece a vitalidade, a atenção, a agitação. Eles gritam muito. Frequentemente dou com grupos que brigam. Frequentemente, também, vejo tipos extraordinários: enquanto em Varsóvia em meio à população urbana polonesa prevaleciam olhos e cabelos escuros — eu pensei: eles se assimilararam aos judeus — aqui há muita gente de pele muito clara, nariz curto e achatado, narinas arrebitadas, testas largas e achatadas, rostos curtos. Não fosse por suas vestimentas judaicas, eu pensaria que são camponeses poloneses. Falo com um menino de dezoito anos, com os ombros e o chapéu sujos de cimento. Ele está tentando fazer negócios comigo. Estudou nas escolas antigas e sua ignorância é crassa. Ele me pergunta se a Bélgica fica perto de Viena. E ainda quer dar uma de esperto. Quer que eu lhe diga o que penso a respeito do mundo. Ele mesmo acha que:

Deus criou este mundo, não há dúvida. O homem fez uma casa. Isto é sabido. Um homem tem um pai, seu pai, por sua vez, também tem um

VIAGEM À POLÔNIA

pai, mas ao final? E o mundo inteiro? Eu mantendo a fé naquilo em que meu pai e meu avô, que descanse em paz, acreditavam.

Ele é em tudo uma criança camponesa, curiosa, que de imediato quer saber tudo, mas ao mesmo tempo é conservador e desconfiado. A inteligência é algo etnológico. Os povos têm inteligências diversas. Mas há algo que diz respeito à inteligência e determina o estilo de vida. Diz-se dos judeus, simplesmente, que são inteligentes. Os judeus do Leste da Europa são realmente espertos, é preciso tomar cuidado com eles, eles amam a polêmica e são hiper lógicos. O formal lhes agrada. Mas eles se portam com clara aversão ao que lhes é estranho, e isto advém do seu isolamento. Repudiam e não são capazes de aceitar o que não conhecem. São cegos. Faltam-lhes a compreensão de muitas coisas e de muitas conjunturas. Há neles algo de desajeitado e claramente rústico. Rústico — mesmo após sua “emancipação”, eles permanecem assim.

Meu tolo acompanhante quer novamente me mostrar a cidade. Ele me leva a um pequeno Museu Municipal. Numa sala há belas aquarelas de Marian Mokwa. Há um quadro intitulado *Tempestade sobre o mar*. Meu Parsifal concorda: “Se vê!”. Numa outra seção do museu encontro uma bela coleção de história natural: pássaros empalhados, peixes, caramujos. Subitamente Parsifal grita: “Por favor, por favor, ó!, ó!, veja, aqui há ossos de um cachorro”. É um esqueleto. Diante de uma caixa torácica humana ele raciocina: “Isto foi uma pessoa viva?” — “Verdade?” — “Que coisa!”. Ele está diante de um monte de linho: “Mas isto é absolutamente interessante!”.

Dou de encontro com uma assembleia. Um polonês robusto e corpulento discursa. Um lenço colorido brota do bolso de seu paletó como se fosse a crista de um galo. Ele estufa o peito e sua voz ressoa. Enquanto fala inclina ligeiramente para trás a cabeça. Seus olhos estão arregalados e ele lança suas palavras por sobre as mesas como se não as enxergasse. As palavras parecem ser arremessadas do interior da sua boca pela ponta da língua, pelos músculos da laringe, pela garganta. Elas explodem. Ele saboreia seus sons com

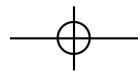
LUBLIN

os lábios, com os ouvidos, enquanto está postado ali, ouvindo a si mesmo. Suas mãos estão esticadas e apoiadas sobre o tampo da mesa, sua cabeça com os olhos arregalados e aparentemente cegos se abaixa durante os intervalos para então voltar a erguer-se, orgulhosa, e lançar-se para trás. E o que ele está dizendo — segundo me dizem — são as palavras de um homem cuidadoso e sereno.

No restaurante do hotel, à noite, há gente de teatro sentada na mesa ao lado. Duas jovens senhoras, uma pálida e sossegada, outra rubra e divertida. A divertida tem a seu lado um jovem grande e gordo. Eles combinam bem um com o outro. E então um senhor loiro com os cabelos penteados para trás, e por detrás das flores, à mesa, mais um, a quem não consigo ver bem. O de cabelos loiros penteados para trás se afasta, sozinho. Ficam o casal, o invisível por trás das flores e a pálida elegáca, que logo também se despede. O gorducho com tendência à obesidade e sua companheira divertida riem e bebem juntos. Por fim, esse Falstaff juvenil graceja com o garçom, e se levanta com a moça de faces coradas, que parece ser bem coquete quando está no palco. O invisível por trás das flores permanece onde está.

Não faz sentido esperar na cidade. Dispenso meu Parsifal oriental. Ele ainda me conta mais uma coisa: há num jornal um senhor polonês que talvez saiba alemão ou francês. Já estou pronto para partir quando recebo um cartão deste senhor: “Prezado Senhor! Queira apresentar-nos suas perguntas e amanhã enviaremos as respostas”. É a gota d’água.

Novamente o céu. O céu gigantesco. Mas hoje ele parece tão próximo, sem nada por diante, com uma multidão de estrelas que clamam na noite fria. A proximidade dessa horda de estrelas. Elas clamam, colossais. Meu rosto percebe-as fisicamente, todo o meu corpo.



Lemberg¹

Partindo da provinciana Lublin — esta cidade que me recebeu com um céu de estrelas colossal e da qual me despeço sob o clamor colossal dessas estrelas — me dirijo ao sul, à Galícia oriental.² Cruzo vastas planícies e campos de cultivo. É uma sorte estar sentado sozinho no vagão macio, contemplando essas superfícies à minha volta. A colheita já terminou. O feno aparece em grandes rolos amarelo-esverdeados. Pequenas casas caiadas de branco surgem com seus telhados negros e pontiagudos, grupos de casebres com telhados verdes de musgo brilham ao sol. Que imagens agradáveis! Um grupo isolado de árvores, com copas altíssimas, protege duas casinhas de madeira. Cães saltitam em meio aos troncos. A cada tanto surgem, na paisagem, lagos e brejos. Passada uma hora, atravesso uma floresta densa. A folhagem, verde amarelada ou marrom, é espessa. Pinheiros muito escuros. Vegetação rasteira verdejante. Essas florestas enormes

1. Conhecida historicamente como *Lemberg* em alemão, *Lwów* em polonês e, hoje, *Lviv* em ucraniano, a cidade foi durante séculos um importante centro político e cultural da Galícia. Integrada sucessivamente ao Reino da Polônia, ao Império Austro-Húngaro, à Polônia entre as duas guerras e, depois, à Ucrânia, destacou-se por sua diversidade étnica e religiosa e foi um dos principais polos do judaísmo centro-europeu. No corpo do texto de Döblin foi mantida a forma original “Lemberg”, enquanto nas notas adotamos a forma corrente “Lviv”.

2. O Reino da Galícia e Lodomeria foi uma terra da coroa do Império Habsburgo desde a primeira partilha da Polônia, em 1772, até a dissolução do império, em 1918. Após esse período, o nome Galícia continuou a ser usado para designar as províncias polonesas do sul, como Cracóvia, Stanisławów (atual Ivano-Frankivsk), Tarnopol (atual Tarnopil) e a própria Lviv. Convencionou-se chamar Galícia oriental a região que corresponde ao atual oeste da Ucrânia e Galícia ocidental a área equivalente ao sudeste da Polônia.

VIAGEM À POLÔNIA

surgem cada vez com maior frequência, sombrias, massivas. São interrompidas a cada tanto por longos trechos nos quais só se veem pinheiros isolados. Nos raros campos de cultura — a floresta está sendo eliminada — ardem chamas vermelhas e paira uma fumaça azul de ervas, raízes e galhos. O estampido do trem soa como o galope de um cavalo sobre um calçamento de pedras.

Como tudo se torna misterioso aqui! Atravesso distâncias imensas e em toda parte as chamas vermelhas dos campos atingem meus olhos, em toda parte paira a fumaça azul. Carroças de camponeses que parecem saídas de contos de fadas trafegam pelas florestas, carregadas de troncos de árvores. Como se balança a bordo desse trem! Esbelto, ele avança rapidamente, desliza, balança da esquerda para a direita. Colinas, arbustos coloridos. Não há nada que me impeça de imaginar que isto seja uma paisagem alemã. É a província da Saxônia. Viajo em direção ao norte, em direção à minha casa. E isto desperta em mim um sentimento agradável. Observo a paisagem, demorada e atentamente. Reconheço-a. Como isso me faz bem! Estou voltando para casa. Mas é isso o que eu quero? Sim, quero. Em breve estarei caminhando pelas minhas ruas, estarei sentado no meu quarto. Revejo tudo. Que paisagem confusa esta que deixo para trás!

Anoitece. Dentro do vagão faz calor. Ontem, a essa hora, eu estava caminhando pelas ruas de Lublin. Andando sob a chuva e sob a neve pelas ruas de Lublin. Estava sentado numa escola em meio a graciosas crianças que balbuciavam palavras. E agora a ilusão confirmou-se: trata-se de terra, terra. Onde é que há terra polonesa, terra russa, terra alemã? É, de fato, a mesma terra na qual eu nasci. Por que eu deveria me sentir como um estrangeiro aqui? Quando anoitecer, ainda estarei no trem, percorrendo a escuridão. E estarei na terra. E o ar que então estará passando velozmente será o mesmo ar que há em todos os lugares: em Moscou e em Nova York; no Hindustão e em Berlim. E somos todos filhos dos mesmos pais. As faíscas lançadas pela locomotiva a vapor brilham no ar e rodopiam em meio à penumbra. Só bem de perto vejo folhas verdes nas árvores. As florestas — as próximas

LEMBERG

tanto quanto as distantes — já se tingiram de negro, os campos já estão submerso em tonalidades cada vez mais escuras de marrom. A imagem especular e luminosa da lâmpada do meu compartimento surge sobre o vidro da janela. Ela paira, cada vez mais clara, sobre o céu esbranquiçado, cheio de ondulações sombrias. Cruzamos uma imensa superfície escura, atravessamos os caminhos. O crepúsculo fez todas as cores se apagarem. Há algo cinzento, há um cinza cada vez mais denso que se estende lá fora, se alastrá, iluminado pelo alto. Agora, há fileiras negras de árvores frondosas que cruzam o cinza. Com quanta intensidade a imagem especular da lâmpada do meu compartimento se lança sobre elas! E então surgem luzes, chaminés que cortam a paisagem. O trem gême, estala. Lâmpadas berrantes, em arco, o vapor selvagem da locomotiva que paira no ar. Trens de carga levando troncos surgem sobre os trilhos. Gritos de crianças. Os campos desapareceram. Quando tornarei a vê-los? O que a escuridão fará com eles, enquanto isso? O trem para em meio a guinchos. Cinco minutos. O trem se aproxima devagar, balança, estremece, rola. O que aconteceu com a minha paisagem de campos? A imagem especular amarelo-esbranquiçada da lâmpada elétrica. E abaixo dela, por trás dela, lá fora, uma massa cinza-escura e uniforme.

E então, e então, e então. A imagem especular da lâmpada na janela se torna cada vez mais luminosa. Sobre os campos, lá fora, a massa larga e iluminada do meu vagão desliza e se derriba. A linha horizontal da fileira de janelas escorre como se fosse um dedo que tocasse os campos. E agora, quando me levanto, o que acontecerá? Agora, quando me levanto, surge lá fora uma sombra gigantesca, com uma cabeça e uma boina. Sou eu. Eu duplicado. A sombra se estende sobre os caminhos, lá fora. Esvoaça, despedaçada, pelo gradil de uma ponte. Eu no trem e eu lá fora. Reconheço a mim mesmo. Uma alegria misteriosa toma conta de mim. Que esplêndidas essas faíscas luminosas de fogo! O campo negro. E, como se fossem holofotes, os grandes quadrados dos compartimentos iluminados do vagão se lançam sobre as trevas, rompem-nas, reviram-nas, incansáveis, avançando

VIAGEM À POLÔNIA

pelo ar e pela terra — um avançar silencioso, uma presença secreta, algo sinistra. As faíscas esvoaçam, verticais. Fora paira, ampla, uma escuridão maternal, grávida, um peso, uma extinção de luzes tranquilizante, em meio à qual surge, a cada tanto, uma luzinha vermelho-amarelada que mostra o contorno de uma casinha, como um sinal, como uma pequena voz. São cinco e meia. Sinto-me abrigado e em paz no interior do trem. Jarosław. Em breve chega Przemyśl. Não verei essas cidades, mas as sentirei. Com que beleza uma cidade se anuncia na escuridão, com seus delicados pontos de luz, como pequenas estrelas trêmulas.

As cidades passam. Agora o vagão inteiro, com seus bagageiros, assentos, malas, largo e alto, se projeta pela janela, largo e alto, em direção ao outro lado, e é suportado pelo solo escuro. A parede, essa parede reflexiva, é leve e transparente. Maços e ramos de faíscas se lançam sobre sua silhueta esguia. Como o trem voa através da escuridão!

E quando, na manhã seguinte, caminho pela grande avenida, que agora se chama Legionowo, mantenho a respiração tranquila. Meu emudecimento passou. Apregoam-se jornais alemães. O clima é severo, mas o sol brilha. De novo passo por um monumento a Mickiewicz. Um anjo pendente solenemente de uma coluna. Com uma coroa de flores sobre a cabeça, ele desce pela coluna. Parece profundamente infeliz. Há lojas de artigos de couro, chapearias, papelarias, lojas amplas e vistosas, ruas largas. Meu coração bate, aliviado. Lublin era pavorosa: a pobreza, a estreiteza, a sujeira. E, realmente, veja: há ali uma grande livraria, com uma vitrine inteira com livros alemães para os transviados e para quem os procura. Até mesmo os livros cafonas que vejo ali me alegram. E logo vêm as letras de músicas: “Quando eu te vejo, sou obrigado a chorar”, “De onde vêm seus lindos olhos azuis?”. É como a alegria de um reencontro. A cavalaria pesada da cultura moderna se apresenta: Dostoiévski, Shaw. Descrevo um longo arco à sua frente e me detengo diante dos belos olhos azuis. Já antes da guerra eram os poloneses que governavam essa região. A Galícia era o

Piemonte polonês.³ Os administradores que os austríacos designavam eram sempre poloneses. A língua oficial, no aparelho administrativo tanto quanto no judiciário, era o polonês. Ainda assim, a influência austríaca mostra-se com muita intensidade.

Esta cidade galiciana é bem diferente das cidades da Polônia do Congresso. As pessoas são amigáveis e delicadas: os varsovianos eram rígidos e adestrados à moda russa. Quem será o homem esculpido em arenito vermelho que está sentado numa cadeira lá no alto? “Aleksander Fredro”⁴ está escrito numa placa, no pedestal do monumento. Compreendo bem a mensagem. Ainda assim, não sei de quem se trata. Com certeza alguém que morreu há muito tempo, pois, em vez de uma caneta, ele tem em mãos uma pena de ganso, que usa para escrever. Sentado ali ele parece claramente um escritor. Penso: uma pena e o nome já teriam sido suficientes. Sobre a cadeira na qual ele se encontra sentado ele com certeza nunca escreveu. Mas deixo estar a cadeira. A cadeira faz parte do escritor, é um órgão de seu corpo assim como a cauda de um macaco, sobre o qual ele se senta. Se todas as características fossem hereditárias, os filhos de escritores certamente nasceriam com um rabo sobre o qual pudesse se sentar. Ou com corcundas em forma de cadeira nas nádegas. A música ressoa através da praça Mickiewicz. São

3. A Galícia desempenhou para o renascimento da Polônia um papel comparável ao que o Piemonte exerceu na unificação da Itália. Sob domínio austríaco, os poloneses gozavam de direitos políticos e culturais mais amplos do que na Rússia ou na Prússia, o que favoreceu o surgimento de ideias nacionalistas influentes e a adoção de medidas organizacionais e militares voltadas à recuperação da autonomia estatal. A primeira geração de intelectuais e funcionários da Segunda República Polonesa também foi amplamente educada em universidades austríacas.

4. Aleksander Fredro foi um dos mais destacados dramaturgos poloneses do século XIX, conhecido sobretudo por suas comédias de costumes, como *Zemsta* [Vingança]. Seu monumento, esculpido por Leonardo Marconi e doado pela Associação de Escritores e Artistas em 1897, foi originalmente instalado na praça Akademicka, em Lviv. Após a Segunda Guerra Mundial, o monumento foi transferido para a Polônia e, em 1956, por ocasião do 80º aniversário da morte do poeta, reinstalado na praça do Mercado de Wrocław.

VIAGEM À POLÔNIA

instrumentos de metal. Soam de um jeito que, surpreendentemente, nada tem de polonês. Soam mal. O exuberante maestro da banda, com sua batuta e com suas insígnias prateadas, se exibe diante dos militares e tem às suas costas a banda de metais e percussão. E a sequência de edifícios de serviços públicos alinhados é bem pouco característica de uma cidade grande.

Ao anoitecer sigo pela avenida Legionowo. Há uma iluminação feérica. Parece a luz do dia. Mais adiante há lâmpadas que parecem pairar no ar porque não se enxergam os postes no alto dos quais estão dependuradas. Sinos, um junto ao outro, em meio a uma massa de luz. Abaixo deles, uma multidão que se apinha sobre a calçada larga desse lado da Legionowo, diante das vitrines reluzentes e mundanas. Trata-se de poloneses altos e esguios, rostos jovens de cores escuras, trajando casacos com cortes modernos e sapatos de bico fino. Do outro lado, na antiga Polônia russa, as mulheres se vestiam com uma elegância picante. Aqui, quem se veste assim são os homens. Essas lojas têm em suas vitrines quantidades massivas de artigos para cavalheiros, muito refinados. As mulheres passam, suaves e simpáticas, femininas, à moda austríaca. É algo notável o que me surge diante dos olhos: os russos criaram um tipo de mulher ativo; os austríacos criaram esses animaizinhos domésticos, mansos e discretos, Susana em seu manto de peles.

Outros homens, outras morais. Aqui, quem gosta de se exhibir são os homens. Olham e seduzem. Enfeitam-se de um jeito que é quase feminino. Fazem o papel de galos. Em Varsóvia as mulheres passeavam como gatas, pareciam animais selvagens. A atmosfera erótica era mais carregada e os homens lutavam contra as mulheres. Uma comédia por toda parte: uma realidade estranhamente alterada. O homem como criador da natureza. Numa outra esfera: a vitória do espírito.

Tumulto, empurra-empurra na Legionowo. Há duas filas de gente que avança e faz a volta no final escuro da rua. A luz atrai as pessoas e as fileiras largas de gente parecem flutuar. As pessoas passam e vão buscando umas às outras com o olhar, agarrando-

-se, sucessivamente, com os olhares, uma sugando a vitalidade da outra. É o deleite do olhar, o prazer por meio dos olhos: o fluxo de excitação se torna mais intenso por meio dos olhares e desemboca do outro lado. Essas pessoas parecem estar flutuando numa verdadeira corrente de alta tensão. Cada um que chega é privado de sua personalidade para sustentar esta correnteza.

Judeus em grupos e em montes, portando chapéus de veludo pretos ou marrons, com abas rígidas. Há quem use peles em volta desses chapéus: é o *schtreimel*⁵ barroco. Os judeus que andam por aqui são, em sua maior parte, europeizados. Falam alto em sua língua. Os mais velhos andam com as mãos apoiadas às costas, vão se deixando levar pelo fluxo, levemente inclinados. Às vezes algum deles se detém, gesticulando, e é empurrado adiante. Os rostos da maior parte das pessoas que andam por aqui parecem bem nutridos.

Por que me lembro subitamente de Varsóvia? Sinto saudades. Sim, que tipo de criatura é essa que eu levo de um lado para outro em minha roupa, sobre meus sapatos? Que criatura volúvel é essa? Lembro-me das igrejas de Varsóvia, das mulheres e dos homens que vi sentados ali, lembro-me de Vilna, onde uma mulher permanecia sentada diante de uma igreja desde a manhã até a tarde. Ela era cega e foi posta ali. Cantava. Não cantava mal. Vinham camponeses em grupos desordenados, usando lenços coloridos em volta do pescoço, um deles carregava nas costas uma saca cheia de leitões que guinchavam. Ninguém lhe dava atenção. E também mulheres pobres que amamentavam seus bebês enquanto andavam. Há mercados aqui também? Até agora, na Polônia, só o que fiz foi observar tranquilamente. Fui olhos, ouvidos e um pano de fundo silencioso. Raramente vi surgir em mim mesmo o desejo de fazer julgamentos. Sempre que alguém me perguntava: "O que você acha disso ou daquilo?"

5. Chapéu tradicional de pele usado por judeus hassídicos da Europa Oriental, de formato redondo e volumoso, geralmente feito de pele de raposa. É usado principalmente no *shabat* e em festas religiosas.

VIAGEM À POLÔNIA

não sabia como responder. Sentia-me oprimido pelo vazio que surgia em mim ante uma pergunta como essa. Agora ando por aqui e poderia e gostaria, e até mesmo precisaria, responder. Esses europeus, pela metade ou inteiros, essa gente horrivelmente desbotada. É isso que eu preciso responder. Já temo encontrar cafés aqui, onde se fala de literatura e de Tagore.⁶

E, passada uma hora, minha premonição se torna realidade. Estou diante de uma porta e vejo: "Café Warszawa". Meu destino infausto não me deixa em paz: sou obrigado a entrar. Junto à porta giratória há mocinhas enfeitadas. Junto ao balcão, ao lado delas, vejo duas senhoras mais velhas. Uma moça agarra a gola do meu casaco e nele prende uma chapinha verde com um número, 494. Sou informado de que estão fazendo uma coleta de dinheiro para doentes e convalescentes. E eu, comigo mesmo, tenho um pensamento sombrio: "Seria melhor se vocês coletassem dinheiro para vocês mesmos!". Trata-se de um café muito amplo. Em sua parte central, há músicos que tocam em meio à gente que tagarela. À direita, há degraus que levam a uma sala de leitura. Que bom seria se eu não fosse obrigado a vir aqui. Realmente, não gostaria de estar aqui. Já me sinto à beira do desespero. Como detesto essa música tola e balbuciante. Talvez hoje cedo eu a tivesse achado adorável. À porta, as moças: a de blusa vermelha com os cabelos curtos como os de um rapaz, agitada, excitada: páginas vazias. Agora um senhor mais velho e uma senhora se sentam à minha mesa. Ele põe seu *pince-nez* e começa a ler o jornal. Ela balança os grandes brilhantes que pendem das suas orelhas. Por cima do jornal ele lhe dá a entender que 120 zlotys por aquele objeto é barato. Aliás, a hora marcada foi alterada e em outro lugar aquilo custaria 200. As lâmpadas fortes que pendem do teto com cúpulas de vidro que atenuam sua luz foram concebidas para iluminar essa gente, para clarear seu convívio. É para isso que carvão e montes de madeira velhíssima

6. Provavelmente trata-se de Rabindranath Tagore (1861–1941), poeta, romancista e dramaturgo bengalês que viveu em Calcutá.

LEMBERG

prensada são atirados sob grandes caldeirões e queimados. O que acontece com a água ao fogo? Ela borbulha, se ergue em vapor volátil que, por sua vez, cria uma tensão. Dínamos giratórios enfileirados em grandes galpões produzem misteriosas forças elétricas, conduzidas por cabos, e chegam até aqui em frações de segundo. E aqui, no café, essa eletricidade se transforma em luz — para quê, para quem? Para isso aqui. — Isso os alegra. Não quero ser injusto. Eles se mexem, os animais humanos. Eles respiram. Eles morrem sob a luz. Não quero exagerar as minúcias. Minúcias. Trata-se mesmo de minúcias?

O homem com o *pince-nez* à minha mesa deixa seu jornal de lado e conta quanto dinheiro há no maço que sua mulher lhe entregou juntamente com os brilhantes. Os músicos começam a tocar uma velha valsa vienense, muito doce. Se eu fosse capaz de ver que eles estremecem, que isso lhes dá prazer! Muito friamente, ficam sentados um ao lado do outro. Ele parece não se alegrar com o dinheiro. Ele o apanha, ele o tem, ele o enfia no bolso. Ele é a própria frieza, a própria rigidez, o isolamento. É um ser paralisado. Como era digno tudo o que vi em meio aos pobres e desprezados *hassidim*, ou junto àquele homem que estava sentado sob sua cabana num sombrio pátio em Varsóvia, e que falava da comida que é algo espiritual: “Vocês acham que vocês comem e que isso é tudo?”.

Meu Deus! Não gosto dessa gente aqui!⁷ Não há nada neles que me interesse. Estou com os pobres da periferia de Lublin. Com o camponês que jazia no chão na Catedral de Varsóvia como se fosse uma cruz, apertando o rosto contra o chão. Com os católicos que construíram sua Universidade em Lublin e com os judeus piedosos que estão construindo sua Escola Superior, seu bastião,

7. Döblin expressa novamente seu descontentamento com o mundo burguês, do qual também fazia parte. Ao falar de suas origens, adota um tom crítico e ambivalente, marcado por constante insatisfação com os próprios hábitos. Ainda assim, ao final de *Viagem à Polônia*, reafirma esses mesmos valores, revelando a tensão entre sua crítica contundente e a impossibilidade de romper totalmente com o universo burguês.

VIAGEM À POLÔNIA

na rua Lubartkowska, não longe dali. Agora as duas moças que estão junto à porta giratória vão embora. A loira também leva um xale branco e comprido. E quando ela passa — uma bainha de pele pende de sua saia oscilante, o rosto jovem e atrevido — vejo que a grande e infinita vida de Deus circula pelos seus membros, move seus olhos. Só que nem ela nem os demais sabem disso. Estão vendendo filipetas brancas e vermelhas de mesa em mesa. Não quero. Estou farto. Tenho certeza de que não aguento mais. As valsas vienenses que se repetem. Não quero. A gente na sala canta, acompanhando a música. Há uma alma e um coração em cada uma dessas pessoas. Que horror! Que lamentável é o mundo!

Você, você em mim, você que sempre me escapa e sempre volta a surgir, o que você perdeu aqui? Esse lugar é completamente indigno de você. Por que você se engana tanto, você, por que permanece mudo e subjugado esse eu mesmo que, desde o início, já intuía tudo, já sabia de tudo — e, ainda assim, faz tudo errado? Você, que conhece o grande e o misterioso e continua a procurá-lo entre os vivos e os mortos! Onde você está? Por que você permanece encapsulado em si mesmo? O que é você senão uma luzinha que nasceu comigo e que eu preciso conservar com minhas duas mãos antes que se apague? Você volta sempre a impregnar meus pensamentos, como a gordura que impregna um pedaço de papel. Você me castiga, porém não suficientemente — e ainda que eu esteja sofrendo agora, não é o bastante. Por quantas, quantas coisas tenho que lhe pedir perdão?

Não tenho lágrimas. Mas se as tivesse, agora elas estariam jorrando dos meus olhos.

Os restaurantes, aqui, são austríacos. O rosbife que me é servido à hora do almoço é ocidentalmente duro. Na antiga zona russa da Polônia as refeições eram uma festividade com acompanhamento musical. Aqui, comercializa-se a comida de maneira totalmente objetiva, para encher a barriga. As pessoas leem o jornal com a colher na mão. Comem folhetins.

Os judeus da rua Legionowo me deixam chocado. Aqui eu vejo aqueles rostos cheios de vida, intensos, aqueles olhares inqui-

sitivos, aqueles ouvidos sempre atentos aos rumores que pairam pelo ar — o jeito dos comerciantes, contrabandistas, especuladores. Em grandes hordas, em bandos, na forma de pelotões inteiros, eles estão aqui. Esta rua é um horror. Ela desafia quem chega ali como se fosse um único mercado negro. Quem passa por ela sabe o que significa o comércio de abstrações, o trabalho improdutivo. Compreende, também, o significado de palavras hostis como parasitas e vagabundos. Ninguém que seja bem-intencionado em relação a esse povo será capaz de tentar embelezar algo do que se vê aqui. A simples existência de um lugar assim mostra a que ponto a situação econômica do povo judeu é errada, infeliz e perigosa, para ele mesmo e para o meio em que os judeus se encontram. Esse é o resultado de uma política que vem sendo levada consistentemente há séculos. Um beco sem saída. Uma degeneração física e econômica provocada deliberadamente. Os líderes têm o dever de retirá-los daqui. É preciso que a vista dessa pavorosa rua de judeus⁸ se grave em seus cérebros. E aqueles que empurraram os judeus para cá devem penitenciar-se.

Nos corredores dos prédios vejo homens. Há dois que olham, nervosos, um para o outro, gesticulam, trocam insultos. Um grupo calçado com galochas modernas se reúne junto à sarjeta, portando elegantes bengalas de passeio. Um deles dispensa com desprezo e com a aprovação dos demais um outro, mais velho, vestido com um cáften cheio de manchas de cimento que, encurvado, fica sem resposta. Há outros que se reúnem diante do Hotel Bristol, alguns deles com barbas ruivas.

8. Em Lviv, como em Lublin, o abandono dos antigos enclaves judaicos esteve ligado à industrialização e ao surgimento de um proletariado urbano, em um êxodo contínuo que deu origem a novas formas de assimilação judaica no Leste Europeu. A assimilação polonesa criou um tipo de judeu movido pelo desejo de pertencimento à sociedade, que se manifestava sobretudo no uso da língua polonesa e na adoção de trajes modernos, mas era menos marcada pelo materialismo que o da burguesia judaica alemã. Tratava-se, no entanto, de uma assimilação desvinculada do nacionalismo local; os judeus raramente se engajavam nas disputas entre poloneses e ucranianos.

VIAGEM À POLÔNIA

Padres poloneses na rua: rostos apagados, camponeses rudes, bondosos. Senhores feudais e membros da alta burguesia: tipos distintos, com traços nobres, narizes retos, testas altas e largas, cabelos lisos bem penteados, barbas aparadas, olhos escuros e expressivos, cheios de passividade e de melancolia. Há outros homens sanguíneos, espertos, vulgares, figuras grandes e rechonchudas, desajeitadas. Alguns claramente sombrios, obscuros. Olhos que se movimentam e se lamentam com gestos involuntários. Ou que acusam. Vejo um padre vestido com um casaco negro e pesado, com um chapéu preto rígido, velho, magro, cético e desconfiado, lançando olhares à direita e à esquerda: um misantropo.

O tempo todo veem-se soldados marchando em suas fardas verdes. Capacetes de aço na cabeça, as armas cruzadas sobre os ombros. O outono avança a passos de gigante. Chove muito: as árvores estão desfolhadas.

Esta cidade se chama Lwow, Löwenberg e Lemberg, Morro de Leo, em homenagem ao filho de um duque ruteno chamado Danillo, que viveu no século XIII. Os tártares estavam saqueando o país. Passados cem anos, o rei polonês Casimiro, o Grande, tomou suas fortalezas, destruiu-as e ali perto construiu a Lemberg de hoje. A cidade tornou-se inteiramente polonesa. Tornou-se, também, um centro para muitos povos. Quem anda pelas ruas vê isso: há junto à grande praça central uma rua russa, uma rua armênia. Junto a essa bela praça, em cujo centro fica o esplêndido edifício da Câmara Municipal, vejo, em meio a outras edificações antigas muito elegantes, o palacete do embaixador veneziano. A cidade, entre o leste e o oeste, foi um entreposto e um lugar de comércio internacional. Judeus espanhóis, sefarditas, estabeleceram-se aqui, vindos do sul. Depois, também, colonos alemães e de outros povos, em busca de mercadorias e de lucros. Uma igreja valáquia encerra a rua russa. Ainda hoje a cidade

LEMBERG

tem três arcebispos.⁹ Um deles é o armênio. Ele é tão pobre que descendentes de armênios ricos, proprietários de terras que se tornaram poloneses, o sustentam. O outro, ao lado do católico apostólico romano, é o católico grego, o arcebispo dos rutenos ou ucranianos.¹⁰ E esse é um capítulo por si só. O arcebispo doente,¹¹ a quem falta um pouco de tato político, viajou há algum tempo para a América, onde, segundo se diz, promoveu um movimento antipolonês. Quando voltou, há cerca de dois anos — ele pretendia ir a Lemberg — seu vagão foi dirigido a Varsóvia. Depois de negociações com o Vaticano, foi obrigado a assinar uma declaração de lealdade à Polônia.

Casimiro, o Grande tinha destruído a fortaleza de Danillo e construído a nova Lemberg. Mas os ucranianos não aceitam o fato de Lemberg ser uma cidade polonesa. O povo ucraniano vive dilacerado entre russos e poloneses. Não há paz. Falo com os homens da cidade. Tenho a impressão de que uma guerra secreta entre povos, terrivelmente intensa, está em curso. Há jornais ucranianos na cidade. A redação de um deles fica aqui na praça central. Apanho casualmente um exemplar, escrito com letras russas — elas provêm do grego antigo e sou capaz de ler a maior parte do que está escrito. Por detrás dessas letras está a velha Bizâncio e cada uma delas deve se lembrar de Constantinopla — e quando olho para o jornal há uma coluna inteira em branco.

9. Lviv tornou-se sede de um arcebispado católico romano no início do século xv, de uma arquidiocese armênia-católica em 1635 e, a partir de 1700, de uma arquidiocese greco-católica, quando o bispado ortodoxo local se uniu a Roma.

10. Na Comunidade Polonesa-Lituana, chamava-se “rutenos” os eslavos orientais de rito bizantino, sobretudo os adeptos da fé greco-católica. Sob a monarquia dos Habsburgos, o termo continuou a ser usado para designar os eslavos orientais da Galícia. Esses grupos possuíam sua própria tradição escrita e são frequentemente considerados os ancestrais dos atuais ucranianos, bielorrussos e russos. A designação “ucranianos”, no sentido moderno de identidade nacional, consolidou-se apenas no final do século xix, no contexto dos movimentos nacionalistas.

11. Andrej Šeptyckyj (1865–1944), grande arcebispo de Lviv e chefe da Igreja Greco-Católica Ucraniana, foi uma das figuras religiosas mais influentes do seu tempo e ativo defensor do movimento nacional ucraniano.

VIAGEM À POLÔNIA

Nada. Este trecho do artigo principal está em branco. Censura. Como no tempo da guerra. Uma coluna em branco que diz tudo. Falo com algumas pessoas. Há muita simpatia pelos alemães e pela Alemanha. Mas um ódio assustador, cego, obtuso, um ódio totalmente animal pelos poloneses emerge de muita gente. Tenho a impressão de que, entre as pessoas simples, há sobretudo um sentimento tranquilo de alienação em relação aos poloneses. Entre as pessoas mais cultas, porém, os sentimentos estão vinculados à opressão nacional. Elas se empenham em despertar sentimentos nacionais por meio da cultura. Não tenho como comprovar nada do que me contam. Há algum tempo houve um atentado contra um chefe de Estado polonês na rua Legionowo.¹² Um judeu foi apanhado. Ao que parece, os próprios ucranianos o acusaram de ser um deles. Acredito ser verdade que eles sejam tratados com todo o rigor pelas autoridades polonesas e que eles se oponham, abertamente ou não, ao Estado polonês. Consta que muitos deles estão presos, e que suas melhores cabeças estão no exílio. Encontro algumas pessoas serenas, calmas, com rostos lisos e picantes, olhos negros, cabelos negros, lisos. Outros com grandes barbas marrons. Dão a impressão de serem camponeses simplórios. São muito reservados. Lemberg é uma cidade ocidental e moderna de porte médio, cheia de vida. Em suas ruas há paz e atividade. Mas algo de estranho me ocorre, então: a cidade está nas mãos de dois adversários, que a disputam. No interior, fora da cidade, na Galícia oriental, a presença polonesa é escassa. Os funcionários públicos e os militares são poloneses, mas o povo é ucraniano e as aldeias e cidades são também em boa parte judaicas. Os poloneses assentam colonos poloneses no

12. Em 5 de setembro de 1924, durante a abertura da Feira de Comércio Oriental em Lviv, ocorreu um atentado a bomba contra o presidente polonês Stanisław Wojciechowski, na esquina entre as ruas Legionowo e Kopernika. O presidente sobreviveu, mas houve mortos e feridos no ataque. O estudante de direito judeu Stanislaw Steiger foi preso e levado a julgamento, embora a Organização Militar Ucraniana já tivesse assumido a autoria em carta publicada em 8 de setembro.

LEMBERG

campo: soldados e inválidos. Sua tarefa é polonizar. Mas eles são numericamente muito reduzidos e se sentem infelizes nessas terras distantes. E é por isso, segundo se diz, que os poloneses se opõem à criação de uma universidade ucraniana em Lemberg: porque temem uma invasão ucraniana da cidade. Os ucranianos, por sua vez, acreditam nessa invasão. Trata-se de uma guerra ao mesmo tempo aberta e secreta, pior do que a guerra que havia entre a Irlanda e a Inglaterra. Pois aqui não é possível separar territorialmente as terras e os povos: eles estão entranhados um no outro. E, além disso, só agora os ucranianos começam a despertar sua consciência nacional por meio da guerra, enquanto os poloneses se empenham em apagar e mesmo em negar essa consciência, para a dor e para o ódio dos ucranianos.

Os ucranianos já combatiam os poloneses à época do domínio austríaco. O conde Potocki, o antigo governador austríaco, foi assassinado aqui em 1911.¹³ Vejo o antigo Palácio do Governo, no alto de uma colina que se parece com um bastião, por trás de árvores. Potocki estava vestindo o velocino de ouro quando foi assassinado. O estudante ucraniano foi apanhado. Mas o sucessor de Potocki foi esperto e lhe deu uma oportunidade para fugir. Ele ainda vive, na América. Assim como os irlandeses, segundo me contam, os ucranianos também dependem do dinheiro americano.

Depois do término da guerra, eles lutaram contra os poloneses durante nove meses. Foi em vão e então a conferência de paz deu aos poloneses o direito de administrar provisoriamente o país autônomo.¹⁴ Mais tarde a própria população decidiria. Mas esse plebiscito nunca foi convocado. Uma assembleia de represen-

13. Em 12 de abril de 1908, no parlamento de Lviv, o conde Andrzej Potocki, então governador da Galícia e Lodomeria sob domínio austríaco, foi morto a tiros. O autor do atentado foi o estudante de filosofia ucraniano Myroslaw Siczyński, militante do Partido Social-Democrata Ucraniano.

14. Na Conferência de Paz de Versalhes, em 1919, a Galícia oriental foi concedida à administração polonesa por um período de 25 anos, com a previsão de um referendo futuro — nunca realizado — para decidir sua soberania. Em 1920, Józef Piłsudski e Symon Petliura, presidente da República Popular da Ucrânia (UNR), assinaram um acordo que definiu o curso da fronteira polono-ucraniana.

VIAGEM À POLÔNIA

tantes diplomáticos simplesmente reconheceu a Galícia oriental como território polonês, em 1923. Há uma lei polonesa que concede a certas regiões da Galícia oriental, dentre as quais Lemberg, uma autonomia administrativa limitada. Mas até mesmo essa lei, queixam-se os ucranianos, permanece letra morta. Lembro-me da advertência do redator doente em Varsóvia sentado em sua poltrona: “Não dê ouvidos às minorias. Elas criticam tudo”.

Lembro-me do que ouvi em Varsóvia daquele político muito sóbrio e astuto. Ele colocou as mãos sobre a mesa e balançou a cabeça:

Há exigências cotidianas e discursos no parlamento. E logo já surgem grandes temas, como por exemplo a autonomia. Mas em casa as coisas são diferentes: é preciso construir estradas e drenar pântanos.

Agora estou “em casa”. E o que ouço é o mesmo que eles dizem no parlamento. E acredito que os russos não falavam de outra forma quando estavam em Varsóvia e tinham os poloneses sob seu jugo. “É preciso construir estradas de ferro. É preciso impedir a Polônia de continuar arruinando a si mesma.” A ocupação, que, ao que parece, é idêntica à opressão e ao sentir-se como um estranho no próprio país — e eu sinto isso de maneira especialmente aguda enquanto perambulo por aqui —, é a coisa mais terrível que existe. A liberdade é a mais fundamental das necessidades “cotidianas”! A liberdade não é um simples lema político, e sim algo tão real e tão necessário quanto o ar que se respira, e em meio ao qual se vive. É mais importante do que estradas e do que pântanos drenados. Homens escravizados e homens que se sentem escravizados são moribundos. As estradas não têm nenhuma utilidade para eles.

Os poloneses sabem de tudo isso por meio de sua própria história. Eles sabem e — acredito que são impedidos de saber inteiramente.

Finalmente, em 15 de março de 1923, a Conferência dos Embaixadores da Entente reconheceu oficialmente a Galícia oriental como parte da Polônia.

Há um museu nacional ucraniano na rua Mochnatzki. Trata-se de uma construção simples ao fundo de um parque. O arcebispo católico grego o fundou antes da guerra. Em seu interior há muita arte sacra. Imagens de santos, trajes rituais, candelabros de igrejas. Sobre uma tela de madeira uma pintura representa o Juízo Final com figuras massivas e ingênuas. Uma antiga Bíblia eslava. Ícones com fundo dourado sobre os quais estão representadas adoráveis mulheres corpulentas. Os rostos dos santos são estereotipados e têm grandes olhos mortos. Luminárias de madeira dos *hutsuls*¹⁵ pendem do forro do teto. Há tapetes *kilim*¹⁶ centenários. A arte de tecer esses tapetes é polonesa? Não, ela provém do Oriente e foi trazida pelos tártaros. As diferenças entre antigas pinturas russas e ucranianas são postas em evidência. Não as percebo. Os ucranianos também querem se diferenciar dos russos. Supostamente, a pintura russa é mais detalhada e a ucraniana mais simples. A maior parte dessas antigas pinturas religiosas são têmperas sobre madeira. Em seguida, há uma pequena exposição de pintura ucraniana moderna: gravuras, silhuetas recortadas em papel com traços arcaicos, delicadas paisagens dos montes Tatra.

Do tempo dos austríacos data o colégio público ucraniano da cidade. Mas os pensamentos gravitam o tempo todo em torno da universidade ucraniana em Lemberg. Eles não mandam seus filhos para estudar em Lemberg para evitar opiniões preconcebidas. Havia uma universidade ucraniana clandestina aqui,¹⁷ descoberta durante as perseguições. Em Praga, onde vivem emi-

15. Os *hutsuls* são uma comunidade montanhesa russo-ucraniana.

16. Tipo de tapeçaria de origem turca.

17. Após o fracasso da tentativa de criar uma universidade ucraniana privada, foi fundada em 1921, em Lviv, a chamada Universidade Ucraniana Secreta, que buscava legalização mas foi forçada a encerrar as atividades em 1925, depois de prisões em massa. No mesmo ano, um grupo de professores e estudantes exilados estabeleceu em Viena a Universidade Livre Ucraniana, que logo se transferiu para Praga com apoio financeiro do governo da Tchecoslováquia. Após a Segunda Guerra Mundial, a instituição mudou-se para Munique, onde funciona até hoje como universidade privada, subsidiada pelo estado da Baviera. Desde 1992, seus diplomas são oficialmente reconhecidos na Ucrânia.

VIAGEM À POLÔNIA

grantes, também havia uma, que já não mais existe. Havia planos de criar um anexo ucraniano à Universidade Polonesa de Cracóvia, algo com que os ucranianos não concordaram, pois, neste caso, a universidade ficaria isolada do povo que a apoia. Os professores ucranianos no exílio recusaram essa ideia. Quando o ministro das Relações Exteriores prometeu, em Genebra, criar uma universidade aqui, foi obrigado a eliminar do protocolo essa medida, ameaçado por protestos de poloneses em Lemberg. Assim é o conflito irreconciliável entre esses dois povos.

Dirijo-me ao campo.¹⁸ Vejo esses homens e mulheres ucranianos e seus filhos. Trata-se de uma linhagem de gente muito robusta e com uma grande variedade de tipos antropológicos. As famílias têm muitos filhos. Há uma grande quantidade de pequenas propriedades rurais e uma tendência à proletarização. Eles ocupam os campos e também estão presentes em grande número em cidades como Stanisławów, Kołomyja e Drohobycz, onde são maioria ante poloneses e judeus. Os latifundiários são poloneses e os poloneses, na maior parte dos casos, não cultivam suas próprias terras, mas as arrendam. Esses contratos de arrendamento agora deverão desaparecer. Há um percentual reduzido de intelectuais entre os ucranianos, mas os filhos dos camponeses buscam cada vez mais por educação. Sua vida religiosa é socialmente radical e politicamente nacionalista. A vida religiosa é a vanguarda do movimento político, como um dia foi entre os poloneses. “Qual é a sua religião?” A grega unitária. Seu ritual é grego, como o dos russos: missas e cânticos numa língua eslava arcaica, sermões em ucraniano. Eles reconhecem o papa e seguem o dogma católico. Como desejam a independência da sua nação, lutam arduamente pelo estabelecimento de suas próprias escolas. Para um homem ocidental é difícil imaginar uma época tão primordial na história de um povo, na qual a escola surge como um órgão nacional.

18. Döblin viajou a Drohobycz nos dias 29 e 30 de outubro e, em seguida, prosseguiu para Borysław (atual Boryslav).

LEMBERG

Visito um colégio ucraniano particular numa cidadezinha. Há sete classes, 230 alunos, dentre os quais um pequeno percentual de meninas. “Quem são os homens que servem como exemplos na formação ucraniana das crianças?” Os professores mencionam os nomes — ao contrário dos poloneses, eles falam alemão surpreendentemente bem e estão bem-informados acerca do que se passa na Alemanha: um poeta épico, Kotlarewski, que viveu no final do século XVIII; um lírico, Taras Szewczenko; um historiador, Iwan Franko. Além de polonês e de história polonesa — há um retrato do atual presidente polonês na parede — eles aprendem história ucraniana, para despertar sua consciência nacional. Uma “União Nacional Pedagógica” está presente em toda a Galícia oriental.

Há uma etnia singular russo-ucraniana que vive nas montanhas da região sudeste da Galícia: os *hutsuls*.¹⁹ O tempo está ruim e não consigo me decidir a viajar para lá. Aqui, na porção central da Galícia oriental e em Lemberg, ouço falar muito a respeito deles e vejo muito do que produzem. Seus objetos de artesanato são muito desejados. Vejo uma coleção colossal de tais artefatos no Museu Ducal Dzieduszyck de Lemberg e também algo no Museu Ucraniano. Um colecionador particular, um verdadeiro *gentleman*, me mostra sua coleção com muitas peças de altíssima qualidade. Há cerâmica dos *hutsul*, armas, instrumentos musicais, objetos de madeira entalhada, tapeçarias, bordados, móveis, brinquedos. Esse povo das montanhas tem habilidades manuais nunca vistas e um senso estético muito original. Ao que parece, há muitos elementos “pagãos” em seus costumes. É

19. No espólio de Alfred Döblin conserva-se um texto intitulado “Huculen”, redigido em uma caligrafia diferente, provavelmente uma tradução. O autor descreve os *hutsuls* como um povo dotado de “uma medida completa de poesia”, com “amor pela arte e destreza manual que é a inveja de todo o mundo civilizado” e que, “em termos de costumes”, permaneciam “ainda muito pagãos”. O texto elogia especialmente a coleção *hutsul* do Museu Dzieduszycki, considerada uma das melhores, e destaca ainda a coleção particular de Ludwig Feigl, um tcheco que se estabeleceu na Polônia na década de 1880.

VIAGEM À POLÔNIA

notável sua criatividade na arte de criar silhuetas de papel recortado e na pintura de ovos de Páscoa. Também entre eles a guerra provocou muitas transformações: entraram em contato com a civilização moderna e suas particularidades se diluíram.

Passeio devagar com um desses ucranianos sérios, pesados, marcados por um destino trágico. Ele me diz:

Meu povo vive uma tragédia. E a principal causa dela é seu solo fértil.²⁰ A terra, aqui, é generosa demais... Um país magro, um país do norte, no qual é preciso lutar muito contra a natureza, gera gente mais firme, mais rápida, mais decidida, mais voluntariosa.

Há quem se volte para o solo e há quem queira deixá-lo.

Os ucranianos têm igrejas bonitas e muito peculiares. Vejo duas delas, em Drohobycz, uma menor e outra a respeito da qual ouço dizer que foi construída há um século. Corre a lenda de que foi trazida do sul da Ucrânia, desmontada, em carroças, provavelmente em troca de petróleo. É uma construção de madeira escura, de uma beleza extraordinária, situada a sul da cidade, em meio aos campos. Acredito nas pessoas quando me dizem que americanos quiseram comprar a construção inteira.

Três torres com cúpulas em forma de cebola, feitas inteiramente de madeira vergada, se erguem à minha frente. Essas torres e esses telhados planos se parecem com pagodes. Na parte inferior há uma galeria que circunda o edifício. Ao lado há uma torre com um relógio, igualmente coroada por uma cúpula em forma de cebola. O altar da igrejinha, chamado *ikonostas*, é inteiramente decorado com imagens de apóstolos e com a Paixão de Cristo. O espaço interno lembra um barracão e não se veem bancos ali. Sobre as paredes despojadas veem-se cruzes e velas.

A Galícia oriental está nas mãos dos poloneses. O povo ucraniano se sente dilacerado. A insurreição é palpável. O plano de Piłsudski para resolver essa questão incorporando à Polônia todo

²⁰ A região visitada por Döblin possui solo do tipo *tchernozem*, caracterizado pela cor negra e pela elevada fertilidade. Essa riqueza agrícola sempre foi motivo de disputa entre os países limítrofes da região.

o território ucraniano malogrou. Agora também há no território da Rússia, do outro lado da fronteira, uma República Soviética da Ucrânia, um corpo que clama por realização nacional. Os ucranianos com os quais converso querem ter sua terra-mãe, mas: “Nosso país, do outro lado da fronteira, está nas mãos dos russos soviéticos. Os ucranianos são oprimidos desse lado e também do outro. Os bolchevistas tampouco permitem a autonomia ucraniana”. Do outro lado da fronteira surgiu uma “nação proletária”. A conjuntura econômica atual fez com que esse tipo, esse novo tipo de nação, surgisse por sobre todos os demais tipos.

A Polônia não será capaz de assimilar os ucranianos, os russos brancos, os lituanos, os judeus, os alemães. Falta à Polônia uma mandíbula suficientemente forte para tanto. Na América isso é possível. A América é uma bacia aberta. As massas ali acorrem com facilidade, a civilização existente é grande e desejável. Aqui, a população rural carece de educação. O analfabetismo grassa. Nas cidades a educação é muito limitada, marcada por fortes acentos nacionalistas e, especialmente, por um catolicismo poderoso e fossilizado.

Depois de ver a escola e de ter ouvido tudo isso, me sinto oprimido. Os meninos e as meninas aprendem história da Ucrânia. Eu vi como, nas escolas judaicas, eles aprendem história judaica, nas polonesas, história polonesa, nas alemãs, alemã. Paire, porém, algo de horripilante em torno do que hoje é chamado de nacional.²¹ Perco toda a vontade de me engajar pela liberdade dos povos. Perco toda a vontade de consolar e de ameaçar por meio dessas “fronteiras”, que têm a força de “tiranias”, a cada vez que vejo aonde leva a tirania do nacionalismo. Eles estão aqui

21. Desde o início do capítulo, Döblin expressa repulsa pelos Estados Nacionais, que considera entidades formalmente falidas e obstáculos ao desenvolvimento humano. Para ele, a autodeterminação dos povos esbarra na própria concepção moderna de Estado, pois a organização geopolítica jamais resultou de uma escolha livre, mas sempre da imposição. A formação de qualquer Estado, observa, passa inevitavelmente por uma guerra ou por um acordo de independência, após o qual se consolida como nação.

VIAGEM À POLÔNIA

nas escolas, agora — ucranianos, judeus, russos brancos e sabe-se lá quais outros. Seus povos foram dilacerados. Eles estão sendo impedidos de se desenvolver de acordo com sua própria vontade. E agora tudo se tornou distorcido e errado. Eles se encapsularam, estão espiritualmente superaquecidos. E assim se tornam cada vez mais teimosos. Que terrível infelicidade emana de cada um deles! Mil infelicidades brotam de cada um. Em vez de liberdade o que se vê é luta e paixão. Ah! Todas as centenas de pequenas línguas! E a história. Eu sei como se ensina “história”: megalomania combinada com ignorância. Eu sei como se ensina “liberdade”: ódio pelo vizinho. Consciência nacional, inconsciência nacional. E há, além disso, as religiões, que não se perguntam nada a respeito da “nação” ou do “Estado” e que formam outro tipo de comunidade. Como se tornam cegos, como exageram e se isolam terrivelmente esses povos que estão todos em busca dos mesmos bens do Ocidente. Há outros tipos de comunidades além das nacionais. Não quero esquecer-las. Não vou esquecer-las. O que hoje se costuma chamar de comunidade nacional não passa de um atrevimento orgulhoso que pretende se colocar acima de tudo e de todos. A liberdade que se prega se torna, pela maneira como é pregada, hostil a outras liberdades que são igualmente importantes. Não gosto da nação por ela mesma. O que pode ser de um corpo no qual corre sangue ruim?

Não se deveria tentar disfarçar o fato de que as nações estão cindidas por muitas forças e o que as cinge são outras comunidades importantes. Vi massas de trabalhadores marchando pelas ruas de Berlim. E o estandarte que eles levavam tinha uma foice e um martelo, o símbolo da União Soviética. Todo o seu falatório, todo o seu amor ao solo natal, todo o seu patriotismo era — a Rússia Soviética. Para os espiritualizados a Grécia significava uma ardente terra da alma,²² um lar verdadeiro e genuíno. E como é o lar dos verdadeiros cristãos?

22. Referência ao filo-helenismo, o entusiasmo dos intelectuais europeus do século XIX pela luta da Grécia para se libertar do Império Otomano (1821–1829).

LEMBERG

Quem seria capaz de se desmanchar em elogios por uma nação na qual impera a escravidão, na qual não há justiça, uma dessas nações que só se conhecem umas às outras para superá-las, em vez de lhe dar as costas ainda hoje, não esperando nem mesmo até amanhã? Ama-se um povo e um país por causa dos seus valores. O patriotismo de Estado, que os governos ocidentais e orientais exigem de suas massas e de seus súditos, nada mais é do que barbárie. Os Estados de hoje se formaram como resultados do acaso e não de alguma coisa que tenha nexo e utilidade. Quem seria capaz de se entusiasmar com algo assim? Quando uma máquina não serve mais, ela é destruída e se faz uma máquina nova. Os Estados de hoje são o túmulo dos povos.

Acaso os poloneses estavam em busca da criação desse Estado? Não. Eles eram um povo cujas partes estavam dispersas. Sendo um povo, amavam-se uns aos outros. Buscavam-se uns aos outros. Tinham orgulho de si mesmos, de seus pais e de seus avós. Queriam tornar público seu orgulho, expressar-se, como o fazem todos os seres humanos. Sua intimidade estava em busca do Estado. Agora eles têm um Estado e ele instila veneno no povo polonês. A fronteira revida e os ataca. Eles avançaram além do ponto. Como um revolucionário que, no momento em que sobe ao poder, se transforma num tirano. Eles são incapazes de reconhecer que, enquanto eram oprimidos, a vida prosseguia e que, do outro lado da fronteira, e em toda parte, e também entre eles, há povos que vivem e estão presentes, partes de massas dispersas que querem voltar a se reunir, porque se amam, porque formam um povo, porque têm orgulho e querem se expressar, como o fazem os seres humanos. São, de fato, uma invenção lamentável esses Estados de hoje, esses grandes Estados, sequiosos de mais e mais territórios.

Uma fantasmagoria de tempos arcaicos sobrevive, aqui e em toda parte. O tempo da luta ininterrupta contra as bestas selvagens estendeu-se por um tempo enorme e não se encontra tão distante no nosso passado. Os instintos que provêm desse período ainda estão muito presentes. Mas as bestas selvagens já não se encon-

VIAGEM À POLÔNIA

tram mais aqui. E, então, o instinto se manifesta de outras formas, inventa suas próprias bestas selvagens. O sentimento de coletividade e o temor das bestas selvagens vivem em conflito permanente. O que no passado foi uma necessidade hoje transformou-se em fantasmagoria e em delírio. Vivemos numa época de medo das bestas coletivas. Os Estados são bestas coletivas.

Mas que grandes dificuldades enfrenta a Polônia! Quero pensar no que se passa hoje. A Polônia esteve subjugada a potências estrangeiras por um século. O sentimento de pertencimento a conservou. E agora — é compreensível — mostra uma hipersensibilidade quando se trata de nacionalidade. É exatamente como um ser humano que sofreu um acidente e sofre de uma neurose traumática. Mas justo a Polônia, que é ameaçada por minorias, por miséria econômica e por vizinhos poderosos, precisa encontrar soluções inteligentes e modernas para estabilizar-se. Não há outra maneira.

Lembranças históricas facilmente se transformam em ideias loucas. Que quantidades colossais de lembranças perigosas tem cada um dos Estados europeus. A Polônia as tem em quantidades assustadoras. Mas os vizinhos da Polônia também têm suas lembranças. — As alianças são boas. A geografia é melhor. A Rússia é vizinha. Uma simbiose natural entre os povos precisa se pôr em marcha aqui, de formas melhores e mais flexíveis do que as atuais.

Faço meia-volta numa das ruas de Lemberg. Vejo testemunhos em pedra da guerra entre poloneses e ucranianos. Trata-se de ruínas judaicas. Em 1918, à época do grande colapso das Potências Centrais, os ucranianos invadiram e proclamaram a autonomia da Ucrânia. A bandeira azul e branca tremulou sobre o parlamento de Lemberg. Eles queriam uma união que fosse da Galícia oriental até Odessa. O ditador era Petruszewycz.²³ Os ucranianos marcharam sobre Lemberg, invadiram a cidade

^{23.} Jewhen (ou Yevhen) Petruszewycz foi presidente e, a partir de 1919, chefe de Estado com plenos poderes da República Popular da Ucrânia ocidental (ZUNR), proclamada em Lviv em novembro de 1918. Após o acordo de 1920 entre Symon Petliura, da República Popular Ucraniana (UNR), e Józef Piłsudski,

LEMBERG

com seus automóveis. Mas os poloneses se encastelaram na estação de trens e no colégio, primeiro em número reduzido, logo em maior número. Por fim, a Polônia dominou uma metade da cidade, que ia até o correio central, e os ucranianos a outra. E então os ucranianos abriram as portas dos presídios. Os prisioneiros poloneses se juntaram aos poloneses, se armaram. Os ucranianos foram derrotados e os poloneses marcharam sobre a cidade. Vejo o prédio do correio central enquanto caminho pela estreita rua Copernicus. É um prédio novo, uma edificação moderna e imponente, recém-construída sobre os escombros do velho prédio, que foi destruído. Depois da retirada dos ucranianos aconteceu o que tornou esse conflito conhecido: o ataque polonês ao bairro judaico de Lemberg, na segunda metade do mês de novembro. No *pogrom* de Lemberg²⁴ foram assassinados cerca de setenta judeus, houve saques e incêndios de vários prédios de judeus. Os judeus não se envolveram na guerra, não participavam dos debates entre ucranianos e poloneses. Eles argumentavam que, independentemente de qual fosse a decisão tomada, sua situação seria ruim. Segundo me contam, eles se contiveram. E é exatamente por esse motivo que, de ambos os lados, isto é, entre poloneses tanto quanto entre ucranianos, se alastraram rumores temerosos, alarmantes, impregnados de ódio. E quando os poloneses venceram, o ódio que pairava na cidade os atiçou ainda mais. Estava-se em meio à guerra e o que as tropas militares já fizeram dúzias de vezes contra populações civis que tomam partido num conflito foi feito pelos poloneses. Eles atacaram. Sede de vingança pelos sofrimentos impostos e

que cedeu a Galícia oriental à Polônia, Petruszewycz exilou-se em Viena, onde organizou um governo no exílio. A partir de 1923, passou a residir em Berlim.

24. O *pogrom* de Lviv ocorreu entre 22 e 24 de novembro de 1918, logo após a retomada da cidade por tropas polonesas, no contexto da guerra polaco-ucraniana deflagrada pela proclamação da República Popular da Ucrânia Ocidental. Centenas de judeus foram mortos, e casas e sinagogas saqueadas. A luta pelo controle de Lviv prolongou-se por cerca de seis meses; ao final, a Polônia venceu e anexou parte do território ucraniano.

VIAGEM À POLÔNIA

uma tendência ao saque sempre circularam no sangue de tropas que não são mantidas sob a mais estrita vigilância, como era o caso dessas hordas polonesas. A população da cidade também participou. A horda de mortos está sepultada no cemitério judeu. Pode-se ver suas sepulturas. Mas há um outro memorial visível na cidade, um que é ainda mais terrível e assustador do que qualquer outro que jamais foi construído em qualquer parte: os prédios incendiados. Eles continuam exatamente como estavam quando foram queimados e saqueados. Há um corpo de bombeiros em Lemberg. Pergunto a um morador onde estava o corpo de bombeiros quando o incêndio começou.

Eu vi, da Legionowo, que havia um incêndio atrás do teatro e fui em direção ao teatro. E lá vi os veículos do corpo de bombeiros, estacionados. Junto ao mercado e mais atrás havia um prédio inteiro em chamas. O fogo vinha do interior do prédio e as labaredas saíam pelas janelas. Era como no teatro, quando um cenário é iluminado por trás com fumaça. E dali era possível ver que o prédio estava sendo saqueado. No lado norte da praça da Virgem Maria eu tinha visto um funcionário da Estrada de Ferro carregando três casacos de pele. Ele encontrou um homem e uma mulher e lhes deu dois de presente. Em seguida, quando mais um homem apareceu, ele lhe deu o terceiro e disse que iria buscar mais um. Quando eu vi o incêndio atrás do teatro, fiquei espantado, sem compreender o que estava acontecendo: aqui estão os veículos do corpo de bombeiros, estacionados, e lá há um incêndio. Por fim, comecei a conversar com alguns dos bombeiros. E eles disseram: *Sim, por nós, iríamos apagar o fogo, mas não podíamos! A gente que estava lá do outro lado estava armada e atiraria se nós nos aproximássemos. O que poderíamos fazer? Os bombeiros estariam arriscando suas vidas se chegasse mais perto do incêndio.*

Estava-se em meio à guerra. Estado de bestialidade natural.²⁵

²⁵. O *pogrom* foi promovido pela população civil, que acusava os judeus de se manterem neutros diante da guerra polaco-ucraniana. Essa suposta omissão foi interpretada como falta de compromisso com a nação em que viviam e usada para justificar o ataque. A guerra, por sua vez, também serviu de pretexto para a violência e perseguição sistemática contra a comunidade judaica local.

A movimentada Legionowo está diante dos meus olhos. Neste fim de tarde lanço um olhar sobre a bela calçada arborizada que fica no meio desse bulevar. Por entre as árvores enfileiradas ergue-se um fantástico monumento a um cavaleiro.

Esse monumento e o teatro com sua cúpula dão um ar residencial ao bulevar. Detengo meus passos por alguns minutos, sob uma das árvores da praça central. Está cheia de folhas amareladas, secas, esturricadas, enroladas sobre si mesmas, que oscilam penduradas nos ramos. O vento não é forte o suficiente para arrancá-las. E agora essas folhas tremulam ao vento, cintilam, acenam, rodopiam, oscilam, puxam os ramos. A cada tanto uma das folhas enfim encontra seu descanso e pousa suavemente sobre a terra. Mas do céu vêm enormes bandos de corvos. Milhares de animais mergulham aos gritos de suas alturas, dividem-se em grupos menores, esvoaçam em círculos uns sobre os outros, voltam a se alçar, descrevendo espirais. Às vezes desaparecem para logo em seguida voltarem a esvoaçar sobre o bulevar. O céu, no alto, torna-se inteiramente negro. Eles soltam gritos estridentes. Quando eu os vejo aproximarem-se em montes colossais tenho a sensação de que se trata de pragas. A nuvem de corvos que se aproximam é tão densa e tão assustadora. E quando um animal isolado do bando se aproxima ainda mais, parece que o que estou vendo não são corvos. Esta criatura de asas abertas, negra, que ora mergulha do céu crepuscular, ora volta a se juntar ao bando, é um animal sinistro, é um animal, um ser vivo que se move, que se aproxima de mim, que me ataca, perigosamente. Quem o envia contra mim? Agora eles parecem estar nadando às centenas, um junto do outro, com seus corpos negros, como numa gelatina transparente. Eles se alçam e voltam a mergulhar em massas. Há pouca gente no bulevar que ergue os olhos em sua direção.

Passo na frente do teatro. À minha direita há um mercado. E então me aproximo do terrível memorial da batalha e da fúria de 1918. Atrás do Teatro Municipal, e atrás da bem asfaltada e bem cuidada Legionowo, com suas lojas elegantes, seus monumentos, seus automóveis, suas lâmpadas elétricas que pendem de

VIAGEM À POLÔNIA

arcos, seus hotéis, começa um brejo. Minhas botas se cobrem de lama. Aqui, com sua massa formigante de comerciantes, pequenos comerciantes, comerciantes menores ainda, desocupados, mendigos, começa o bairro judaico. A praça Krakowski se alarga, cheia de bancas de madeira. Seu lado direito é ocupado por um edifício branco muito elegante, com grandes janelas em arco. Ao lado de uma construção térrea de tijolos à vista há uma casa semidestruída que desabou. Por causa do fogo ou de alguma outra causa violenta ela foi demolida até seus fundamentos de tijolos vermelhos, em meio aos quais veem-se escombros e argamassa. A parte superior da casa ao lado está desabando, mas as lojas do térreo ainda estão em funcionamento. Vêm depois duas casas ainda inteiras e logo a seguir mais uma, cujo pavimento superior foi horrivelmente destruído. Nos flancos de alguns edifícios foram colocadas enormes vigas para evitar seu desmoronamento. Encontro um sobrado estreito, cujo interior foi completamente incinerado, há seis anos. Há rachaduras na fachada, e vidraças quebradas como se fossem olhos arrebentados. Tudo isso é deixado assim, abandonado, ao relento. Os proprietários não receberam qualquer tipo de indenização pelos prejuízos sofridos e por isso não estão dispostos a gastar dinheiro com a demolição — e qual é o sentido de demolir se não há dinheiro para reconstruir? Ruelas lamacentas e cheias de lixo desembocam na praça do Mercado. Em suas casas velhas, sombrias e tristonhas a gente vive, apinhada. Mas logo ali há outra casa que se transformou em ruína, partiu-se, explodiu e deixa à mostra retalhos coloridos de papéis de parede, assoalhos de madeira, restos de telhados. Há uma ruína que desaba, em diagonal: como se fosse uma geleira em cujo interior houvesse pedras negras, ela cede aos poucos. Aqui havia um conjunto de casas que desmoronaram. Diante de seus escombros instalaram-se pequenas bancas de bugigangas. Assim como em Varsóvia, aqui também há uma rua chamada Smocia. De ambos os lados as ruínas de incêndios aos poucos afundam na terra. Há um monte enorme de escombros — foi um dia um grande edifício —, agora cercado. Os cômodos destruídos

se abrem para a rua. Há um ponto no qual a cerca foi rompida e eu vejo mendigos com seus filhos, carregando sacas nas costas, que entram pela cerca, escalam o monte de escombros e procuram algo empunhando hastes de madeira. Continuam a procurar, ainda que se tenham passado seis anos. Papel e fragmentos de tijolos rolam monte abaixo. Uma casa isolada permanece ilesa. Em seguida, duas esquinas, uma diante da outra. Um dia foram esquinas. Hoje são horrendos amontoados de ruínas com as entranhas de prédios à mostra. As colunas desses edifícios estão destruídas até as suas bases. E do outro lado, assustadora, separada pelo calçamento, há uma cratera, como se ali tivesse havido um bombardeamento. Não há cerca. O pântano, os escombros, os fragmentos e a poeira escapam de lá por sobre a rua, como se um projétil tivesse acabado de cair ali. Esse prédio, uma sepultura a céu aberto, serve de depósito de lixo para as ruas do bairro. Mulheres e crianças vêm e jogam seu lixo. Estou no meio do mercado. Rua Bosnika — escombros, escombros. Em toda parte, há judeus perambulando, uns vestidos à moda europeia, outros com roupas estranhas, com túnicas negras e gigantescos cachos de cabelos que lhes despencam das orelhas, seus rostos barbudos e seguros de si estendidos para a frente, o queixo voltado para a frente, um cinto em volta do corpo.

É assim que os três povos convivem, lado a lado: os poloneses, que governam a cidade, atentos, cheios de vida, os donos — os judeus, diversos, introspectivos e ausentes, ou desconfiados, defensivos, espertos, atentos para a vida — os ucranianos, invisíveis, silenciosos aqui e ali, retraídos, vingativos, perigosos, enlutados, rodeados por uma atmosfera de conspiração e de rebelião.

Dos 250 mil habitantes da cidade, 80 mil são judeus. “Por que eles falam polonês e não iídiche? Por que o jornal judaico é escrito em polonês?” — “A gente é muito polonesa. Desde a infância, aprendeu o polonês. Não se acredita na importância cultural do iídiche. O hebraico não é falado. Por isso a língua da intelectualidade judaica e das classes sociais mais altas é o polonês.”

VIAGEM À POLÔNIA

Há uma sociedade de escolas judaicas modernas. São as chamadas escolas ultraquistas: língua polonesa nas disciplinas de caráter geral; hebraico nas de história e literatura judaicas. Há dois colégios desse tipo para rapazes e um para moças. São colégios públicos que existem há cinco anos. Há também um colégio onde todo o ensino se dá em língua hebraica, mas ele não é reconhecido oficialmente.

O *pogrom* de 1918 deteve o forte movimento de assimilação. Os sionistas assumiram a liderança. As pessoas tentam me convencer de que ser nacionalista judeu não significa ser sionista. Os sionistas estão presentes e têm suas organizações: são eleitos para o Sejm para se engajarem pela defesa dos judeus. A ortodoxia ainda não se organizou aqui da mesma maneira que na Polônia do Congresso e é economicamente fraca. Aqui há um proletariado muito numeroso que perambula pelas ruas.

Olho para o interior de um pequeno hotel judaico. O garçom, ou a pessoa que imagina sê-lo, leva uma xícara de café e um copo d'água numa bandeja. Ele se aproxima de um senhor, certamente o dono do estabelecimento, pergunta-lhe algo e aponta para a bandeja. O senhor enfia a mão numa bolsa, tira de dentro dela duas ti-gelas e então um lenço. Em seguida, aprofunda seu movimento, encontra o açúcar no fundo da bolsa e entrega dois torrões ao garçom.

Alguém diz para mim: há gente no bairro judaico que nunca foi à “cidade nova”. Um veículo estranho me obriga a parar: um judeu de barba ruiva o conduz. Voltado para trás, ele briga com um judeu enorme, que vai sentado na outra extremidade do veículo. E entre os dois vai uma camponesa com uma boina marrom na cabeça e um rosto simplório. Tenho a impressão de que os rostos de muita gente que encontro por aqui são mais inteligentes e têm traços mais nobres do que os que vejo em outros lugares. Em meio aos judeus veem-se também camponeses que carregam sacos, que compram e vendem enquanto as mulheres permanecem de lado, sentadas em suas carroças.

Busco esse povo novamente em suas casas de oração. Quero ir ao grande “Templo”. Atrás do mercado dou com uma casa sim-

ples, caiada de branco, a cuja porta se vê um homem trajando um xale de orações.²⁶ Desço dois degraus: uma sala grande e quadrada, na qual se encontram bancos, cheia de homens de chapéu, com e sem seus xales de oração. Uma voz de homem, muito trêmula e estridente, canta em hebraico. No centro fica a *bimá*. De ganchos fixados numa grade pendem chapéus e *schtreimels*. Há uma movimentação ansiosa na sala. Meninos sobem e descem pelos degraus da *bimá*. Na parede vê-se uma série de pinturas enfileiradas, dispostas a intervalos regulares. São pinturas de paisagens. Um velho caminha pelo corredor rezando com seu livro nas mãos, vai até a porta, onde encontra alguém. Eles trocam cumprimentos e ele volta, levando seu livro esfarrapado e murmurando. Enquanto isso, a cantoria na *bimá* continua. Às vezes ela se interrompe, às vezes recomeça de súbito. Por trás das janelas cobertas com grades parece haver lugar para as mulheres, mas não vejo ninguém lá. Na mesma rua há ainda várias outras casas de oração. Uma imagem surpreendente, numa esquina: três meninos que avançam pelo brejo. Eles têm entre dez e doze anos de idade, usam casacos longos e negros, não muito limpos, barretes negros sobre a cabeça, rostos bem nutridos e muito pálidos, belos traços, longos cachos de cabelos encaracolados, negros ou marrons, pendentes das têmporas. Parece uma visão de Gura. Os cachos descem de ambos os lados da cabeça, alcançam o pescoço e oscilam orgulhosamente enquanto eles andam.

E então alcanço o templo, uma construção grande, cercada, coroada por uma cúpula redonda. Senhores e senhoras bem-vestidos entram por várias portas. É como na rua Tłomackie, em Varsóvia. O homem na antessala, com um xale de orações, leva na cabeça um verdadeiro quepe de porteiro. E sobre esse

26. É provável que se trate da sinagoga Rosa Dourada, construída em 1582 na antiga rua dos judeus, ao nordeste do mercado. Nessa rua, Döblin também pode ter visto a sinagoga municipal e outras casas de oração. Já na rua Sians'ka, próxima ao antigo mercado, havia outras várias sinagogas, entre elas a Grande Sinagoga Suburbana e a Sinagoga Beit Hassidim. Todos esses locais de culto foram destruídos durante a ocupação alemã.

VIAGEM À POLÔNIA

quepe está mesmo escrito “porteiro”. Duas portas de vidro. O interior está lotado. Há gente até a porta. Silêncio completo. O canto claro e bonito de um coral. Essa sinagoga e as casas de oração que visitei antes — é como se estivessem em mundos diferentes. Só ocasionalmente ouve-se alguém sussurrando em meio à multidão que ocupa todos os bancos. O corredor central está, igualmente, abarrotado de gente. Trata-se de uma rotunda ampla e alta e, vejam só, há também três andares de galerias, como se fosse um verdadeiro teatro. As galerias estão vazias. Nas primeiras fileiras veem-se mulheres muito modernas e bem-vestidas. Embaixo, os homens se apertam. Dentre eles há também soldados. À frente estão os sacerdotes com seus ternos pretos e com as cabeças cobertas por boinas redondas e abotoadas. No centro está o cantor. É uma cantoria esplêndida. Realmente esplêndida. Entrei só para dar uma olhada e logo ir embora, pois abomino isso que os judeus liberais de todos os tipos denominam serviço religioso. Mas então me deparo com esse cantor. Não comprehendo o que ele está cantando, mas trata-se da mais refinada arte musical. Que coloraturas, que *trilos* ele é capaz de entoar! Como constrói os sons! Todos permanecem imóveis, e escutam. E não se trata simplesmente de arte, de arte das salas de concerto: existe algo que se chama de arte religiosa, ainda que não se encontre à mesma altura da religião sem arte. Aqui os sentimentos da oração, da súplica e do louvor se expressam de maneira finamente civilizada. Ele está cantando numa língua elevada e estrangeira. E agora o porteiro se irrita e tenta abrir espaço no corredor central. O cantor vem descendo, acompanhado pelos rabinos. Eles levam a Torá, envolta em veludo vermelho, em meio aos fiéis, e enquanto caminha o cantor canta com júbilo e também lamenta. De todos os lados os homens estendem suas mãos, para tocar o veludo vermelho e beijar a Torá.

Sigo adiante para continuar a ver que tipo de coisas essa cidade produz. Sobre as cercas de tábuas há cartazes com anúncios de circos, de cinemas e de sepultamentos. O nome “Salomea Hausknechtowa” me persegue.

LEMBERG

De uma janela pende uma bandeira negra. Uma corporação perdeu seu presidente, pouco tempo depois da morte do seu predecessor. Contam-me que quando o jovem presidente ficou sabendo da morte de seu predecessor, apressou-se em segui-lo, para evitar que o velho o difamassem nas alturas.

Que graciosas carroças de camponeses trafegam pela avenida, com seus cavalinhos castanhos. Alguns têm crinas brancas. E muitos estão parados ali, com suas cabeças pendendo, com sua pelagem áspera, com suas costelas saltadas. Uma cerca impressionante: atrás dela havia, outrora, um edifício. Desabou sob a luz do dia, no meio da cidade, matando 35 operários que trabalhavam ali. Um outro edifício acaba de ser evacuado, pois está prestes a desabar.

Hoje meu colega Henryk Sienkiewicz está sendo sepultado na Catedral de Varsóvia.²⁷ A antiga Assembleia Legislativa: um edifício pomposo, massivo, pesado. O frontão é decorado com alegorias gordas e ousadas. Há também colunas, sem qualquer utilidade. Como eu abomino essas construções. Desligo minha atenção. E aqui vejo um grande parque,²⁸ no qual brincam mil crianças. Prefiro as fraldas de algumas às alegorias. Há dúzias de bebês que tomam banho de sol deitados em seus carrinhos enquanto dormem como pássaros em seus ninhos.

Subo uma colina no limiar da cidade. É de manhã bem cedo. Domingo. A colina é artificial e se chama Unia Lubelska. É um

27. Henryk Adam Aleksander Pius Oszyk-Sienkiewicz, cujo pseudônimo era Litwos, foi um escritor polonês, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1905 e um dos sócios correspondentes da Academia Brasileira de Letras. Os restos mortais do escritor, que morreu na Suíça em 1916, foram transferidos para a Polônia e enterrados na igreja de São João, em Varsóvia, em 27 de outubro de 1924.

28. Trata-se do mais antigo parque de Lviv, hoje chamado Parque Ivan Franko. Criado no século XVI, pertenceu ao Colégio Jesuítico até 1773, motivo pelo qual também é conhecido como “jardim jesuítico”.

VIAGEM À POLÔNIA

aterro, feito em memória à União de Lublin.²⁹ Um presidente polonês do parlamento austríaco, Smolka,³⁰ lançou a primeira pá de terra para a construção desse memorial, depois do malogro do levante de 1863. Foi uma das múltiplas tentativas orgulhosas dos poloneses de se libertarem dos russos. Encontro camponesas rutenas. Estão a caminho da igreja. Seus rostos são um pouco achataados, suaves, bonitos. Seus olhares são tranquilos e pacientes. São as criaturas de uma terrível planície. Passo diante de um grande quartel no alto da colina, verdejante, cheia de árvores — homens conduzem cavalos para trotar num pátio. Há degraus de pedra, arbustos. Numa curva há um leão feito de pedra, sentado, com a bocarra escancarada. Mas ele permanece comodamente sentado sobre as patas traseiras. É o animal de Leo que, antigamente, mordia para defender os ucranianos. Agora é apenas um emblema, cimento histórico. O sol baixo está esbranquiçado. A campainha do bonde soa. Vejo as copas das árvores, embaixo. O declive é íngreme. Por fim, vou subindo em espirais, cada vez mais alto, cada vez mais alto, e já me encontro em meio a uma ventania quando me sento, lá em cima, ao lado de um mastro de bandeira altíssimo.

À minha volta está a cidade. À direita, ela se dissolve em ruas. À esquerda desaparece por trás das colinas. Ali se parece, novamente, com um povoado. Alguém o construiu, alguém o destruiu e o reconstruiu. Turcos e valáquios.³¹ Depois, cossacos e tártaros, Bogdan Chmielnicki, Tuchai Bey, Wasil Buturlin.³² Certa vez todos os que vivem lá embaixo se tornaram nobres

29. Na União de Lublin, em 1569, o Reino da Polônia e o Grão-Ducado da Lituânia foram unidos sob uma única monarquia eletiva, formando a República das Duas Nações, federação que perdurou até 1795.

30. Franciszek Smolka, político e advogado, foi presidente da Câmara dos Deputados do Conselho Imperial Austríaco entre 1881 e 1893. Por sua iniciativa e com seu apoio financeiro, a colina memorial — dedicada ao 300º aniversário da União de Lublin — foi erguida em Lviv, entre 1869 e 1900.

31. Povo minoritário que habita a região da atual Sérvia.

32. O líder cossaco ucraniano Bogdan Chmielnicki chefiou entre 1648 e 1657 a revolta contra o domínio polonês-lituano no território da atual Ucrânia.

LEMBERG

porque não se entregaram aos tártaros. Depois vieram os austriacos: foi o fim. E quando os poloneses se rebelaram, os austriacos degolaram os melhores dentre eles.³³ Um movimento incessante, maldito. É a isso que se chama de crescimento: uma cratera aqui, outra ali, uma orelha arrancada, uma língua, uma tijolada no crânio, uma perna de madeira e o organismo está pronto. Agora eles vivem em meio a hostilidades com os ucranianos. Uma ventania terrível se despeja sobre o mastro. Ali estão os edifícios: a catedral de São Jorge; a igreja dos Bernardinos; a antiga Assembleia Legislativa. Nos campos os cereais frutificam, pacificamente. Na cidade há belas escadarias, casas arruinadas, pátios abafados. Leiteiras batem com suas canecas.

Os dias de Todos os Santos e de Finados. Celebrações dos mortos. Uma tarde cinzenta e chuvosa. Sob a luz crepuscular, a gente deixa o centro da cidade, em pequenos grupos, em grandes cortejos, e desce pela avenida Kochanowski em direção ao cemitério. O acesso à avenida está barrado por policiais armados. É preciso subir pela direita. Das travessas que desembocam na avenida vêm mais gente somar-se ao cortejo. Levam flores às mãos, grandes coroas, ramos de pinheiros, velas, bandeirolas. Diante de algumas casas há vendedores com as bandeirinhas: pequenos estandartes de linho branco com uma cruz vermelha costurada, com duas barras horizontais; bandeirinhas brancas e vermelhas com uma inscrição em polonês. A cada curva veem-se policiais. O caminho está enlameado e a cada tanto é preciso atravessar de um lado da rua para o outro. Agora, mendigos, cegos junto aos muros. Numa curva do caminho dou com oito homens cegos e horrivelmente mutilados, um junto do outro, lamentando-se, clamando. Mais adiante, vinte homens e mulhe-

Contou, em diferentes momentos, com a aliança do líder tártaro da Crimeia Tuchai Bey e do comandante russo Wasil Buturlin.

33. No manuscrito, Döblin menciona Teofil Wiśniowski e Józef Kapuściński, que tiveram papel central na preparação do levante da Galícia em 1846, movimento insurreccional contra o domínio austriaco. Ambos foram capturados e enforcados em 31 de julho de 1847.

VIAGEM À POLÔNIA

res, aleijados e esfarrapados, surgem enfileirados num terreno baldio, sentados, deitados, agachados. São simples troncos com cabeças, que deixam à mostra os cotos de seus braços e de suas pernas, com próteses, deitados em pequenos carrinhos de mão, em carroças. Um deles canta, outro toca gaita.

Árvores amareladas ao longo da calçada. O vento arranca as folhas que restam. E então surge um amontoado de gente, bondes, automóveis e fiacres. Aqui está o portão de ferro: a entrada do cemitério. Sou empurrado pela multidão. Mudas e sem olhar para ninguém, freiras sentadas junto a mesinhas sobre as quais há imagens de santos. Oferecem-se bandejas. O cemitério: uma floresta densa e esplêndida. Como são lindas essas copas densas de árvores, muitas delas ainda cheias de folhas coloridas. E logo à entrada surgem os primeiros jazigos, que se encontram elevados do solo e são alcançados por degraus. E há gente que sobe esses degraus, e se aproxima das velas que ardem no interior dessas capelas fúnebres. Tudo se ilumina, tudo parece pacífico, aconchegante, solene. E em toda parte, sobre as elevações dos jazigos, nas capelas em meio aos troncos, ardem as pequenas e delicadas velas, cujas pequenas chamas avermelhadas avançam sobre a luz crepuscular, sem alcançá-la. Folhas amarelas, marrons, vermelhas, cobrem muitas sepulturas. A chuva goteja sobre elas. A gente, abrigada sob um grande teto feito de guarda-chuvas negros, percorre as alamedas principais, dissipando-se pelas aleias laterais.

Fala-se polonês e talvez também russo. São pessoas altas, homens e mulheres esbeltos, muitas mulheres vestindo os chamativos trajes de luto típicos do país: um lenço de crepe branco sobre a cabeça, um véu negro, muito comprido, quase uma cauda. E agora elas estão agrupadas junto às sepulturas e deixam flores, velas e até pinheirinhos inteiros nos canteiros. Espetam velas na relva como se espetassem flores: duas, três, dez, vinte — uma suave oferenda. Às vezes há círculos inteiros de velas em torno de uma sepultura. O cemitério está cheio de túmulos simples e bonitos. Estátuas, pequenos sarcófagos. Muitos têm lamparinas acesas, cuja luz serena brilha através de vidros coloridos. As ban-

LEMBERG

deirolas oscilam, penduradas em cruzes e em colunas partidas. A gente parece trabalhar junto a seus mortos: fala, busca mais enfeites. Três cadetes jovens e esbeltos com baionetas em punho marcham, aproximando-se. O soldado que vai atrás deles tem nas mãos um grande ramo de pinheiro. Eles marcham por aleias laterais em direção a uma vigília de honra. O terreno do cemitério é ondulado. Sua área, verde e cheia de árvores, é muito bonita. As colinas sobem e descem e as velas faiscam através da chuva, em cima e embaixo. A chuva apaga muitas delas. Mas, diante das sepulturas maiores, há rapazes que voltam a acendê-las. Caminho em meio à folhagem e à chuva e ouço um cântico. Em torno de um túmulo há muitos homens de chapéu na mão. É um coro masculino, que canta um cântico latino, “*Requiescat*”, ouço. Como é tranquilizante esse cântico, sob a copa de uma árvore, sob a chuva. Tudo aqui é tão tranquilo. A gente enfeita seus túmulos, acende velas, é como se estivesse enfeitando a própria casa. Olha para as chamas, murmura uma prece, conversa, arruma as flores. E segue vagarosamente por seus caminhos, de volta à multidão, passando pelos policiais, pelos mendigos encharcados, avança pelas ruas iluminadas.

Na rua um homem inteligente fala comigo, em voz baixa:

Um Estado é feito do equilíbrio entre opressores e oprimidos. Na Polônia, porém, a classe dos que sofrem está crescendo. A Polônia é democrática, desde sempre, e a princípio mais democrática do que a Alemanha, justamente por causa dos poloneses. Mas o país está precariamente organizado. O comércio e a indústria são grandes demais para as dimensões do país. Estariam de bom tamanho para a Rússia ou para um domínio russo. E agora estão tentando reduzir o tamanho do que é grande demais. Necessita-se de apoio dos outros países do Leste. A Polônia de hoje tem um mercado interno fraco e seus produtos são caros demais para a exportação.

E, em voz ainda mais baixa, ele diz:

Há patriotas poloneses que já estão vendo que a solução atual da questão polonesa não pode ser definitiva. Não se pode conter acontecimentos

VIAGEM À POLÔNIA

obrigatórios na esfera econômica por meio da política. Há gente que olha com temor para a Rússia e há gente que a olha com esperança.

Um outro homem me conduz, à hora do almoço, pelas ruas movimentadas, em meio à multidão bastante elegante da rua Akademika. É um nativo de Lemberg, gordo, colérico. Ele gosta de falar de política, mas gosta ainda mais de falar sobre outro assunto. Ele me mostra um grande café literário, o Roma,³⁴ e então me leva ao centro da cidade, à confeitoria Zalewski. Lá encontram-se atores, artistas e políticos, lado a lado e também misturados uns aos outros. E na chapelaria há um verdadeiro prodígio da memória: um homem que, sem entregar qualquer tipo de senha em troca dos objetos que lhe são confiados, é capaz de devolver a cada um o que lhe pertence. Junto a uma mesinha de mármore redonda o gordo sussurra:

— É uma falta de vergonha o fato de haver mulheres que se indignam quando nós as dispensamos. E elas usam como justificativa para sua indignação o fato de que proporcionaram tanto prazer ao homem. Primeiro ele desfruta delas, depois as manda embora, dizem elas. É uma falta de vergonha e uma falta de noção mulheres dizerem algo assim. Elas desfrutaram tanto do relacionamento e do que ele proporcionou quanto os homens. Para uma mulher, conquistar um homem não é pouca coisa. Por elas, nós sacrificamos temporariamente nossa liberdade. Uma mulher deveria ter vergonha de dizer algo assim.

— O quê?

— Dizer que nós abusamos delas, que desfrutamos delas e depois as dispensamos. Pois o que se passa na realidade é exatamente o contrário. São elas que saqueiam e que desfrutam dos homens, se é que eles combinam um com o outro. São elas que devoram os homens, e não vice-versa. E depois elas ainda os ofendem!

Observo-o, tomado de pena. “Trata-se de um caso agudo?” Ele rosna: “Não, não. Mas algo assim sempre é agudo. Para mim não há nisso qualquer novidade”. Passado um tempo, seu rosto se

34. Durante o período em que estudou em Lviv, o escritor Joseph Roth foi *habitué* do Café Roma.

LEMBERG

tranquiliza. À mesa surgem mais lugares vazios. Ele aponta para homens e mulheres nas mesas ao lado. E então sussurra para mim:

O senhor sabe, sem uma criatura como a mulher a vida sobre a Terra seria insuportável. Pensar numa mulher funciona, para mim, ao amanhecer, quando me sinto fraco e desanimado na minha cama, ameaçado por mais um dia triste e tedioso no escritório. Para mim, isso funciona como uma injeção de cânfora ou um copo de vinho. Acho que há algum sentido na ideia de que, sem elas, nós somos apenas uma metade. Isso é muito pior do que se imagina. Acho que cada um de nós, homens e mulheres, somos castrados. Seria também um absurdo supor que sempre haja duas criaturas diferentes de cada espécie de animal. O que ocorre na verdade é que há apenas uma: o andrógino. Com sua separação, ocorreu uma castração, uma mutilação. Os gêneros e o amor são o resultado de perdas, como acontece com os eunucos. Nós, com nossos amores, somos doentes, sofremos da patologia da castração. E às vezes deixamos de ser eunucos: quando eu estou com ela e ela está comigo.

Tomo o meu café e ouço o que ele diz. Percebo que não preciso falar. Há algo por trás do que ele está falando. Talvez eu lhe agrade e ele queira se revelar para mim. Ou talvez ele esteja excessivamente tenso. Ele fuma nervosamente, sonda as mesas à nossa volta e então lhes dá as costas largas, sorrindo, orgulhoso.

Num ponto as mulheres estão certas: elas têm bons motivos para caçoar dos homens. Isto aqui, que vai sempre junto com o homem, não entende nada de mulheres. Cada mulher quer ser possuída de um jeito diferente. E esse é um capítulo que essa anta não é capaz de entender. As zonas erógenas. O que o senhor acha que os homens pensam? O senhor com certeza já fez suas próprias observações a esse respeito. Isto se lança sobre a mulher, um, dois, três, para cima, para baixo, goza — e a mulher? Ela se sente meio enojada. Não é de surpreender. Um sujeito assim simplesmente não merece o fato de as mulheres terem sido criadas. São predadores. Aves de rapina. Só o que lhes interessa são os próprios ventres. Não ligo para isso. De que me adianta? Eu não sou um egoísta. Estou preocupado com a minha parceira. Se ela está desfrutando, vou ao céu. Graças a Deus! Ele me dotou com coisas por meio das quais posso fazer bem a ela. O senhor acha que eu sou um trovador? Eu só não sou uma anta, não sou aquele tipo de sujeito que arma confusão numa loja de porcelanas.

VIAGEM À POLÔNIA

Mais uma vez ele tira uma tragada voraz do seu cigarro e então se aproxima ainda mais de mim:

As zonas eróticas das mulheres. Umas as têm aqui, outras ali. É preciso desviar-se dos chamados órgãos genitais. Eles são simples anatomia. É uma vulgaridade. Quando se presta atenção e quando se ama a criatura que se tem consigo, começa-se a descobri-la para além dos órgãos genitais. Está-se em meio a um monte de órgãos genitais. O ser humano por inteiro sente falta de outro ser humano. Por inteiro. No momento tenho uma namorada da qual não consigo me separar. Tenho que lhe contar isso. O senhor vai rir de mim. Mal sou capaz de descobrir onde é que ela é mulher, no sentido anatômico. Na ausência de sentido que é característica do que é anatômico. E, no entanto, ela é a sensualidade encarnada. A ligação do espiritual com o corporal por meio da sensualidade, essa *unio mystica*, nela se realiza completamente. Estou à disposição dela, da cabeça aos dedos dos pés. Os filósofos filosofam a esse respeito, mas eles desconhecem totalmente os fatos. Eu lhe asseguro, eu lhe dou a minha palavra que a sensualidade é mais misteriosa e enigmática do que os conceitos apodícticos e apriorísticos que os filósofos investigam. E tenho muita experiência nesse sentido. Eu vivo esses enigmas junto a ela todos os dias. Para mim nosso amor é uma espécie de experimento científico. Não sou capaz de me desvencilhar dela porque ela me ocupa espiritualmente e fisicamente, poderia dizer fisicamente e metafisicamente. Ininterruptamente. Só quando vou para o meu emprego é que faço uma pausa. Se o senhor a visse, o senhor diria: uma mulher, uma bela pessoa. Um ou outro diria: deve ser agradável possuí-la. Possuí-la! O senhor já está ouvindo essa expressão ordinária. O que eu quero dizer é: descobri-la; descobrir-se nela. O que essa mulher vai sentir no pescoço, nos seios, é algo que um órgão específico não é capaz de proporcionar a outras. Eu me espanto. Me espanto. Talvez o senhor seja capaz de dizer isso numa linguagem toda especial. Mas eu acho que isso é simplesmente indescritível. É como um ato de criação original. Sim, um ato que acontece por si só quando nós nos encontramos. Uma passada de mão pelas suas costas nuas a excita a tal ponto que ela quase morre. Ela treme inteira — por que o senhor não acredita no que estou lhe dizendo? Ela afasta suas costas de mim, suspira e é obrigada a voltar a se aproximar. Magnetismo. Não. Isso é ridículo. Na verdade, é o nascimento elementar de novos sentidos. Ela pode estar sentada à minha frente, em meio a outras, e nossos olhares se encontram. Eu a detenho. Eu sou capaz de

detê-la à distância de um metro, em meio a qualquer conversa com outros, e ela se excita visivelmente, empalidece e enrubesce, se segura na cadeira, voa, enquanto os outros continuam sentados a seu lado e a conversa prossegue. Por meio dos olhos, do meu olho no olho dela, consigo fazer isso. Com as minhas palavras sou capaz de exacerbar sua sensualidade até o prazer completo. É assim que isso se esconde dentro dela, e transborda por todos os seus poros. O que existe entre nós é mais do que magnético. O que existe entre um homem e uma mulher prescinde de qualquer órgão porque transforma o corpo inteiro em seu órgão. Mas — bem, o senhor sabe do que eu estou falando.

Vejo a que ponto ele está excitado. Ele está pálido e trêmulo. Está sofrendo, está se consumindo. É algo que vai além das suas forças. Será que ele é servil? Será que, quando fala comigo, está em busca de salvação? Seu rosto agressivo se tornou estranhamente paralisado.

Um conde velho, um senhor muito fino, antigo governador da Polônia austríaca, conversa comigo sobre uma xícara de chá,³⁵ me mostra sua coleção de pinturas italianas, lamenta-se pelo que perdeu para os bolcheviques. E então ele, que é professor de Direito Constitucional na Universidade, me dá seu cartão para que eu possa visitar tranquilamente as coleções do Ossolineum. O Ossolineum é uma biblioteca e museu, criado há cerca de um século por um certo conde Ossoliński e pelo príncipe Lubomirski.³⁶ Há ali cerca de 700 mil livros, que representam

35. Trata-se de Leon Conde Pininski, historiador da arte e jurista, professor de direito na Universidade Jan Kazimierz, em Lviv. Atuou por nove anos como deputado no Conselho Imperial Austríaco e no parlamento da Galícia, além de ter sido governador da Galícia sob domínio austríaco entre 1898 e 1903. Reconhecido por suas publicações sobre arte, literatura e música, destacou-se também como colecionador e patrono, reunindo uma das mais valiosas coleções de pinturas e esculturas de Lviv.

36. Em 1817, Josef Maximilian von Teczyn Ossoliński fundou a biblioteca do Instituto Nacional Ossoliński, que em 1823 foi ampliada com as coleções do Museu Lubomirski, graças a um acordo com o príncipe Henryk Lubomirski. Em 1915, o acervo já contava com cerca de 150 mil livros, 700 atlas e mapas, mais de 5 mil manuscritos, 5,5 mil autógrafos, 2 mil documentos, mais de 400 obras musicais e peças raras datadas dos séculos XII a XVI. O Ossolineum

VIAGEM À POLÔNIA

o colossal pensamento coletivo da humanidade. Vou andando pelas salas de exposição. O prédio antigamente abrigava um convento de Carmelitas. Depois, tornou-se um armazém militar. Enquanto ando, penso: eles brigam por causa de dez milhas de fronteira — enquanto isso, a metade da terra permanece vazia. Eles se confrontam, armados. A ideia de “Estados Unidos da Europa” soa utópica. Ainda assim, há muito tempo existe um cérebro comum à humanidade. E aqui estão, em 700 mil volumes, suas manifestações. O cérebro por si só não possui uma zona motora. Ainda não é capaz de agir sobre seus próprios músculos. O organismo não está adaptado ao cérebro. O corpo humano está cindido, dilacerado: uma parte dele faz isso, outra faz aquilo. Não existe um sentimento de pertença coletiva. Esse edifício, colocado a serviço do nacionalismo polonês e da libertação, tem livros sobre tudo o que diz respeito à Polônia. Sobre mesas de vidro espalham-se antigas crônicas e gravuras, livretos, grandes coleções de desenhos. Um jovem polonês me conduz através da Galeria Lubomirski. Os traços refinados do seu rosto e sua agudeza chamam mais minha atenção do que os quadros que há ali. E agora vejo-me diante de um quadro que representa a União de Lublin, a respeito da qual tanto ouvi falar. Está exposto num saguão com teto envidraçado. Mas esse teto não é impermeável: a cada tanto uma grossa gota de chuva despenca do forro e cai no chão, diante do quadro. Isso me parece extraordinariamente interessante. Parece ter sido feito só para mim. Caminho pela sala. Observo o refinado polonês. Saúdo as gotas de chuva.

Em Lemberg havia um certo conde Dzieduszycki, que construiu um museu³⁷ inteiro junto à praça principal, na travessa do

tornou-se um centro ativo de pesquisa, cultura e edição. As coleções ficaram alojadas no prédio da atual Biblioteca Nacional. Após a Segunda Guerra Mundial, parte significativa foi transferida para Wrocław, onde a Biblioteca Nacional Ossoliński foi reinstalada no antigo Ginásio de St. Matias.

37. O Museu Pré-histórico, Etnográfico e de História Natural foi fundado em 1845 pelo conde Włodzimierz Dzieduszycki, político, zoólogo, etnógrafo, arqueólogo e então marechal do parlamento da Galícia. Seu acervo incluía uma

LEMBERG

Teatro. Às vezes é bom tirar a espingarda das mãos das pessoas. Isso muda a visão que elas têm sobre as coisas. Os condes também são capazes de, num caso assim, descobrir a natureza, que normalmente só se encontra nas mãos dos cientistas e dos turistas. Imagino que seja interessante quando condes, barões e todo o resto da nobreza começam a se interessar pela natureza. É algo que lhes cai bem, tanto por piedade quanto por questões genealógicas. Pois a natureza, em sua maior parte, é mais velha do que eles. Mas eles também seriam capazes de introduzir novos conceitos, pois os conceitos científicos estão impregnados por princípios morais. Nossa ciência, que vem sendo conduzida por representantes da burguesia, seria capaz de adquirir novas nuances.

Visito o edifício e apresento minhas armas diante do conde. Ele não doou seu dinheiro como se fosse um Rockefeller, cujo único ato espiritual foi a assinatura de um cheque. O conde polonês de fato realizou algo. Subo pela escadaria para o primeiro andar e quando entro numa sala dou com uma dúzia de meninas. Não tinha imaginado que o Museu Dzieduszyck fosse uma instituição tão encantadora. Elas estão sentadas sobre cadeiras, estão ajoelhadas, acocoradas. Essas trinta meninas, de quinze, dezesseis, dezessete anos de idade, encontram-se em muitas posições diferentes. Isto é algo que o esperto conde organizou. Pois, diante das meninas, instalou vários armários e vitrines com animais empalhados, que as meninas estão desenhando. Será que elas conseguem? Assim que me aproximo para olhar suas folhas, elas as viram e dizem, em polonês, algo como: "Cale a boca!". Permaneço calado, mas de olhos e ouvidos bem abertos. Elas cochicham, sorriem, murmuram sem parar. Há uma professora que circula por ali. Parece uma coruja vigilante. Sim, observem as aves, queridas crianças! Vocês não vão ser empalhadas! Quando

notável coleção zoológica, com um rinoceronte, o esqueleto completo de um mamute e uma ampla variedade de aves, além de coleções botânicas, mineralógicas e geológicas. O museu reunia ainda importantes achados arqueológicos e peças de arte popular, em especial dos *hutsuls*, como trabalhos em madeira, instrumentos musicais, cerâmicas, fogões camponeses e trajes folclóricos.

VIAGEM À POLÔNIA

nós morremos, somos jogados fora. Ainda não existe a arte de nos matar a tiros e então colocar-nos em museus. O tempo dos super-homens ainda não chegou. Aí se encontram os povos obsoletos, as raças dos animais. Aves pernaltas. Outras ainda mais altas, que se parecem com cegonhas, com bicos bojudos. Hordas inteiras de patos cinzentos estão postadas nas vitrines e, bem no alto, uma multidão de gaivotas. E que águias gigantescas essas que agora ostentam seus bicos encurvados! Há algumas que não parecem pássaros e sim terríveis animais terrestres, com suas pernas robustas, suas coxas com músculos retesados. Mal se pode acreditar que tenham penas. As hordas de corvos marinhos: parecem cangurus em miniatura, comicamente desamparados, as asas degeneradas em nadadeiras. Seus corpos rastejam pelo chão, apoiados em patas colossais, sobre as quais eles saltam quando não estão rastejando. A massa de aves de rapina — a escola inteira agora se encontra diante delas, ri, desenha, apaga — as corujas. Como as aves constroem seus ninhos. Foi preciso que eu viajasse até Lemberg para ver isso. Elas envolvem hastes de palha com grama e com gravetos ressecados, ocultam as hastes, quase não se pode vê-las. E então se acomodam nesses ninhos. Deus dotou os animais de desconfiança: é uma espécie de correção muito tardia que o entristecido bom Deus tentou fazer em sua própria obra. Há outras aves que constroem verdadeiras tendas com hastes secas de aveia. Mas como é o comportamento do *Aegitalus pendulinus*? Esse passarinho vive de maneira completamente barroca. Num galho vacilante, que se verga sob seu peso, ele ata um saco de lã pesado e bem fechado. Na parte anterior deixa uma abertura de largura confortável. Através dela ele não alcança imediatamente o ninho, mas segue, primeiro, por uma espécie de túnel. Ele consegue passar por ali, mas os outros pássaros não. Ele camufla com grama toda essa construção peculiar. Esse *pendulinus* é um cétilo, um prudente comissário de segurança. Passo pelo bisonte, esse terrível supertouro. E também por alces, por vitrines repletas de lebres. Há lebres do tamanho de gatos, e com postura de gatos. Há outras, porém, que se abai-

LEMBERG

xam, negras e gordas, e parecem bem perigosas. Verdadeiros predadores. Numa outra vitrine há animaizinhos esguios e peludos — martas, conforme leio na tabuleta. Mostram seus dentes incisivos; têm uma barbicha branca. Atrás delas vêm seus filhotes, que se contorcem e sobem por um tronco de árvore, uma minúscula ninhada, parecem ratos. Raposas, quantas raposas! E peixes. Víboras enroladas dentro de grandes vidros. Ali há um ovo aberto, em cujo interior se desenvolve uma pequena cobra. Com sua cabeça negra e larga ela empurra a casca e a rompe. Que as cobras ponham ovos, como os peixes e as aves! É uma solução intermediária. Um método antigo e astuto que os animais têm: podem enterrar os ovos, abandoná-los e salvar a própria pele. Na verdade, conservar os ovos e deixá-los germinar no interior do próprio corpo foi uma ideia muito ousada dos animais terrestres. Isso reduz sua capacidade de movimento, e eles podem facilmente ser mortos junto com suas crias. Ou devorados. Mas talvez os perigos para as crias fossem tão grandes que não restava alternativa às fêmeas dos animais terrestres senão construir seus ninhos no interior do próprio corpo. Agora seria o momento de voltar a botar ovos! O ar é limpo, os outros animais predadores não oferecem mais perigos. Seria uma boa ideia: a mulher vai a um criadouro e bota um ovo. Ninguém mais se pergunta se o ovo é meu ou seu. Ou ela o guarda, em seus canais reprodutivos. Ou, ainda, os conserva para dias melhores. Naturalmente também seria possível preservar ovos, deixando-os de lado para séculos posteriores, enterrados junto com moedas junto a alguma pedra fundamental. Assim a mulher se emanciparia do útero.

O esqueleto de uma cobra é finíssimo: da coluna vertebral lançam-se, em semicírculo, incontáveis costelas, à direita e à esquerda. São finíssimas, como espinhas de peixe. Forma-se, assim, uma tubulação elástica e elegante, que vai se tornando mais estreita até chegar à cauda, que tem a espessura de um fio. E a padronagem do desenho da pele da cobra: são retângulos regulares. Um rinoceronte que foi encontrado numa escavação está exposto numa sala. A criatura negra e assustadora mantém a

VIAGEM À POLÔNIA

cabeça baixa, projetando o chifre ameaçador em forma de foice. Mais adiante, a figura arcaica de um elefante se alça por trás do fio: é o esqueleto de um mamute, com sua pele negra. O animal tem a altura de um andar inteiro. Os ossos da sua bacia têm a mesma espessura da parte superior do tronco de uma mulher. No alto, o arco pesado de sua coluna vertebral se curva e os prolongamentos das vértebras se alçam. É uma estrutura grande e pesada, mais forte do que as que são construídas com paredes de tijolos. A gordura e as entradas do rinoceronte foram conservadas em formol. Esses animais estavam sepultados e foram conservados por uma cera mineral que havia no subsolo. Talvez tenham 20 mil anos de idade. E estão ali, diante dos meus olhos. Foi assim que abriram as sepulturas dos reis egípcios. É assim que se abrem as entradas da terra para extraír o carvão, a madeira das florestas arcaicas, com o qual se faz fogo. Ou com o qual se aprende algo. Pois somos animais humanos, que passeamos por aqui, que rímos e desenhamos. Temos ossos muito mais frágeis do que esses colossos, mas um cérebro gigantesco. Basta uma pequena transformação na superfície da terra e também seremos derrotados.

Como me alegra passear por aqui! Não me sinto nem um pouco melancólico. Não me importo em ficar aqui olhando, em talvez ser lançado ao ar pelo fogo. Eu sou e permaneço visível-invisível. Eu sou o “eu” que ilumina tudo o que se encontra aqui. Que brilha de tudo: eles não o sabem. O eu está aqui. O eu que age, se esforça, sente. Eu sou a verdade de todas as raposas, ratazanas, mamutes. Esta é a galeria dos meus antepassados, a minha fama. Essas são as minhas conquistas, até agora. Queridas raposas, queridas ratazanas, é uma pena que vocês não possam passear comigo para ver a mim e a vocês mesmas. Isto certamente haveria de fortalecer sua autoconsciência. Vocês pertencem a uma família das melhores! Vejam! Quantas batalhas até chegar a nós! E o que ainda nos aguarda! Como sou grande e forte! Como sou invencível, indestrutível, inalcançável! Sou um ser legítimo. Nunca, caras raposas, caras ratazanas, nunca me mostrarei indigno de vocês.

LEMBERG

Por detrás das árvores na praça do Teatro quero percorrer ainda um museu: a Galeria Municipal. Bom dia, Artur Grottger!³⁸ Como são adoráveis suas pequenas aquarelas! Você pinta como um dia, em Berlim, pintava o velho Blechen:³⁹ a vida, colorida e alegre. Sim, a vida é colorida e alegre. Às vezes a vida me parece semelhante a flocos de neve, em meio aos quais uma pessoa pode se afogar. Mas os quadros nessa galeria! Quadros sobre quadros! Meu Deus! Quanto já se pintou nesse mundo! Não necessariamente tudo o que se pintou é arte, e ainda que seja, não somos obrigados a ver tudo. Esse Matejko frequentemente se perde com seus grandes temas. Ele fez um autorretrato a lápis: uma expressão tristonha, um cavanhaque ralo. A pessoa não precisa querer superar-se. Deve agradecer por aquilo que tem. No museu há também uma seção dedicada às artes aplicadas. Vejo xícaras: que prazer beber dessas xícaras verdes de manhã! A relva brota, flores vermelhas. Como isso desperta a alegria de viver! A pessoa alcança com a mão uma beleza que irradia calor como se fosse o sol e se aproxima de si mesma e de Deus. Compreendo que haja gente que se apega a coisas assim, que luta por elas. E como é compreensível aquele rei grego que guerreou por causa de uma criatura de carne e osso, por causa de uma mulher viva, com uma cabeça, com braços, pernas, cabelos, sentidos, humores, por algo que artista nenhum é capaz de criar, algo que só uma natureza extremamente lenta, mas também enormemente diligente, que passou por tudo, criou ao longo de milhões de anos, como resultado de seus milhares de conhecimentos. Com quantas coisas ela estimula o homem, o leva a sentir a si mesmo, desperta-o, exalta seu eu! Passo por bules de leite e de café. Sim, os alimentos são importantes e os recipientes são suas vestimentas. Sem motivo, me sinto feliz. Me alegro com tudo o que vejo.

38. Artur Grottger foi um pintor e desenhista polonês. No Cloth Hall estão algumas de suas obras, entre elas o díptico *O ano de 1863 (Adeus, 1866 e Saudações, 1865)*, *Atravesse a fronteira* (1865) e *Oração da noite de um fazendeiro* (1865).

39. Carl Eduard Ferdinand Blechen foi um pintor romântico alemão, especializado em paisagens, ativo em Berlim na primeira metade do século XIX.

VIAGEM À POLÔNIA

E me sinto no dever de comemorar especialmente o que se encontra aqui, essa peça em porcelana disposta sobre um bufê baixo: são dois jovens, um casal dançando. Ambos vestidos com roupas modernas: ela com uma saia translúcida e um chapéu com penacho, com sapatos que lhe cobrem os tornozelos. Ele a segura pelo quadril. Ela ergue o braço esquerdo para o alto enquanto dança. Suas axilas estão expostas, seu vestido tem um decote diagonal sobre o peito. E essa cor delicada da porcelana, essas tonalidades discretas e opacas. O paletó dele é marrom esverdeado. Seus sapatos são um pouco mais escuros, seus cabelos, penteados para trás, um pouco mais claros. A roupa pregueada, os sapatos e o penacho dela são cor de carne. Os rostos de ambos são esbranquiçados. Dançam com as pernas direitas erguidas, flexionadas à altura dos joelhos, com as pontas dos pés voltadas para baixo. Como é encantadora a visão dessa juventude elegante, moderna, graciosa. Me sinto triunfante quando vejo que ela é mais velha do que ele, este, só um menino crescido. Isto dá ao casal uma intimidade especial. Flores muito delicadas sobem pela base que está a seus pés.

Sinto-me realmente encantado. Saio para a rua e dou com a estrutura de um edifício cujas vigas expostas recortam o céu. E sinto-me fascinado pelas escadas, pelos degraus, pela estrutura do telhado, pelo ziguezague das paredes expostas. Uma estrutura, um edifício — que grande necessidade! Mais do que algo que surge, trata-se de um símbolo místico que está sendo erigido. É como se agora, subitamente, eu estivesse frente a frente com o mundo arcaico. E não há nada que permaneça pouco claro, incerto: tudo está presente, aberto, visível e exposto até as partes mais recônditas. Não só o edifício: a rua inteira, as pessoas que caminham com pacotes ao longo das calçadas, as carroças que matraqueiam, o cão bassê que salta de um corredor. A estrutura do prédio, as escadas, as vigas do telhado me trazem de volta ao presente. É como se eu visse sobre elas um fulcro, através de uma lente de aumento. Como se dela partissem raios penetrantes.

Sigo devagar pela rua estreita até alcançar o gigantesco mercado.⁴⁰ O imponente edifício do Conselho Municipal⁴¹ está cercado por mercadores. Das fontes, na praça, jorra a água. Meu sentimento aos poucos se atenua. Olho para trás, sobre a rua estreita. O ar vibra à minha volta.

E ao anoitecer todas as igrejas e todas as construções profanas desaparecem, submergem. A noite é o dia das lojas, das pessoas. As lojas iluminadas. É a hora dos jovens e das jovens, dos oficiais com seus sabres e quepes.

É indescritível, a essa hora, a fonte de Maria, que fica junto ao feio monumento a Mickiewicz. Lá embaixo a água amável e piedosa jorra numa bacia e conta suas histórias. E no alto está Maria, de braços abertos, num belo gesto feminino. Ela tem uma coroa de estrelas em torno da cabeça: é a rainha celestial. A seus pés, há uma luz que brilha. Lâmpadas dispostas numa grande elipse circundam sua imagem ingênua. É uma imagem doce e eloquente.

Há uma igreja nas proximidades. Não sei qual é o seu nome. Entro. Seu interior está iluminado. Me junto a um grupo de muitos homens e mulheres. No pedestal de uma coluna central está esculpida a imagem de um velho barbudo, com uma armadura. Ele segura uma ampulheta e dorme, apoiado sobre o flanco. Ao meu lado, no chão, um homem jovem se ajoelha. Ele tem em mãos sua pasta. Veio da loja ou do escritório. Persigna-se, olha fixamente para as luzes do altar, movimenta um pouco os lábios. E então está pronto, volta a persignar-se, e sai, caminhando suavemente, para a noite da cidade. Quem era ele? Veio fortalecer-se. Talvez não só. Quem disse que isso que ele acaba de fazer é algo

40. A praça do mercado, com 142 por 129 metros, teve sua arquitetura gótica original em grande parte substituída por edifícios renascentistas e barrocos. No local, em 24 de agosto de 1991, seria celebrada a proclamação da independência da Ucrânia.

41. A prefeitura, reconstruída após a destruição do edifício anterior no cerco sueco de 1704, foi projetada por Josef Markl e Franz Trescher em estilo neoclássico tardio. Tem uma torre quadrada, com 65 metros de altura, e nos quatro cantos do edifício encontram-se fontes adornadas com esculturas de deuses gregos, criadas em 1793 pelo escultor Hartmann Witwer.

VIAGEM À POLÔNIA

simplesmente subjetivo? Quem é que conhece as verdadeiras ligações entre as partes, entre as pessoas e o universo? É uma conexão com o universo o que acaba de surgir dele. As ciências não tocam nesse assunto. A fragmentação do mundo, em toda parte, já foi longe demais. O que é isso que acaba de acontecer? Sabedoria prática. E quão sábio ele está, agora! Mergulhou a mão na bacia de água benta. Escolheu tocar num ser purificador, numa mão amada, numa cabeça amada. E o que é isso que o alcança? Força. Quem é capaz de conhecer todos os tipos de forças que existem?

Depois das oito da noite faz-se silêncio na cidade, muito ao contrário do que se passa em Varsóvia.

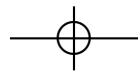
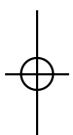
Vejo — e ouço — *Lohengrin*⁴² no Teatro Municipal. Mas apenas o primeiro ato. Adormeço profundamente antes da chegada do cisne. Durante o intervalo me esforço para me manter desperto junto com meu acompanhante, que é um crítico de música, um sujeito bem divertido. Mas ele também já não aguenta mais. A próxima conspiração de Ortrud já não nos alcança. Ao soar das trombetas subimos para a galeria, mas então nos vemos compelidos a sair de encontro ao ar fresco, lá fora. De fato, cantou-se e tocou-se muito bem. Mas tudo isso é terrível. Dessa “magia do Graal” emanam nuvens inteiras de tédio. Trata-se de um romanticismo feito de lata e de gemidos, de um teatro vazio e bombástico. Coisa de gente que casualmente encontrou uma lenda e se empenha em esmagá-la até a morte. Não consigo assistir a uma coisa assim. “Você nunca deve me interrogar!” São gestos ingênuos de contos de fadas expressos por trombetas e embrulhados com psicologia — com psicologia moderna! Só me resta ir embora.

Já o *Pojaz*, de Stolz, me parece bem mais decente. Amanhã ninguém mais vai se lembrar dele. É a velha fábula de um homem que se aproxima, disfarçado, de sua amada: uma mulher casada cujo marido, sem saber o que estava fazendo, conduziu o amante até ela. Desta vez o marido não acha que está levando um médico para

42. Ópera de Richard Wagner, que estreou em 1850 na Alemanha, sob direção de Franz Liszt.

LEMBERG

junto da esposa, e sim um boneco, que ele compra numa loja. E então esse boneco surge ao lado da cama dela, e a convida para brincar. E a brincadeira começa. Já não me lembro como termina. Foi uma representação fidedigna, sem exageros. O tempo todo prestei atenção à atriz bem-humorada que representava o papel de amada. Por causa dela, porque ela era tão cheia de vivacidade e despertava em todos a vontade de viver, a peça é boa e a música é magistral.



Terra do petróleo¹

Viajo em direção ao sul. Ao longo de 400 km, margeando a face norte dos montes Cárpatos, entre os rios Raba e Czeremosz, encontram-se os poços de petróleo. Borysław e Tustanowice são os centros da indústria petrolífera. Viajo através de uma planície fértil, cheia de campos de cultura. Passo por prados, por terras de cultura que estão nuas depois da colheita, por grandes rebanhos de vacas negras e malhadas, por manadas de cavalos selvagens com seus jovens potros castanhos. Manchas brancas surgem em meio ao verde. Movem-se, esticam seus pescoços, seus bicos amarelados, grasmam: são gansos. A cada tanto voltam a surgir rebanhos: pastores vestidos com calças de linho branco, gorros de pele pretos na cabeças. São ucranianos. Aí estão suas pequenas propriedades. Poços com roldanas. As camponesas descalças, vestindo uma saia larga e florida, o lenço de cabeça branco amarrado sob o queixo, agarram os aros das roldanas, giram-nas e erguem o balde. Numa estação, um menino corre atrás de um trem. Em outra estação um cachorro late. Há uma torneira envolta em palha, muito engracada, numa pequena estação. Debaixo desse pobre e desajeitado objeto que sofre colocaram um balde, no qual ele é obrigado a gotejar. A terra se alça em colinas. A cobertura vegetal se torna mais

1. O título original do capítulo, “Das Naphtarevier” ou “A região da nafta”, faz referência tanto ao petróleo bruto quanto a um de seus destilados. A área de Drohobycz, rica em jazidas de petróleo e de cera mineral, passou a ser explorada industrialmente a partir da década de 1880 e, já na virada do século XX, fazia da Galícia um dos maiores produtores e exportadores mundiais de petróleo. O centro dessa “Pensilvânia galiciana” era Drohobycz, onde o óleo extraído em Borysław e Tustanowice era processado em refinarias. As duras condições de vida e trabalho em Borysław lhe renderam o apelido de “inferno galiciano”.

VIAGEM À POLÔNIA

densa. E em toda parte as mesmas árvores outonais amarelas e vermelhas, que parecem chamas. E, em meio a elas, pinheiros austeros, de um verde profundo. Stryj ficou para trás. Viajei no trem expresso por mais de duas horas, em direção ao sul, de Lemberg. O trem chega a Drohobycz.²

Uma estação de trens cheia de gente. Em duplas, campões carregam cestas fechadas e grandes sacas. Judeus que erguem, atrás, seus casacos compridos quando atravessam os trilhos. Do outro lado, na plataforma, há um que grita, com a boca entre as mãos abertas: “Oettinger, Oettinger”. Não há controle de bilhetes na saída da plataforma. Diante da estação de trens os cocheiros gritam “*panie, panie*,³ fiacre”. Veem-se doze ou quinze carroças, uma junto da outra. Os cocheiros balançam seus chicotes, acenam, apontam para cada um que sai pelo portão da estação: “Um *zloty*”. Acomodo-me numa dessas carroças. Ela demora a partir: o cocheiro continua a chamar, tentando atrair mais passageiros. E, por fim, mal-humorado, ele se põe em marcha, sacolejando sobre os buracos. Primeiro o caminho é plano, depois começa a subida pelo calçamento esburacado. As construções que se veem ali! É uma aldeia, uma longa estrada lamaçenta, telhados de telhas de madeira que descem até o solo, casinhas de madeira, algumas cobertas de cimento, coloridas, pintadas com cores azuladas, amareladas, rosadas. Diante das portas há telhadinhos verdes suportados por colunas de madeira torneada, algumas com uma ornamentação primitiva. Duas campistas de saias coloridas calçando botas negras de cano alto pisoteiam corajosamente o lamaçal gosmento. Aos poucos o calçamento vai se tornando mais uniforme. A rua à minha esquerda está abarrotada de gente e de veículos. Entro à direita e estou na praça central.

2. Na época da visita de Döblin, mais de 40% da população de Drohobycz era composta por judeus.

3. *Panie* é o vocativo da palavra *pan*, que significa “senhor” em polonês.

TERRA DO PETRÓLEO

É um amplo mercado retangular. Há bancas e mesas, cavalos, carroças, fiacres enfileirados. E tudo está mergulhado em barro e em restos de palha, e os escombros e o lixo naufragam no barro. Em meio à sujeira, há uma fileira de mesas com rolos de tecidos coloridos. Em bancas, lençóis de cabelo e peças de roupa pendem do teto. Por trás delas, vendedores e vendedoras conversam e tentam atrair a freguesia. São judeus. Só judeus, com sobrenomes alemães. Comerciantes de boina mole, vestindo roupas sujas, discutem na praça, reunidos em grupos, diante das casas térreas. Velhos encurvados trajando pavorosos cáftens esfarrapados, ensebados, vestindo calças que são verdadeiros trapos, calçando botas rasgadas, cavoucam com suas bengalas na sujeira espalhada pelo chão. Um deles tem uma barba comprida e amarelada, e na cabeça leva um chapéu duro furado, com a aba meio rasgada. Ele murmura, brinca com os dedos gordos, pede esmolas. E então há uma outra mulher que se destaca, mendigando em meio à confusão na praça: é uma velha muito feia, vesga, com a cabeleira desgrenhada. E outra, mais jovem, com seu bebê no seio, enrolado num lenço de cabeça. E então um menino descalço. E um homem com um chapéu mole, comendo uma maçã grande, que ele mastiga para então, simplesmente, deixar a casca cair da boca. Todos murmuram, em iídiche: “Me dê alguma coisa!”, “Que tenha saúde!”.

Uma torre quadrada, alta, com um relógio, é uma presença sinistra em meio a essa praça do mercado. A torre é isolada, não há nenhuma igreja nem nenhum outro tipo de construção a seu lado. É uma perna da qual o corpo foi arrancado. Aqui certamente ocorreu um bombardeio. As paredes ao pé da torre ainda estão parcialmente de pé. Em suas partes superiores ainda se veem paredes de cômodos pintados e restos de papel de parede. Mas os aposentos já não estão mais ali. O que há é um monte de escombros. Aqui ficava a Câmara Municipal. Antes da guerra, o edifício foi demolido para dar lugar a um novo. Depois da guerra, as coisas tiveram que ficar como estavam. E agora as ruínas estão aí. À direita há uma rua larga que corre passando junto a uma

VIAGEM À POLÔNIA

igreja vermelha. A rua realmente corre: em sua parte central há um verdadeiro pântano, que se estende até ao longe. De ambos os lados, ao longo da rua, veem-se árvores bonitas e casas lamentáveis. Diante de um edifício com cara de repartição pública, há um pedestal vazio. Este era Mickiewicz, o poeta nacional polonês. Os ucranianos despedaçaram seu busto num ataque, há alguns anos.

Mais abaixo do mercado, porém, para além da sujeira e da torre sinistra, há ruelas. É chocante. Quem não viu essas ruelas e essas “casas” não sabe o que é miséria. Não se trata de casas, e sim de restos de casas, barracos, cabanas, tocas. Janelas tampadas com ripas de madeira. Vidraças sem vidros. Casas sem telhado — construções miseráveis, umas coladas nas outras, algumas com porões que têm paredes, mas que se parecem com cavernas. E todos esses buracos estão apinhados de gente. Em meio a toda essa decrepitude destaca-se um edifício imponente, recém-pintado de branco. Será o Zwing Uri⁴ deles? É a sinagoga. Também estava arruinada, mas foi reformada. E não consigo abandonar a ideia de que não deveria ter sido reformada. Todas essas casas há muito tempo deveriam ter sido demolidas. Esta já era uma decisão tomada. Veio, então, a guerra. E agora as vítimas da guerra apodrecem nesses buracos. Canhões de guerra, inaudíveis, continuam a trovejar e a atingi-las. Aqui vive, sob a mira de aviões invisíveis, uma população miserável, negligenciada, massiva, que luta dia a dia para sobreviver. Cético, indago as pessoas mais bem-informadas:

Essa gente é realmente tão, tão pobre? Ou será que simplesmente se assimilou à sujeira? Eles não querem ir embora daqui, ainda que sua situação possa melhorar em outro lugar?

Talvez de dez a quinze por cento deles realmente tenham se tornado assim. Pouco a pouco eles vão perdendo a noção de que as coisas poderiam ser diferentes. Mas para a grande maioria — para a grande maioria simplesmente não há escolha. Eles não têm para onde ir.

4. O Zwing Uri era um antigo burgo no cantão de Uri, na Suíça central, associado às lendas fundadoras da Confederação Helvética. Döblin evoca o nome de forma irônica: assim como o castelo dominava do alto o vale de Uri, a sinagoga recém-reformada se impõe sobre a miséria das ruelas.

TERRA DO PETRÓLEO

Confio num cocheiro desonesto e com ele me dirijo, à hora do almoço, a uma refinaria de petróleo. Aqui cocheiro e desonesto são sinônimos. Mas nessas semanas que passo em meio a toda essa miséria meu conceito de honestidade mudou. A desonestade é o estado original e normal do comércio. A honestidade somente é possível em meio a circunstâncias especiais. Não existem preços fixos por natureza. A única coisa que o comerciante quer é lucrar e só determinadas condições excepcionais, como, por exemplo, a concorrência no Ocidente, são capazes de obrigar a deixar de lado a questão da psicologia do comprador. O comerciante parte do pressuposto de que é preciso considerar o comprador, seu freguês, isto é, quem é ele e quanto ele quer o que lhe está sendo oferecido. Fazer um negócio significa fazer uma constatação: o vendedor se mede com o comprador, caso a caso, e por meio da negociação, da discussão, ele é capaz de determinar o preço, o valor de sua mercadoria. Este é o elemento “desonesto”, o comércio original, elementar, verdadeiro. Ante um comerciante assim, o comerciante ocidental é uma criatura civilizada, pálida, exangue: um mero funcionário.

Depois que se atravessa o portão da fábrica, está-se em meio a um outro mundo. As instalações são grandes e modernas. Há plataformas de trem, tubulações, máquinas de escrever que matraqueiam em escritórios bem iluminados. Empregados bem-vestidos, homens e senhoritas, andam de um lado para outro, ou se encontram sentados às suas escrivaninhas. Lá fora — essa única fábrica emprega mais de mil pessoas — há uma via férrea com mais de duas milhas de extensão. O petróleo, bombeado para cá através de um oleoduto que começa em Borysław, é refinado aqui. Fica armazenado em imensos tanques. Primeiro é aquecido. Em seguida, começa a destilação. Vejo as gigantescas caldeiras. Operários poloneses, judeus e ucranianos trabalham lado a lado aqui. Numa construção especial a gasolina leve e transparente jorra e borbulha dos tubos de destilação. Numa outra instalação escorrem óleos lubrificantes por dutos angulosos: os mais pesados, os mais leves, o óleo diesel. E então a parafina: num galpão especial a parafina é fundida em torno de pavios.

VIAGEM À POLÔNIA

Os resíduos são comprimidos. Bizarro esse carvão leve e poroso que apanho aqui. É carvão e ao mesmo tempo não é carvão.

Quero ir a Borysław para ver o petróleo jorrar de dentro da terra. Passo a noite em Drohobycz. O trem vagaroso leva quase uma hora para chegar. Lá embaixo, bem abaixo do trem em movimento, um mendigo de cabelos brancos se curva, estendendo o chapéu. A paisagem se torna mais montanhosa. Agora surgem no horizonte massas densas, negras e azuladas. Montanhas! Montanhas! Os Cárpatos! Os contrafortes dos Cárpatos! Diante da estação de trens de Borysław — uma grande massa de gente cheia de vida desembarca ali — novamente os cocheiros. Todo um grande cortejo de carroças se põe em movimento e se prepara para a viagem pelo calçamento cheio de crateras. Uma barreira, uma curva no caminho e agora — uma rua perfeitamente reta, estreita, um pântano no qual trafegam veículos em ambos os sentidos. Os veículos se deslocam depressa. À direita e à esquerda há tábuas apoiadas em grandes vigas de madeira. Sob as vigas escorrem o lixo e o barro. A lama corre das ruas laterais, mais altas. Sobre essa água antes o petróleo flutuava e as pessoas pobres o recolhiam. Multidões no centro da cidadezinha. Trânsito intenso. Os homens, as cabeças cobertas por boinas, caminham, corajosos. Cartazes em russo, em polonês, em iídiche. Em horríveis barracas de madeira vende-se carne. Há reses inteiras dependuradas em ganchos. Andaimes em volta de casas arruinadas. Escombros e tábuas interrompem o caminho. A cada dez passos erguem-se de ambos os lados os postes dos cabos telefônicos, cada um deles provido de uma massa de isolantes de porcelana branca. É uma verdadeira floresta de postes. Sigo pela rua comprida e reta, sob essa floresta. Nas montanhas íngremes e verdejantes veem-se manchas brancas. Penso que se trata de neve ou de madeira descascada. Mas agora vejo que é fumaça branca. É uma fumaça densa que brota do solo junto aos poços de petróleo. Vejo ao longo da estrada pirâmides esbeltas feitas de madeira, isoladas ou em grupos, da altura de uma casa. Sobre as montanhas, porém, elas surgem aos montes, em meio ao verde, junto a tocos de árvores. Todas as árvores à sua volta foram cortadas. Do alto

TERRA DO PETRÓLEO

dessas pirâmides pesadas escorre um fluxo, em diagonal. Elas são mantidas em pé por meio de cordas. Me dirijo a uma montanha, a uma das torres. As primeiras perfurações ocorreram há vinte e cinco anos. Primeiro eram pessoas isoladas. Mais tarde, empresas. Ao mesmo tempo começou uma especulação imobiliária febril. Alguém comprou um morro inteiro e agora tudo o que há ali lhe pertence. Ele arrenda a propriedade, recebe um percentual do faturamento, do valor bruto, o que representa um ônus para a empresa.

Junto às torres de perfuração há poças negras, que parecem de alcatrão: o óleo espesso e pesado que é extraído dos poços misturado com terra. As perfurações atingem 1 500 metros de profundidade. O petróleo polonês é mais denso do que o americano, segundo me dizem. Fornece de 5 a 19% de gasolina, de 38 a 60% de óleo combustível, de parafina, 5 a 13%, de óleo lubrificante, 15 a 25%, e de 3 a 6% de alcatrão. Em 1909 foi extraída a quantidade colossal de 2 milhões de toneladas de petróleo. Seguiu-se, então, uma diminuição. Agora extraem-se cerca de 750 mil toneladas anuais. E em quantos lugares perfura-se? Cerca de 1700. Mas isso varia. A produção está em declínio. A cada ano a terra é perfurada em trezentos novos lugares. Em toda parte, sente-se um cheiro forte de petróleo. Na casa de caldeiras não é necessário o uso de carvão. As próprias perfurações fornecem gás natural, que é usado como combustível. E as chamas atingem a superfície das caldeiras com uma violência descomunal. Às vezes ocorrem incêndios. Estas chamas, então, têm que ser extintas com areia. Para isso é preciso gente corajosa. Há judeus que são especialistas nisso e sabem como extinguir um incêndio assim. Cobertos por sacos molhados, eles rastejam sob as labaredas e então derrubam a areia sobre a base do fogo. Aqui, nessa torre, ouvem-se os estalos abafados de estacas sendo golpeadas. Uma perfuração está em curso. As instalações são simples. Há tubulações que saem dos poços para conduzir o gás e há tanques descomunais para o petróleo. Há também tubulações subterrâneas pelas quais o petróleo aquecido é bombeado até Drohobycz por meio de vapor. Há cerca de 12 mil operários que dependem dos poços. A eles somam-se entre 15 e 20 mil pessoas que vivem no local.

VIAGEM À POLÔNIA

Enquanto eu desço em meio à floresta de árvores decepadas vejo no céu negro o brilho das primeiras estrelas. E nas encostas dos morros há toda uma horda de luzinhas. E em toda parte ouve-se uma algazarra de silvos. No alto de uma escada de madeira, na cidade, um policial está a postos, de baioneta em punho. Um trator a vapor, com uma roda quebrada, está atravessado na rua, abarrotada de gente. Tenho a impressão de estar no Velho Oeste: pressa, especulação. Uma invenção americana que ficou atolada no pântano. Não se trata de um assentamento humano, e sim de uma instalação industrial de exploração. Os proprietários não moram aqui. Consomem seu dinheiro em Paris ou em Viena. O dinheiro desta terra.

A bordo do trem, à noite, a gente fala. Há um que se queixa: ele é obrigado a viajar todos os dias de Drohobycz a Borysław, ida e volta. Não se constroem moradias em Borysław. E assim se passam seus dias: de manhã, quando ele sai, as crianças ainda estão dormindo. E à noite, quando ele volta, já estão dormindo também. Há um outro que se alegra pelo infortúnio de um terceiro, que recebia porcentagens dos lucros. Meteu-se em especulações e agora está aí. Quem é que se beneficia com as perfurações? Os diretores das empresas são funcionários. Gente diligente, que precisa se desgastar trabalhando. Tudo o que há aqui provém deles. Mas os proprietários das torres, da terra, os que realmente se beneficiam de tudo isso — nem mesmo os diretores sabem quem são eles. Tudo está em perpétuo movimento. As empresas se formam e se dissolvem. Havia proprietários de terras analfabetos que não sabiam de coisa alguma. Algumas especulações bem-sucedidas e viraram milionários. Havia um que, quando enriqueceu, não conseguia pensar em nada mais urgente do que encomendar para sua residência móveis iguais aos do *kaiser* Franz Josef.

Na escuridão atrás de mim — há tempo que a floresta de postes ficou para trás — luzes elétricas tremulam. As montanhas, a planície na qual se encontram as torres estão cobertas de pequenas chamas.

Cracóvia

Luzes de velas brilham na entrada sombria em forma de arco. A luz intensa do sol, reunida em maços, dirige-se de cima para baixo e se derrama sobre a nave central, sobre os bancos, ao longo das colunas, sobre o chão de pedras. Imponente, soberana, a nave se alça e então se fecha num ângulo agudo. Sobre o azul, no alto, espalham-se estrelinhas douradas. E, acima da entrada do altar, um Cristo crucificado, descomunal. Ele pende do teto, de braços abertos. A cruz estica seu corpo, seu corpo morto, na horizontal e na vertical. Um homem morto. Um homem que foi executado paira acima dos fiéis que oram, paira acima dos vivos, ante as cores profundas e brilhantes dos vitrais.¹

1. Antes mesmo de sua viagem à Polônia, Döblin já demonstrava interesse por outras tradições religiosas além do judaísmo, como o taoísmo, o budismo, o hinduísmo e a filosofia chinesa — temas que inspiraram livros como *Die drei Sprünge des Wang-Lun* [Os três saltos de Wang-Lun] e *Wallenstein*. Esse contato com a filosofia chinesa parece ter lhe servido de amparo emocional quando, em 1933, precisou deixar a Alemanha diante da ascensão nazista. Durante sua fuga, passando pelo sul da França, visitou a catedral de Mende e viveu uma experiência semelhante à que relatara diante do crucifixo em Varsóvia. Ali fez a promessa de que, se conseguisse atravessar o Atlântico rumo aos Estados Unidos, se converteria ao catolicismo. Cumprindo a promessa, no dia 30 de novembro de 1941 foi batizado junto com sua esposa Erna e o filho Stephan, na igreja do Santíssimo Sacramento, em Hollywood. Sua relação com o cristianismo, contudo, já havia começado anos antes, quando, na igreja de Maria em Cracóvia, se impressionara com a imagem da cruz e do “homem executado”.

VIAGEM À POLÔNIA

Já conheço esse homem, esse morto, o Cristo, de outras cidades. Não reparei nele quando ele se encontrava diante de Maria. Mas há algo que mexe comigo agora que o vejo aqui. Os fiéis colocam-se à frente, em meio aos bancos de madeira. Ajoelham-se diante das colunas. Às minhas costas, vejo mulheres com cestas de compras. Fileiras inteiras delas. Subitamente, incompreensivelmente, todas me parecem estranhíssimas, como se tivessem se tornado criaturas extraordinárias. No altar principal e nos altares laterais veem-se serviçais da igreja que andam de um lado para o outro, fazendo genuflexões enquanto caminham. Acendem dúzias de velas. Como brilha o vermelho bruxuleante das velas ante a força branca e violenta do sol!

Há sofrimento neste mundo. Dor, o sentimento de batalha humana e animal — eis o que existe neste mundo. E este é o homem morto, lá no alto: o Cristo. Suas feridas, sua crucificação, seus ossos perfurados. Há um sentimento de indignação que parte dele. É a ele que todos, aqui, dirigem suas preces. A ele e não às colunas, nem às estacas, nem às cores vivas. Todas essas coisas só foram reunidas aqui para ele. É uma cena ao mesmo tempo cotidiana e perturbadora para mim. As expressões que se veem nos rostos dessa gente! Será que eles sentem o mesmo que eu? Os corações de pedra foram arrancados de seus peitos e substituídos por outros, de carne. E agora eles são capazes de ver. Vê-se através dos olhos. Dor e lamentos: eis o que há no mundo. Um sentimento descomunal cujo brilho atravessa tudo. Terrível. E isso está inscrito em toda parte, nas igrejas. O mistério é tão evidente que todos são capazes de comprehendê-lo. É preciso cercá-lo de cor e de beleza para poder suportá-lo.

Sigo adiante, na ponta dos pés. Passo por uma grande coroa. Dentro dela está retratada a cena de um cruzado batizando outro. Na penumbra veem-se pessoas deitadas e ajoelhadas. Uma capela lateral, com uma grade. Esculturas fúnebres. Estandartes na nave lateral. A luz leitosa flui o tempo todo para o interior da igreja. Imagens antigas pendem dos sopés das colunas. Às vezes uma sombra se antepõe à luz do sol. A igreja vive e submerge nessa luz.

CRACÓVIA

Fora. Blocos de pedras brancas em torno da igreja. Parecem padres ajoelhados, vestidos com suas batinas. Uma longa fileira deles, com as cabeças abaixadas. Junto à porta, mendigos que se amontoam. Há um jovem cego com as cavidades dos olhos vazias. Um outro cego com cicatrizes de varíola. Duas velhas vestidas com saias grossas e esfarrapadas. Seus rostos enrugados, vermelhos, reluzentes. Elas mantêm os braços flexionados e a mão estendida. Permanecem ali, paradas, de pé. As velhas paredes da igreja com suas janelas altíssimas erguem-se ao lado do mercado. Duas torres se alçam. No alto da torre esquerda há uma pequena construção. Parece uma maquete de igreja. No topo há uma coroa dourada, cujo brilho se vê de muito longe. Acima dela um avião ruge. Maria, a rainha coroada da Polônia: esta é sua igreja. O relógio bate doze horas. O sino badala, com um som profundo. Uma trombeta ressoa. Seu som desaparece em meio às badaladas do sino.

De manhã estou novamente ali. A escuridão paira em todo o vasto espaço da igreja. Nas colunas, luzes que brilham. À frente, à esquerda e à direita, os altares laterais estão iluminados. Aos poucos, vejo que o piso da igreja está coberto de corpos escuros: são pessoas ajoelhadas. Um órgão soa. Esse som parece ter dimensões iguais às de uma só coluna ou de uma só imagem que há no interior dessa construção imensa. Um padre canta, em voz baixa. Não o vejo. Silêncio. A cada tanto ouve-se um tilintar muito agudo. Um padre jovem vai passando de um altar a outro, lá na frente. Veste um manto branco e muito largo. O tilintar prossegue. Ele leva algo nas mãos, sobe os degraus, deposita lá no alto o que tem nas mãos. Em meio ao tilintar ininterrupto, volta a descer os degraus, devagar, solenemente. Agora ele está no centro do altar lateral. Prostra-se, rápido, ágil, ao lado de outros padres. E então ele se volta. Enquanto isso, alguns fiéis deixaram a igreja. Há outros que se reúnem, na parte anterior da igreja. O padre faz o sinal da cruz sobre eles. Novamente vejo os mendigos que tiritam de frio na porta.

Uma outra manhã. Tiro o chapéu da cabeça e permaneço por alguns minutos observando o crucificado enquanto vou andando

VIAGEM À POLÔNIA

de um lado para o outro em meio ao ar frio. É uma manhã abençoada. Acasos afortunados me aconteceram. Acordei cedo, como se o sono estivesse me mostrando algum caminho. E então a manhã se tornou mais clara. O sono abriu uma portinhola, fez um gesto com a mão, fez uma reverência e disse, delicadamente, como se fosse um senhor velho e gentil: “Até logo!”. E então voltou a fechar a porta atrás de si. Quando me levantei, meu pente caiu no chão, me mostrando um pedacinho de jornal sobre o tapete, no qual eu tinha escrito um endereço. Depois, estava sentado na sala do café da manhã do hotel. Não havia nenhum garçom à vista. Levantei-me, pensando que teria que chamá-lo. Os demais também o aguardavam. E então ele entrou, correu imediatamente em minha direção, com uma expressão nervosa no rosto, e pediu desculpas. Sem perceber, eu tinha me encostado no ponto da parede onde fica o botão que aciona a campainha e a tinha soado. Fui levado de encontro à campainha. Agora ando de um lado para o outro, vagarosamente, em meio a outras pessoas, no interior da velha igreja,² que se encontra no meu caminho. Por muito tempo não enxergo nada. Ouço uma voz profunda e solitária que canta. E, a seguir, harmonias isoladas do órgão. Em meio a alunos de uma escola avanço um pouco pela penumbra e percebo que estava um tanto desorientado: tinha entrado pela porta lateral.

E, à minha esquerda...

À minha esquerda há uma janela imensa que flameja, com linhas incompreensíveis e desordenadas. De onde vem a música? Ela não soa nesta igreja. Deve haver outra igreja ao lado. Soa como se fosse um conjunto de violinos. Aos poucos, meus olhos começam a enxergar melhor e o interior da igreja parece ampliar-se. O brilho ofuscante e incandescente da imensa janela persiste. E eis que sou capturado por um som que parece um gemido.

2. Trata-se da igreja de São Francisco de Assis, erguida entre 1237 e 1269. Após ter sido quase totalmente destruída por um incêndio, passou por sua última grande reconstrução em 1850. Os vitrais foram concebidos por Stanisław Wyspiański, que, junto a Tadeusz Popiel, é também autor dos murais que decoram o interior.

CRACÓVIA

Como me sinto! Vem daqui. Está bem acima de mim. É um lamento que soa muito alto. Também deve vir da igreja ao lado. São as notas lamentosas de um órgão. Volto-me e vejo dois sacerdotes vestidos de branco. Eles caminham passando pelo vitral flamejante e em seguida desaparecem por uma porta na parede. Aos poucos o organista distante toca outras notas, troveja uma vez, duas vezes, depois volta a cantarolar, com uma voz que parece o som de um violino. As sextas se combinam, as terças lamentosas. Me aproximo do vitral. Não sei o que significam essas torrentes de cores, não sei o que significam essas torrentes negras, cercadas por rios de azul, cobertas de verde, atravessadas pelo amarelo e pelo dourado. São figuras humanas? Às vezes penso que estou vendo olhos lendários, longas cabeleiras. Não desejo reconhecer nada, assim como não tenho necessidade de compreender o cântico do cantor distante. As linhas de vidro faíscam. Um vitral floral, verde-escuro. E, à direita, as mais incandescentes de todas as cores que eu jamais vi: um amarelo-claro, um ocre satânico, avermelhado e amarelado, uma cor mais incandescente do que o vermelho-fogo, que acaba de nascer das núpcias entre a luz viva, o sol que incide e os vitrais coloridos adormecidos.

Agora tudo parece tão claro! Vejo o interior da igreja em toda sua profundidade. O teto não é tão alto quanto o da igreja de Maria. Mas, no alto, estão o mesmo azul-celeste, as mesmas estrelas douradas. E agora as paredes se destacaram da escuridão e se mostram inteiras. São pintadas de cores discretas, de marrom amarelado, de azul esverdeado. Luz e penumbra. O espaço cresce e se dissolve em meio a essas cores. As colunas parecem ganhar vida, as superfícies enormes são despertadas pelos ornamentos. Só cores e linhas. O que poderia dizer a respeito dessas janelas laterais? Em meio a plantas verdes, ou algo que se parece com isso, flores: grandes lírios brancos e, mais acima, um azul profundo e íntimo, de uma intimidade poderosa, que inunda tudo. E aos poucos uma coroa que se destaca em meio a tudo isso: uma cabeça. Decerto é a rainha celestial.

VIAGEM À POLÔNIA

A igreja é cinzenta e discreta. Junto a ela há outras construções cinzentas: um convento. Wyspiański pintou o interior da igreja e concebeu os vitrais. Fora, o sol radiante ilumina uma imagem de São Francisco.

E igrejas, a cada tanto. Bem cuidadas. Algumas delas esplêndidas. Na Grodska,³ uma rua comercial, há figuras extáticas de santos que brilham ao sol diante de uma igreja. Wawel, a antiga fortaleza imperial semidestruída⁴ — os austriacos tinham ali suas casernas — tem uma igreja fortificada com duas torres imensas. Uma delas ostenta mostradores de relógios dourados, um em cada uma das quatro direções. A seu pé, um ameaçador cavalo selvagem sobre um pedestal. Montado nele, um cavaleiro. É o indomável Kościuszko. Parece prestes a descer a galope pela rua que vem da fortaleza. No interior dessa igreja, em criptas e em capelas, dentro de belos sarcófagos, estão sepultados os reis poloneses. É meio uma igreja, meio um monumento aos vencedores. Passo diante de casas silenciosas, residências muito antigas, cuja vista me faz bem. Em seu interior vivem monges e freiras. Encontro alguns na rua, acompanhados de bandos de crianças e de meninas mais crescidas, a quem ensinam. Suas ideias petrificadas a respeito de Deus e dos assuntos místicos sobrevivem há muitos séculos. O século XI construiu um edifício na rua Grodska em honra a um certo santo André. Uma igreja colossal foi erigida em honra a santa Catarina. Um arco cruza a rua, ligando essa igreja a seu convento. E um século ainda anterior permanece presente aqui e ergue suas pálpebras arcaicas como as de uma tartaruga: é a igreja do Rochedo, junto ao Vístula. An-

3. É a rua do Castelo, uma das mais antigas de Cracóvia, repleta de igrejas e lojas.

4. Wawel é uma colina de calcário na curva do Vístula, junto à cidade velha de Cracóvia, onde entre 1320–1609 se situou a sede dos reis poloneses. O nome possivelmente deriva do termo antigo *wawol*, “elevação em área pantanosa”. No topo da colina erguem-se o castelo real, do século XVI, e a catedral, que abriga os sarcófagos de monarcas e figuras notáveis da história polonesa, como Mickiewicz, Piłsudski e Kościuszko.

CRACÓVIA

tigamente ficava junto do curso de água, mas, com o passar dos séculos, o rio se afastou dela. No interior dessa igreja ocorreu um assassinato, há mil anos. Foi lá que um bispo de Cracóvia envolvido com a política, Stanislau, traiu o rei Boleslau, o ousado. O bispo abrigou-se do rei furioso no interior dessa igreja. De nada adiantou. O bispo primeiro teve seus membros cruelmente decepados e depois foi executado. Pouco tempo depois, porém, o papa conseguiu fazer com que Boleslau, o ousado, deixasse o país e morresse miseravelmente. Agora, todos os anos, no dia 8 de maio, as pessoas vêm até aqui em busca de absolvição. A água da fonte que há no jardim supostamente tem poderes curativos. Agora a fonte está congelada. Um homem feito de pedra — talvez seja o santo — passa frio rodeado de gelo.

Meio-dia.

Sobre um pedestal de mármore retangular, calcando botas de cano alto, com uma longa cabeleira cacheada, vestido com um casaco esvoaçante, um homem segura um globo na mão. Numa tabuleta lê-se o nome de Copérnico, que estudou aqui em 1491. O título *De revolutionibus orbium caelestium* é mencionado. Ele nasceu em 1473 e morreu em 1543.

Um pátio calçado de pedras, quadrado e muito elegante, cerca-o. À sua volta, há arcadas, terraços, janelas ornamentadas, pequenos acessos a escadarias, um telhado que avança. Portas de ferro rangem, pesadas, ao serem fechadas. Estou em Cracóvia, a antiga cidade-fantasma. Ao anoitecer, desço do Wawel, a fortaleza real, para cá. O Wawel está envolto em névoa. Sobre ele a lua, com sua luz ofuscante, flutua em meio à brancura leitosa. As torres e a massa do Wawel são como sombras. E então surge à minha frente esse pátio, envolto pela escuridão da noite. A luz cortante da lua, ofuscante, pálida como um morto, ilumina as arcadas. Aos poucos algo se destaca em meio à escuridão. Algo alto, silencioso: a estátua de Copérnico.

VIAGEM À POLÔNIA

Um Fausto polonês, um certo Senhor Twardowski,⁵ viveu em Cracóvia na Idade Média. Era um feiticeiro que lidava com demônios. Tateio em meio à Biblioteca Jaguelônica.⁶ Foi fundada pela Santa Edviges. Aqui está o grande manuscrito que, segundo consta, pertenceu ao Dr. Twardowski. Ainda se vê nele a impressão em tinta da palma da mão do demônio.⁷ Cálculos astrológicos, tabelas de planetas com inscrições em azul e em vermelho. Vou andando por salas descomunais repletas de livros: *Collegium maius* e *Collegium minus*.⁸ Sob uma arcada azul havia, antigamente, uma sala de aula. A velha Biblioteca Jaguelônica, do século XIV. Livros colossais, impressos em Nürnberg e em Lübeck. Tratados. Discursos. Manuscritos dos séculos XIV e XV, de autoria de professores e de estudantes. Uma conferência sobre

5. Pan Twardowski é uma figura lendária da tradição polonesa, descrito como mágico e aliado do diabo, que teria vivido no século XVI. Seu sobrenome possivelmente deriva de *twardy* ("duro", "firme") e é às vezes associado a Laurentius Dhur, de Nuremberg. A lenda, surgida entre a nobreza, inspirou inúmeras obras literárias e artísticas. Döblin retomou a personagem em 1938, na terceira parte de *Der neue Urwald* [A nova floresta virgem], em que Twardowski convoca Copérnico, Galileu e Giordano Bruno para debater as implicações sociais de suas descobertas científicas.

6. A Biblioteca Jaguelônica, fundada na segunda metade do século XIV junto à então Academia de Cracóvia, atual Universidade Jaguelônica, é uma das mais antigas e importantes da Polônia. Reúne um vasto acervo de manuscritos medievais e obras raras da tradição europeia e polonesa. Sua coleção principal esteve durante séculos no *Collegium Maius*, atual museu universitário, antes de ser transferida para o novo edifício da avenida Mickiewicz, construído entre 1931–1939.

7. O livro exibido na Biblioteca Jaguelônica como o *liber magnus* de Twardowski é, na realidade, a *Encyclopedie Scientarum* ou *Liber xx Artium*, do erudito boêmio Paulus Paulirinus de Praga, que viveu no século XV. Uma mancha escura em uma das páginas foi interpretada como a marca da garra do demônio, o que reforçou sua associação lendária a Twardowski.

8. O *Collegium Maius*, na rua Św. Anny 8–10, é o edifício universitário mais antigo da Polônia. Fundado em 1400 por Władysław II Jagiełło para abrigar a Universidade de Cracóvia, foi restaurado entre 1949–1963 e hoje sedia o Museu da Universidade Jaguelônica. O vizinho *Collegium Minus*, na rua Gołębia 11, data do fim do século XV e atualmente abriga o Instituto Arqueológico da universidade.

CRACÓVIA

teologia começa com as seguintes palavras: “Deus é o assunto da teologia. A teologia é a única ciência. A teologia é uma ciência aplicada”. Que palavras esplêndidas! Esplêndidas! Aos poucos estamos começando a compreender isso novamente. Àquela época, esse tipo de discurso entediava os alunos. Salas de aula. Corredores. Refeitórios: tudo está entupido de livros. Antigos globos. Esplêndidos livros de horas franceses. O Códex do escrivão municipal Baltasar Behem,⁹ de uma fineza incomparável.

É uma bela cidade antiga. Ruas retas e curvas, estreitas, ladeadas por edifícios cujas paredes são reforçadas na base, não sei por quê. Talvez contra terremotos. No parlamento abro uma porta de vidro. À minha frente vejo um pátio tranquilo. Subo por uma escadaria em meio a um saguão muito simples, quase um cubo. Este é o segredo dessas antigas construções: são capazes de transmitir tranquilidade e segurança. Elas parecem algo criado pela natureza, tornaram-se vivas. Senti o mesmo em Vilna, na Universidade, e também numa velha torre em Lublin. Todo esse centro da cidade, com suas construções, é comovente e profundo. Gente de hoje perambula por ali. Na vasta praça do Mercado os vendedores de frutas se alinham em fileiras adoráveis, com seus cestos coloridos. As mulheres estendem pedestais e tabuleiros de madeira sobre o chão limpo. De um caldeirão negro ergue-se vapor de alcatrão. O bonde tilinta. Como se alça graciosamente o pavilhão no centro da praça do Mercado. A gente, com suas mercadorias, se abriga ali embaixo. A fachada é ornamentada com um frontão. Nas laterais há arcadas. À frente, acima da entrada escura, estende-se um arco pontiagudo. Sob a cúpula muito alta há duas fileiras de lâmpadas vermelhas que brilham como se fossem lamparinas num porão e evidenciam a escuridão — e não a contaminam. A escuridão é a luz; as

9. O manuscrito do escrivão Balthasar Behem reúne os privilégios e estatutos municipais, bem como os regulamentos das guildas e grêmios de Cracóvia. Escrita em 1505, em latim, polonês e alemão, a obra é uma valiosa fonte para o estudo da vida cotidiana de artesãos e comerciantes e contém 27 miniaturas coloridas que a tornam ainda mais notável.

VIAGEM À POLÔNIA

lâmpadas são sombras vermelhas. Sob essa sombra vermelha os mercadores permanecem sentados junto às paredes. Suas bancas estão repletas de malas, cestas, brinquedos.

Deslizo ainda várias vezes, à noite, junto a esse edifício esguio e ornamentado, morada levíssima de uma densa escuridão. Uma abundância impressionante de luminárias recurvas espalha-se pela praça ampla. E em meio à sua brancura surge esse edifício antigo e delicado, como se fosse um navio no mar. É atordoante, é intrigante essa convivência de dois mundos diversos lado a lado: luz elétrica, calçadas modernas, automóveis — e o pavilhão do mercado, e também a delgada igreja de Maria. Como esses dois mundos se encontram, se chocam, se beijam por sobre os ombros!

Trata-se de dois mundos, um morto e outro novo? Não saberia dizer qual dos dois está morto. O velho certamente não está. Sinto-me íntima e impetuosamente atraído por ele. E sei que minha bússola indica a direção certa. Ela nunca aponta para o que é apenas estético. Aponta para o que é vivo, pulsante.

Já sei como é ficar alguns dias passando das mãos de um amigo das artes para as de outro. Já visitei a grande coleção no andar superior do pavilhão, o Museu Czartoryski.¹⁰ Ali, perto do Portão de Floriano, vi obras de Rembrandt, Rafael, Matejko. Vi também porcelanas, antigos tapetes poloneses, armas. Há pinturas colossais. Mais quadros de Matejko, que, de tão altos, vão até o teto. O destacado Malczewski.¹¹ Há uma força exube-

10. Fundado em 1796 por Izabella Czartoryska, o Museu Czartoryski é o mais antigo da Polônia. Após a supressão da Revolta de Novembro, as propriedades da família Czartoryski foram confiscadas e as coleções transferidas para o *Hôtel Lambert*, em Paris, onde permaneceram até 1876. No fim do século XIX, o museu foi restabelecido em Cracóvia. Entre seus tesouros estão obras de Rembrandt, a *Dama com um arminho*, de Leonardo da Vinci, e o *Retrato de um jovem*, de Rafael — desaparecido desde a ocupação alemã.

11. Jacek Malczewski foi um dos principais representantes do Simbolismo e do Modernismo polonês na virada do século XIX para o XX. Está presente na coleção com obras como *Introdução* (1890) e *A morte de Ellenai* (1883). No espólio de Döblin há ainda um cartão-postal com a reprodução de sua pintura *Idílio angelical* (c. 1915).

CRACÓVIA

rante num quadro que retrata uma viagem sobre o gelo: quatro cavalos de trabalho galopam diante de uma carroça sobre o gelo. Quatro cavalos colossais, fortíssimos, que se lançam, impetuoso-s, para o interior da sala. Há também adoráveis quadros de Grottger, como os que vi em Lemberg. Chega então o instante em que percebo que não estou dando ouvidos ao que dizem meus acompanhantes. Eles são grandes entendedores das artes. Não se cansam de mostrar as transições entre os diferentes estilos. Mas permaneço completamente indiferente ao que eles dizem. Quando minha acompanhante me pergunta se já visitei a coleção de arte no Wawel e eu, espantado, minto e lhe digo que sim, fico contente em ver que ela se acalma. Durante a última hora inteira, na qual ela não parou de me mostrar antigos afrescos, só prestei atenção nela mesma, que é feita de carne e osso. Respiro aliviado quando ela começa a falar de sua família, de seus irmãos.

Há dias que sinto uma enorme e misteriosa nostalgia no peito. Acordo sentindo isso. Vou à igreja de Maria três vezes por dia, passo ali cinco minutos, dez minutos, observo a cúpula que se fecha acima da minha cabeça. Quero mais disso. Isso é o que me faz falta. Ou: tenho isso e desejo mais disso. Se pudesse saber mais a respeito do dr. Twardowski! Estou totalmente magnetizado pelos fantasmas.

Uma vez mais passo pela igreja de Maria, que por mil e um motivos diferentes conquistou meu coração, e reparo que há ali um balcão em sua fachada lateral, em estilo claramente renascentista. Compreendo o que eu quero — e o que esse balcão é e quer não é o que eu quero. Esses são os teatros pavorosos, as construções antigas das cidades. Diante do balcão, e ao pensar nessas colunas e frontões gregos, sinto algo que é mais do que simples repulsa às imitações e aos clichês artísticos vazios. Repudio intensamente e afasto de mim o classicismo, o helenismo e o humanismo. Não passam de poltronas e de espreguiçadeiras burguesas. Quando me aproximo da Idade Média, que me saúda daqui, e que emana das arcadas sombrias, que paira silenciosamente em torno das igrejas, dos monges e das freiras, em torno dos edifícios com pa-

VIAGEM À POLÔNIA

redes reforçadas, sei qual é o meu lugar. Sou um inimigo natural e um adversário do morno, do pobre e banal humanismo. Da mesma forma que desprezo a democracia atual, esse nome que não significa nada. E onde poderia perceber esse meu sentimento de maneira mais intensa do que na cidade da catedral, na cidade do Cristo ensanguentado, do rebelde crucificado?

Assim como um cavalo se livra da lama que se prendeu a seus cascos raspando-os em pedras, afastei de mim a arte e os amigos da arte e agora perambulo sem destino pela cidade. O centro é a igreja de Maria com seu delinquente sob o telhado. Um homem, o escultor Veit Stoss, o fez surgir do interior de sua alma desolada. Caminho sem destino e, ao mesmo tempo, vou sentindo o meu destino. Evito os edifícios modernos e limpos que me foram mostrados, do outro lado das velhas muralhas da cidade. Sinto-me atraído pela ruidosa Grodksa e pelo burburinho do seu comércio. Sinto a agitação, a sujeira, a pobreza, a deformidade. Depois que se passa pelos santos extáticos, a rua se torna mais larga, sem, no entanto, se tornar uma praça. Há ali um edifício totalmente ridículo: alto, com ares palacianos, porém velho e encardido. Chama-se Hotel Royal. É frequentado por judeus. Um homem alto, com uma pelerine marrom e um chapéu preto de abas moles, passa por mim. À minha direita há um morro. Sobre uma torre redonda, feita de tijolos vermelhos, corvos esvoaçam em círculos e gritam. E sobre o morro há uma grande construção rodeada por uma muralha de tijolos vermelhos com ameias que desce, imponente, do morro sobre a cidade e se derrama, com sua massa colossal, sobre a rua. Em seu interior há casas recém-pintadas de branco, totalmente fora de contexto. Trata-se de casernas. Passo ao longo de construções malcuidadas, junto à parte baixa da muralha: árvores desfolhadas, carrinhos diante de barracões miseráveis. Os corvos gritam ininterruptamente. Um caminho largo leva à parte alta, mas não tenho vontade de subir. Sim, esse é o Wawel. O famoso castelo. Mas me sinto impedido de subir. Tenho vontade de caminhar pelo sopé desse morro. Me sinto como um homem para quem uma mulher recitou um po-

CRACÓVIA

ema lírico enquanto ele observava os saltos dos seus sapatos e se perguntava quanto teriam custado. E como será que ela se sente? Do que ela vive? Por que ela quer recitar um poema lírico? Numa esquina onde a muralha faz um ângulo agudo surge um rochedo. Agora me encontro totalmente fora da cidade. Há meninas que levam cães para passear. Na encosta do morro veem-se vacas brancas e castanhas pastando. É um campo desolado. Grandes montes de escombros. As vacas arrancam a relva num ritmo constante e a cada tanto mostram suas línguas esbranquiçadas. O campo se estende à minha frente, em suave declive. Mas na verdade não se trata de campo. Não tinha visto o que há ali adiante: água. Sim, há água que corre ali. Larga, negra, lisa. E não há nenhum barco sobre ela. O que se vê ali é um trator a vapor, que solta fumaça e empurra algo. Novamente, o Vístula. Nova-mente o Vístula, que foi apartado da cidade. Vou caminhando por uma várzea. A muralha ficou para trás. Acaricio o rio. Ouço com alegria, ao passar por uma curva, como ele ergue sua voz em minha direção e murmura. É assim que o tratam: com o cimento e com os escombros que são lançados às suas margens.

Já sei de antemão o que os senhores esclarecidos, os seguidores do Iluminismo judaico, irão dizer. Eles riem da gente “tol e atrasada” que faz parte de seu próprio povo e se envergonham dela. E também dirigirão seu escárnio grosseiro contra mim. O mundo nasceu junto com eles e se completou com eles também. Recontar as velhas lendas, com as quais as pessoas tolas e atrasadas se ocupam: que besteira, que falta de noção! Não há aí nada de real. Eu, que nem pertenço aos iluministas judeus, nem a essa massa popular; eu, um passante ocidental — para mim, esses “iluminados” se parecem com negros que desfilam ostentando as contas de vidro que lhes foram dadas por marinheiros, com os punhos encardidos de seus braços que balançam, com suas cartolas novas em folha e já amarrrotadas sobre a cabeça. Quão pobre, desleixado, indigno, destruído e desalmado é o mundo ocidental que os presenteia com esses trajes — como haveriam eles de saber.

VIAGEM À POLÔNIA

À noite vejo grupos de homens que saem de pequenas e bem iluminadas casas de oração nas ruelas estreitas de Kazimierz, o bairro judaico de Cracóvia.¹² Levam sandálias aos pés, meias brancas e colossais gorros de pele que lhes chegam às orelhas, o *schtreimel*. Meu acompanhante narra e eu ouço com voracidade as histórias que conta. Falam de um velho peculiar, Berischel,¹³ que se pode encontrar nas ruelas. Parece um homem selvagem.

As preces terminaram. Antigamente este Berischel era mais livre. Agora, porém, já não come carne, anda pelas ruas com seus filactérios e seu xale de orações, coloca pedras dentro dos próprios sapatos. A gente tem medo dele.

12. A presença judaica em Cracóvia remonta à segunda metade do século XII, quando os judeus viviam no centro da cidade. Em 1494, após serem culpabilizados por um incêndio e alvo de motins, foram expulsos para a vizinha Kazimierz, incorporada a Cracóvia em 1801 e transformada em bairro judaico. Com a abolição de seus limites em 1818, muitos judeus se estabeleceram em Stradom e abriram lojas na rua Grodzka, na praça do Mercado Principal e na rua Floriańska. A lei de 1867, que garantiu igualdade de direitos aos cidadãos do Império Austro-Húngaro, assegurou-lhes plena liberdade de residência. Às vésperas da criação do gueto alemão em Podgórze, a cidade abrigava mais de 60 mil judeus, cerca de um quarto da população, dos quais cerca de 40% residiam em Kazimierz.

13. O judeu de Cracóvia Manuel Rypel recorda esse homem da seguinte forma: “Magro, de constituição esguia, rosto alongado e pele pálida, com uma barba clara e rala e olhar pensativo, lembrava Cristo no templo, na pintura de Maurycy Gotlieb. Caminhava — ou melhor, corria — pela rua em passo rápido, e as pessoas, respeitosamente, cediam-lhe passagem. Era um asceta e vegetariano, vivia apenas de legumes e pão. Todas as manhãs banhava-se no Vístula e, no inverno, acompanhado de jovens admiradores, mergulhava no gelo aberto sob Wawel, como se fossem as águas quentes do Jordão. Recusava tocar em dinheiro, que considerava instrumento de engano. Frequentava a escola primária e concluía o liceu, mas, segundo se dizia, abandonara os estudos por conselho do célebre rabino Halberstam de Nowy Sącz, escolhendo a vida penitente do asceta. Corria a fama de que curava doentes de forma *milagrosa*.”

CRACÓVIA

As preces terminaram. Entrei na velha sinagoga.¹⁴ Um dia foi a biblioteca do rei Casimiro. Pouco antes vi isso escrito numa placa, na rua, na qual Casimiro estava representado com um anjo e velhos judeus, segurando uma Torá, lhe agradeciam por tê-los acolhido em Cracóvia.¹⁵ No *polisch*, a antessala da sinagoga, ainda pende da parede uma corrente que servia para prender os condenados pelo juiz, o *rebe*: era o pelourinho, onde os demais membros da comunidade cuspiam no condenado. Assim como estava escrito no livro que vi na Biblioteca Jaguelônica, a teologia é uma ciência aplicada. Há um grupo, os “vigilantes da aurora”. Eles se reúnem de manhã bem cedo. São velhos. De madrugada, antes de entrar na sinagoga, um deles bate três vezes na porta. Os espíritos rezam à noite na *schul*, a casa de orações. Não se deve passar pela *schul* à noite. Certa vez, alguém entrou ali e foi chamado à Torá. Não lhe aconteceu nada, mas ele foi proibido de se voltar quando estava saindo. Um outro me conta sobre os livros que são lidos na casa de orações, e também fala sobre a *cabala*. Esta só se pode apreender mais tarde. Um discípulo que era jovem demais — tinha apenas dezesseis anos — começou a estudar a *cabala*. Isolou-se. Lia e lia. Já não falava mais com ninguém. Alimentava-se de pão com sal. Não falava com sua mãe. Passado pouco tempo, morreu. Seu pai era um rabi, que escrevia sobre o Talmud. Os “segredos do universo” estão contidos nessa *cabala*. Nela se fala dos anjos que vigiam cada ser humano. Os cabalistas interpretam cada uma das palavras da Torá, dizem o que significa cada letra, dizem quando o messias

14. A antiga sinagoga, na rua Szeroka 24, foi erguida provavelmente no início do século xv. Após um incêndio, foi reconstruída em 1557 em estilo renascentista e, mais tarde, ampliada. Saqueada e danificada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, foi restaurada entre 1956–1959 e incorporada ao Museu Nacional de Cracóvia, entregue pela comunidade judaica.

15. A placa “Admissão de judeus na Polônia por Casimiro, o Grande”, criada em 1907 por Henryk Herschel Hochman e doada pela comunidade judaica de Cracóvia, ficava originalmente na prefeitura, hoje Museu Etnográfico. Destruída na ocupação alemã, foi reinstalada em 1996 com texto ligeiramente alterado: “A chegada dos judeus à Polônia na Idade Média”.

VIAGEM À POLÔNIA

virá, falam também de anjos maus, de Samael¹⁶ e de sua esposa Malkaschwu. É isso o que me contam as pessoas.

Sabe-se da existência de 36 *tzadikim*.¹⁷ Não são *rebés* e sim justos anônimos, que vivem em meio ao povo. Eles não podem se revelar e não há ninguém capaz de adivinhar quem são. Podem ser sapateiros ou alfaiates. Esses silenciosos e ocultos 36 justos sustentam o mundo. Se eles não existissem, o mundo deixaria de existir. Quando um deles morre, outro nasce. Certa vez, a grande rainha polonesa Edviges quis destruir os judeus. Os judeus não sabiam o que fazer. E então o maior de todos os seus *rebés* indagou os céus e em seguida enviou um *tzadik* à corte. Ele, porém, não queria revelar-se como tal. Por fim, os pobres judeus imploraram, lamentaram-se, e ele cedeu. Foi à corte real e disse: “Quem enfiar a mão no bolso tirará do seu interior o que bem desejar”. E foi o que aconteceu. Edviges, porém, tirou do bolso uma serpente, que se enrolou em seu corpo. Então ela suplicou ao *tzadik* e lhe perguntou o que fazer. E ele disse: “É por causa do seu decreto”. Ela revogou o decreto e a serpente desapareceu.

A lenda do cavaleiro na fonte, extraída de um livro para mulheres: um cavaleiro encontrou uma fonte em meio ao deserto, bebeu e, distraído, esqueceu seu saco de dinheiro ali. Veio um homem pobre, bebeu também, encontrou o saco, apanhou-o, e foi embora. Passado algum tempo o cavaleiro voltou, galopando velozmente, à procura de seu dinheiro. Junto à fonte havia outro homem pobre sentado, que acabara de beber. O cavaleiro lhe perguntou sobre o dinheiro. Ele não sabia de nada. O cavaleiro, porém, não acreditando nas palavras dele, o matou. Moisés estava sentado no céu. Deus viu o assassinato e mostrou a Moisés o que

16. O demônio, senhor das forças do mal; seu nome é um dos nomes de Satanás. Segundo a tradição, ele teria trazido o veneno da morte ao mundo e, no Talmud, é identificado como o anjo da morte — em hebraico *malach hamawet*, em iídiche *malechamoves*. Sua esposa é associada à figura mítica de Lilith.

17. A lenda dos 36 justos ocultos, sobre os quais repousaria a continuidade do mundo, tem origem em um comentário do Talmud. Segundo a tradição, um deles é o próprio messias, que se revelará no fim dos tempos.

CRACÓVIA

se passava. Moisés ficou chocado e disse: Ali ocorreu uma terrível injustiça. Deus então disse:

Vou lhe explicar. O cavaleiro matou o mendigo que não pegou seu dinheiro. Mas há muitos anos esse mendigo matou o pai do cavaleiro. E é por isso que ele o está matando agora. E ele não tem o dinheiro, que agora alegra o primeiro mendigo. Mas quem é o primeiro mendigo? É um homem a quem esse mesmo cavaleiro reduziu à miséria, tendo-o privado com violência de tudo o que ele possuía. E é por isso que agora ele recuperou o que um dia foi seu.

Meu acompanhante se lamenta enquanto vamos andando pelas ruelas. Uma menina que ele conhecia está desaparecida há oito dias. Ela era inteligente e muito trabalhadora. Há oito dias ela assistiu a uma conferência com ele. Estava bem-humorada e depois ainda foi fazer uma visita. Como quem não quer nada, ela perguntou se os suicidas também são enterrados, e como são enterrados. E não voltou mais para casa. Os pais acreditam que ela tenha sido raptada por um traficante de mulheres. Era bonita, pequena e fisicamente não muito desenvolvida. Espiritualmente, porém, era muito viva e era também muito bem-humorada. Não tenho como consolá-lo.

Atravesso o amplo mercado que há em frente à sinagoga de Kasimir. À sua volta há casebres frágeis. Uma parte da praça está emparedada e fechada. É o velho cemitério. As pessoas falam de uma casa que havia aqui. Um casamento estava sendo celebrado numa sexta-feira e a festa se estendeu até o santo *shabat*. E então tudo foi tragado pela terra, a casa inteira com seu casamento, com os noivos, e com todos os convidados. Havia um grande *rebe* que vivia nesse mercado, conhecido como o Remu, rabi Moses Isserles.¹⁸ A casinha na qual ele viveu há duzentos anos ainda está de pé. Foi sepultado no velho

18. Moses ben Israel Isserles, conhecido pelo acrônimo *Remu* ou *Rema*, foi um dos mais importantes rabinos poloneses e principal autoridade religiosa de Cracóvia no século XVI. Talmudista e cabalista, era chamado de “Maimônides polonês” em referência ao filósofo e jurista medieval judeu Maimônides, autor de uma das principais codificações da lei judaica. Seu comentário ao

VIAGEM À POLÔNIA

cemitério. Viveu até a idade de 33 anos, escreveu 33 livros, morreu 33 dias depois da festa de Shavuot, no Lag baômer.¹⁹

Avisto um bilhetinho peculiar. Parece um panfleto e vem da casa de uma mulher que recentemente deu à luz. Nas quatro paredes do quarto da parturiente estavam colados bilhetinhos como esse. Contém palavras hebraicas organizadas em colunas de um jeito muito particular. Eis o texto:

Proteja-me, Deus, porque em ti confio, proteja-me como as pupilas dos olhos.

À sombra das suas asas abriga-me. Tu és meu refúgio. Tu me salvas dos inimigos que estão à minha espreita. Assim como havia sessenta heróis dentre os heróis de Israel empunhando espadas em torno do leito de Salomão, cada qual com sua espada na cintura por causa do seu pavor à noite.

Felicidade para a proteção da criança, feita pelo Baal Shem. Em nome do Deus de Israel, o grande e supremo, seus anjos vão te proteger em todos os seus caminhos. Deus, destrua Satã.

Sinat, Wassinsanaff, Wassmangalif.²⁰ Abraão, Sara, Moisés, Arão. Isaac, Rebeca, Davi, Jacó, Lea, Salomão.

Uma feiticeira não deixarás viver.
Deixar uma feiticeira viver: não.
Não — deixar viver uma feiticeira.
Deixar viver — não feiticeira.
Deixar viver: feiticeira não.
Não — Feiticeira — Viver — Deixar.
Adão — Eva intimamente.

Shulchan Aruch, compilação de normas religiosas que orienta a vida judaica, permanece até hoje como referência para as comunidades asquenazes.

19. Na verdade, são 33 dias após o *Pessach*. *Lag baômer* é o trigésimo terceiro dia da contagem do ômer, período de quarenta e nove dias entre *Pessach* e *Shavuot*, tradicionalmente marcado por práticas de luto. O erro revela a distância de Döblin em relação à vida religiosa e sugere que ele registrou os termos de memória.

20. Os três anjos são figuras do folclore judaico, lembrados como protetores de mulheres e recém-nascidos contra os poderes demoníacos de Lilith. Seus nomes costumavam ser inscritos em amuletos de proteção. As grafias de seus nomes variam conforme o idioma e a transmissão oral.

CRACÓVIA

Lilith²¹ e seu séquito ficam de fora.

Ergo meus olhos em direção às montanhas. Elias²² estava caminhando e Lilith e seu séquito o encontraram no caminho. Ele lhe disse: *Você vem sempre acompanhada por sua impureza e pelo seu séquito. O que significa isso?* Ela: *Vou à casa de uma parturiente, longe, longe, para derramar o sono da morte sobre os olhos da criança, para pisotear sua vida, para extraír o tutano dos seus ossos e só deixar a carne do corpo.* Elias: *Que você seja banida da presença de Deus e que se torne muda como uma pedra.* Ela: *Meu senhor, liberte-me e então eu fugirei e juro em nome do Deus de Israel que vou deixar de lado meus propósitos em relação à mãe e à criança e a cada vez que eu ouvir o meu nome fugirei. E vou lhe dizer qual é o meu nome. E a cada vez que alguém disser um nome, não terei como causar dano à mãe. E estou pronta a lhe entregar o meu nome, e você deve transmiti-lo para que seja dependurado na parede da casa da mãe. E assim fugirei. E esses são os meus nomes: Lilith, Schattrinoh, Absta, Amiso, Amitrefo, Kaschasch, Odam, Ick, Poddu, Eilu, Pattritu, Assihu, Kata, Kali, Bidna, Taltu, Pakuscha.*

Trata-se de uma conjuração. De um amuleto. Eles os chamam de camafeus. De um velho livro, intitulado *Livro de Raziel*,²³ ouço outras conjurações e fórmulas. É muito fácil considerar tudo isso como meras superstições. Ainda assim, essas coisas continuam a existir — e são legítimas. Continuam a existir tanto

21. O conceito de Lilith, a primeira esposa de Adão, ocupa lugar central na demonologia judaica. Considerada um demônio noturno, era temida por ameaçar mulheres em trabalho de parto e recém-nascidos. Para neutralizar seu poder, recorriam-se a rituais e amuletos que invocavam os três anjos e, em muitas tradições, também o profeta Elias.

22. Profeta bíblico que, segundo o Livro dos Reis, foi arrebatado por Deus. No *Zohar*, é descrito como um anjo que, após uma existência terrena temporária, retornou ao céu, mas pode descer novamente em forma humana para socorrer as pessoas. A ele se atribui o poder de rejeitar o anjo da morte. Por isso, aparece nos encantamentos destinados a proteger o recém-nascido contra o poder demoníaco de Lilith.

23. Em hebraico, *Séfer Raziel*. O livro reúne ensinamentos sobre a criação do mundo, os nomes dos anjos, encantamentos, amuletos e símbolos mágicos, entre outros temas. Obra coletiva, tornou-se especialmente popular em círculos hassídicos da Europa oriental. Seu conteúdo é formado por tradições mágicas, místicas, astrológicas, cosmológicas e angelológicas de origens diversas, algumas das quais remontam à Antiguidade tardia.

VIAGEM À POLÔNIA

quanto o culto aos mortos. Trata-se de *cabala* concentrada. Da antiga crença deriva uma ligação, uma identidade entre palavra e realidade. É a expressão de um antigo sentimento místico. Uma grande e arcaica forma do pensamento. A ideia de Hegel, “o que existe é racional”, acena de longe — e também, secretamente, de perto. A gente de hoje se dá por satisfeita em estudar a dimensão histórica: na vida animal e visível surgem as palavras e os signos. Aqui, porém, é a palavra que possui a força criadora inicial. O *Fausto*, do alemão Goethe, começa com uma negação dessa frase. Não se trata de um *Fausto* antigo, de um *Fausto* autêntico. Que mistura de ingenuidade e de profundidade!

Ouço algumas palavras a respeito do antiquíssimo *Sêfer Ietzirá*.²⁴ Compreendo pouco, estou o tempo todo tentando intuir algo em meio à escuridão.

Quem é que sabe há quanto tempo foi escrito o *Sêfer Ietzirá*? Há toda uma biblioteca de comentadores que escreveram sobre esse livro e não existe nada de mais misterioso. É como se quem falasse fosse uma outra espécie humana. Que tolice seria não ouvir sobre esse livro e só confiar na sabedoria de uma época tão breve quanto a nossa! O que pensava o homem de Neandertal? Quais eram as fontes que ele buscava? Como pensam os gafanhotos? E as bétulas nas florestas? O *Sêfer Ietzirá*:

Por trinta e dois caminhos secretos da sabedoria Javé²⁵ Tzevaot desenhou. Ele criou seu mundo por meio de três princípios numéricos: o número, o contador e a coisa contada.

24. O *Sêfer Ietzirá*, em português “Livro da criação”, é um tratado místico sobre a formação do mundo a partir das 22 letras do alfabeto hebraico, provavelmente escrito entre os séculos II e III. Considerado o texto inaugural da *cabala*, exerceu grande influência nas tradições posteriores. Döblin cita a tradução de Lazarus Goldschmidt, que consultou na Königliche Bibliothek de Berlim em dezembro de 1924, segundo recibos de empréstimo de seu espólio. As passagens utilizadas por ele correspondem, em todo ou em parte, a seções do tratado, ainda que com pequenas alterações.

25. Tetragrama sagrado composto pelas consoantes JHWH — em hebraico, escrito pelas letras *iod*, *hei*, *vav*, *hei* —, que representam o nome impronunciável de Deus.

CRACÓVIA

Dez números sem mais nada. Sua aparência é como a aparição de um raio, seu objetivo é infinito. Sua palavra é um ir e vir e sob suas ordens eles correm como uma ventania. E se prostram diante do seu trono.

Vinte e duas letras: ele as desenhou, ele as ergueu, ele as pronunciou, ele as pesou e ele combinou cada uma delas com as demais. Por meio delas criou todo o Universo.

Vinte e duas letras fundamentais estão desenhadas na voz, esculpidas no destino e afixadas em cinco lugares diferentes da boca.

Do vazio ele criou algo e transformou o não ser em ser, e erigiu grandes colunas de ar incompreensível.

Ele fez com que a letra *hei* governasse a língua, corou-a e ambas se fundiram uma à outra. Por meio dela ele criou o carneiro no mundo, o mês de *nissan*²⁶ no ano e a mão direita no corpo. Ele fez com que a letra *vav* governasse o pensamento, corou-a e ambas se fundiram uma à outra. Por meio dela ele criou o touro no mundo, o mês de *iar* no ano e a mão esquerda no corpo. Ele fez com que a letra *zain* governasse o caminhar, corou-a e ambas se fundiram uma à outra. Por meio dela ele criou os gêmeos no mundo, o mês de *sivan* no ano e o pé direito no corpo.

O desprezo dos cabalistas: para eles, as narrativas históricas da Bíblia são sempre revelações divinas. Deve ser importante saber quantas reses Jacó tinha, como o rei combateu com ele. Como se trata de uma revelação divina, só se pode comprehendê-la quando se sabe que tudo significa alguma outra coisa.

E agora o livro *Raziel*. Vejo os enigmáticos desenhos que ele contém. Leem trechos dele para mim:

Deus tomou um nome e com ele fez três gotas de água e o mundo inteiro se encheu de água e a glória de Deus estava sobre as águas e ele as dividiu em três partes: uma terça parte depende diretamente das suas palavras, uma terça parte se encontra nas fontes, uma terça parte na água. Depois ele tomou o segundo nome e fez com que três gotas de luz o atravessassem e também o dividiu em três partes: uma parte nesse mundo, a segunda parte no mundo vindouro e a terceira parte no mundo do messias. E então apanhou o terceiro nome, dele extraíndo três gotas de fogo e dividiu-o em três partes: da primeira,

26. Mês hebraico no qual acontece o Pessach.

VIAGEM À POLÔNIA

vieram os anjos, da segunda, os animais sagrados, da terceira o fogo. E foi assim que surgiram a água, a luz e o fogo. À direita de Deus encontra-se o fogo, à esquerda, a luz, abaixo, a água. Ele apanhou todas as substâncias, misturou-as, apanhou água e fogo: com isso criou o céu. Apanhou água e luz e com isso criou seu trono. Apanhou fogo e luz e com isso criou os animais sagrados.

Há um anjo que se chama Arzizo. Por isso a terra se chama Erez. Em seguida Deus criou o pó da terra e o anjo que paira sobre a terra se chama Admiel. Daí vem o nome Adão.

Deus se aconselhou com a Torá: como haveria de criar o mundo? E a Torá foi escrita pelo braço de Deus com fogo branco e com fogo negro. E o nome de Deus foi escrito na Torá por sua mão direita. E ele estava completamente sozinho em seu mundo e então ele logo estendeu as mãos e apanhou um nome e com ele fez três gotas de água.

O mundo inteiro tem as dimensões de 500 por 500. E o grande mar circula em volta da terra, nos fundamentos do mundo. E o horizonte, e o mundo e o grande mar estão apoiados sobre uma grande coluna. E o nome dela é *tzadik*. Porque está escrito: o *tzadik* é o fundamento do mundo. E a coluna e o mundo estão sobre uma escama do Leviatã. O Leviatã habita nas profundezas da água, como um peixinho no mar. As profundezas se ligam à superfície como uma pequena fonte à beira do mar. As águas das profundezas são chamadas de águas que choram porque Deus dividiu a água e apanhou as águas da superfície e então as águas das profundezas choraram porque gostariam de poder elevar-se. E Deus as empurrou para baixo. E as águas que choram ficaram presas sob as profundezas da terra.

Caminho em meio a um vento cortante pelas ruelas estreitas, escuras e silenciosas. As ruelas do gueto subitamente morreram. É sexta-feira à noite. Quase não se veem passantes. Não há trânsito de carroças. O bonde passa, vazio. As janelas estão todas iluminadas: as famílias estão sentadas às mesas postas e com velas, em torno dos pais, sentados como reis, que cantam.

Seria eu capaz, seria alguém capaz de voltar a esse estágio? Assim como soube ficar por um bom tempo parado na igreja dos Franciscanos até que meus olhos fossem capazes de distinguir as paredes e os nichos — assim também meus olhos perscrutam a

CRACÓVIA

escuridão — e já o fazem há bastante tempo. A escuridão não desses ensinamentos, mas a dos tempos que se chamam de atuais.

Um judeu culto, um seguidor do Iluminismo, se junta a mim. Ele diz que os pequenos ortodoxos conservam a tradição intacta. Eles imaginam Moisés com um gorro de peles, um *shtreimel*. O judeu culto afirma: o que caracteriza os seguidores do hassidismo é sua crença nos *rebes*. Ele menospreza o que eu lhe conto a respeito da festa dos mortos de Varsóvia. As pessoas só têm ideias muito confusas sobre a existência da alma. Quanto a ele, não quer ouvir falar sobre esse assunto e enfatiza que esses ortodoxos rejeitam as escolas seculares modernas.

Ele parece acreditar que existe uma única solução para a questão judaica e que a questão judaica é apenas uma questão judaica.

Um outro se encontra comigo em minhas andanças. Ele vê nos *rebes*, nos *rebes* milagreiros, gente astuta e os verdadeiros baluartes da ortodoxia. Esses brâmanes se opõem à revogação da sociedade de castas, como sempre, porque isso significa prejuízo financeiro para eles.

Na festa de Simchat Torá,²⁷ ontem, a gente dançava com a Torá pelas ruas do gueto. Sob a lua nova os piedosos se postaram diante das portas, em orações.

E quando atravesso o mercado de peixe e alcanço a rua Esther, tendo passado por uma viela escura, vejo à minha frente uma grande escola de meninos dos ortodoxos,²⁸ um *Talmud-Torá*. Hordas de jovens saem pelo portão. É um edifício muito grande, muito antigo. Dois cachorros saltam, latindo, sobre o caminho que sai do portão. Um menino grita, assustado: “*Mamme! Mamme!*”. Um jovem alto e esguio, com barba ruiva, me conduz. Outros, vestidos com casacos compridos, se juntam a nós. Um homem corpulento de cabelos brancos é, ao que parece, membro do conselho diretor da escola.

27. Simchat Torá é a festa que celebra a conclusão e o reinício do ciclo de leitura da Torá. Realiza-se no nono dia da Festa das Cabanas, Sucot. Em 1924, ocorreu em 21 de outubro, data em que Döblin se encontrava em Lublin.

28. Na rua Esther havia a escola Talmud-Torá e a *ieshevá* Beit Meir.

VIAGEM À POLÔNIA

O velho tem um rosto muito largo, rubicundo, paternal e bem ranzinza. As manchas de cimento e de cal que eles todos têm nos ombros ou nas mangas já não chamam mais minha atenção. Com um ar ao mesmo tempo bonachão e impaciente, ele observa tudo. Às vezes sorri, indiferente, às vezes rosna, irritado. Há décadas que ele conhece bem tudo o que há por aqui. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos do casaco. Devagar ele cruza, à nossa frente, o antigo portal de pedra. E imediatamente percebo: aqui não há nem um sinal daquilo que existe nas escolas ocidentais: imposições, autoridade rígida. As coisas se desenrolam com seriedade, mas de uma outra maneira, natural, patriarcal-familiar. Todas as portas estão fechadas. O velho as abre: "Aqui decerto ainda há alguns alunos". É uma sala de aula.

Sim, uma sala de aula. Sobre um pedestal um jovem com uma longa barba marrom e um barrete na cabeça, junto a uma escrivaninha. À sua frente há um livro aberto. Tem início um diálogo incompreensível para mim entre ele e um jovem que está sentado num banco. Os alunos estão sentados em bancos à volta do professor. Eles não estão só trocando palavras: dialogam cantarolando. Às vezes o menino que está sentado ao lado do outro se intromete. E então o pequeno recomeça a cantarolar. Sentados no último banco há dois homens mais velhos com livros, que ouvem. Sem dizer palavra, subitamente eles me estendem a mão, voltando-se para trás. O velho saiu à minha frente, com seus passos pesados. Eu ainda gostaria de permanecer aqui mais um pouco, mas ele quer ir a outra classe. Nessa outra classe soam cantorias, murmurários, falatório. Novamente um professor está sobre um pedestal e tem a seu lado um menino com um livro. Enquanto isso, os outros quarenta meninos, cuja idade varia entre oito e doze anos, espalham-se sobre os bancos, atrás de seus livros, balançam a parte superior dos seus corpos, alguns de leve, outros impetuosamente, sussurram, falam, cantam, tagarelam. "Eles estão estudando", diz o velho rubicundo, de cima para baixo. Todos levam sobre as cabeças bonitos barretes negros, que brilham como se tivessem sido lustrados. Os cachos

CRACÓVIA

que descem das laterais são muito compridos. Eles se levantam, a aula terminou. Passam por nós correndo em direção à porta.

Muitos caminham com delicadeza e seriedade. Que brilho negro e melancólico há em seus olhos! Entramos, a seguir, em outra classe, onde meninos maiores se debruçam sobre uma passagem do Talmud. As salas de aula são separadas umas das outras apenas por paredes de madeira. Os sussurros, a cantoria, a confusão de vozes e as falas cantadas ressoam da esquerda e da direita. Há mais de novecentos alunos nesta grande e velha construção. Nunca vi uma escola assim.

Vejo ainda mais uma escola de judeus religiosos, moderna, para meninas:²⁹ lá as alunas aprendem assuntos religiosos, mas também a fazer faxina, a costurar, a cuidar da casa. Os religiosos não têm outras preocupações com as meninas.

Sigo pela rua Grodksa até a praça central. O pavilhão do mercado, a igreja de Maria, o crucificado. Tudo isso é simbólico. O crucificado e o *Séfer Ietzirá* num mesmo plano. Mas hesito ao avistar a igreja de Maria, as mulheres cabisbaixas que se aproximam trazendo buquês de rosas. Imagens de santos, incenso — não gosto disso. Voltei meu coração para a poderosa realidade, para o crucificado. E como deixar de registrar aqui o Leviatã, as águas que choram sob as profundezas da terra. Talvez seja preciso lembrá-los aqui, também. Não consigo largar o crucificado. Ele me atrai para junto de si. O justo, o *tzadik*, a coluna sobre a qual o mundo repousa: este é o crucificado, o executado.³⁰ Com

29. Fundada em 1917 por Sara Szenirer em Cracóvia, a escola *Beys Yaakov* ou “Casa de Jacó” foi a primeira instituição religiosa voltada à educação de meninas judias. O projeto começou com 25 alunas em sua sala de costura e, apesar da resistência inicial de setores ortodoxos, recebeu o apoio do movimento Agudat Israel. Em poucos anos, a rede se expandiu por toda a Polônia e, na década de 1930, já contava com centenas de escolas e um centro de formação de professoras em Cracóvia. As escolas *Beys Yaakov* continuam ativas, especialmente em Israel e nos Estados Unidos.

30. Esse paralelo entre o *tzadik* e Cristo também é mencionado por Horodezky, que escreve: “No hassidismo, o *tzadik* ocupa quase o mesmo lugar que Jesus Cristo no cristianismo”. A controvérsia entre Cristo e os fariseus guarda

VIAGEM À POLÔNIA

cores mais intensas, com tonalidades mais incandescentes, como aquelas que se encontram nos vitrais da igreja. Ele, novamente ele. Ele mais forte, mais forte ou diferente, mais combativo. Como um ser humano que se detém e que caminha e outro que é jogado na água e está para se afogar: assim são o justo e o crucificado.

Enquanto passo pelas lojas prosaicas da Grodksa, em meio ao tumulto e à azáfama, vejo os comerciantes, os advogados apressados, os amigos das artes, os estudantes. Eles precisam tratar dos seus assuntos, os comerciantes e os intelectuais. Esse bando traiçoeiro e inseguro dos intelectuais, que eu odeio. As prostitutas do espírito.

Vejo que meu acompanhante tem razão: a menina que havia desaparecido há oito dias foi encontrada. Estava flutuando nas águas do Vístula. Por que ela se suicidou? Segundo disseram, o cadáver estava na água havia só um dia. O que ela ficou fazendo por tanto tempo? A mãe insiste em dizer que ela foi raptada. O cadáver vai ser encaminhado para autópsia.

Essa cidade de Cracóvia, para a qual eu volto depois de passar por igrejas e pelos universos obscuros da *cabala* — ou para a qual não volto — é limpa, bonita, a cidade mais bonita e mais limpa que vi em toda a Polônia. Mas por que estou falando de ruas? Subitamente sinto que estou farto delas. Que mundo é esse! Vejo na praça Central as beldades da Polônia, empoadas e trajando meias claras, os rostos atrevidos, provocantes, picantes. Os corpos recheados. Elas não estão isoladas de mim, ainda que estejam distantes três ou cinco metros: através do ar elas avançam, a luz as traz, todas, para mim. Me lembro de um quadro que vi no museu do pavilhão: um retrato de uma mulher nua.³¹ A cabeça tinha

semelhança com a oposição entre o *tzadik* e os rabinos. Em ambos os casos, tratava-se de figuras que reivindicavam uma mediação direta entre Deus e os fiéis, conferindo menor ênfase à autoridade das Escrituras e às formas institucionais de culto.

³¹. Döblin provavelmente se refere à pintura *Embriaguez em êxtase* (1894), de Władysław Podkowiński. A obra, que retrata uma mulher nua montada em um cavalo, é considerada precursora do Simbolismo na pintura polonesa.

CRACÓVIA

algo de desagradável, mas o corpo estava muito além daquilo que se vê normalmente: era muito bem retratado. A perna esquerda avançava de uma maneira completamente animal. Vi um cavalo com uma pelagem diferente, um tipo mais elevado de cavalo. Essas coisas penetrantes que se vêem em toda parte, nas ruas.

Risos e alegrias, flanar à noite. Os cafés cheios de gente. Gente que sai das confeitarias levando sacolas com doces. Como tudo se consolidou por aqui. Como as pessoas parecem se acalentar em confortos e prazeres, e mal se mexem. Consolidadas. Saciadas. Saciam-se, os deleites as atraem. O crucificado está dependurado em meio a eles todos, porém no interior de uma igreja. Acumularam imagens e objetos coloridos à sua volta.

A vida precisa sempre voltar a ser atiçada e isso é algo que se esquece fácil demais. A vida tende a se tornar pesada e saciada.

Vou andando e a todo instante sou obrigado a me deter. A cada instante me ocorre alguma coisa que não sou capaz de compreender. No tapume de uma obra há um anúncio do filme *Natan, o sábio* e do filme *O conde Cohn*. Daqui a dois dias Henri Marteau³² vai tocar violino. Um velho senhor, careca, de óculos e com uma barba comprida aparece numa fotografia. E abaixo dela: “O famoso intérprete de Chopin”³³

E então uma ideia surge no meu cérebro, que me perseguiu há alguns anos em Wiesbaden, quando vi as pessoas — as doentes tanto quanto as sãs — sentadas diante da capela da cura. As pessoas: há verdadeiras massas delas sepultadas na terra, mortas, deitadas, a dois, a cinco, a dez metros de profundidade, em hordas imensas, verdadeiros exércitos. Estão deitados sob a terra os que

32. Henri Marteau, renomado violinista das décadas de 1910 e 1920, também atuou como compositor e professor universitário em cidades como Berlim, Praga e Dresden.

33. Trata-se do pianista Aleksander Michalowski, que em 7 de novembro de 1924 apresentou no Stary Teatr um concerto em homenagem aos 75 anos da morte de Frédéric Chopin. Professor na Academia de Música de Varsóvia, teve entre seus alunos Władysław Szpilman, cuja história foi narrada por Roman Polanski em *O pianista*.

VIAGEM À POLÔNIA

guerreararam no tempo de Napoleão e antes dele; os que marcharam com Alexandre para a Índia, todos eles. Romanos, César, Tibério e os germânicos de além dos Alpes: todos deitados debaixo da terra. Para eles não há mais Roma nem Germânia. O que há para eles? Assim como para nós, Roma e Germânia, Cracóvia e Berlim não serão nada, um dia. As cores não serão nada. A música. A história da arte. Todo esse barulho será igual a nada. O que significa essa catedral aqui para os milhões de mortos? Ela não é nada. Foi expirada por eles. O mercado, o calçamento — expirados. Há gente que morreu ontem. Gente que costumava passar por aqui todos os dias. Resta algo dos seus olhares nas vitrines. E o que significam, para eles, a praça, a grande igreja? Evaporaram. Para mim, a praça, a rua, ainda significam alguma coisa. Mas é como se agora eu tivesse me afastado delas. Como se estivesse ganhando distância. Como se elas estivessem se afastando de mim. Elas empalidecem. Elas estão longe. Dissolveram-se. Como se eu estivesse morrendo. Morrendo nesse instante. Preciso me fechar em meu quarto. E depois ir à cidade. Só à cidade.

A vitrine de um fotógrafo. Com o queixo apoiado nas costas da mão uma senhora muito bem cuidada está sentada numa poltrona. Está na casa dos vinte anos, vestida com um casaco de noite muito comprido. Seu vestido de brocado branco deixa uma discreta parte dos seios à mostra. Um chapeuzinho provocante esconde boa parte da testa. Ela tem o sorriso opulento de quem sabe muito, um sorriso que lhe aperta os olhos.

Ao lado dela, uma burguesa com um sorriso muito compreensivo. É muito jovem, suas mãos estão cruzadas sobre os joelhos e ela está sentada numa poltrona. Plácida e confiante, ela se entrega ao olhar. Seu rosto, jovem e liso, já tem um ar maternal. É uma pessoa de bom trato, amigável. Preciso me aprumar, entrar na linha.

O nome rua Florian, numa esquina, me agrada. É uma rua estreita. Por ali passeiam estudantes e senhoras modernas. Numa vitrine há uma fotografia de uma mulher feliz, deitada, com seu bebê acomodado sobre o peito. No fim da rua vejo algo que me parece uma igrejinha. É, porém, um antigo portal por onde passa

CRACÓVIA

um bonde. É uma construção quadrada em cujo topo há uma cúpula verde. A ela junta-se, de ambos os lados, um muro: são os remanescentes das velhas muralhas da cidade. Fiacres passam por baixo da cúpula, padres com batinas desleixadas, crianças conduzidas pelas mãos por mulheres. E então estou num grande espaço aberto: uma outra praça. Há canteiros de plantas ao longo do muro. Diante do portão há uma espécie de fortaleza, com orifícios para canos de armas nos muros. Um velho judeu com um nariz colossal e inflamado anda por ali e espia por esses orifícios. Ruas com casas modernas estão se desenvolvendo. O “Banco da Polônia” tem um edifício moderno feito de arenito, horrível. No alto de um andaime veem-se três mulheres rosadas de arenito que justamente estão sendo afixadas na fachada. Se ao menos elas despencassem dali! Tropeço bem no instante em que estou passando para uma rua larga. As guias das calçadas, aqui, têm uma altura que convém a gigantes. E no meio da rua está o Imperador Wilhelm, o primeiro ou o segundo, ou Franz Josef, ou Sibieski. Ele está montado num cavalo, no alto de um pedestal. Certamente há também ali coroas de louros. E quando passo junto à escultura leio a placa que está a seu pé: “Grunwald”.³⁴ Um cavaleiro moribundo despенca do pedestal. Ao que parece, do outro lado há alguém empurrando um arado. Mas o sol me ofusca demais. Nesse mesmo instante um outro cavalo chama minha atenção: uma carroça que leva manteiga está tentando entrar por um portão que fica junto a esse monumento. Mas o aclive entre a entrada do portão e o calçamento da rua é íngreme demais. O pobre cavalo velho cai, ergue-se, volta a cair.

Há na cidade um grande número de soldados, funcionários e estudantes. Cracóvia foi um dia a cabeça da Polônia. Um tempo atrás a situação dos estudantes aqui não era nada boa. Segundo

34. Monumento equestre ao rei Władysław Jagiełło, erguido em comemoração à Batalha de Grunwald (1410), quando o exército lituano-polonês derrotou a Ordem Teutônica, impedindo sua expansão na região. Projetado por Antoni Wiwulski para celebrar os 500 anos da batalha, foi destruído pelos ocupantes alemães em 1939–40. A versão atual, instalada em 1976, é uma réplica do original.

VIAGEM À POLÔNIA

me contam, nos anos que se seguiram à guerra eles andavam maltrapilhos. Muitos deles eram filhos de camponeses pobres, viviam em cômodos apinhados, muitas vezes dormiam a dois em uma só cama. Com o passar do tempo as coisas mudaram. Agora há entre eles gente bem-posta na vida. Frequentemente elegantes, eles dominam a cena. À noite, enquanto caminham pela praça, vejo uma reunião dos jovens estudantes desse país. É uma espécie de corso carnavalesco. Primeiro vêm os músicos. Depois, animais engraçados; emblemas com desenhos futuristas; um jogral. Vejo que eles exigem verbas do governo. Esse corso marca o início de uma semana acadêmica em toda a Polônia. Um grupo da sociedade que exige apoio. Assim são as coisas hoje em dia. Poderiam, igualmente, ser carteiros ou lavadeiras. Mas, nesse caso, tudo seria mais sério. Os jovens estudantes são um dos grupos da sociedade. Por que eles se dão ares tão importantes? A situação dos outros é ainda pior.

Falam-me da Universidade e da vida cultural da cidade. Meio ausente, ouço com prazer. Varsóvia se tornou o grande hidrocéfalo da Polônia. Varsóvia bombeia em sua direção os moradores das províncias. Cracóvia esvaziou-se. Um homem vitupera: "Isso com Varsóvia não pode continuar assim". Essa cidade foi um dia o tesouro da Polônia. A gente emigrava para cá, vindo da zona dominada pelos russos. Quando Piłsudski fugiu de Petersburgo,³⁵ veio para a Galícia austríaca, aqui criou grupos de atiradores, tropas militares, sempre protegido pelos generais austriacos. Os trabalhadores e a juventude socialista o apoiavam.

35. Józef Piłsudski fugiu de um hospital de São Petersburgo em maio de 1901, após ser preso no ano anterior. Em 1908, já como líder do *pps*, organizou na Galícia austríaca a Facção Revolucionária e unidades paramilitares que, em caso de guerra, combateriam a Rússia junto aos austro-húngaros. Piłsudski acreditava que um conflito entre as potências ocupantes — Rússia, Áustria e Alemanha — poderia abrir caminho para a independência da Polônia. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, formou a Primeira Brigada das Legiões Polonesas, que atravessou a fronteira russa em agosto de 1914. Posteriormente, o Comitê Nacional Supremo, criado em Cracóvia sob tutela austríaca, assumiu o controle político e militar das legiões, mas Piłsudski manteve sua liderança até 1916.

CRACÓVIA

Quando teve início a guerra, eles marcharam para além da fronteira na forma de legiões polonesas, mal aparelhadas. Em Cracóvia foi fundado o “Comitê Nacional Polonês Superior”, dirigido por uma excelência austríaca, um professor de Direito, Ladislaus von Jaworski, um seguidor da pseudofilosofia de Vaihinger.

A cidade tem uma história impressionante. Esta Universidade, já na fundação, em 1400, era religiosa,³⁶ e tinha o propósito de combater os cismas russos e consolidar o cristianismo. Quatro faculdades a compunham. A rainha Edviges doou suas joias para financiar sua criação. Mais tarde, o hussitismo surgiu também. Chegaram à Polônia livre verdadeiras massas de refugiados protestantes.³⁷ Existiu um arianismo polonês, um protestantismo. Libertários como Sozin e Garibaldi encontraram asilo aqui.³⁸ E, mais tarde, a reação, como em toda parte: os reis poloneses permaneceram humanos.³⁹ O bispo Hosius da Várnia ensinou, temeroso: “Uma heresia atrai outra heresia e ao final chega-se ao puro ateísmo”. Os jesuítas consolidaram o terreno. Os camponeses, fiéis à antiga religião, e o baixo clero, o povo tranquilo e obtuso, preponderaram sobre os renovadores.

36. A Universidade de Cracóvia foi fundada em 1364 por Casimiro, o Grande, e reorganizada em 1400 com o apoio da rainha Edviges, que destinou seus bens ao projeto. Estruturada em quatro faculdades — artes liberais, medicina, direito e teologia —, tinha o propósito de combater o cisma religioso e consolidar o cristianismo. Em 1406, tornou-se a primeira universidade europeia a criar cátedras de matemática e astronomia, e chegou a incluir a alquimia em seu currículo médico.

37. O Reino da Polônia-Lituânia acolheu diversos grupos perseguidos por motivos religiosos: antitrinitarianos, anabatistas, menonitas e membros da Unidade dos Irmãos. Entre 1565 e 1658 existiu no país a igreja dos Irmãos Poloneses, de orientação antitrinitariana. Após a morte do último rei jaguelônico (1572) e o enfraquecimento do poder central, a Igreja Católica recuperou sua influência, encerrando o período de relativa tolerância.

38. Fausto Sozzini, humanista italiano e representante da doutrina antitrinitariana. Fugindo da Inquisição, estabeleceu-se na Polônia em 1579, onde viveu até sua morte.

39. Referência ao fato de que não adotaram a teoria do direito divino dos reis, fundamento do absolutismo nas cortes europeias do período anterior às revoluções.

VIAGEM À POLÔNIA

Depois de visitar a velha Cracóvia burguesa e o bairro judaico de Kazimierz, quero ir a Podgórze, o subúrbio, para ver o proletariado, a indústria siderúrgica, a indústria química. Deixo para trás a Grodka, a fortaleza e o Hotel Royal, cruzo o bairro de Kazimierz. Uma loja grudada na outra. Leio os nomes dos comércios: "Affenkraut", "Stieglitz", "Vogelfang", "Goldstoff". Rolos de tecidos são descarregados. Há muitas judias ruivas que andam de um lado para o outro. Como são desleixados esses jovens! Não podem barbear-se. Uma penugem negra nasce de suas faces e de seus pescoços. Jovens delgados passam, calçando botas de cano alto. Têm os crânios raspados, mas os longos cachos que lhes descem das orelhas esvoaçam atrás deles. Aos poucos, as lojas vão se tornando mais pobres. As casas parecem totalmente abandonadas. Estou na rua Krakowski. Passo diante de uma velha construção, na qual se encontra uma placa em memória ao rei Casimiro. É uma escola. No mercado, à esquerda, os camponeses retiram palha de carroças e a espalham. Em bancas miseráveis vendem-se frutas e verduras. Pelas travessinhas proletários urbanos e camponeses vão carregando seus fardos em meio a lamentáveis figuras judaicas. Casacos esfarrapados, pavorosos, mulheres desleixadas e, em meio a toda essa miséria, mendigos enfileirados ao longo das paredes. Crianças pálidas. Na estreita rua Józef vejo muita gente. Camponeses e trabalhadores que suspiram sob sacas pesadíssimas. À minha frente, uma menina polonesa esfarrapada. Tem cinco ou seis anos de idade. Calça sapatos esfarrapados, grandes demais para seus pezinhos, e avança cuidadosamente. Suas pernas estão nuas dos joelhos para baixo, um saco esfarrapado lhe serve de vestido, um pano ensebado e rasgado cobre sua cabeleira loira e seus ombros. As ruas são muito sujas. Montes de lixo e de sujeira apodrecem sobre o calçamento. Passei por um mercado de carne e de peixe, depois por um mercado de gansos. Um velho judeu calçando chinelo de feltro caminha estranhamente em meio a camponeses que descem de suas carroças. Seu casaco negro e largo é preso por um cinto. Ele leva seu xale de orações debaixo do braço, numa sacola de veludo verde.

CRACÓVIA

Aqui está o Vístula. O grande e caudaloso Vístula. Suas margens estão bem protegidas por muralhas. As pessoas o temem. Blocos de gelo flutuam na superfície. Vejam! A água já congelou. Já congelou. Já faz, portanto, muito tempo que deixei a minha casa. Em Varsóvia eu ainda podia deixar meu casaco no quarto do hotel. Caminhei por Vilna, por Lemberg. Agora caminho por Podgórze. Vou de cidade em cidade. O que são esses meus caminhos?

Depois de atravessar a ponte vejo um cachorro gordo e pequeno sentado numa vitrine, comendo de um prato. As casas, aqui, térreas ou sobrados, estão completamente decaídas. Há cartazes rasgados colados nas paredes. Devem ser proclamações de diferentes partidos políticos. Os cartazes provocam, excitam. E as pessoas sentem prazer em ser provocadas. Decerto há promessas escritas nesses cartazes, e objetivos a serem alcançados. Depois, uma vez passadas as eleições, as janelas continuam quebradas, o trabalho continua o mesmo, desde o amanhecer até a noite, as pessoas continuam a gemer, como ontem, e como amanhã. Na quarta praça que alcanço dou com uma confusão de bancas e barracas que vendem pães, bolos, bugigangas, verduras. À esquerda e à direita vejo veículos de trabalho. Quero galgar a escadaria e alcançar a igreja vermelha ao fundo da praça, que se parece com a igreja de Maria, com suas torres e com sua coroa. Os mendigos sentados nessa escadaria são esfarrapados num grau incomum. Há mulheres sentadas no frio, cobertas com trapos disformes e com pedaços de calças velhas. Velhas saias balançam sobre seus ombros. Assim elas permanecem imóveis, trêmulas de frio. Não tenho vontade de entrar na igreja.

Sigo por uma longa rua suburbana em meio às pessoas. Duas freiras conduzem um bando de meninas com as cabeças cobertas por boinas negras. Vejo armazéns, casebres, um açougue. Atrás das casas, morros verdes se erguem acima das paredes. Fachadas de fábricas. E através de ruas lamaçantes chego de volta ao Vístula, passando por casas terríveis. Uma grande quantidade de cachorros vaga por ali. Eles farejam os montes de lixo. Ouço gritos que vêm de um porão. Novamente estou junto à muralha

VIAGEM À POLÔNIA

de pedras que mantém o fluxo do rio em seu lugar. À minha esquerda chaminés imensas emanam uma fumaça densa.

E lá embaixo, a água cor de ferro que sussurra.

A face política da cidade.

Há um jornal exclusivo, antigo e conservador, chamado *O Tempo*, que era leal aos austríacos e agora defende a causa do Estado de direito. Há o socialdemocrata *Avante*, a *Voz do Povo*, cristã-social, o *Novo Diário*, órgão do nacionalismo judaico. Nas eleições para o Sejm foram eleitos dois parlamentares de Cracóvia pelo bloco cristão-nacional, os chamados “oito partidos”, um pelos socialistas e um pelos judeus.

Vou à sala de procedimentos de uma clínica pública, em meio às belas e novas instalações da Sociedade Nacional de Saúde Pública, e então vejo um grupo de estudantes que se dirigem à clínica cirúrgica. Eu os acompanho. Há um anfiteatro íngreme com grandes janelas redondas. Lá embaixo, o docente, um professor grisalho vestido com um avental branco, diante de uma mesa branca. Sua barba está bem aparada. Um homem com uma grande hérnia inguinal está deitado sobre a mesa. A cada tanto o professor toca na hérnia e dá explicações. Um jovem trajando um uniforme militar, com o cinturão amarelo atado e uma correia pendurada no ombro direito, permanece diante do professor durante a aula inteira e ouve atentamente. Na parede, embaixo, desenhos de hérnias e ilustrações das diferentes etapas da cirurgia. Suturas. Estudantes, alguns mais jovens, outros mais velhos, seus casacos dependurados nos encostos dos assentos. A sala está lotada. Há estudantes de pé, em círculo, sob a rotunda, no alto. A luz ofuscante e fria do sol brilha no interior do anfiteatro. As blusas vermelhas e roxas das estudantes brilham de maneira agradável em meio ao marrom e ao preto das roupas masculinas. Jovens com cabelos longos penteados para trás se apoiam nos encostos de suas cadeiras, com o olhar entediado. Dois deles conversam, com a boca atrás das mãos espalmadas. Moças de cabelos curtos, animadas, com olhos e cabelos castanhos e expressões atrevidas permanecem sentadas com o queixo

CRACÓVIA

apoiado nas mãos, meio recostadas nos bancos, sonhadoras. O professor fala sem parar. Alguns estudantes apoiam-se nos braços abertos, outros cochilam tranquilamente, reclinados. Outros, ainda, observam a rotunda no alto ou rabiscam sobre a mesa.

Quando desço dou com um jovem aleijado urinando junto à porta. As pessoas ralham com ele e lhe dizem que ele deveria ir para a clínica de olhos, que é o lugar que lhe convém.

Visito estudantes que estão se preparando para os exames finais. Todos são pessimistas com relação ao exercício das suas profissões no futuro — os tempos em que vivemos! Outros, porém, dizem que visitam as igrejas e os conventos poloneses, que viajam à Itália, que escrevem livros e revistas. Como entre nós — e também em Paris, em Londres e em toda parte.

A face objetiva do movimento moderno: tudo gravita em torno dos institutos, dos avanços, das posições melhores. E eles, os jovens, são os operários desqualificados. Às vezes eles sentem isso, intuem algo. Já sei há muito tempo que a juventude não é revolucionária. Ela é apenas selvagem. Como se estivesse obedecendo a uma lei da natureza, ela repete a infância da humanidade. A querida Pátria pode permanecer tranquila.⁴⁰

Diante do prédio do correio central, pergunto a um policial onde fica determinada rua. Ele me conduz até lá, gentilmente, arranhando umas palavras em alemão. Cruzamos o calçamento: Aqui à direita. Depois — ele procura — mais uma vez à direita e à direita. E então [ele estende seu braço esquerdo] à esquerda, e então [seu rosto se retorce num sorriso, ele o estende para a frente, para junto do meu], então mais uma vez à esquerda [ele começa a rir sonoramente. Eu o acompanho].

40. No original, o verso “Lieb Vaterland, kannst ruhig sein” é retirado da canção patriótica *Die Wacht am Rhein* [A guarda do Reno], composta no século XIX e mais tarde apropriada tanto na Primeira Guerra quanto pelo regime nazista, sobretudo como resposta à perda dos territórios renanos. No romance de Döblin, *Berlin Alexanderplatz* (1929), o protagonista Franz Biberkopf entoa esse canto logo ao sair da prisão, quando encontra um judeu tradicional em Berlim, sinal da tensão entre nacionalismo e alteridade que atravessa a obra.

VIAGEM À POLÔNIA

Diante de um portão, junto a uma coluna, dou com um mendigo velho e esfarrapado. Seu chapéu está preso entre os joelhos enquanto ele dá colheradas num prato de metal com batatas amassadas. Junto à outra coluna está uma menina pequena, pálida, ela também em farrapos. É a filha dele, que lhe trouxe o prato e o observa com seus grandes olhos castanhos, com seus grandes olhos fundos. Ela acompanha, paralisada, cada um dos gestos do homem que come.

A autópsia da menina de dezoito anos a respeito da qual meu guia pelo bairro judaico tinha me contado identificou ferimentos graves, estupro, morte há um dia. Ela foi raptada, abusada, assassinada e então lançada à água.

A filha de dezesseis anos de um médico se perdeu. Ficou desaparecida por quatro dias. Foi encontrada na rua, violentada, alucinada, enlouquecida.

A mulher com o rosto desagradável no museu de arte: a carne, os movimentos animais dos ossos, o cavalo coberto de pele humana! Os rostos penetrantes! O animal que morde, o animal furioso, o animal que rema, o animal que uiva de dor!

Domingo de manhã: são dez horas. As pessoas flanam sob o brilho da luz do sol. E então uma bandeira vermelha como sangue vem surgindo, atravessando a praça, dos lados da igreja.⁴¹ Sua ponta se eleva, muito alta, acima da praça. Os homens levam

41. Döblin presenciou a manifestação em memória dos trabalhadores mortos durante a greve geral de 1923, quando protestavam contra o aumento dos preços e a política do governo. No dia 6 de novembro daquele ano, confrontos armados irromperam na rua Dunajewskiego entre policiais, militares e grevistas, que haviam conseguido armas ao desarmar soldados. Mais de trinta pessoas perderam a vida de ambos os lados. Após o cessar-fogo, o governo prometeu atender às reivindicações. Um ano depois, em 9 de novembro de 1924, o PPS organizou uma marcha em homenagem aos operários assassinados: o cortejo saiu do centro sindical da rua Dunajewskiego e seguiu até o cemitério de Rakowicki, onde foi inaugurado um memorial. Poucos dias antes, em 6 de novembro de 1924, o Estado havia homenageado os soldados e oficiais mortos em 1923, com três cerimônias religiosas, entre elas uma missa na igreja de Santa Maria, seguida da inauguração de um monumento em Rakowicki.

CRACÓVIA

faixas com inscrições. Há também mulheres, moças e crianças no cortejo, que atravessou a praça muito tranquilamente, com boas maneiras. São quatrocentas ou quinhentas pessoas que vão em direção aos canteiros. E então desaparecem. O sol brilha, branco. As damas e os cavalheiros passeiam. Passado um tempo, me afasto da luz do sol e saio em busca da travessa pela qual eles desapareceram. Passo pelos canteiros, pela rua Dunajewki. Eles estão ali, em massa, junto à sede do sindicato na rua Dunajewki. Faz frio. Empregados de fábricas com bandeiras vermelhas em punho. Grandes coroas de flores com cartazes: “Às vítimas”, “Aos mortos”. Bandas de música se juntam à multidão, marchando. Funcionários das estradas de ferro com suas boinas azuis. Operárias com cravos vermelhos. Uniões com estandartes. Há um ano houve uma greve geral nessa cidade. Havia inflação. Os funcionários subalternos das ferrovias exigiam aumentos salariais. Seu pedido foi recusado e eles entraram em greve. O governo militarizou as estradas de ferro e revogou os direitos do sindicato dos ferroviários. Em seguida, o operariado entrou em greve de solidariedade. O governo tentou acabar com a greve por meio da violência. Houve uma batalha. Os trabalhadores se abrigaram no prédio da central sindical. O exército e a polícia impediram o acesso. Os operários, armados, começaram a atirar na cavalaria que estava na vanguarda das tropas. Houve baixas numerosas de ambas as partes. Ao meio-dia, trégua e, em seguida, o encerramento pacífico do assunto. A ação brutal do governo não foi vista com bons olhos pela população. A ação dos operários foi considerada pacífica e a reação a eles, digna dos russos. Sessenta operários foram levados aos tribunais por causa desse incidente — e foram absolvidos. Dez mil pessoas participaram dos funerais dos operários mortos, mas nenhum sacerdote. O governo e o clero só participaram dos funerais dos soldados mortos. Era o dia 6 de novembro. Nesse dia, vi um sarcófago coberto de flores no altar da igreja de Maria. A seu lado havia um estandarte muito alto, cheio de largas faixas amarelas. Ao entardecer um pelotão de cavalaria veio cavalgando através da praça:

VIAGEM À POLÔNIA

cavaleiros em fileiras de quatro, montados em cavalos altos e fortes, com suas armas às costas e suas lanças enfeitadas com bandeirolas. Uma visão assustadora. Agora, porém, os outros marcham, aos milhares, aqui pela rua Dunajewski, em direção ao cemitério. Suas bandeiras vermelhas tremulam!

As bandeiras vermelhas! De todas as bandeiras que existem, essas são as mais decididas. Eu as comprehendo perfeitamente. Agora não me sinto desorientado na cidade da igreja de Maria e dos *tzadikim*, os justos. A bandeira sangrenta e vermelha. A gente oprimida, os prisioneiros das máquinas. E os partidários da ordem, que paralisam o mundo em seu bem-estar, que buscam ordem para seus olhos.

O mundo em ordem e, sobre ele, as bandeiras sangrentas.

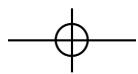
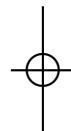
Tumulto, ao anoitecer, na estação ferroviária. Não perdi nada aqui. Ainda assim, já estou pela segunda vez nesta estação e então me dou conta de que a minha hora está chegando. A multidão entope os corredores e se acotovela nas salas de espera da terceira classe. Nos corredores há patrulhas policiais. Um dos policiais escolta um presidiário vestido de marrom com a baioneta em punho. O presidiário ri, com seu rosto jovem, ao entrar na sala de espera. Protege o peito com as mãos algemadas, como se estivesse sentindo frio. Dentro da sala, em meio à multidão que se apinha em torno do balcão do bar, ele logo dirige a palavra a uma jovem. Ambos riem. Ela coloca um pãozinho sobre a mesa para ele. O presidiário se senta sobre o banco, junto à parede, bem-disposto, olhando para todos, aperta-se no canto, o policial a seu lado. Gente se reúne em volta da mesa e conversa com o presidiário. Um homem lhe oferece um cigarro. Com grande cautela, o presidiário apanha um, empurra para frente suas mãos juntas, tenta esconder as algemas. O homem lhe oferece fogo. O policial vai buscar uma salsicha para si.

Um jovem com um ar sombrio entra pela porta acompanhado de uma mulher jovem e de duas meninas pequenas muito asseadas e envoltas por grossos agasalhos. Eles olham sobre os bancos por um instante. O homem, aborrecido, com a testa

CRACÓVIA

franzida, se senta sobre uma grande trouxa. A mulher, a seu lado, pega uma das filhas no colo enquanto a outra observa a sala esfumaçada com o dedo enfiado na boca.

Em volta das colunas, na parte central da sala, há operários de rostos rechonchudos e saudáveis, mulheres e meninas com as cabeças cobertas por lenços de cabeça ou com xales sobre os ombros. Algumas delas são tão jovens e bonitas! Duas operárias cochicham e então se lançam sobre uma terceira, que acaba de chegar, seguram suas mãos, soltam gritos estridentes, gargalham: acabaram de passar por alguma coisa. A recém-chegada grita também. Operárias jovens, de dezesseis a dezoito anos de idade, se reúnem em círculo. Atrás delas há jovens muito altos e esguios com boinas na cabeça, que provocam as moças. Elas reagem. Eles se empurram — as moças e os rapazes — pelas costas. Por fim, duas moças acompanham o grupo dos homens até a porta que dá para a plataforma do trem. E um dos rapazes pega, sem qualquer constrangimento, os seios de uma e depois também os da outra. A primeira se afasta, a outra o deixa fazer o que ele quer, sorrindo, imóvel. E quando elas estão indo embora, uma atrás da outra, um garoto ainda agarra os cabelos delas, por sob o lenço de cabeça, uma de cada vez, e as detém por um instante. E cada uma delas se detém por um instante, mas permanece com o rosto inalterado, com a cabeça imóvel. E, depois, segue adiante, depressa.



Zakopane

Já passei tempo demais em Cracóvia. Por fim, chegou o momento em que já se conhece tudo o que se pode alcançar e ou bem a pessoa vai embora, ou bem se rende e se habitua à vida local. Então embarco numa carroça. Tem início o martírio da despedida de uma cidade: não se trata da dor da separação, mas sim da luta contra os funcionários do hotel, contra o atrevimento das gorjetas obrigatórias, dos tributos devidos às pessoas subalternas. Eu, um homem livre, sou subitamente condenado e entregue às mãos de criaturas quaisquer. O ódio que sinto no encontro com essas pessoas me perturba a cada véspera de viagem. Em Varsóvia minha camareira mandou dizer, por meio de um polonês que veio me visitar — ela já tinha me advertido com gestos secretos das mãos —, que é costume pagar a gorjeta semanalmente. É costume pagar. Um servente no mesmo hotel, que de manhã lustrava meus sapatos porque seu colega dessa fileira de quartos tinha me esquecido, balançou a cabeça enquanto olhava para a palma de sua mão quando eu lhe dei cinquenta *groschen*. Ficou parado, mudo, e só foi embora depois que eu lhe dei mais cinquenta. Em Lemberg, o serviçal do meu quarto, que tinha levado minha mala para baixo, não largava do meu fiacre. Enfiou a mão ameaçadora na carroça, dizendo: “É muito pouco, é muito pouco”. Para levar a mala para baixo ele tinha recebido mais do que um outro teria recebido se a tivesse levado duas vezes até a estação de trens.

Agora, em Cracóvia, ao amanhecer, desço pela escadaria do hotel com uma expressão sombria. Foi bom me hospedar aqui. Mas, a partir de agora, já não sou mais hóspede. Fui expulso. Sou obrigado a passar por um corredor polonês. É curioso ver

VIAGEM À POLÔNIA

como a notícia da partida de um hóspede se espalha em meio aos funcionários do hotel. Ontem à noite eu tinha informado o porteiro da noite e hoje o hotel inteiro já está informado. Bando de assaltantes. O sistema de sinais de fogo concebido por Agamemnon depois da queda de Troia não é nada em comparação com o que se passa aqui. Normalmente quando passo pelas escadas — elas estão limpas e bem atapetadas — não encontro ninguém. Se houvesse alguém limpando o chão, essa pessoa não se ergueria nem abriria caminho para mim. Agora, porém, todos os caminhos estão sitiados. Com certeza ele está vindo por esse caminho vazio. Todas aquelas pessoas de cuja existência eu apenas suspeitava enquanto estava hospedado no hotel agora encontram-se ali, para advertir-me: serventes, camareiras, garçons. Cada qual tem seu sinal sonoro particular. Minha partida é como se fosse um alarme geral. Antes eles se movimentavam, inofensivos, em algum lugar. Se usavam aventais brancos, eram camareiras. Se verdes, serventes. Se tiravam louça suja de algum quarto — não do meu — e ao fazê-lo flertavam com a faxineira, então eram os distintos garçons, com seus fraques negros impecáveis, descendo, ágeis, pelas escadarias. Agora, porém, tenho que lutar para cruzar suas fileiras. Pagar as taxas de saída. Os pedágios. Ainda bebo um copo da água desse hotel, que amaldiçoo, e então abro minha porta e começo a deslizar, inaudível, pelo tapete do corredor.

Santo Shiva, que mal pode me ocorrer? De um jeito ou de outro vou conseguir escapar. Dentro de meia hora — parece inimaginável — estarei sentado no trem em alta velocidade, viajando para Zakopane. Dentro de meia hora o que me aguarda agora já estará bem longe. E então brilha o clarão da primeira saudação, o primeiro tiro: “Bom dia!” e logo o segundo. Como são amigáveis essas mulheres traiçoeiras, como são capazes de parar de limpar o tapete justamente no instante em que eu preciso passar! Elas se erguem, soridentes. Sorriem cheias de esperanças, as mulheres. Conheço esses sorrisos. É o disfarce que elas usam para ocultar as próprias más intenções. Elas se lançam ao ataque. Já soaram os sinais de guerra. Se não consigo manter meu próprio sorriso,

ZAKOPANE

sofro a agressão: movimentos de desprezo com a boca, injúrias, cuja antecipação me faz estremecer. Pergunto: “Quem de vocês era responsável pelo quarto que eu ocupei?”. Há uma que está junto de mim, que abre um sorriso e se aproxima, conforme previsto no ritual. Deixou a vassoura de lado para ficar com a mão livre. É uma pena que a vassoura não esteja na sua cara, para acabar com esse sorriso maldito. Ela recebe uma nota, examina-a — passei no exame! Ela balança a cabeça afirmativamente, a ladra. Seus olhos brilham. Em polonês ela expressa seus sentimentos transbordantes. A outra também balança a cabeça. Ficaram com a minha bolsa, mas minha vida foi salva. Meu quarto fica no segundo andar. Faltam mais dois lances de escadas. Os caminhos parecem desimpedidos. Já sei que a barreira principal fica lá embaixo. Lá os assaltantes montam barricadas, ligadas ao meu quarto por sinais sonoros, que o hotel estabeleceu sob o discreto nome de “serviços”. É lá embaixo que eles vão montar suas barreiras, dificultando cada um dos meus passos, deixando armadilhas no meu caminho até a porta, até a carroça.

Peço minha conta ao porteiro. Ele fareja, maligno: “Já já vai estar pronta!”. Aguardo. A cada tanto ele me mede com seu olhar inquisitivo, avaliando a mim, ao condenado. Ele fuma, assovia, chama um ajudante, sem nenhum constrangimento. Percebo que, no saguão, há mais gente que parece pronta para o ataque, andando, atenta, de tocaia, de um lado para outro, do que de costume. O saguão está lotado, até a porta — uma porta giratória com quatro divisões. Junto a ela há dois rapazes. Já prevejo que um deles vai fazer um movimento e então vou passar para um dos compartimentos da porta giratória. E, então, o outro fará o segundo movimento. Antes disso, cada um deles vai tirar o quepe da cabeça e estender a mão. Se o que eu lhes der não lhes agradar, eles vão me deixar preso no interior da porta giratória, vão se pôr a tomar café no saguão e vão dizer que mais tarde vão chamar um chaveiro. Que agora o chaveiro está dormindo. Na verdade, o hotel é generoso: podia, igualmente, colocar quatro rapazes à porta. Provavelmente os outros dois agora estão justo

VIAGEM À POLÔNIA

dante de uma outra porta, atacando outro desafortunado como eu. Subitamente o porteiro chama: “A conta está pronta, com a camareira, do outro lado”. Como é possível? Com a camareira? Acabei de passar por ela! Foi minha primeira tentativa de romper as fileiras inimigas. Será que aquele aborto da natureza vai aparecer de novo aqui, e voltar a sorrir? Atônito e desconfiado, me aproximo do recinto do outro lado. Lá encontro uma pessoa idosa à mesa, com papéis. Penso: onde está a camareira? A pessoa se dirige a mim numa língua que aparentemente é chamada de alemão na Polônia, mas que na Alemanha necessariamente seria chamada de polonês. Ela diz — e eu me sinto atordoado, sinto que estou prestes a desmaiar — que é a camareira. Ela mesma. A camareira designada para cuidar do meu quarto no segundo andar. Ela, inteiramente ela. Tento organizar meus pensamentos:

- Como é que a senhora desceu a escadaria? E, por outro lado...
- Por outro lado o quê?
- Por outro lado, sua aparência, ainda agora, era completamente diferente. Lá em cima. A senhora era mais jovem. A senhora estava com a vassoura diante do rosto, na mão.
- Eu, uma vassoura?
- Sim, a senhora se transformou. Como é que a senhora subitamente envelheceu tanto? O que se passa aqui? O que está acontecendo? Como é que a senhora desceu a escada? O que aconteceu com a senhora no caminho de lá até aqui? E, além disso, o que a senhora quer de mim? Lá em cima eu já...

E então a porta se abre, a moça de antes olha para dentro por um instante, e imediatamente volta a recuar. Recupero a compostura. “Ah, então é isso! Um ataque inesperado!” Sou possuído pelo ódio. “Essa é a camareira. Não a senhora. A senhora não envelheceu coisa nenhuma; a senhora só estava aqui, à espreita. A senhora já era velha antes. Muito velha. A senhora conhece bem as astúcias da sua profissão.” Apiedada, a mulher diz algumas palavras, chama o porteiro, que olhando para mim da porta, com um rigor inquisitorial, triunfa sobre mim: ela é a minha camareira. E então ele cruza os braços, um sobre o outro,

ZAKOPANE

e permanece imóvel, no limiar da porta, como se fosse Napoleão em pessoa. Ele e a mulher trocam olhares. O que estarão tramando? Estou completamente sozinho. Será que eu deveria saltar pela janela? Em Berlim existem o corpo de bombeiros e o comando de resgate da polícia. Ontem já me informei: daqui é impossível telefonar para Berlim. Só em Katowice é possível fazê-lo. Será que eu deveria cavalgar até Katowice para alertar o comando de resgate? Quando me dou conta de que não há nada a fazer, minha fúria se agrava. Toma conta de mim. A tal ponto que me sinto capaz de fazer alguma coisa. Exijo a minha conta. Começo a falar alto. Muito alto. Começo a berrar. São gritos de desespero, trajados com as vestimentas do ódio. Só o que exijo é a minha conta e a metamorfose da camareira, o súbito envelhecimento da camareira, e também a duplicidade de camareiras nesse hotel — nada disso me interessa. Não sou um seguidor da teosofia. Pago. Grito. Minha carteira gorda surge do bolso do meu casaco, intumescida de bônçãos. Na cara do porteiro e da mulher, exibo meu dinheiro sem qualquer constrangimento. Tenho quantias fabulosas de dinheiro. Tenho, também, dólares. Eles ousam sorrir por um instante. Mas eu lanço o dinheiro que devo com tanta fúria que o edifício inteiro estremece, fazendo com que os hóspedes caiam de suas camas, as portas se abram e gemidos de dor ressoem por todos os andares. E desfiro mais um golpe. As vidraças arrebentadas despencam sobre a rua. O elevador se alça. A mulher entra em pânico com essas explosões. Até eu mesmo me assusto comigo. É agradável sentir-se furioso. A dentadura dela escorregou na boca enquanto ela me observava. Deixo o aposento, acenando com a conta como se fosse um troféu. O servente me recebe trêmulo, à porta, com minha mala. Os rapazes estão perplexos. A porta giratória gira por si só. Estou sentado na carroça. As costas do cocheiro estão diante de mim. Tenho certeza de que vou triunfar sobre ele também.

Disseram-me que esta não é a época certa para viajar a Zakopane. Sempre é a época certa para viajar a Zakopane. Sempre é a época certa para qualquer coisa. A natureza está presente na

VIAGEM À POLÔNIA

chuva, na neblina, na neve e no granizo tanto quanto na luz e no calor. Uma galinha é uma galinha, quando está saudável e também quando está doente. A beleza normal desperta em mim dores de cabeça e a doença do sono. O que vejo agora amadureceu durante a noite. Os campos tosados depois da colheita parecem malhados. Viajo com uma mala de mão pequena e com minha pasta amarela. Meu digno baú de viagem, aquele monstro verde, que me proporcionou alegrias, mas também me causou ardor e sofrimento ao coração, eu o afastei de mim: comprei-lhe um bilhete de viagem. Eu o despachei para Danzig, para a tristeza de todos os carregadores que, ao longo da minha viagem, se atiravam vorazmente sobre ele, não para apanhá-lo, mas para apanhar a mim. Ele vai esperar por mim em Danzig, vou saudá-lo por sobre a cancela e então viajaremos, juntos e em perfeita harmonia, para casa.

Como estão nuas todas as copas das árvores e todos os arbustos! Os galhos se alçam, negros, no ar. As árvores parecem esqueletos, deixam o gelo dissolver-se lentamente e em silêncio sobre seus galhos vergados. Elas voltam sempre a surgir, aos bandos, sobre as fileiras de montanhas azuladas. São obrigadas a congelar, mas são astutas: antes, occultam suas forças em seu interior, dão-se a aparência de mortas. O que se vê lá no alto são apenas moradas de verão desertas. Casinhas pintadas de azul-celeste passam, em extensos planaltos, todas de madeira, com telhados antigos e baixos. Tenho a impressão de que os morros e as montanhas vão ficando mais altos. Surgem, com uma tonalidade sombria de azul, com vastas manchas amarelas. Agora, vejo uma floresta de pinheiros que desce em linha reta, de uma elevação. Telhados de telhas vermelhas emanam uma luz estranha. As paredes são azuis. O trem avança em meio a florestas desfolhadas, que se parecem a um só grito com suas centenas de galhos voltados para o alto. Uma súplica ansiosa, selvagem, negra. Há corvos confortavelmente sentados nos galhos. Eles vão subindo cada vez mais alto, tropeçando, e depois se lançam ao solo, pesados. Uma montanha negra, coberta de pinheiros, aproxima-se mais e mais e agora parece estar tão próxima que

ZAKOPANE

sou capaz de distinguir cada uma das suas árvores. Em meio aos pinheiros há também árvores com a folhagem totalmente vermelha. Através do ar muito branco enxergo os diferentes graus de profundidade da floresta, que me parece surpreendentemente plástica e espaçosa. Admiro-me com as perspectivas: como os galhos vão se tornando cada vez menores e cada vez menores, arredondados, enfileirados um depois do outro até as profundezas. Um teatro estereoscópico. E isso é apenas o começo.

Sou eu que desperto ou é a paisagem que desperta? Ela parece movimentar-se mais. Campos tosados surgem sobre os morros e nas encostas das montanhas, que vão se tornando cada vez mais íngremes. Todas as cores emergem, com uma delicadeza singular: relva verde ou musgos em meio ao marrom avermelhado dos campos tosados, tudo coberto pela branura da geada. Que perfume emana essa branura! Às vezes o vermelho predomina nos campos e às suas bordas, às vezes um verde profundo. O vapor branco que paira sobre essas cores as torna ainda mais interessantes, pois ora elas se intensificam, ora se atenuam, desaparecem, voltam a surgir. A geada faz com que a terra nua, os musgos, a relva e os campos tosados se transformem numa só coisa, impõe-lhe nuances.

Como os blocos negros das montanhas sempre voltam a se erguer, com seus telhados vermelhos, com suas igrejas! Há vales que se desvelam. Um lago: suas bordas estão brancas, como se houvesse ali sal cristalizado, vindo do seu interior. Trata-se, porém, de gelo: uma cratera negra e morta. A paisagem se transforma com tanta rapidez. Admirável. Tenho que me restringir a um só olhar. Uma encosta repleta de grossas folhas de um vermelho intenso. O céu está cinza, como se estivesse carregado de neve. Mais à frente tudo está mergulhado em um branco acinzentado e ofuscante. E à direita e à esquerda dos blocos de montanhas negro-azulados, extensos retângulos de campos de cultivo lambem as encostas. Acima deles, as chamas avermelhadas das árvores e dos arbustos. Não sei o que há comigo, não sei por que observo essas encostas que, a cada poucos minutos, se aproximam de mim e logo ficam para trás, com tão profunda

VIAGEM À POLÔNIA

atenção e com tanta intensidade. A tridimensionalidade plástica e corpórea dos galhos, dos tocos que permanecem depois da colheita e dos arbustos é tão claramente visível. Senti o mesmo, agora há pouco, enquanto estava observando os pinheiros. Parecem tão cheios de vida, um junto ao outro, nas baixadas e nos vales. Em toda parte, há espaço. Em toda parte, há algo que ocupa o espaço e o divide. Divide-o. Organiza-o. E então o pinta com cores e se move ao vento. Há um grande segredo nessas coisas que surgem nas encostas e ostentam seus galhos e seus tocos. Uma intimidade fina e singular. Mais tarde, tenho a impressão de que, nesses instantes, toquei na alma dos espaços.

Já estou viajando há duas horas. Parece muito mais tempo. Há apenas três horas eu estava no saguão do hotel. Passamos correndo por pequenas aldeias esfumaçadas, cobertas de branco. Avançamos rápido pelas encostas, passamos raspando por uma cerca de pinheiros. Um rio escuro corre no fundo do vale, surgem pequenos córregos congelados, densamente cobertos por arbustos. E então vejo homens que saem de uma casa solitária. Vestindo grossos casacos marrons e gorros altos, negros, eles se dirigem ao campo de cultivo que há atrás da casa e balançam suas bengalas no ar enquanto conversam. Sob a geada, o campo brilha, num maravilhoso tom de verde-claro. Cavalinhos negros avançam pelos caminhos puxando carroças de madeira. Tudo parece dissolver-se no verde profundo que as montanhas, com suas sombras azuladas e com o vermelho alaranjado e luminoso das copas das árvores, projetam aqui.

Por muito tempo os contornos dessa paisagem acalentam a minha vista. É uma paisagem pálida e congelada e sou capaz de enxergá-la até mesmo através das minhas pálpebras fechadas. As menores criaturas são cuidadosamente desenhadas pela geada, com uma fineza comovente. Jordanów é o nome dessa estação. Agora um rastro de sol atravessa as nuvens e brilha à minha direita: um brilho alvo, frio, ofuscante. Já antes eu tinha percebido a presença do sol. Os contornos das flores de gelo na janela do vagão se tornaram enevoados. Seus fios se fundiram, elas se

ZAKOPANE

distorceram: bem ali onde surgira uma pétala, com contornos ousados, agora ela goteja. Que força grandiosa e terrível a do sol, lá longe, em meio às nuvens, quase invisível! O sol surge, as flores morrem, eu me alegra com ele. Como é confusa a vida! Gostaria muito de ver aquele que é capaz de reconhecer uma ordem em meio a tudo isso. O dia se torna cada vez mais claro. Agora o céu se torna azul. Quanto mais eu subo, mais vejo neve depositada nas árvores. Uma estranha fraternidade negra se reúne nas montanhas. Pinheiros negros, colossais. Vestem mantos brancos. Estão postados lá no alto e lançam seus sermões sobre o vale.

Entrego minha mala e minha pasta. Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco vou andando devagar pela plataforma, em direção à saída da estação. A gente embarca em carroças. Eu, porém, tenho tempo de sobra. Me detengo e reflito: para que lado devo ir? Onde se encontra a cidadezinha de Zakopane? Já tem gente que percebeu a minha presença. Meninos, entre oito e doze anos. Moleques safados e esfarrapados. Primeiro são quatro. Logo são seis e sete. Juntam-se no caminho que sai da estação e se põem a me seguir. Subitamente, um deles se põe ao meu lado e começa a falar. Os outros se põem à minha volta, olham para a minha boca. Eu rio. Sei bem o que eles querem. São emissários de pequenos locadores de acomodações. Mas eu quero olhar o lugar tranquilamente. Rio, balanço a cabeça, digo meu “*Niemitz, nie rosumiem*”¹. Sigo em frente. Eles discutem entre si e de repente estão outra vez no meu encalço. Detenho-me. Eles também. Parece haver uma dependência física entre nós. Temos cargas elétricas opostas. Este bando, porém, não me agrada. Quero seguir adiante, sozinho. Vitupero em alemão, faço uma cara internacionalmente brava, atravesso a rua. Eles estão do outro lado também. Ao diabo com eles! Será que tenho algo comigo, algo que os faz correr atrás de mim? Esse tipo de companhia é muito comprometedor. Eles avançam pelo calçamento. Há árvores ao longo do caminho, uma longa alameda.

1. Em português, “eu sou alemão, não entendo”.

VIAGEM À POLÔNIA

Vou descer por ela até alcançar a cidadezinha. Os meninos continuam no meu encalço. Dou alguns passos fazendo como se eles não me incomodassem. Depois me volto e berro. O tom dos meus berros também é de uma clareza internacional. Eles dizem algo, oferecem-me novamente seus alojamentos de hóspedes, seus pardieiros. Onde há um policial? Fica-se, aqui, à mercê dessa gentalha? Um homem vem descendo pela alameda. Ele me vê, ouve meus gritos, me dirige a palavra, em alemão. O que está acontecendo? Os moleques não me deixam em paz. Eles me perseguem. Por favor tenha a gentileza de dizer a eles para irem embora daqui. Não desejo a ajuda deles. Ele fala com eles e responde que eles têm um alojamento bom e barato perto daqui. Evidentemente estou à procura de alojamento. Por que não vou dar uma olhada? Não estou procurando alojamento algum. Não estou procurando coisa nenhuma. E menos ainda alguma coisa que eles possam ter para me oferecer. Estou simplesmente passeando, não estou à procura de nada. É só isto o que eu quero. Ele não comprehende nada. Eu insisto: sou um seguidor férreo de Goethe. Na Polônia posso sê-lo sem chamar a atenção de ninguém. Agora estou passeando em direção à aldeia. “Em direção à aldeia? Este caminho não leva à aldeia!” “O quê? Onde está a aldeia?” E então, como se tivesse caído do céu, surge uma moça na qual eu já tinha reparado na estação de trens, ao lado do senhor. Na estação, ela estava fixando os passantes com o olhar. O senhor me diz que essa moça estava ali para me guiar. Ela está disposta a me guiar em direção à aldeia, se eu quiser ir para lá, e também pode me mostrar um hotel ou uma pensão. Ninguém, aqui, me deixa em paz. Por que, por qual motivo e para que ela quer me guiar? Por que não me deixam passear sob as árvores frias e silenciosas? Por que não me deixam recitar a poesia lírica alemã, aprovada pelo Estado? O senhor pergunta, enquanto os meninos espreitam: se eu quero ir para a aldeia em companhia da moça. Ela conhece vários bons alojamentos. O papel que represento é ridículo: estou me expondo ao ridículo ao falar de Goethe. Nos montes Tatra ninguém comprehende Goethe. De

ZAKOPANE

qualquer maneira, tenho que me livrar desses moleques. Peço ao senhor para perguntar à moça polonesa se, em nome de Deus, esse alojamento que ela tem para oferecer é de fato um alojamento decente, e se ele ou ela o conhecem pessoalmente. Depois de falar um pouco de polonês, ele me responde que conhece bem o estabelecimento, que é uma pensão agradável. As pessoas, aqui, todas passam por dificuldades nessa época infeliz do ano e é por esse motivo que eles mandam gente procurar hóspedes na rua. "Muito bem", decido. "Vou acompanhá-la. Muito obrigado. E, por favor, senhorita, espante esses moleques daqui." Ela entende um pouco de alemão. O senhor se despede. Os meninos fogem dos insultos atravessando o asfalto e xingando do outro lado da rua. Sigo adiante com a moça, mas só damos alguns passos em direção à cidade. E então ela tem uma ideia: ela tem uma tia que fala bem alemão. Ela mesma mora na casa dessa tia. Seria melhor para mim se ela me levasse para lá. Estou atônito. Se você tem uma tia, mande minhas lembranças a ela. A tia em cuja casa ela mora. Na Alemanha tias são figuras duvidosas. Pertencem ao campo da mitologia. A crítica bíblica avançada deixou a crença nas tias severamente combalida. Será que devo seguir com ela até a casa da tia? Ela diz que não é longe. Os moleques desapareceram. Agora, chegou a vez da tia. O tempo me parece muito bonito, a alameda, muito agradável. Os garotos negros e desnudos me alegram. Por que não ir ver essa tia, se a casa dela fica aqui perto? Sinto-me forte e rejuvenescido. Fazemos meia-volta. A aldeia fica às nossas costas.

Essa que me conduz, porém, é Niusua, Nyuscha. Aqui começa o capítulo de Zakopane.

Ela leva o chapéu afundado sobre a cabeça. A parte de sua cabeleira que está à mostra é amarela como palha. Ela veste uma jaqueta preta, muito simples. Tem altura mediana. Seus sapatos não são nada elegantes. Suas mãos vão escondidas nos bolsos do casaco, diante do peito. Suas mãos parecem muito confiáveis. Estão envoltas por luvas comuns feitas de algodão marrom, rasgadas. Durante a maior parte do tempo, ela segue

VIAGEM À POLÔNIA

à minha frente pelo caminho lamaçento e, a cada tanto, tenta me consolar: já estamos chegando! Talvez tenha vinte anos de idade. Seu corpo é forte, mais de camponesa do que de moça da cidade. Seus quadris são fortes e bem desenvolvidos. Nossa conversação se interrompe a cada pouco porque lhe faltam as palavras em alemão. Por fim, alcançamos uma casa simples, de madeira, com uma varanda. Atravessamos o quintal. Ela troca algumas palavras com um homem. Estou num corredor grande e escuro cheirando a comida. A moça apanha uma chave. E então abre uma porta, à direita. Entramos num aposento grande e bem iluminado. Este deve ser meu quarto. Ela pergunta se me agrada. E pede desculpas, dizendo que já vai chamar a tia.

Quando vejo esse aposento, me sinto suavemente atraído e já sei que vou ficar aqui. Junto à janela há um verdadeiro piano, um instrumento grande e pesado. Móveis estofados com um veludo antigo. Trata-se de gente que empobreceu. Eles alugam seus cômodos. Os restos de sua boa mobília. Faz frio aqui. Não quero um quarto assim. Onde é que vim parar? Mas não vou desapontá-la. Vou passar frio. Na aldeia teria mais conforto em um hotel. Mas antevejo, aqui, um outro tipo de conforto: as pessoas se dirigem a mim, eu signifício algo para elas. Não sou capaz de dizer não e aliás não quero. Nyuscha volta acompanhada de outra mulher, na casa dos trinta e tantos anos, mas delgada, mais magra, um pouco envelhecida. Porém, cheia de vida, de uma simpatia e vivacidade cativantes. Depois de tocarem algumas palavras comigo, as mulheres cochicham entre si. Ainda estou de casaco. E quando eu pergunto por que elas estão rindo e o que estão dizendo uma para a outra, a recém-chegada se afasta de Nyuscha e diz: “Nós duas achamos o senhor tão simpático, e com tão boa aparência!”. O aposento me parece grande demais, algo sinistro. Pergunto onde está a cama. E então as duas saem à procura de outro quarto na casa. E eu fico sozinho e dedilho no piano. Faz um frio de rachar. Como seria no hotel? Eu teria meu próprio quarto numerado e uma campainha. Aqui, há duas mulheres que vão e vêm. Vou me aborrecer. Mas vou aguentar por dois dias.

ZAKOPANE

Quando elas voltam, parecem transformadas. Arrumaram-se. Uma delas tem cabelos curtos e loiro-claros. As duas têm nariz vermelho e arrebitado e suas mãos parecem habituadas ao trabalho duro. Elas me levam ao meu verdadeiro quarto. E então, por um instante, eu realmente me assusto. Assim já é demais. Não é nada além de uma alcova nua. Paredes de madeira nua e duas armações de cama de campanha junto às paredes. O quarto fica no térreo. Não tem cortinas. Não é possível trancar a porta. Há uma estante de ferro com uma bacia e com água, uma mesa, uma cadeira, um armário: este é o meu quarto. “Já vamos aquecer o quarto”, dizem elas, depressa. Estou sonhando. Sim, digo eu, faz frio. “E vamos trazer um chá quente e o almoço.” “Por favor”, continuo eu, ainda sonhando. A mais velha ainda hesita junto à mesa e finalmente me pede para pagar algo como adiantamento. “Muito bem!”, digo eu, completamente inconsciente. Óbvio que elas sequer têm dinheiro para comprar o que é preciso para preparar o almoço. Dou-lhes o dinheiro. Elas se afastam. Permaneço junto à janela. Do outro lado da rua estão os infames moleques. Talvez tivesse sido melhor acompanhá-los. O que estou fazendo aqui? Como é que vim parar aqui? Tenho dinheiro na minha carteira. Por que estou numa alcova lamentável como essa? Nem mesmo posso tirar o casaco, tal é o frio que faz aqui. Me sento à mesa, encasacado, com o chapéu sobre a cabeça. Minhas mãos estão sujas. Não há água nem toalha. Vou ficar um pouco sentado aqui e depois vou-me embora. A que ponto chegou minha inconsciência!

O almoço terminou. Nyuscha quer ir comigo até a aldeia. Não fosse por isso, agora toda a minha atenção estaria voltada para o caminho. Nyuscha, porém, caminha ao meu lado, fala ou não fala. E assim aprendo algo de novo: prestar atenção nela e, ao mesmo tempo, contemplar a paisagem. Observar a paisagem através dela. O estranhamento e a distância me fazem falta. Subitamente, é como se eu estivesse aqui há seis semanas. Ela diz: ali e ali não há nada para ver e desde o início eu estou disposto a obedecê-la e, muito amigavelmente, de fato não vejo nada. É cômico e elegante

VIAGEM À POLÔNIA

ao mesmo tempo. Um longo caminho. Uma ponte. Construções novas. Cadeias de montanhas à direita e então o lugarejo, a igreja, uma rua principal silenciosa com as lojas características de um balneário, cartões-postais, tecidos. De longe, com cores fortes, curiosamente nuançadas, tudo isso passa diante dos meus olhos.

Ela me leva para os campos abertos depois de passarmos por bonitas casas de veraneio. Aos poucos chegamos a um acrivo, uma alameda larga que sobe. A aldeia com a ponta da torre da sua igreja submerge aos poucos por trás da elevação. E à minha frente está o céu vermelho do crepúsculo, acima de um maciço montanhoso, cuja crista se ergue contra o céu, em ziguezague. Quando avisto as nuvens, tenho vontade de captá-las em todos os seus detalhes: como as cores se misturam no céu, as fronteiras entre elas, que se dissolvem, como mergulham umas nas outras. É tão interessante. Tão cativante. Elas se alteram a cada minuto que passa. Mas Nyuscha fala de sua tia, e das dificuldades que elas enfrentam. Ela é órfã. Sua mãe morreu quando jovem e era irmã da mulher em cuja casa ela está morando. A mãe e a tia concorrem com as cores das nuvens. Agora ela ficou engraçada. E o alemão é uma língua muito refinada e muito bonita. Mas também muito difícil. E ela teve um namorado. Um veranista. Com ele aprendeu francês. Mas agora a única coisa que ela ainda sabe dizer é “*je suis très malheureuse*”.² Se eu sei o que isso quer dizer. Sim, muito infeliz. Naquela época ela era muito infeliz, mas agora já não é mais. Ela só aprendeu a falar isso. Subitamente tudo se tornou negro lá no alto. Como se alguém tivesse exposto papel fotográfico à luz, esquecido dele e o deixado queimar. Penso, indignado: espero que isso se repita amanhã, afinal eu vim para cá só para ver isso! Ou por que vim para cá? Penso em minha alcova de madeira. Outra vez estou sonhando. Meus olhos se fecham e eu penso. Mas não tenho vontade nenhuma de pensar. Só quero passear. Ainda tenho bastante tempo para ir a Łódź. Nyuscha encontra uma camponesa e põe-se a conversar

2. Em português, “eu estou muito infeliz”.

ZAKOPANE

com ela. Já é hora de voltar. As mãos dela estão geladas em suas luvas rasgadas, que ela tenta esconder de mim. Estou totalmente gelado. Onde há um café? Nos acomodamos numa sala simples e comprida. Não há ali quase ninguém além de nós. Tomo café. Nyuscha come bolo. Como ela come! Toda a paisagem que a garçonete trouxe sobre o prato é rapidamente devorada.

À noite cubro uma janela com a minha colcha e a outra com a minha toalha. De manhã, tiro a toalha, pois preciso me lavar. Fora tudo está branco. A neve paira pelo ar cinzento, rodopia pelo ar como um bando de andorinhas que descem para o chão. Deve haver um vento que varre o solo, pois a neve não mergulha simplesmente, mas esvoaça na horizontal, paira momentaneamente no ar. O céu branco-acinzentado é altíssimo. Não tem fim. Onde estão as árvores, as montanhas, onde está Zakopane? Tudo foi tragado por esse céu. Olho pela outra janela, através das franjas da colcha. Ontem, à hora do almoço, havia ali uma montanha. Continua lá. Mas uma muralha de neblina aos poucos desce sobre ela. É como um palco com uma cortina gigantesca que tem quilômetros de extensão. A muralha de neblina desce sobre as florestas de pinheiros das montanhas, a neblina densa desce sobre a montanha e envolve seus contornos negros. As árvores mais próximas, ao pé da montanha, que ontem eram um só maciço negro, agora são cortadas e silenciosamente transformadas pela neblina que paira e pela neve. A brancura modela cada uma das árvores, destaca seus contornos, uma junto à outra.

Recebo cordiais saudações da tia e ainda permaneço na minha alcova, de chapéu e casaco, observando o espetáculo lá fora. Não sei o que fazer. A nuvem de neve baixa cada vez mais sobre a montanha. O sopé se tinge de azul-escuro, porém mais acima já paira um vapor branco-acinzentado, e desce, ameaçador, cada vez mais, a cada minuto que passa. Sou um homem num casebre de madeira, em algum lugar do mundo, em meio a uma nevasca. Não sei se vou conseguir escapar. Um fenômeno da natureza me apanhou de surpresa. Estamos todos entregues às mãos de Deus. Quero penetrar mais profundamente no temporal. Ele me atrai.

VIAGEM À POLÔNIA

Me sinto compelido a entrar nele. A casa permanece silenciosa: saio. Nyuscha está dormindo. Agora vou poder olhar a paisagem.

Sigo ao longo da alameda em direção à aldeia, mas sinto que ainda me encontro no campo de força de Nyuscha, em meio a linhas de força magnéticas que me seguem, vindas da casa. Enquanto vou andando pela grossa camada de neve fofa, penso no que deixei para trás. E tento sentir o que é. Não sou como uma mosca azul, que esvoaça de um lado para outro, mas sou uma criatura sedentária. Há algo de mim que ainda repousa no sentimento da casa, dos seus moradores, do seu convívio, da sua pobreza. E eis aí ambas, a de luvas rasgadas que foi me apanhar na estação, e a outra, que entregou seus filhos a parentes e me trouxe o café. Uma atmosfera amistosa, que se volta para todos os lados, de maneira afirmativa, me acompanha. Não caminho nu. Levo um traje que provém daquela casa lá atrás.

A neve cai às toneladas. Não consigo mais reconhecer as casas que há do outro lado da rua. Pequenas manchas negras emergem da névoa: são chaminés, parcialmente cobertas pela neve. Os telhados se tornaram invisíveis, são só partes do grande céu de neve. Avanço suavemente sobre a alvura e uma disposição alegre me domina, como se eu estivesse num baile à fantasia. Há algo de carnavalesco na nevasca. Vejo que os demais passantes também se sentem tocados. Não é preciso pagar ingresso e é divertido. Eu, um pequeno animal, me deixo envolver completamente por esse fenômeno. Sigo por uma pequena ponte de madeira que range e passo diante de um sanatório, de colônias de férias militares. E, por debaixo da ponte, sobre a superfície congelada do córrego, deslizam dois meninos, patinando alegremente. A aldeia está mergulhada até as orelhas no silêncio dominical e na nevasca. Eu a atravesso em meio aos estalos delicados das plumas celestes. Todo o silêncio da paisagem. A paisagem me envolve completamente e quer me envolver com mais força ainda. Não sei se surgirão campos ou montanhas: a muralha de neblina, a nuvem em meio à qual vou caminhando é densa demais. Mas para mim tudo permanece igual: o tema não é nada, e a forma da pincelada

ZAKOPANE

é tudo. Ainda aparecem casinhas isoladas ao longo do caminho, casarões, pequenas chácaras. E então um bando de patos brancos que desfilam à beira do caminho, ao longo de um fio d'água. Ouve-se um barulho que é como o de alguém que estala a língua rapidamente. E quando tiro os olhos dos patos e volto a olhar para a neblina, abre-se uma clareira. É como se uma visão estivesse se abrindo à minha frente. A neblina se abre em meio a um silêncio solene, escancara-se, dissolve-se. E surgem os maciços arredondados das montanhas, cobertos com grandes massas de neve. A neve oscila sobre as copas altas das árvores. A névoa modela a paisagem por trás das montanhas e as suas profundezas. Em camadas de vapor alongadas, ela se precipita sobre vales que eu ainda não tinha visto. Há algo que fermenta silenciosamente lá no fundo, avança em dimensões gigantescas, é adorável como uma suave brincadeira. Os pinheiros perto de mim têm as partes inferiores verdes. Estão pousados aqui como se fossem galinhas chocas com as penas inferiores estendidas. Permanecem sentadas, cobrem e aquecem o solo. No alto, as grandes cabeças brancas avançam, estremecem ao vento, olham à sua volta.

Atrevo-me a penetrar ainda mais na tempestade. Agora, aos poucos, ela começa a ceder. A paisagem, aqui, é maternal e suave. A aldeia está submersa numa caldeira, a ponta da torre da igreja acaba de submergir. E agora, que cena: todas, todas, todas as nuvens e toda a neblina à minha frente se alçaram, como num passe de mágica. As montanhas se livraram de suas nuvens como se estivessem tirando a camisa. No alto, o vapor se acumula. Embaixo, desaparece.

À direita e à esquerda surgem montanhas. Um riacho borbulha e escorre, sussurrando. Cheguei a uma garganta, um vale comprido. O silêncio da paisagem desapareceu. A cordilheira de Zakopane está à minha frente. O riacho gorgoleja à direita e à esquerda do caminho. Como uma criança, ele não dá sossego. Todo o panorama, aberto, tornou-se agitado. Também as massas de neve acumulada não se reduzem. Quatro colunas de rocha se sucedem ao longo do caminho. São pedras esguias de

VIAGEM À POLÔNIA

ombros altos, como se fossem esculturas de homens. São formas estranhamente selvagens que me atraem. Me aproximo delas. E quando estou bem perto vejo que são rochas desgastadas pelo tempo, que despencaram do grande maciço rochoso, cor de barro escuro, criaturas orgulhosas, que se recusam a morrer. Elas acrescentam um toque de violência à paisagem. O que se encontra na minha mão quando acaricio o rochedo? Duas grandes estrelas de seis pontas, cristais de neve esplêndidos e uniformes. Minha pele está fria. Eles não se dissolvem. Que maravilha da natureza! Eles oscilam nos pelos que tenho às costas da mão, exibem-se por todos os lados. Estão perfeitos, tornaram-se perfeitos, com três raios que partem de seus centros. Não há neles qualquer imperfeição. O frio os recebeu, livres, eles se formaram no seio do frio, a partir da água pura. E agora eles deslizam dos pelos da minha mão para a pele. E minha mão, o que ela faz? Ela é uma caverna de leões. Eles se aproximam um do outro, deitam-se, aconchegam-se um no outro. E se fundem, se fundem. Suas bordas se erguem, seu centro afunda. Eles se encolhem, se tornam transparentes. Agora são gotículas. Simples gotículas. A neve chegou até mim, até a minha casa, vestiu minhas roupas, serviu-se do meu calor — e morreu. Assim como Buda tomou o veneno na casa do ourives e morreu silenciosamente. Num espaço tão exíguo transcorre a nossa existência. E então nos dissolvemos, nos apagamos, somos esmagados entre duas pranchas. “Nós”, digo eu: eu e os flocos de neve, as miríades de flocos de neve que eu pisoteio, que preciso pisotear, que dissolvo, o tempo todo, com minha respiração robusta.

Ao anoitecer, a tia vem ao meu quarto, à minha alcova, junto com Nyuscha. A lamparina de querosene está acesa. A tia é escritora e começa a falar das histórias que escreveu, e que vai traduzir para mim. Nyuscha tem um gato, com o qual conversa longamente, ri, rola, ralha. A noite escura caiu rápido. A manhã não vai querer vir. A neve cai, revira-se, ininterruptamente. Ela ruge no ar, em salvas e em disparos. Faz um frio glacial. Não resta nada da maciez da tarde. As massas brancas se acumula-

ZAKOPANE

ram. Há um elemento que se depositou sobre as montanhas. Os veículos ao longo do caminho se arrastam vagarosamente. O céu se tornou cinza-esbranquiçado, cinza quase preto e em seu interior escondem-se as montanhas. Os cocheiros locais, gurais,³ deslizam em fiacres com patins soando suas sinetas. Vão sentados à frente, voltados para o lado, com os rostos virados para a calçada. Esforço-me para avançar em meio às massas descomunais. Estou no meio de um mar, a bordo de um pequeno barco, e vou remando, num mar sem margens. Os rostos das pessoas se encolheram, tornaram-se cinzentos, enrugados, duros.

As ruas da aldeia estão vazias. Não consigo mais avançar pelo caminho sobre o qual desaba a tempestade. Vejo uma casa com uma tabuleta: “Museu dos Tatras”. Entro. Consigo um ingresso, encontro um jovem assistente. Enquanto lá fora a noite cai novamente, ele me mostra seus tesouros, me oferece chá quente, me conta da sua escola de artes.⁴ Os gurais vivem aqui: eu os vi na rua. São os moradores das alturas dos montes Tatra. Vi-os saindo em hordas das suas igrejas. Homens altos como pinheiros, exemplares de uma força incomum, alguns com a beleza dos bandoleiros selvagens. São os chamados *giewonts*, segundo me contou a tia. Esse é o nome da montanha alta que há junto a Zakopane. Usam calças brancas peculiares, muito justas, ornamentadas na parte anterior, abaixo da cintura. Sobre as cabeças levam chapéus achatados e nos ombros belos casacos de couro bordados. Um grupo humano habilidoso e com um senso estético natural. Falam um dialeto polonês,⁵ têm seus costumes particulares, às vezes se parecem com indígenas.

O simpático polonês no cômodo bem aquecido me conta sobre eles e sobre suas montanhas: fala de seu modo de vida, de

3. Povo autóctone dos Cárpatos Ocidentais.

4. A Escola Livre de Belas Artes foi fundada em 1919. Desde o final do século XIX, Zakopane consolidou-se como destino predileto de artistas e tornou-se um centro de intensa vida cultural. Entre os que viveram ali estão Stefan Żeromski, Stanisław Ignacy Witkiewicz (Witkacy) e Karol Szymanowski.

5. Espécie de polonês misturado com eslovaco.

VIAGEM À POLÔNIA

suas superstições. Havia entre eles um bandoleiro muito famoso que foi enforcado no século XVII. Segundo ele diz, ainda vivem ursos nas florestas dos montes Tatra. Um vento terrível sopra por aqui, um vento morno que vem do sul e empurra à sua frente as nuvens que parecem feitas de algodão. Ele é capaz de derrubar florestas inteiras. Quando sopra no inverno, a neve derrete.

Ao anoitecer, enquanto vou tateando em busca do meu caminho para casa através do deserto de neve, mergulhado na escuridão, não aguento mais. O tempo terrível me detém. Ainda passo algumas horas com Nyuscha e sua tia na sala no piso superior. Elas são muito cordiais e se entristecem com muita facilidade porque sabem quais são minhas intenções. A tia lê a minha sorte nas cartas de um baralho: vou ter muitas alegrias ao voltar para casa, muitas alegrias. Tudo, tudo há de correr bem. Ela nunca viu cartas tão boas. E Nyuscha, radiante: sim! Eu devo acreditar nas cartas! Quando ela foi me buscar na estação de trens, sua tia tinha lido sua sorte nas cartas: um senhor virá para a nossa casa, e este senhor era eu. Carinhosamente ela faz como se estivesse brigando com o gato: "Veja! O gato já está beijando suas mãos! Ele sabe dançar muito bem! É muito inteligente!". Ela beija o gato, grita, me mostra cartas em polonês do seu namorado. Às onze horas elas apanham a lamparina e me acompanham escada abaixo.

Estou diante da rua escura. Vou-me embora. Eu quero, eu preciso, eu vou para a estação de trens.

Łódź

Passo por Wieliczka, as minas de sal, ao sul de Cracóvia. Não tinha nenhum tipo de expectativa, mas o que vi ali me interessou ainda menos. Uma atração turística com guias, salões imensos, salão de bailes, salão Kunigunda, salão Piłsudski, capelas. Tudo feito de sal. Supostamente eu deveria me admirar com isso. Se tudo fosse feito de cimento ou açúcar de confeiteiro minha impressão não teria sido diferente. Quanto ao sal, tive a oportunidade de vê-lo de passagem, ao seguir pelos corredores. Os guias passavam por ele apressadamente, com lanternas em punho, tentando me surpreender com efeitos de luz elétrica. Em meu íntimo minha boca se escancarava, bocejando de tédio, ao longo de todos os quatro andares que percorremos. Bem embaixo havia uma fundição, motores que zumbiam, fogo que ardia, uma bigorna, um cavalo vivo. Ainda mais ao fundo, túneis e instalações fabris. Estas — e seus trabalhadores — eu teria gostado de visitar. Mas nós, os “turistas”, éramos conduzidos como gado: os guias tinham ainda mais uma sala gigantesca em vista, e mais uma também.

Vou andando sobre o calcamento de Łódź. Me alegro em observar as casas, as lojas, os mercados: estive em Zakopane, vi aquelas montanhas, vi o inverno passar por cima delas. A casa de Zakopane ainda está, por assim dizer, sobre as minhas costas. Senti amizade e calor humano junto àquelas mulheres. É como se com elas eu tivesse participado de uma festa em família e fosse voltar a encontrá-las num outro dia. Estive na sala da casa delas, ainda que agora, estrangeiro como sempre, eu esteja vendo pelo lado de fora as fachadas das casas.

VIAGEM À POLÔNIA

E vejam: os rostos pintados das mulheres, os olhos, as pernas vestidas com meias claras; os judeus vestidos de preto, barbudos, com seus cáftens e seus barretes; as casas miseráveis, caindo aos pedaços. Estou na Polônia russa. Varsóvia é logo ali. Comemoro o reencontro. Gosto de tudo o que vejo aqui. Gosto da confusão russa mais do que das ruas da Galícia, que são lisas demais, ocidentais demais para o meu gosto.

Uma linha reta foi traçada de cima para baixo sobre a cidade inteira. Nunca vi um risco assim em nenhuma cidade. É a avenida Piotrków.¹ E em meio a butiques, restaurantes, liquidações de artigos para cavalheiros leio nesta rua uma placa em alemão: um jornal alemão de Łódź.² Portanto, nesta cidade serei melhor guiado do que em nenhuma das outras que visitei: lerei, eu mesmo, o jornal local, com os assuntos do dia, com os anúncios.

E me sento no restaurante, e leio. “Não bebam leite sem fervê-lo”, adverte-se, em letras garrafais, em meio ao texto. Por que não? É preciso investigar mais detidamente. Haverá uma epidemia de disenteria? Observo, apavorado, os esgotos da cidade. Se é que existem. Eis aqui: a sujeira russa também tem seus aspectos sombrios. Um artigo informa sobre Gedurol, um remédio contra o câncer: “A recente notícia sobre a descoberta de um novo remédio contra o câncer é, mais uma vez, uma prova da atenção extraordinária, do olhar sempre vigilante do público quando o assunto é o câncer”. Tendo chegado a este ponto, paro de ler. Não comprehendo. Será que na Polônia está em vigor uma forma peculiar de princípio da causalidade? Não é possível que a notícia tenha vindo dos olhos sempre vigilantes do público. Ou, se veio dali, como os teria alcançado? Talvez a própria notícia seja uma excrescência cancerosa do olho, que seria possível tratar com Gedurol? Inquieto, leio outro trecho. É uma notícia que chegou por telégrafo: o Sejm aprovou a concessão de uma soma

1. Joseph Roth a apelidou de “pequena Kurfürstendamm”, em alusão ao famoso bulevar berlimense.

2. Trata-se provavelmente do jornal *Neue Łódźer Zeitung*.

ŁÓDŹ

de 200 mil *zlotys* para trabalhadores intelectuais desempregados. Muito bem! Se no país houver apenas 20 mil trabalhadores intelectuais desempregados, cada um deles terá direito a 10 *zlotys* e imediatamente terá, também, trabalho: poderá começar imediatamente a pensar o que será capaz de fazer com 10 *zlotys*. O Sejm poderia alcançar o mesmo resultado com 5 *zlotys*. E até mesmo com um. Mas o Sejm é generoso! Mais adiante:

As mulheres evangélicas luteranas promovem no sábado uma grande quermesse com surpresas para crianças e adultos. A Associação dos Açougueiros promove a inauguração de uma bandeira no salão do Corpo de Bombeiros Voluntários de Łódź. A Associação de Ginástica Kraft toma o Rei Davi como modelo e promove uma *festa da vitória com baile*.

Que cidade, essa! Evidentemente as fábricas se desenvolvem mais depressa do que as pessoas. Já faz muito tempo que eu acredito que, no chamado mundo inorgânico, acontecem mais coisas do que no mundo orgânico. O orgânico reproduz seus pecados sob a alegação da hereditariedade: estabilidade, manutenção da espécie importa mais do que nada. No mundo anorgânico, porém, vem um raio e tudo desaparece. Tudo se confunde. Ninguém espera que surjam ruínas para deixar florescer uma nova vida.

Deixo de lado a notícia que trata do duelo entre Szeptycki e Stpiczyński. É um acontecimento indizível. As estatísticas de saúde pública se dirigem a mim:

No Anuário Estatístico de Łódź de 1923 encontram-se cifras notáveis que dizem respeito às atividades da Clínica Estatal de Cura de Sarna nos últimos anos. O número de pessoas que buscaram os serviços dessa clínica foi de 12 805 em 1918; 11 337 em 1919; 8283 em 1920; 5 203 em 1921; 4337 em 1922; 1409 em 1923. Como se pode concluir desses registros, a sarna, que durante a guerra contagiava uma grande parte da população de Łódź, está em declínio cada vez maior desde 1918. De um modo geral pode-se observar que a sarna é mais frequente em meio à população judaica do que em meio aos cristãos. Conclui-se, daí, que as condições higiênicas em meio às quais a população judaica vive deixam muito a desejar. Pois, se em 1918, 57% dos contaminados pela sarna eram judeus, nos anos seguintes o percentual de pacientes

VIAGEM À POLÔNIA

judeus da Clínica Estatal de Cura de Sarna foi de: 51% em 1919; 62% em 1920; 67% em 1921; 46% em 1922 e 82% em 1923.

Da sarna passo, distraidamente, para “Arte e Cultura”. O Teatro Alemão apresenta dois espetáculos: *O correio e Amém, eternamente*.

Wildgans seguido de Tagore. Há entre os dois uma grande diferença, mas eu seria quase capaz de dizer que estas diferenças são um exemplo pedagógico para as escolas dos contrastes que existem entre a poesia realista e uma sequência de pensamentos espiritualizados, um lirismo transposto para o palco.

Eu diria que isso é praticamente inimitável. Esse alemão de Łódź é muito diferente do alemão comum! Funciona como um exemplo pedagógico para as escolas do tipo de alemão que é ensinado aqui. Será que não seria melhor simplesmente falar polonês, em vez desse patuá que se alastrá pelo jornal? A propósito: “O conteúdo do poema de Wildgans, bem curto, limita-se a diálogos interessantes”. Vai-se de encontro aos interesses de ambas as partes. Sobre uma peça de teatro francesa que está sendo apresentada no teatro polonês encontro a notícia de que “a apresentação foi bem-sucedida em todas as suas partes e seria possível dizer, com toda a tranquilidade, que não poderia ter sido melhor”. Eu penso que de fato seja possível dizer algo assim com toda a tranquilidade. E por que não, meu filho? Por que uma coisa assim haveria de ser dita sem a devida tranquilidade? Fará bem a você, não há aí nenhuma vergonha. É um pouco desagradável saber que a apresentação não poderia ter sido melhor. Mas o que se há de fazer? E quem é este que jaz por terra na seção de anúncios fúnebres? Uma “vítima do ácido úrico”! Não falei? Eu sabia. Só o ácido úrico é capaz de fazer algo assim. Há muitos anos sou um adversário ferrenho e declarado do ácido úrico. Assim que tiver uma oportunidade, vou me manifestar perante o seu “inventor em Varsóvia”. Já tinha lido algo a respeito desse remédio contra o câncer chamado Gedrol. E

ŁÓDŹ

também sobre os 200 mil *zlotys* para trabalhadores intelectuais. O que se há de fazer? Já não consigo mais ler o jornal.

Dois homens conversam à minha frente, à mesa: "Em Łódź só circulam figurões. Todo o resto não tem valor algum em Łódź". O que eles querem dizer com isso? A que se referem? A casacos? A negociações? A pessoas? Eles disfarçam muito misteriosamente tudo o que dizem. Agora me dão as costas. Não comprehendo. Por que só figurões em Łódź? Há coisas que são incompreensíveis nessa cidade.

As mulheres numa longa fila na avenida Piotrków têm as meias enlameadas até o alto. Jovens atrevidos com boinas de colegiais flanam, em grupos de três ou quatro, com as mãos enfiadas nos bolsos. Uma menina de doze ou treze anos de idade, vestida com um casaco azul, enfa as mãos geladas nos bolsos e olha para o chão molhado. Sobre sua testa há um cacho de cabelos castanhos, sua boina está enfiada sobre a testa. Assim ela caminha em meio ao burburinho, triste e cabisbaixa, um rosto jovem, arrasta-se — ela não sabe se é uma moça ou um rapaz. Senhores idosos lançam seus olhares em direção às mulheres que cruzam no caminho. Como andam maquiadas, com o queixo e os cantos da boca cobertos de pó compacto! Nas casas dos botões dos seus casacos negros, bem justos em torno da cintura e dos quadris, há rosas de um vermelho vivo. Estas flores opulentas agonizam sobre o tecido negro, morrem. E em sua luta estendem braços e pernas. Há algo que atrai meu olhar para o calçamento horrível, molhado, que me faz pensar em Varsóvia, no hotel e no cortejo fúnebre que vi passando ali. E enquanto penso ouço uma música bonita. Uma banda soa e soa, cada vez mais perto. Um homem vestindo uma camisa branca leva nas mãos um crucifixo negro. Atrás dele, um estandarte negro. Mais atrás, três homens enlutados e enormes coroas de flores com fitas roxas. E os trompetistas. São eles que tocam e tocam, impetuosaamente, com sentimento. Avançam, passo a passo, nota a nota: assim seguem adiante e conduzem o cortejo fúnebre até a sepultura. Um batalhão de policiais vai logo atrás, com armas sobre as costas. Agora uma

VIAGEM À POLÔNIA

voz débil canta em meio aos ruídos da rua: um homem isolado, um padre, que leva um livro nas mãos. Ele caminha e canta. A carruagem com o ataúde avança. Uma mulher, enfiada em roupas negras, vem logo depois, amparada por mais gente. Civis acarbrunhados. Uma tropa de oficiais que conversam.

E quando entro no vestíbulo de um hotel vejo atrás do balcão um sujeito com um boné de porteiro, o rosto enrubesido pelo álcool. É um sujeito particularmente tolo. Pergunto, em alemão, se há um quarto disponível. Ele faz uma careta. Falo em francês: ele faz uma careta. Sou obrigado a fugir desse sujeito estúpido e do cheiro de álcool. Meia hora mais tarde, estou sorridente num verdadeiro quarto de hotel. Veja só: aqui há uma boa pia, bem funda, com um espelho e com água corrente. Com água quente! Há uma cama larga. Não é preciso soar a campainha. No corredor reparei nos sinais luminosos. Não estou de pé diante de uma janela vazia como em Zakopane, a distante e linda Zakopane, numa alcova pobre sonhando: onde estou? O que se passa comigo?

Há também uma lâmpada na cabeceira, ainda que não funcione. Uma bela cortina vermelha na janela, ainda que seu puxador esteja rasgado. Um divã largo, sobre o qual posso me lançar, ainda que só para receber um contragolpe duro deste objeto ressentido. É preciso tocá-lo com cuidado. Trata-se de uma peça única polonesa. Está desgastado até os ossos. Já não tem molas.

Peço esclarecimentos a um alemão.³ Łódź, a cidade, tem meio milhão de habitantes. Que pena! É demais! Uma cidade polonesa se torna grande por meio de seu colorido. Quando ela se torna maior, organiza-se e, então, já se torna menor. Segundo se diz, foram os alemães que construíram essa cidade. E, de fato, antigamente havia muita gente aqui que falava alemão. Agora o polonês predomina. Os alemães são industriais, donos de fábricas. Há algumas escolas alemãs, colégios, cerca de trinta

³. Provavelmente a conversa ocorreu na redação do jornal *Łódźer Volkszeitung*, onde trabalhava o historiador local Otto Heike como tipógrafo. Mais tarde, já como jornalista, ele mencionou em suas memórias a visita de Döblin.

ŁÓDŹ

escolas nas quais a língua oficial de ensino é o alemão. Mas o número de alunos declina, pois ano após ano exige-se dos pais uma declaração de que eles desejam que seus filhos sejam educados em alemão. Na maior parte das vezes, são de religião evangélica. Há uma união de escritores alemães em Katowice. Há um teatro. Eu... já sei. E os jornais trazem, regularmente, notícias sobre as apresentações: já sei, já sei. Os atores são, em sua maior parte, austríacos. Alemães são difíceis de conseguir.

Como vivem esses 100 mil alemães em meio aos poloneses? Vivem bem. Quanto mais ricos forem, melhor viverão. Por quê? Os ricos são os que mais facilmente se assimilam. Isto significa que o patriotismo cresce na razão direta da falta de dinheiro? Ou será que a inteligência cresce na razão direta do tamanho da carteira? Não. Uma pessoa pobre simplesmente passa necessidade. E a necessidade desperta na pessoa o instinto de luta e impede as soluções de compromisso. O rico, em contrapartida, quer algo em troca do seu dinheiro e, portanto, dispõe-se a aceitar, também, brilhos estrangeiros: o dinheiro contra a nacionalidade. Os alemães permanecem entre si, como convém, reunidos em suas associações. Há cerca de trinta delas. E elas constituem dois partidos: um alemão-burguês, bastante fraco, que pouco faz, e outro socialista, com viés nacionalista popular, um partido operário alemão.⁴ Quando fico sabendo disso pergunto, ardilosamente, como é a situação das eleições: em quem votam, por exemplo, os industriais alemães? E recebo exatamente a resposta que espero: os industriais não votam nos candidatos alemães e sim — no candidato industrial, que, aliás, não foi eleito. E os operários? Sim, seu partido tem um acordo de cooperação com o PPS, o Partido Social Democrata Polonês.

4. Em 1923 foi fundado o Partido Cívico Alemão, que conquistou duas cadeiras no conselho da cidade nas eleições de maio daquele ano. Já em janeiro de 1922 surgiu o Partido Trabalhista Alemão da Polônia (DAP), que a partir de 1925 passou a se chamar Partido Trabalhista Socialista Alemão da Polônia. Em 1923, o DAP reunia dois terços dos votos do eleitorado alemão e detinha cinco cadeiras no parlamento da cidade. Seu órgão oficial era o *Łódźer Volkszeitung*.

VIAGEM À POLÔNIA

Vivem aqui de 150 mil a 200 mil poloneses. São, em sua maior parte, operários. Muitos deles votam no Partido Cristão Social e no Partido Cristão Democrático. Os católicos têm um bispo aqui. Há na cidade cinco igrejas católicas, duas evangélicas e uma russa.

Além de poloneses e alemães, me diz um senhor, vivem também judeus na cidade, como eu decerto já reparei. Sim, de fato reparei em alguns deles na estação ferroviária. E se não houvesse judeus na Polônia, que falam em alemão comigo e me dizem, na estação, onde se encontra o meu trem e de que plataforma parte, eu não teria sequer conseguido sair de Varsóvia. Desses judeus vivem em Łódź entre 150 mil e 200 mil, um belo número redondo. Eles são economicamente fortes. Há entre eles industriais, comerciantes e artesãos. Aposto que há batalhões inteiros que passam fome. Não quero, porém, continuar a indagá-lo a respeito dos judeus, pois ele é um prussiano e eu sei bem qual é a bandeira que ele defende.

Ah, meus caros alemães, meus caros judeus, aqui encontro vocês lado a lado! Que situação singular! Agora vocês são povos estrangeiros! Têm os mesmos direitos, isto é, a mesma falta de direitos. Vejam só que mistura curiosa. Exceto por isso, não há muita coisa que vocês tenham em comum. Será que agora vocês são capazes de perceber algo um no outro? Não é preciso que seja logo o batismo, por parte dos judeus, nem o uso de filactérios, por parte dos alemães. Atravesso a rua e entro na avenida Piotrków. E — o meu *daimon* me conduz — dou de cara com uma livraria, uma livraria alemã. Meu coração dispara. Minhas orelhas se levantam: estou na manjedoura. A livraria tem duas vitrines. Deixo de lado a polonesa com seus hieróglifos. E então dou dois passos à esquerda: *Os pecados contra o sangue*. Sou capaz de compreender bem esse título. Não há necessidade de traduzi-lo. Ah! Estou de volta ao lar! Saúdo mil vezes a minha terra-mãe. A minha língua-mãe. Os sons da língua-mãe! Que deliciosos.

ŁÓDŹ

Como me são familiares!⁵ *Os pecados contra o sangue.* Toda uma série. Cheios de palavras alemãs. De palavras arquigermânicas! O dicionário de conversação de Meyer. Uma obra sobre a arte de tecer talagarças. Críticas de arte. [“as associações femininas promovem uma grande quermesse no sábado com surpresas para crianças e adultos”] Os Evangelhos. Quantos Evangelhos! Sim, os alemães, aqui, são evangélicos. Deve ser por causa de Lutero. Mas por que tantos Evangelhos? Será uma nova tradução? Por que se divulga tanto, aqui, o livro do homem crucificado, cuja lembrança me faz cerrar os olhos? São livros tão grossos! Os quatro antigos manuscritos não são tão grossos assim! Talvez sejam edições comentadas? E então eu vejo: a suástica na capa e o nome de um agitador populista alemão acima dela. Os Evangelhos dele! Os dele! Muito bem. Agora entendo o que se passa. Agora vejo que há uma ordem na vitrine. Decerto ele provou que o verdadeiro Deus é Wotan,⁶ ou que Cristo é originário de Mecklenburg. Por isso o livro se tornou tão grosso. Ele poderia ter feito um livro mais fino. Teriam acreditado nele mesmo assim. Saúdo-te milhares de vezes, ó terra-mãe! E o que dizer a respeito da situação interessante dos judeus e dos alemães? Talvez eles sejam capazes de dar cinco passos juntos. Mas acho que simplesmente não vai acontecer de os alemães passarem a usar filactérios.

Gosto de ouvir falar dos velhos tempos. Missionários alemães piedosos vieram para cá no século XII. Filhos de cidadãos de Colônia viveram em conventos aqui. Um certo príncipe Władysław de Lenczyka cedeu, no século XIV, a aldeia de Łódź a um certo bispo de Kujaw e este convidou colonos alemães a virem para

5. Apesar do antisemitismo crescente em Berlim, como muitos judeus emancipados, Döblin sentia-se parte integral da cultura alemã. A assimilação havia substituído a antiga busca religiosa pela redenção, e as novas gerações se viam antes como alemãs do que como judias, tendo a língua como principal vínculo. Perder essa pertença representaria para Döblin uma ruptura profunda: exilado na França, naturalizaria-se francês e passaria a falar apenas francês em casa, com a esposa Erna e o filho Stephan.

6. Nome do pai de todos os deuses na mitologia germânica. É também chamado de Odin.

VIAGEM À POLÔNIA

cá. Houve épocas de florescimento e outras de declínio. Em meados do século XVIII Łódź tinha duzentos habitantes e no fim do mesmo século viviam aqui 89 homens, noventa mulheres e onze judeus. É impossível saber se estes eram homens ou mulheres. Já na antiga Roma os escravos não tinham sexo. Havia 44 casas e também 44 barracões, além de dezoito terrenos baldios. Junto com as pessoas e com os judeus viviam, ainda, dezoito cavalos, 97 bois, 58 vacas e 63 suínos. E assim Łódź se tornou uma cidade prussiana, depois russa.⁷ E sob os russos, os malditos russos, que deixam tudo ir por água abaixo, veio um edicto, em 1820. Uma comunidade fabril com duzentos canteiros de obras foi erigida. Ao longo desses trinta anos, os duzentos habitantes se transformaram em oitocentos, e as 44 chaminés se tornaram 118. O edicto governamental dos russos, de 1820, com seus oito artigos, era algo extraordinário. Atraiu estrangeiros e deu a Łódź um estatuto fiscal especial que proporcionava aos fabricantes e às tecelagens estrangeiras determinados privilégios. E então os tecelões se tornaram os portadores da cultura ocidental! Esta tinha se transformado inteiramente. As pessoas tinham se habituado a considerar que ganhar dinheiro era o aspecto principal da vida. Ainda se construíam igrejas, mas principalmente fábricas. Gente de Colônia, quando vinha para cá, não ingressava em conventos. Os antigos conhecimentos, ânsias e fontes de conhecimento estavam se extinguindo. Conquistar, possuir, ampliar as fronteiras do Estado era o que restava. Como era bonito o homem segurando um ramo de palmeira no que restava daquele século, com sua masculinidade nobre e orgulhosa, com seus sentidos despertos. Eram tempos esplêndidos para os estrangeiros no Leste. E por trás de tudo isso pairava o pontapé que a gratidão humana costuma dar em troca de serviços prestados. Esse pontapé não foi registrado em crônicas em 1820.

7. Desde a segunda partilha da Polônia, em 1793, até a vitória de Napoleão sobre a Prússia e a criação do Ducado de Varsóvia, em 1807, Łódź esteve sob domínio prussiano. Após a derrota de Napoleão, passou ao controle do Império Russo.

ŁÓDŹ

Aliás, os privilégios destinavam-se a todos os “estrangeiros”. “Aos judeus, porém, não foi permitido residir nas novas colônias industriais. Tampouco seria permitido aos judeus, mais tarde, manter estalagens na cidade ou dedicar-se à fabricação de bebidas.”⁸ Os judeus não são estrangeiros nem são parte da população local. O que são, então? Em todo lugar, este povo peculiar desfruta de privilégios assim. É, de fato, um povo eleito! Seus vizinhos resumem essa condição de uma maneira muito sensível e também íntima com uma só palavra: “percevejos”.

Um especialista em tingimento de tecidos, August Sänger, de nacionalidade polonesa, como fica evidente pelo seu nome,⁹ reorganizou a cidade velha e nela fundou a primeira tinturaria. Saxões e alemães da Boêmia trouxeram consigo a indústria do algodão. Um certo Louis Geyer, de Zittau, construiu a primeira grande fiação de algodão. Vieram, então, a igreja evangélica e a Câmara municipal. Em 1829 Łódź já tinha 4 mil habitantes e quatrocentas casas. Dez anos mais tarde, eram 20 mil. Já era a segunda maior cidade da Polônia.

E logo esse número haveria de crescer ainda mais por causa de Karl Scheibler. Ele trouxe consigo 180 mil rublos e construiu uma fábrica colossal. O Ocidente lançava seu grande ataque. Em 1864 Łódź já tinha 38 mil habitantes, 7 mil ortodoxos, cerca de 12 mil católicos, 13 mil luteranos, 6 mil judeus.

Nós, pela graça de Deus Alexandre II, Imperador e Soberano de todos os russos, rei da Polônia, Arquiduque da Finlândia, decidimos e ordenamos doravante a construção de uma ferrovia para ligar Łódź à linha de trem Viena-Varsóvia e cedemos a construção da ferrovia ao banqueiro Joseph Bloch, Eduard Frankenstein, Josef Zablkowski, August Raphan, Karl Scheibler, Matthias Rosen, Moritz Marmott.

8. Essa restrição não constava ainda na Lei da Imigração de 1820, mas foi introduzida em um regulamento posterior, firmado em 30 de março de 1821 entre representantes do governo e os proprietários de fábricas já estabelecidos como imigrantes.

9. Trata-se de Carl Gottlieb August Sänger, que se estabeleceu em Łódź em 1823. O comentário de Döblin é, evidentemente, irônico.

VIAGEM À POLÔNIA

Ao que parece, tratava-se, principalmente, de alemães e de percejos. Quando a ferrovia foi inaugurada, um jornal de Łódź saudou a chegada desse dia tão ansiosamente esperado: “Nunca, até hoje, nossa cidade tomou uma aparência tão festiva. Ao desembarcar do vagão, Sua Excelênciā o governador Conde Berg foi recebido por um comitê de cidadãos com pão e sal”.¹⁰ São costumes bem russos esses dos alemães na Polônia! Mas, em meio a toda esta agitação, que importância tem a nação? À noite, a cidade inteira foi iluminada. Faixas feitas com extremo cuidado, com as letras do nome de Sua Majestade o Imperador, encontravam-se em toda parte. Antes, o governador passou em revista o pelotão dos Dragões estacionado em Łódź, cujos membros eram provenientes da Sibéria. Eram os únicos russos presentes. No jantar, em que o governador foi homenageado, ele se dignou a anunciar:

A cidade de Łódź deve sua prosperidade à indústria alemã, ao espírito empreendedor dos alemães e à diligência alemã. Acredito que estarei dando um bom conselho aos habitantes dessa cidade se eu os exortar a imitar fielmente as virtudes de seus pais e a manter sempre vivo o caráter alemão. Dar a cada uma das nacionalidades que convivem no Reino da Polônia o que lhes pertence é a vontade de nosso clemente monarca.

Em Vilna e em Varsóvia li em antigas tabuletas russas: é proibido falar polonês. Ao que parece, a língua não faz parte do direito à nacionalidade concedido com tanta clemência. Suponho que, pelo menos, a língua polonesa não faça. Há por trás disto uma apreciação extrema da nação polonesa, e também uma ênfase sobre seu estatuto particular. Esta apreciação poderia ter sido ainda mais exacerbada, transformando-se na opinião de que a vida tampouco faça parte dos direitos da nação polonesa. Portanto, matam-se os poloneses. E esta experiência foi, de fato, levada a cabo, várias vezes, em 1863 e também mais tarde. Só que, algum tempo depois, aconteceu algo inesperado,

¹⁰. É um costume alemão oferecer pão e sal como votos de prosperidade quando alguém se muda para uma nova casa. Também aqui a observação de Döblin é irônica.

ŁÓDŹ

como sói acontecer: o czar e seu governo foram derrubados e o povo polonês pôde ostentar abertamente e com toda a tranquilidade uma vida normal — e também o terrível apetite dos famintos, e a inconsciência que leva à diarreia e à dispepsia.

No dia da festa, porém, os alemães receberam uma permissão para criar escolas alemãs com ensino em língua alemã em Łódź. Reconheçam, meus senhores, o significado profundo dessa sabia determinação! Fortaleçam sua atividade fabril para o bem do grande Estado no qual os senhores encontraram um segundo lar!

Os poloneses certamente sentiram o ódio brotar em suas entranhas. E, decerto, os alemães tampouco se sentiram muito bem ao se darem conta desse ódio. Às vezes os poderosos usam a condescendência como um ardil. Os lampiões de gás não tardaram a chegar. Calçadas asfaltadas foram construídas. Um certo Israel Poznański¹¹ tornou-se conhecido por suas obras de benemerência. E assim chegava-se à década de 1880. Prédios de tijolos tomaram o lugar das velhas casas de madeira enquanto a população da cidade passava para 150 mil pessoas. A cidade grande tornou-se inconfundível. Quando instalaram a primeira linha telefônica, os habitantes de Łódź se assustaram. O ser misterioso e sinistro dos telefones só se naturalizou aos poucos. Os contemporâneos já naquela época relatavam os contrastes que havia na cidade: a existência de edifícios esplêndidos ao lado de casebres, as ruínas há muito abandonadas de um incêndio no centro da cidade, os povos e as religiões.

Há um ódio terrível entre alemães e poloneses. Esses dois povos se lançam um sobre o outro, do Ocidente e do Oriente. A terra é habitada por poloneses e então os próprios poloneses convidam alemães, mais cultivados, e então vêm o progresso cultural e econômico, a assimilação espiritual, a ameaça à nacionalidade. As pessoas não permanecem como eram, de ambos os lados. Elas se aclimatam umas às outras. Nos centros das cidades, porém,

¹¹. Depois de Carl Scheibler, Poznański foi o mais rico empresário de Łódź. Financiou a construção de orfanatos, escolas e hospitalais.

VIAGEM À POLÔNIA

vivem grupos que não são capazes de ver isso e que têm interesse em conservar vivos ódio e a assim chamada tradição. No século XVI já era conhecido o ridículo provérbio: “Enquanto o mundo for mundo, o alemão e o polonês jamais serão irmãos”. A ordem religiosa alemã, convidada pelos príncipes poloneses, foi derrotada em Tannenberg. O clero polonês luta pela língua polonesa. As pessoas altamente cultivadas adotam a língua dos nobres e dos camponeses que vivem à sua volta. Os poloneses, porém, arruínam-se e dinastias estrangeiras dominam o povo. Uma delas é a dos prussianos. Há uma só trégua nessa longa história de ódio: 1848. Em Berlim, Mierosławski ostenta a bandeira negra, vermelha e dourada. Prisioneiros políticos são libertados do presídio de Moabit. Eles desfilam pela praça do Palácio. O conde Schwerin declara, em meio ao tumulto: o rei confia que, no futuro, os poloneses vão se associar intimamente à Prússia e à sua casa real. Na universidade o líder dos poloneses profere um discurso de agradecimento entusiasmado e fala da aliança entre poloneses e prussianos contra os russos:

Para garantir uma Alemanha livre, uma Polônia independente, que funcione como uma barreira contra os asiáticos, precisa ser construída.

O coração gigante de um povo que há séculos anseia pela liberdade hoje só bate com ódio por aqueles que contêm, com correntes e com barreiras, seus grandes impulsos.

Na manhã desse dia, 20 de março de 1848, as cores da bandeira polonesa esvoaçavam sobre Poznań. Poloneses e prussianos trocaram, uns com os outros, os emblemas dos seus uniformes militares quando da chegada dos poloneses de Berlim. A trégua no ódio, porém — já acabou. O caos impõe na província. Bandoleiros armados perambulam. As tropas prussianas se concentram nos fortes. Primeiro cantavam-se os versos da *Ode à alegria* de Schiller, “Seid umschlungen, Millionen”.¹² Agora é puro sangue-sangue: trata-se, simplesmente, de mais um levante polonês, reprimido, como de costume.

12. Em português, “sejam abraçados, milhões.”

ŁÓDŹ

A Alemanha é obrigada a engolir o “corredor” e Danzig. Mas decreto não engolirá a Alta Silésia nem os acordos impostos. E a Polônia? A Polônia precisa temer. Nenhuma fronteira vai mudar isso: ou se decide de um jeito ou de outro.

O conceito atual de Estado precisa ser atenuado. Banalizado. As fronteiras têm, elas mesmas, a força de tiranos. Os seres humanos se tornaram pessoas, os povos foram despertados pelo ímpeto da autodeterminação, o velho Estado-monstro está condenado. É preciso criar espaço para as comunidades mais antigas e mais poderosas que uniam as pessoas no passado. E também para as novas que surgem. A vida dos povos, em nosso tempo, de há muito superou as fronteiras políticas. O velho Estado ainda se ergue como uma barreira: gordo, autocmplacente e admirado. É um mamute obsoleto, um ictiossauro indolente, que precisa ser tirado da frente pelos cérebros de nosso tempo.

O mais urgente, porém, é despertar o indivíduo, o eu.

Fico atônito quando vejo as dimensões da força que tem aquilo que se chama de Estado. No passado, dinastias conquistaram essas regiões e as dominaram em seu próprio benefício. Era compreensível, então, que o Estado exercesse seu poder férreo. O indivíduo nada podia contra ele. Agora os Estados são mera formas, remanescentes dos tempos dinásticos, que as pessoas têm que utilizar tais e quais elas são. E o delírio de seu significado especial e o reconhecimento de sua violência continuam idênticos.

Os verdadeiros agrupamentos humanos, os círculos verdadeiramente razoáveis do eu, do indivíduo, precisam sem convocados para se oporem a esse *constructo*. Sua utilidade permanece inquestionável, mas só o eu vivo, só os grupos e associações razoáveis entre as pessoas podem legitimar essa utilidade. O indivíduo sofre, vive e morre. Ele e suas circunstâncias estão aí, mas as massas e as organizações, os grupos que se escondem por detrás de abstrações, querem tornar o indivíduo inferior e ridículo e para tanto recolhem-se a uma anonimidade pomposa, tomada de empréstimo dos antigos tiranos. O indivíduo passa sua vida na condição de particular. É degradado e se torna um servo. Os

VIAGEM À POLÔNIA

dinastas só supostamente desapareceram. Agora quem ocupa os tronos é o Estado, enquanto o ser humano real se torna uma simples sombra. Os teóricos do Estado estão prontos a questionar a própria realidade do indivíduo. Até mesmo a relação imaterial do ser humano com as coisas originais do mundo, aquilo que se chama sua religião, se torna quase irrelevante, abertamente ou em segredo, isto é, se torna um assunto de caráter estritamente particular. E de fato trata-se de um assunto particular, mas não como querem os dinastas abstratos do nosso tempo, e sim como quer a palavra direta que provém das grandezas desse mundo e se dirige ao homem, palavras por meio das quais a realidade do homem é confirmada e suas responsabilidades lhe são impostas.

O Estado cresceu mais alto do que todas as cabeças. É um assunto prático ou teórico. Ninguém mais o percebe por meio dos sentimentos. Os sentimentos delicados em relação à terra-mãe, ao lar, o apego à família, o amor pelos amigos e pela própria descendência — o Estado devorou tudo isso! Vejam só o que fez, ele, essa monstruosidade! O Estado é uma fábrica gigantesca. E deve ser isto e nada mais. Que respeito e que submissão impõe esse *constructo* prático e teórico! Que grande nome se dá à submissão a ele! São raros os povos que combateram em nome da própria liberdade. A maioria foi levada à guerra sem saber por quê, e mesmo seus líderes não sabiam por quê. É preciso conservar o eu para saber o que é. Ele deve tornar irrelevante aquilo que é de fato irrelevante.

Domingo de comemoração aos heróis mortos. É o décimo aniversário da terrível batalha que ocorreu perto de Łódź.¹³ Viamo por uma hora, campos adentro, partindo da estação de trens da fábrica. O trem não para perto da casa do senhor que eu pretendo visitar¹⁴ e por isso nos encontraremos numa passagem de

13. A batalha ocorreu entre 16 e 24 de novembro de 1914, envolvendo dois exércitos russos e um alemão. Em 6 de dezembro do mesmo ano, os alemães conquistaram Łódź de forma duradoura.

14. Döblin visitou o poeta Józef Wittlin, que atuou em Łódź como diretor literário do Teatro Municipal entre 1922 e 1927. Amigo e tradutor de Joseph Roth, Wittlin iniciou-se na poesia expressionista e tornou-se conhecido pelo

ŁÓDŹ

nível, no caminho. Campos abertos. Terras de cultivo cobertas de húmus, para o inverno. O solo lamaçento, argiloso. Chegamos a uma aldeia: é uma colônia alemã.¹⁵ Casinhas asseadas enfileiradas. A igreja evangélica. Passeamos pelo parque ao lado de sua casa. Ele me mostra rastros da grande batalha. Montes de terra que serviram de bases para os canhões. Aqui estavam estacionados os alemães. Os montes de terra se distribuem num semicírculo largo e sobre eles há, agora, uma quantidade de arbustos. Aproximamo-nos de um lago. Segundo se diz, há dentro dele munição e armas. Foi um bombardeio terrível. A torre da igreja evangélica ruiu. Junto ao lago damos com uma vala larga e extensa, no interior da qual agora crescem arvorezinhas. São as trincheiras, que já vão sendo cobertas pela floresta, mais ágil que os homens. Esses camponeses alemães que vivem ali conservam sua língua original e seu jeito próprio de ser. Não sei quanto há de verdade num poema que me cai nas mãos, cujo tema é um alemão na Polônia:

Eu, porém, louvo a nova terra.
 Nossos pais viviam, nossos pais morreram,
 Nossos pais não precisam do nosso trabalho.
 Lá atrás a noite eterna procria,
 Mas à nossa frente desperta o dia incandescente.
 Logo sua luz envolverá a terra,
 Da qual brotarão novas colheitas e nova gente.
 Nós alemães somos o sol e a chuva da terra,
 Seu alimento e sua bênção.
 Por isso, avante! Cultivemos a nova terra!
 Para criar um novo mundo alemão.

romance antiguerra *Sól Ziemi* [O sal da terra]. Durante a Segunda Guerra Mundial, exilou-se na França e depois nos Estados Unidos. O encontro entre os dois escritores em Łódź deu origem a uma duradoura amizade literária: Wittlin analisou a viagem de Döblin à Polônia na revista *Wiadomości Literackie*, escreveu uma resenha do romance *Amazonas* e um prefácio à edição polaca de *Die Fahrt ins Land ohne Tod* [A viagem ao país sem morte]. Döblin, por sua vez, resenhou a edição alemã de *Sól Ziemi*, publicada em 1937.

¹⁵ Wittlin morava, à época, em Bolesławów.

VIAGEM À POLÔNIA

As ideias contemporâneas de Estado não valem nada.

Neblina nas ruas. Subitamente, em meio à avenida Piotrków — a noite está caindo, há luzes acesas em algumas lojas, uma massa extraordinária de gente se empurra nas calçadas de ambos os lados da avenida — me dou conta de que me sinto, aqui, exatamente como me sentia na Marszałkowska em Varsóvia, da qual me lembro com prazer. Me faz tão bem passear por aqui, me sinto tão em casa e, além disso, caminhar em meio a esse burburinho é tão estimulante! Essas mulheres vestidas com casacos de pele, com a cabeça erguida por sobre os ombros, com o rosto semioculto por um chapéu, as mocinhas esbeltas com um quê de perversidade, grandes brincos balançando nas orelhas, botas pesadas, olhares negros. Começa-se a olhar com mais pudor. Os homens altos, os meninos que apregoam o jornal do dia; judeus apressados com seus casacos pretos, em duplas, em trios, conversando alto. Soldados de cabelos castanhos, altos e delgados como árvores. Eles saúdam alguém que passa dentro do bonde. Os cartazes do concerto de Labia¹⁶ em verde, os do de Szymanowski¹⁷ em vermelho.

A neblina paira no ar. É fim de tarde. Quero conhecer esta rua. Parece muito interessante. Caminho por dez minutos e ela se transforma numa rua suburbana. Os prédios de apartamentos rapidamente deram lugar a casebres e armazéns. Faz lembrar, às vezes, aquela rua cheia de postes de Drohobycz. O espírito. O espírito técnico e industrial do Ocidente insinuou-se aqui. Caminhando, sinto como se pisasse em outra época, como quando entrei na igreja de Maria ou na dos Franciscanos em Cracóvia. Operários poloneses corpulentos passam trotando, calçando botas enlameadas, gorros altos sobre a cabeça, barbas dependuradas das faces. Ali há dois poloneses que enfiam cigarros entre os lábios. Casacos marrons afivelados, bengalas grossas, com as quais marcham

16. Maria Labia foi uma cantora lírica italiana.

17. Karol Szymanowski foi um compositor polonês.

ŁÓDŹ

orgulhosamente pela calçada. De fato, eles têm o rosto de grandes senhores, o rosto orgulhoso e apaixonado dos grandes senhores.

Passei muito depressa da rua do comércio para a zona industrial, com suas construções de tijolos vermelhos. Cercas, chaminés. Dobrei numa travessinha estreita. Há grandes portões abertos. Os motores zumbem, assoviam. Uma carruagem aberta, muito elegante, vai navegando suavemente sobre a lama com suas rodas cobertas de borracha. Cavalos marrons a puxam, criados de libré vão na boleia. E atrás um cavalheiro vai com as mãos pousadas sobre os joelhos. A rua Panska é larga. Numa antiga placa ainda está escrito em alemão *"Herrenstrasse"*. Há trilhos no meio do calçamento, fios no ar. Tudo malcuidado, abandonado; novas chaminés, novas ruas, descuidadas, apenas uns pedregulhos jogados sobre o barro. Subitamente, passados muitas cercas e muros, chega um bloco de edifícios muito bem construídos, numa esquina: há meninos que apregoam os jornais da tarde, dois varredores de rua que trabalham impetuosamente com vassouras gigantescas e grosseiras. Mas à direita, na esquina onde dobraram os bondes, tudo volta a se dissolver: operários, fábricas, fumaça; a avenida de Danzig, operários, fumaça, chaminés, muros de tijolos vermelhos, cercas, conjuntos residenciais com fachadas caindo aos pedaços. Numa esquina, cabos elétricos de alta tensão, colossais, cruzam a rua, dependurados de torres. Alameda Kościuszko, uma espécie de bulevard: na sua parte inferior, é lamaçenta, ladeada pelos edifícios de tijolos vermelhos de fábricas sujas. Na parte superior, há residências modernas e prédios toscos, casernas de aluguel. Já é noite fechada. Quando alcanço a avenida Piotrków minhas botas estão enlameadas e minhas calças sujas de barro. Subitamente, o burburinho faiscante me deixa indiferente.

De manhã continuo minha expedição pela zona norte da cidade. Os bondes circulam de faróis acesos em meio à neblina. As calçadas e o calçamento da avenida Piotrków estão apinhados. Aqui o comércio está em polvorosa. Nas sarjetas corre uma água amarelada da qual se erguem vapores no frio. Folheio um jornal enquanto caminho:

VIAGEM À POLÔNIA

A época do comércio das festas aproxima-se e obriga todos a procurarem, com a antecedência conveniente, por uma fonte que garanta o fornecimento, na data certa, de todos os produtos necessários, da melhor qualidade, com preços moderados. Publicado em função dos anúncios exorbitantes que vêm sendo divulgados pela imprensa local.

Já estão pensando no Natal. Isto me assusta.

Reymont recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.¹⁸ De que adianta? Quem é que sabe ler polonês? São um terrível contrassenso, todas essas línguas. Ocorre-me que seria um progresso se fizessem um acordo: em todos os países as escolas ensinam, como segunda língua, ao lado da língua nacional, uma só língua: em toda parte, o inglês, ou o esperanto, não importa. Em toda parte uma língua qualquer, mas uma só segunda língua. Não seria um acordo difícil de fazer numa conferência internacional de técnicas pedagógicas, como uma conferência postal internacional. Ou como uma conferência ferroviária internacional. Se fosse assim, poderia se trafegar em toda parte sobre os mesmos trilhos.

Nesta rua predominam os judeus.¹⁹ Quanto mais caminho em direção ao norte, mais vejo judeus: com gorros de pele altos, com casacos de pele negros, com barretes negros, barbas densas e compridas, as mãos enfiadas nos bolsos, botas de cano alto, cabelos crespos. Assim como em Varsóvia, eles surgem em hordas vindos de pátios sombrios. Jovens mulheres caminham com sapatos de saltos altos, com casacos justos cobrindo ombros e nádegas. Um velho com um rosto murcho e carrancudo vai resmungando, encurvado. Rolos de tecidos amarelos, azuis, pacotes de linho e de algodão são transportados em carroças ou levados

18. Trata-se de Władysław Reymont, escritor polonês que recebeu o prêmio pelo seu romance *Chłopi* [Os camponeses].

19. Na década de 1820, os judeus viviam sobretudo na cidade velha e nas ruas Wolborska, Drewnowska e na atual rua Nowomiejska. Com o tempo, passaram a se instalar também nas ruas situadas ao norte da cidade velha e, em especial, em Bauty. Após a revogação das restrições ao assentamento, em 1862, começaram a estabelecer-se igualmente em ruas mais ao sul e na cidade nova.

ŁÓDŹ

por carregadores. A “nova praça”,²⁰ uma praça desolada, ampla e redonda. À esquerda, a velha Câmara Municipal. À direita, an- daimes, uma construção colorida: a nova Câmara Municipal. A cidade velha. Ruas estreitas. Casebres caindo aos pedaços. En- tro num prédio pavoroso: atravesso um pátio, depois de entrar por um portão, e já estou em outra rua. O lugar está apinhado de crianças. O chão, ondulado, afunda. Há muitos abatedouros de gansos. Uma pequena sinagoga tem as portas abertas. Na antessala os judeus se reúnem, num círculo, e rezam. Não sei por que não entram. Ouço uma mulher chorando e gritando. O que faz ela em meio a todos esses homens? Sua aparência é horrível e ela exorta todos a deixarem-na entrar. Seus três filhos estão muito doentes, o médico não lhe deu esperanças. Ela se enfiou para dentro, aproximou-se do oficial e pediu — con- forme me explica meu acompanhante — para lerem Tehilim,²¹ salmos de Davi, preces pela saúde dos seus filhos.

Fora, avanço com dificuldade em meio à névoa, à neve e à chuva. O bairro proletário. Há um cartaz colado à casa: “Poloneses, não comprem dos judeus! Comerciantes poloneses, vocês não podem vender mais caro do que os judeus. Isto não é simplesmente defender seus interesses, mas também um dever para com a nação!”. Um “Comitê pelo Desenvolvimento” assina. “Apoiem o comércio e a indústria poloneses. Só assim vocês se tornarão verdadeiros filhos da pátria.”

A jovem que fala comigo dá aulas numa escola polonesa que tem alunos poloneses e judeus juntos.²² Ela diz: “Em redação,

20. O edifício, no mercado novo, ao lado da igreja da Trindade, abrigou originalmente a escola secundária estatal russa. Em 1924–1925, foi convertido em sede da magistratura. Hoje, funciona ali o Museu Arqueológico e Etnográfico. 21. É o *Livro dos Salmos*, que reúne cânticos e preces de louvor.

22. Trata-se de Halina Wittlin, nascida Hendelsman, esposa de Józef Wittlin desde 1924. Vinda de uma família de médicos em Łódź, estudou língua polonesa em Varsóvia, onde concluiu o doutorado. Atuou como professora e, a partir do final da década de 1920, trabalhou no Ministério de Assuntos Religiosos e Educação Pública. Após emigrar para os Estados Unidos, lecionou no Ginásio Francês e, mais tarde, língua e literatura polonesa na Universidade de Nova York.

VIAGEM À POLÔNIA

em caligrafia e em trabalhos manuais os pequenos poloneses prevalecem; na língua e na compreensão, os judeus". As perguntas das crianças judias, porém, são terríveis. Às vezes deixam a pessoa chocada. Outro dia o assunto era Cristo e então uma criança judia perguntou, com toda a tranquilidade: "Mas ele realmente existiu?". E as crianças polonesas, boquiabertas, arregalaram os olhos. Durante as aulas ela é obrigada a contar a história de um herói patriota polonês, que deixou que sua mão fosse queimada na guerra contra os turcos para provar sua coragem. Uma criança judia ouve isso, pensa um pouco e então diz: "Sim, mas os turcos também eram corajosos". Elas analisam muito; consideram com exatidão e com justiça. É impossível sugerir a elas qualquer tipo de opinião. Em casa, as crianças ouvem todo tipo de coisa. Quando se apresenta algo nas aulas, elas dizem, com um tom de menosprezo: "Mas nós já ouvimos tudo isso em casa!". Elas não sentem nenhum constrangimento em expressar suas opiniões.

Um outro intervém, alegremente: quando era professor em uma escola e se entusiasmou com um autor russo, viu como os alunos judeus sorriram. Ele comprehendeu perfeitamente o que eles queriam dizer: "Que sujeito tolo!".

Os judeus têm em suas casas boas edições das obras de Schiller, a quem eles amam: nele encontram paixão, ética e vontade.

Os poloneses têm sentimentos muito mais desenvolvidos do que os judeus e são também mais emotivos.

Avanço ainda mais em direção ao norte. As construções vão se tornando cada vez mais baixas. Os bondes param em meio a poças de chuva. Todas as mulheres andam cobertas por xales. Meu acompanhante me mostra uma travessa estreita que tem o nome questionável de "rua da privada". Estamos em Bałuty,²³ um bairro suburbano de Łódź. A rua extensa chama-se avenida Alexander. Vejo numa rua próxima os escombros de uma casa: é um remanescente da batalha de Łódź. Numa rua deprimente há, segundo me contam, muitas mulheres, cafetões e ladrões.

²³. À época, o bairro mais pobre da cidade.

ŁÓDŹ

O calçamento da rua é terrível, suas casas, miseráveis. Entre as prostitutas há também judias, segundo me conta meu guia. Já encontrei outras em outras cidades polonesas. Entre elas há moças religiosas, que temem o rabino. Uma feira de cães. Numa esquina um policial se equilibra sobre uma pedra alta. Mais uma casa destruída. Essa avenida Alexander, com seus ares absolutamente suburbanos, parece não ter fim. Há muitas mulheres loiras, prostitutas, ao longo das casas. A chuva cai.

E então o bonde me leva de volta à moderna avenida Piotrków, junto ao meu hotel. O bonde para diante de uma bonita floricultura. Três crianças bem-vestidas com pernas compridas observam, ali, as orquídeas ousadas, intumescidas de seiva e de força. Em seguida, dirigem-se ao açougue. Da parede externa pende, em meio a frangos e faisões, uma rena grande e delgada, amarrada pelas patas traseiras. A contragosto, assustadas, curiosas, as três crianças olham sua boca aberta e ressecada.

Um conhecido inteligente e refinado²⁴ lê um artigo que trata da produção contemporânea alemã numa revista literária polonesa: junto com outro livro, um dos meus é considerado como “um dos mais importantes do ano passado”. Um presente para você, caro amigo! Os livros! No ano que vem serão publicados outros. O mundo tem um grande estômago: tudo continua a ser como sempre foi. Meu passeio me deixou com poucas esperanças. De que adianta escrever livros? E ainda assim eu sei que, solitariamente ou não, os sentimentos das pessoas precisam ser expressos, ainda que acabem desaparecendo. Ninguém tem o direito de sepultá-los. Se o mundo, o grande ser do mundo, tem objetivos, não sei dizer. Mas sei que sinto que tenho meus próprios objetivos. E penso nos anos que passaram, no contato com os poderes descomunais, confinados num livro, depois afastados de mim — e não consigo pensar em mais nada. Em mim permanece um sentimento solene. Muito solene.

24. Trata-se novamente de Józef Wittlin.

VIAGEM À POLÔNIA

Em meio à neblina conduzo a velha senhora, a mãe da esposa dele, para sua casa. Ela perdeu sua outra filha: “Uma mulher tão bonita”. Ela morreu pouco tempo depois de dar à luz e desde então a criança, frágil, vive com ela. “É uma grande dor, já se passaram catorze anos, mas não consigo superá-la.” “É tão bonito ver os jovens juntos! É um verdadeiro casamento de amor. Minha filha precisa percorrer um longo caminho até a escola, todos os dias. Mas agora ele pode trabalhar tranquilamente, fora.”

Sinto necessidade de ouvir música e vou ao concerto de Szymanowski. Uma vez conversei com este compositor polonês. É uma figura elegante, com um rosto bem formado. Ele se recusou a falar sobre músicos modernos, mas acabou dizendo uma coisa ou outra. No passado, Richard Strauss foi seu ídolo. Ao ouvir Wagner, ele chorava. No entanto, agora ele lhe é insuportável. Perguntei-lhe sobre *Lohengrin*. Ele assentiu com a cabeça: sim, esta é particularmente insuportável. Ele tem um amigo, do círculo literário Skamander, que escreveu o libreto da ópera *Rei Roger* para ele, uma ópera que se desenrola em meio a três culturas. Mas é doloroso trabalhar por anos a fio numa obra. É um esforço terrível, terrível. [Os literatos e os historiadores da arte só falam sobre o êxtase da criação. Autores pobres, impotentes, fazem como se este êxtase não existisse. Mas ele existe, embora o que venha depois dele seja trabalho, dor e tédio.] Mahler: um eclético genial. As obras tardias de Richard Strauss: vazias. Stravinsky marcou época — e não Schönberg, o psicólogo e seguidor de Wagner. É justamente no ritmo, tão importante, que ele fracassa. E então o homem jovem e sério expressa seu credo musical, enquanto uma menininha entra na sala e faz uma genuflexão: “Não se trata de psicologia nem de expressão, mas sim de construção e de dinâmica. Compor significa preencher o tempo com um *constructo* de sons”. O tempo todo ele estava fumando cigarros. Falava de maneira sincera, modesta, cheia de vida.

ŁÓDŹ

A sala de concertos da Filarmônica fica numa rua mal iluminada. A irmã dele²⁵ canta seus *Lieder*. Não consigo compreender a letra. Os últimos *Lieder* têm temas árabes. Ele sobe ao pódio, mancando ligeiramente, vestido com um fraque, bonito, com sobrancelhas volumosas. Ela permanece junto ao piano, com uma cabeleira ruiva, volumosa, brilhante, alta, esguia, a cabeça inclinada para trás, o braço esquerdo apoiado no encosto da cadeira do irmão. Enquanto ela canta num tom profundo, joga a cabeça ainda mais para trás. Trajada com um vestido longo, negro, tem em torno do pescoço um *foulard* com pontinhos coloridos. Música atonal, nostalgicamente estendida, surge do piano dele e da garganta dela. Não existe música tonal capaz de falar assim. Sim, falar. O tempo não é simplesmente preenchido com *constructos*: há um ser humano que o constrói. E para que é preciso saber disto? Como pode despertar a voz de uma mulher! Que paixão! Como ela é mulher ao cantar! O que se encontra por detrás dessa voz? O que essa mulher viveu? São as sequências transitórias dos cânticos de Alá. Jogos irônicos, burlescos. Há algo de distante e de incompreensível nessa nova música. A velha mulher que, ainda há pouco, eu estava acompanhando sob a garoa certamente não apreciará essa música. A mim ela diz algo, me estimula. É como um olhar fogoso vindo de olhos semicerrados. Os músicos de antigamente consolidaram sua arte em torno de “tonalidades” e de regras de harmonia.

Meninas com tranças e grandes laços de fita verde mostram suas bochechas vermelhas pela sala. Senhores vestindo *smokings* beijam as mãos das senhoras. Homens e mulheres mais velhos acompanhados de suas famílias. Jovens diligentes, em grupos.

Estou em Łódź: fábricas, *far-west*, província.

A indústria. Não bastam as fábricas imensas. São necessárias, também, antigas tecelagens manuais, operadas por alemães. Procuro por elas na avenida Alexander. Bato a uma porta e falo alemão. Sou interrogado e, então, conduzido, de boa vontade,

25. A conhecida soprano Stanisława Szymanowska-Korwin.

VIAGEM À POLÔNIA

numa visita. Imaginava que seria levado a um recinto pequeno e pobre, imaginava aquele tipo de trabalho que é feito no âmbito doméstico. Num edifício nos fundos, porém, o que encontro é uma verdadeira fábrica, embora pequena, com operários e operárias. E o mestre é um verdadeiro empresário. Ele me diz algo sobre sua corporação de artesãos alemães, que tem quinhentos associados. E diz que eu não deveria imaginar que o que eles fazem seja um mero resquício do passado. Todo o grandioso aparato das tecelagens industriais não tornou a tecelagem manual obsoleta nem dispensável. Não é tudo o que se pode fazer de forma mecânica. Quando seu pai veio para Łódź, tudo, aqui, ainda era alemão. É notável com que rapidez a língua polonesa se alastrou. Vou andando com ele pelos recintos de teto baixo, em meio a estalos e estampidos. Teares manuais, lançadeiras, uma sala inteira cheia deles. Muito do que se vê parece bastante primitivo: num canto, uma pedra amarrada numa corda serve de peso. Os tecelões estão diante de seus aparelhos, diante de grandes armações. Produzem toalhas de mesa, lençóis. Os carretéis revolvem. Em seguida, os tecidos são embrulhados. Há uma imagem que não esqueço: uma moça está diante de uma roca de fiar, segura-a com as duas mãos, conduz o fio, ordena-o e pisa com seu pé esquerdo. Pisa e pisa e pisa, sempre no mesmo ritmo. Eu a observo por algum tempo, pergunto-lhe por quanto tempo ela é capaz de pisar assim: de oito a nove horas por dia. Considero impossível que ela seja capaz de pisar assim por oito horas seguidas. Há muitos meses. Ela ri, o mestre ri junto com ela: é possível. Agora sei e acredito: é possível. Mas — isso é profundamente inquietante. Quando me ponho a conversar com um operário — estou feliz por enfim poder conversar com alguém sem precisar de um intérprete — o mestre, o proprietário silencia enquanto o operário começa a falar muito alto dos tempos difíceis, dos salários. Desço. Nos despedimos um do outro com frieza. Teria gostado de entrar mais uma vez na sala da casa dele. Era uma sala tipicamente alemã, acolhedora, bem aquecida, com cortinas claras, muitas flores e quadros nas paredes.

ŁÓDŹ

Há uma grande indústria têxtil em Widzeb.²⁶ Sou recebido num prédio de escritórios modernos no centro da cidade. Eles me explicam que fora da cidade há todo um complexo de fábricas: uma tecelagem, uma fiação — tudo em grandes proporções e com os mais modernos equipamentos — a estamparia, a tinturaria, o quarador, a oficina de acabamento, o depósito, uma oficina mecânica, uma fundição de aço, uma usina elétrica, uma casa de máquinas. O percurso, de bonde, é longo. Passo diante de uma praça imensa: é aqui que se realizam as grandes manifestações de operários. É de manhã, mas a neblina ainda está se acumulando e adensando. Crianças que vão no bonde, a caminho da escola, sussurram e sorriem porque eu não sou capaz de compreender o que dizem. Depois, elas me dão suas mãozinhas e observam como reagem os outros passageiros do bonde.

No terreno da fábrica os grandes galpões estão um ao lado do outro. Grandes rolos de algodão egípcio são levados por uma escada. Os fios finíssimos e perfumados que esvoaçam pelo ar apegam-se ao tecido do meu casaco e me fazem sorrir. Dentro do galpão há máquinas para desfazer os rolos. Prensa conduzem o algodão entre tambores, que aforam a matéria-prima. A seguir, o algodão é cortado por guilhotinas e outras máquinas continuam a dividi-lo e a limpá-lo. As farpas são capturadas em grandes tambores. Agora o algodão se transformou num rolo largo, posto em máquinas que o cortam, fiam, desembaraçam, penteiam. E dali sai em forma de fitas brancas, frouxas, admiráveis como salsichas gigantes, que então vão sendo enroladas em tonéis redondos. Tudo se espalha por várias salas, em andares amplos. Prensa transformam essas fitas num algodão grosso, que é estendido. Os fios são colocados paralelamente. E assim produz-se uma fita finíssima. Vem, então, a fase anterior à fiação: as máquinas fazem os fios revolverem em torno de um eixo para que assim se consolidem. E então os fios são conduzidos a uma fiadeira. É um teatro descomunal, ver como esse fio gros-

26. Widzew era originalmente um vilarejo e, hoje, é um distrito de Łódź.

VIAGEM À POLÔNIA

seiro é revolvido por meio do movimento de carretéis. Sobre um suporte móvel cabem até 120 carretéis. Essa visão, porém, é eclipsada pelas salas das máquinas automáticas de fiar. Lá se fazem fios cardados: os fios são puxados dos carretéis, são revolvidos um em torno do outro, em forma de parafusos, e puxados. E há rolos diagonais móveis que deslizam sobre trilhos de um lado para outro e vão estirando os fios. As rocas giram. Das suas extremidades o fio cardado desliza sobre a armação móvel com carretéis. Que invenções refinadas! Um pobre tecelão chamado James Hargrawes, de Standhill, foi quem inventou a primeira máquina de fiar modelo Jenny. Ele morreu em Nottingham — na oficina de trabalho. Um certo Richard Arkwright mais tarde lucrou 3 milhões de libras esterlinas ao introduzir modificações nesta máquina. Samuel Crampton, que desenvolveu a máquina ainda mais, morreu como pequeno rentista. Assim formou-se esta indústria. Há um adágio no mundo da política que diz que os Estados só são capazes de se manter por meio da força que os criou. A indústria é um produto da genialidade tanto quanto da maldade. A tecelagem elabora os fios cardados. É posta em movimento por 120 mil polias. Há pouca gente nas salas imensas. Tudo está brilhando de limpeza. No centro há uma alameda de correias móveis. As grandes esferas de algodão se encontram diante de máquinas que branqueiam e amaciham. Em toda parte, há mangueiras brancas: as fitas içadas dos grandes tachos. As salas vibram. Em meio à trepidação e aos assobios, carrinhos deslizam sobre rodas. Os fios silenciosos se estendem. A tecelagem: 3 mil teares mecânicos. Os estampidos e os choques fazem pensar num tiroteio. As fitas rolam devagar. Maços de cardado, golpes convulsivos: é o chamado tiro. Estou completamente ensurdecido na escada. Passam-se minutos antes que eu crie coragem para passar à sala seguinte. Neste galpão paira vapor no ar. Uma grande molhadeira. Os operários andam descalços, de um lado para o outro. Aqui lava-se e ferve-se. Em toda parte, vejo fitas de tecido puxadas e logo passadas por entre rolos de compressão. As fitas de linho são secas, batidas, colocadas de molho,

ŁÓDŹ

aplainadas por prensas. Máquinas para aquecer, máquinas para estender. Elas golpeiam, tingem, estampam. Fico espantado diante de uma espécie de maçarico gigante. Uma chama de gás está acesa e o tecido é passado pelo fogo por meio de rolos, mas não é queimado. Sua superfície, assim, se torna mais fina. O tecido é levado ao fogo quatro vezes. Máquinas que enrolam os tecidos. Os carimbos nos rolos. As máquinas de medir. A sala de tingimento, saturada de vapor. As fitas entram brancas e saem verdes. As máquinas de torcer. A fiação dos restos para fazer cardados de qualidade inferior.

Agora, finalmente, estamos ao ar livre, no terreno da fábrica. Olho para a usina de eletricidade. Há em seu interior dois ou três homens. As máquinas colossais trabalham, as pessoas as observam. O carvão desliza mecanicamente para o interior da usina: é uma visão extraordinária essa das brasas sob as caldeiras. A cada tanto, carrinhos de carvão ali despejam sua carga. Uma velha casa de caldeiras está sendo desmontada. Fundição, marcenaria, forja, serraria: o terreno da fábrica tem uma área de quatrocentos acres. Há ali uma economia própria. Atravesso uma ponte. Ali foram instalados tanques para filtrar os esgotos da fábrica. A água quente é posta para esfriar ao ar livre. A neblina e o vapor, porém, são tão espessos que não consigo enxergar coisa alguma. Há também, no terreno da fábrica, 186 casas de operários.

Um grande infortúnio abateu-se sobre os povos do Ocidente. Há séculos um antigo sentimento está desaparecendo dentre eles. O Iluminismo, a ciência e a política estão tomando seu lugar. Mas quem é capaz de negar que estão surgindo novos sentimentos, novas fontes espirituais? Estamos fervorosamente enraizados na terra que, pouco a pouco, vem sendo contemplada à distância. Mas há muita gente que apenas percebe a destruição do antigo, o surgimento do vazio. E que vê com muita nitidez as máquinas, as indústrias, as pilhagens, as guerras expansionistas, as hordas de gente que lucra e as massas de oprimidos. As coisas não haverão de permanecer assim para sempre. Nossa época não será a época da técnica. Ainda por muito tempo haverá gritaria em torno do

VIAGEM À POLÔNIA

materialismo. É nele que se encontra o vazio — quem não percebe isso? Mas é no interior deste mesmo vazio que se anuncia o futuro e é por isso que não me agrada toda a gritaria romântica. As ervas daninhas de hoje serão pisoteadas. As novas formas de pensar precisarão de muito mais tempo para se tornarem conhecimento e sentimento do que precisaram para se tornarem máquinas.

Elogiei Cracóvia, a igreja de Maria, o crucificado, o justo. Eles vivem. O arcaico é sempre o mais novo. Essas máquinas aqui, porém, são também autênticas, fortes, aço vivo. Elas cativaram meu coração. Não me importa de que forma elas estão relacionadas com o crucificado e com o justo.

Eu — e ainda que essa contradição alcance o absurdo e o inferno — elogio um e outro.

Mais uma vez sou chamado para visitar as ruelas escuras. Há um *rebe* que mora aqui: o de Stickow. É com ele que eu quero falar.

Por que não falo com nenhum sacerdote católico, com nenhum monge? Bem que eu gostaria de fazê-lo. Mas não sei polonês para me dirigir diretamente a algum deles. A gente do país, porém, com a qual falo e que sabe o que quero, não se interessa por mim. Digo: o que me interessa é o aspecto cultural. Eles acham que estou me referindo a galerias de arte. Eu me queixo. Tenho boa vontade. Um canalha que dá mais do que tem.

O grande *rebe* de Gura Kalwaria não quis me receber. Este, porém, senta-se comigo à mesa. Mora num apartamento alugado. Seu *beit midrash* é pequeno. Há alguns homens que rezam e estudam ali. E então chega o *rebe*, com seu chapéu redondo. Uma figura de grande estatura, com uma barba cinzenta colossal. Sou informado de que esse é o *rebe* Sadie,²⁷ um neto do grande

27. O rabino Sadie (também grafado Saadia, Seadyia ou Szyja), pertencente à dinastia hassídica de Zychlin-Strickow, foi membro do movimento Agudat Israel. Defensor do fortalecimento do sistema escolar e da imprensa judaica, fundou em 1922 a organização Shomrei Shabat, ou “Guardiões do Shabat”, voltada a garantir a observância do *shabat* na indústria têxtil. Durante a ocupação alemã, mudou-se com os filhos para Varsóvia, a fim de apoiar a comunidade hassídica

ŁÓDŹ

Gichliner. Serviçais apanham seu guarda-chuva molhado e seu casaco de seda. Ele está sentado no andar superior, junto à mesa da sala de sua casa. Dizem-me que é obrigado a morar aqui porque durante a guerra teve que deixar a casa em que vivia em Strickow, uma aldeia próxima. Agora a casa foi ocupada e ele está tentando voltar para lá. Pouco a pouco, os homens que vêm do *beit midrash* vão se sentando em volta da mesa. Quando faço perguntas e o *rebe* responde eles interferem, dão explicações. O *rebe*, então, permanece em silêncio, mergulhado em si mesmo, às vezes presta atenção no que está sendo dito e assente com a cabeça. Ouvi dizer que ele luta pela santificação do *shabat* e dirige uma organização que está presente também no exterior, e que pretende influenciar industriais e grandes comerciantes. Interrogo-o a respeito do *shabat*.

Ele: “O *shabat* e sua santificação são pilares do judaísmo religioso. O *shabat* é uma corda que Deus lançou para os judeus, para que se segurem nela”. Durante a guerra os sentimentos religiosos e éticos dos judeus da Europa oriental perderam força enquanto o amor por coisas materiais preponderou. Mais tarde, porém, a vida judaica se estabilizou. E ele, o *rebe*, tomou para si a tarefa de divulgar a vida religiosa e moral dos judeus e a santificação do *shabat*. Enfrentou muitas dificuldades entre os empresários. Eles não estavam dispostos a dispensar seus trabalhadores judeus no *shabat* como, por exemplo, os embaladores da indústria têxtil. Em 1922 ele fundou a Organização para a Santificação e a Conservação do Santo Shabat. É uma organização que funciona de maneira prática e cujos representantes circulam pelas ruas.

Não é fácil para mim fazer perguntas. Mas como o *rebe*, essa figura imponente com sua barba grisalha, me responde com tranquilidade e com bondade, num iídiche facilmente comprehensível, ganho mais confiança. Digo a ele que vi muitos judeus, sinagogas, casas de oração e cemitérios, e que aprendi

local. Ele e sua família foram assassinados pelos alemães, o que marcou o fim da dinastia Zychliner-Strickower. No espólio de Alfred Döblin conserva-se uma carta sua, datada de 22 de setembro de 1930.

VIAGEM À POLÔNIA

muito. Mas não consegui compreender uma coisa: como os judeus religiosos se dividem em seguidores de diferentes *rebés*? Por que eles se ligam de tal forma aos *rebés*? Segundo ouvi dizer, no Ocidente existe apenas um judaísmo, uma só fé. Eles sorriem amigavelmente à mesa e um deles concorda comigo: “Uma boa pergunta”. O *rebe* permanece em silêncio e depois olha para mim com olhos muito suaves:

Todos têm um mesmo objetivo, que os leva ao encontro de Deus. Há um grande país. Um rei impera sobre esse país. O rei, porém, não tem como governar o país sozinho. Precisa de soldados e de generais. Estes são os *rebés*. Os *rebés*, o que diferencia um do outro? Todos eles se vinculam a uma mesma coisa. Um *rebe* pode interpretar a Torá com rigor ou com leniência. A Torá pode ser compreendida de um jeito ou de outro. Existe uma Torá de *midas hadin*, que é uma Torá de mandamentos, e uma Torá de *midas horachim*,²⁸ que é uma Torá da compaixão. Esta é a interpretação. E quem comprehende a Torá com rigor tem seus seguidores, e quem a comprehende com leniência tem, também, seus seguidores. E é por isso que há seguidores de diferentes *rebés*. Os *rebés* são homens piedosos e filhos de homens piedosos. Cada qual escolhe o *rebe* com o qual tem afinidade.

À mesa me dizem que, no momento do sepultamento de um *rebe*, seus seguidores dão a mão ao filho ou ao neto dele que tenha se mostrado digno de sucedê-lo e lhe desejam boa sorte. Eles falam, às vezes atropelando-se uns aos outros, enquanto suas palavras bonitas e delicadas reverberam em mim. Permanecem em torno da mesa, sentados ou em pé. Os dois filhos do *rebe* também se encontram ali: um com uma barba volumosa e macia, o outro, mais delicado. Sorriem com frequência. Seu irmão também se encontra ali. Ele se interessa por mim e tenta compreender meus pensamentos. “É preciso estudar muito”, diz ele, “e eu nunca fui capaz de estudar tanto quanto meu irmão. Eu não dava para isso.” De uma forma muito respeitosa ele sussurra, falando do irmão: “E também é preciso ensinar as crianças. Ele

28. *Midas hadin* e *midas horachim*, em iídiche, são equivalentes ao hebraico *midat hadin* e *midat harachamim*.

ŁÓDŹ

se privava do sono. E esses que você vê aqui não são sábios. São comerciantes, gente simples. Eles simplesmente vêm aqui”.

Junto à cabeceira da mesa, com sua barba descomunal, o *rebe* permanece sentado, absorto em si mesmo, com a cabeça apoiada no peito. Seus olhos são profundos, muito serenos e não olham para fora de si. Parecem abertos para seu interior. São como janelas que olham para dentro dele mesmo. Paire à sua volta algo triste e silencioso. Seu rosto, sob a barba, me parece estreito. Ele é delicado e modesto. É um homem muito pobre. Que contraste com o *rebe* de Gura, o Gerer, um autocrata rico! E logo, enquanto ainda estou sentado ali, percebo que ele tem uma delicadeza e uma suavidade quase excessivas: paise à sua volta uma placidez infantil. Quando abro a boca para lhe fazer alguma pergunta, ele olha por sobre a mesa, sem erguer a cabeça: “Silêncio! Uma pergunta!”.

Pergunto ao *rebe* qual é a sua posição ante a ortodoxia e o sionismo. “O judeu ortodoxo não se afasta de *Eretz Israel*. Sião e a Torá permanecem juntos. Sem a Torá o sionismo não é um movimento judaico.” Ele fala com amor dos judeus sionistas: “Ele não é um inimigo do sionismo. Mas aos olhos de Deus judeu é quem mantém o povo, a terra e a Torá juntos. Sem isso não existe Sião. E é isso o que o povo judeu precisa lembrar”.

Em suas frases as palavras “Talmud” e “Torá” voltam sempre. Quando lhe falo dos judeus do Ocidente, ele aponta para o que se passa na Polônia: muitos judeus do Ocidente se afastaram da Torá e do Talmud e por isso seus filhos não receberam uma educação judaica. Mas quem tem boa cabeça adquire a educação secular independentemente.

E como se relacionam as escrituras sagradas com a ciência moderna? É possível reconciliar ambas? O *rebe* permanece sentado, ergue os ombros. Ele se dedica à astronomia. E então diz:

A Torá é a fonte que fecunda tudo. A ciência é apenas uma das correntes de água que brotam dela. A ciência não tem como se sustentar sem esta fonte: sem a fonte, ela resseca. Há manifestações da natureza que superam as maiores forças e os mais precisos cálculos. Existe uma providência divina capaz de destruir tudo.

VIAGEM À POLÔNIA

Belíssimo discurso. Um alívio completo.

Evito o encontro com um agitador sionista,²⁹ com quem já tinha marcado uma conversa. Enquanto estou me preparando para a partida recebo a visita de um jovem literato iídiche.³⁰ Mais uma vez há alguém sentado à minha frente num hotel polonês, num cômodo aquecido, e reflito com ele sobre vários assuntos. “Antes da guerra”, diz o jovem, sentado num sofá, “os intelectuais de nosso povo eram, em sua maior parte, assimilados. Mas então eles retornaram: os burgueses se tornaram sionistas, outros se tornaram seguidores do movimento Poalei Zion. Os socialistas se desviaram da questão judaica.” Quando eu lhe falo sobre o *rebe* de Stickow ele me fala sobre um rabino que vive numa localidade próxima a Varsóvia que passa fome e frio há quarenta anos, que chora e reza por todo o mundo e pelos pecados de toda a humanidade. Um outro canta, há muitos anos, as canções que ele mesmo compôs, gosta de comer muito, é um otimista: “A vida é maravilhosa”.

E agora, qual é a situação de vocês hoje? Ouvi falar no nome de Bialik.³¹

Ah, tudo é uma questão partidária. Ele escreve em hebraico, isto basta. Ele é medíocre, fraco, burguês. Existem os artistas do judaísmo e

29. De acordo com o manuscrito de *Viagem à Polônia*, Döblin havia marcado um encontro com o editor de um jornal sionista que não se concretizou. Esse editor pode ter sido Lazar Fuks, cofundador e editor-chefe do jornal diário *Najer Folksblat*, publicado entre 1921 e 1939. Em 1922, ele concorreu ao Sejm pelo partido Poalei Zion.

30. O parceiro de diálogo de Döblin foi o poeta e dramaturgo de vanguarda Mojżesz Broderson. Cofundador do grupo de artistas iídiche Yung Yiddish e fundador do teatro de cabaré Ararat — acrônimo de Artistisher Revolutsyonerer Revyu-Teater ou “Teatro de Revista Revolucionário Artístico” —, Broderson partiu, no outono de 1939, para a região da Polônia ocupada pelos soviéticos e permaneceu na União Soviética após a guerra. Durante a campanha antisemita de 1950, foi condenado a dez anos de prisão em um campo de concentração. Libertado em 1955, viajou para Varsóvia, onde morreu no ano seguinte.

31. Chaim Nachman Bialik (1873-1934) foi um dos maiores poetas da língua hebraica moderna e figura central do renascimento cultural hebraico. Também escreveu em iídiche e foi ativo no movimento sionista. Desde 1924 viveu em Tel Aviv, onde sua casa se tornou um centro da vida literária hebraica.

ŁÓDŹ

existem os artistas judeus. É preciso distingui-los um do outro. Esta é uma diferença que vale para todas as nações. Poloneses ou alemães ou judeus que retratam algum aspecto da vida polonesa, alemã ou judaica não por isso serão, necessariamente, pintores que representam seu povo. Há muitos artistas do judaísmo. Eles retratam o gueto em seus quadros, ou temas da história judaica. Isso não significa nada. É preciso ter talento e é preciso entregar-se ao talento. Isto é tudo.

Com ceticismo, mas sem ser incisivo, o jovem fala da Palestina. Ouço ecos da minha conversa na véspera:

Talvez eles consigam criar um Estado. Talvez. Mas para quantos? E o que terão conseguido com isso? Eles vão criar soldados, estadistas e operários, dos quais, então, haverá um número ainda maior no mundo. Mas Espinoza e Bergson — esses eles não serão capazes de criar. O futuro do mundo não se encontra ali. O sionismo é um movimento corpóreo. O mundo, porém, precisa ser humanizado. Não é só a situação dos judeus que é terrível. Também a situação dos alemães, poloneses, franceses, americanos e ingleses não é boa. O que se passa com sua cultura? Ela não nos impressiona. Durante a guerra vímos muitas coisas acontecerem. Tudo precisa ser humanizado. Aos poucos. E é assim que as grandes dificuldades dos judeus serão superadas. Sem que sua substância seja destruída.

Como faz bem ouvir vozes como essa sem ter que movimentar os próprios lábios! Torna-se imediatamente evidente que não se está sozinho no mundo. Um sentimento indizível. O sentimento dos sentimentos.



Partida

No indivíduo.

Cada um leva a própria cabeça sobre os ombros.

Sigo novamente em direção a Varsóvia. O vagão balança. É a terceira ou quarta vez. Mais uma vez passo pelas ruas nas quais caminhei por semanas a fio e às quais me apeguei. A Marszałkowska. A Krakowskie Przedmieście. Mais uma vez saúdo as pessoas, visito bares e cinemas. Sinto-me triste e agradecido. Tudo parece faiscar. Gostei de estar aqui. Sinto-me ligado a este lugar. Que gente é essa, que mistura de povos, que vitalidade borbulhante, que estímulos poderosos. Teria gostado de me aprofundar nas minhas visitas, mas fui acometido de surdez e de mudez. Adeus, então! Este país existe e eu o conheço em meu coração.

Antes da meia-noite sou sugado pela estação ferroviária e soprado em direção a Danzig. Uma noite difícil. Estou sentado só com um jovem senhor no compartimento. Vejo que ele está lendo jornais nacional-democráticos poloneses. O condutor não se entende com a minha passagem, sou incapaz de me entender com ele, mostro-lhe meu passaporte, falo alemão, francês. O jovem senhor intervém. E quando tudo está esclarecido, ele observa, em bom alemão, sem sotaque: "As pessoas não gostam de ouvir alemão na Polônia". Seria melhor se eu falasse francês. E então ele começa a falar — nos deitamos no compartimento, cada um de um lado — em francês. Conversamos até tarde da noite. É principalmente ele quem fala. É alto, forte, tem um rosto bem nutrido. Diz que foi oficial durante a guerra, primeiro do lado das forças das Potências Centrais — não sei se no exército prussiano ou no austriaco — e depois do lado dos poloneses, com os aliados. Provém da região da Polônia que antes era dominada

VIAGEM À POLÔNIA

pela Prússia. Dos alemães ele diz: “Eles consideram que o poder faz o direito. A Rússia e a Alemanha são nossos piores inimigos. E a Alemanha já se tornou novamente a maior potência industrial”. Recentemente os alemães começaram a propagar, por meio de alguns intelectuais, a ideia dos Estados Unidos da Europa. Isto não deveria ser compreendido como sentimentalismo, e sim como astúcia. É coisa que só pode interessar aos industriais alemães. Por um bom tempo ele fala com temor e com respeito sobre a Alemanha. Ataca os velhos métodos da Prússia contra a Polônia. “Deram-nos o nome de *eslavos*, que vem de *escravos*. Mas agora eles estão vendo que se enganaram.” Aponto para o fato de que, até onde sei, “eslavos” provém de “voz” e significa “o homem que sabe falar”, ao contrário do alemão, que não sabe. Ele faz como se não tivesse ouvido. Em Varsóvia eu tinha pensado que a crise da Polônia exige uma visão, uma frieza e uma energia sobre-humanas. Sonho com isto no interior do vagão escuro enquanto ouço o jovem nacionalista falar.

Seu ódio pela Alemanha está combinado com medo. Ele expressa seu ódio puro aos judeus, um ódio que se exacerba a ponto de se tornar nojo. E explica que não se pode fazer nada contra eles. “Toda a opressão não causa nenhum mal aos judeus. No *shabat* eles estão novamente ali, sentados como reis, sentindo-se seguros.” O polonês em meu comportamento confessa: ele sequer sabe se há algum sentido em aniquilá-los completamente, em destruí-los e aspirá-los. Ele tem, sobre os judeus, uma fantasia aterradora e descomunal. E enquanto despeja seu ódio por horas a fio, sou involuntariamente levado a fazer o papel de observador. Ele se queixa, perplexo:

Eles não são indivíduos isolados na Polônia. Eles são uma nação, um povo. Nas cidades, são proprietários de bairros inteiros. Eles foram recebidos na Polônia. E do que vivem hoje? Aqui e em toda parte? Da falta de desenvolvimento dos povos. Eles não permitem que meu povo se erga, pois, se isto acontecesse, eles seriam arruinados. Quando um povo é pouco desenvolvido, eles impedem a sua cura. E nosso povo é pouco desenvolvido. O senhor com certeza

PARTIDA

já observou quanto do comércio está nas mãos dos judeus. Como eles enriquecem às custas da nossa riqueza. Eles são verdadeiros saprófitas, fungos, cogumelos que vivem da podridão, parasitas. São uma raça de bactérias. Em meio às culturas superiores, como na América e na Europa ocidental, eles não têm nenhuma importância. Mas aqui, onde tudo ainda está começando, é diferente.

E ele repete, enfurecido: “Eles são um perigo colossal”, e não se cansa de falar sobre o assunto, para me persuadir. Pergunta-me se eu conheço o livro dos irmãos Tharaud, dois franceses que, por muitos anos, estudaram na corte de um *rebe* na Galícia oriental.

Esses *rebés* possuem riquezas descomunais, têm verdadeiras cortes. Eles mantêm a coesão dos judeus. Os judeus conhecem todos os tipos de trapaças para prejudicar os camponeses e também os cidadinos, que não têm como enfrentá-los. Eles são traficantes de mulheres, raptam mulheres polonesas e mulheres de outros povos. E ninguém consegue realmente se aproximar deles. Pois eles possuem seu Talmud, que contém tudo o que eles precisam saber. E o Talmud ensina uma moral dupla: uma que diz respeito aos judeus e outra que diz respeito aos outros povos.

O homem culto se dissolve em repulsa e em revolta. Certamente é um patriota. Já estou meio adormecido enquanto ele, à minha frente, continua a falar. Em meio à escuridão alguém abre a porta e diz algo em polonês. O senhor traduz para mim: ele advertiu que há ladrões no trem. E, passado pouco tempo, desperto de um pesadelo, ergo-me e vejo na janela o reflexo de um homem de pé. Ele está mexendo na minha bagagem. E — é meu vizinho de compartimento! Assustado, solto um suspiro, minhas pernas despencam do assento. E então, em meio à claridade do raiar do dia, percebo que ele apenas está se enrolando em seu cobertor. Ele sorri para mim e volta a deitar-se. Mas eu permaneço insone, assustado. No compasso de três por quatro, o trem avança. Estala, sacoleja, suspira, bufa, assovia longamente. De súbito, ao atravessar pontes ou túneis, uiva, aplaude. Vou seguindo através da manhã — o polonês desembarcou antes de chegar à

VIAGEM À POLÔNIA

fronteira. Atravesso uma enorme ponte ferroviária.¹ Por baixo dela corre um rio imenso. Combalido, sou conduzido sobre rodas à elegante estação de trens de Danzig. Há um obelisco² em meio a um prado: “De Danzig, em memória a seus filhos caídos”. No meio de uma rua um homem uniformizado e armado ergue e abaixa o braço. Em sua mão há um sinaleiro. Ele parece estar acenando para os veículos. É um policial de trânsito. Comanda o trânsito, mesmo quando não há trânsito algum. Passo diante de lojas finas. Há fileiras inteiras delas. Residências antigas seduzem meu olhar. O antigo mercado de carvão é uma construção esplêndida, ornada com emblemas dourados. Em seu interior há lojas elegantes. Limpeza. Limpeza em toda parte. Prosperidade. A vida burguesa que se alastrá sobre as ruas. Bons modos, uma ordem uniforme, silêncio. Automóveis reluzentes. Liquidações de Natal nas lojas de departamentos.

Observo a vitrine de um fotógrafo — e penso nas fotografias da rua Florian, em Cracóvia. Uma mulher sentada. Seu vestido de brocado branco deixava uma discreta parte dos seios à mostra. Casaco longo, de noite. Um chapeuzinho provocante escondia boa parte da testa. Ela tinha o sorriso opulento de quem sabe muito. Ah! Cracóvia! Será que estou satisfeito por andar aqui, agora? Aqui há ordem e limpeza. As fachadas dos prédios não estão caindo aos pedaços. O calçamento das ruas é impecável. Na vitrine do fotógrafo veem-se rostos seguros e bem nutridos. Têm uma expressão agradável, leve, alguns parecem cobertos por uma fina camada de autocomplacência. A — morte do coração! Por que me ocorrem estas palavras? Não sou um poeta lírico. Mas es-

1. A ponte sobre o Vístula, com mais de um quilômetro de extensão, próxima a Tczew, foi construída entre 1888 e 1891 e ampliada entre 1910 e 1912. O trem cruzava a fronteira entre a Polônia e a Cidade Livre de Gdańsk ao norte de Tczew, entre Miłobądz e Kolnik.

2. O obelisco foi erguido em 1904 em memória das vítimas das guerras prussianas de 1864 a 1870 e permaneceu no local até o fim da Segunda Guerra Mundial. Desde 1965, em seu lugar encontra-se o monumento a Jan III Sobieski, visto por Döblin em Lviv.

PARTIDA

tas palavras insistem: a morte do coração. Obtusidade. Ausência de expressão nos rostos deste fotógrafo. E não só na sua vitrine: também a gente que caminha sobre as calçadas ao meu lado é assim: criaturas ativas e diligentes, mas todas parecem ter a mesma cara. É tudo uniforme, monótono. Não vejo gente. Parece haver aqui algo que lembra formigas. É uma massa que faz, que trabalha. Será que eles sabem por quê? Mas fazem. Há neles algo vegetativo, vazio. Sou obrigado a baixar o olhar, não quero ver. Por que não? Me envergonho, me sinto terrivelmente abandonado.

E é isto, meu querido coração, o que espera por você na Alemanha. Aqui há limpeza, ordem, prosperidade. Aqui você está em casa. Mas nem tudo será assim. Só num primeiro instante você tem esta impressão.

Sigo com o olhar um bonde elétrico que avança pelos trilhos, me deixo levar até uma velha torre retangular, através de um belo portal, na Länggasse. Ah! Uma rua principal! Diante de lojas finas, de lojas de departamentos, um público de gente bem-posta na vida passeia pela tarde fria. A burguesia bem-vestida. O imponente edifício dos correios ainda traz o letreiro “correio imperial”. Uma igreja — ou será a Assembleia Legislativa?³ — domina, pontiaguda, a rua. O nome desta travessa me agrada: “Beco da Lata de Leite”.

Uma vida burguesa, longa e pacífica, se desenrola aqui. Na Polônia, o jovem Estado, politizado até a medula, cobriu apressadamente todas as cidades com os nomes sobre os quais ele se constituiu. Atrás do mercado a imagem de bem-estar se transforma: há navios que soltam fumaça, velhas oficinas com telhados íngremes. Um armazém colado ao outro. Sopra um vento forte, a água oscila, esverdeada, junto a uma larga calçada de madeira.

Onde foi que andei pela última vez à beira da água? Em Cracóvia. Novamente em Cracóvia. Em Podgórze, o bairro operário. Verdadeiras massas de cães brincavam pelas traves-

3. Na Länggasse — nome alemão para a rua Długa —, a prefeitura possui uma torre esbelta de mais de 80 metros de altura, erguida entre os séculos XIV e XVI.

VIAGEM À POLÔNIA

sas lamicentas, farejando o lixo. Ouviam-se gritos vindos dos porões. Era como se eu tivesse sido apanhado por uma tempestade. Como se eu tivesse que partir logo. Como se eu estivesse cometendo alguma transgressão ao andar por ali. Como me sinto impaciente, que saudades, que saudades doloridas sinto no meu peito! É a dor aguda da separação, da despedida.

Não prestei atenção nas mulheres e nas moças daqui, em seus rostos sérios, pálidos, malcuidados. Uma mãe passa por mim, levando pela mão sua filha de quatro anos de idade. Suas calcinhas brancas aparecem, dependuradas, abaixo dos joelhos, sob a saia de algodão. A “Neue Mottlau”: uma ponte de ferro sobre a água verde e faiscante. E um novo tipo humano: trabalhadores e marinheiros espertos e bem-arrumados, com boinas, caminhando a passos largos. Atrás da ampla rua, que se chama Pfeffersstadt, meu caminho me leva ao cais, através de uma praça grande. E logo no início, quando piso na rua dos Trabalhadores, tenho diante dos olhos uma imagem esplêndida e moderna: a construção negra e geométrica de um ousado guindaste cuja altura equivale à de um prédio. Agora soa, assustadora, profunda, densa, a sereia de um navio. E as águas, largas e tranquilas, estão diante dos meus olhos. Atravesso-as a bordo de uma balsa, no meio de veículos e cavalos. De todos os lados vêm estampidos e estalos. Nas oficinas, martela-se. Guindastes enfileirados à beira da água. Duas enormes barras horizontais se estendem, das quais pendem correntes com ganchos e garras. Alcancei a margem oposta, sigo ao longo do calçamento e quanto mais subo pelo caminho, mais colorida vai se tornando a visão da margem oposta. Há trechos cobertos por nuvens de fumaça negra. O ruído descomunal de grandes martelos a vapor ecoa, vindo do outro lado: o zumbido e o estampido constante e uniforme das escavadeiras e dos martelos. Como os guindastes ganham vida, giram, estendem seus braços esbeltos. De uma chaminé gigantesca sai, em diagonal, uma massa colossal de fumaça negra. Sigo ao longo da península pela rua lamicenta. Do alto vejo as águas tranquilas que se alastram. E o que vejo na água, para além da península? Quatro

PARTIDA

pequenos navios de guerra poloneses,⁴ com seus canhões cobertos. Um deles se chama *General Haller*, outro, *Gaivota*. Esta Danzig já não é mais uma cidade do Império Alemão, e sim uma estranha criatura hermafrodita e soberana. Já na estação de trens fiquei espantado ao ver os guichês com letreiros em polonês. Esta aberração foi criada por motivos políticos: uma cidade livre a contragosto.⁵

Volto-me e ouço o clamor colossal, o zumbido, as rodas que deslizam na outra margem. Agora todas as chaminés vomitam uma fumaça negra. Chamas vermelhas brilham nas oficinas. As marteladas às vezes são interrompidas, mas o zumbido ensurdecedor não para.

O Egito se penitencia pelo assassinato do general inglês, Jaurès é sepultado no Panteão em Paris. O chanceler do Império a respeito do caso Nathusius.

4. Com base em um acordo entre a Cidade Livre de Gdańsk e a República da Polônia, firmado em 8 de novembro de 1921, a Polônia pôde utilizar temporariamente o porto de Gdańsk como *port d'attache* e ali estacionar sua marinha. O porto de guerra de Gdynia, concluído em 1930, já estava suficientemente desenvolvido no outono de 1926 para que a frota pudesse ser transferida para lá. Em 1924, a marinha polonesa consistia em quatro caça-minas com canhões de 7,5 centímetros — *Jaskolka*, *Mewa*, *Czajka* e *Rybitwa* — e duas canhoneiras com canhões de 10 centímetros, *Komendant Piłsudski* e *General Haller*. Os navios permaneciam, em sua maioria, atracados no afluente Motława, no Vístula Morto, de onde Döblin provavelmente pôde avistá-los a partir do Holm. O caça-minas *Rybitwa*, afundado no início da Segunda Guerra Mundial, tornou-se o cenário principal da novela *O gato e o rato*, de Günter Grass.

5. De acordo com as disposições do Tratado de Versalhes, nos artigos 100 a 108, Danzig (atual Gdańsk) foi transformada em uma cidade livre sob a proteção da Liga das Nações. Por ter pertencido ao Reino da Polônia, com ampla autonomia municipal, até a Segunda Partição da Polônia em 1793, e por sua localização estratégica na foz do Vístula, essencial para o comércio polonês, a Polônia voltou a reivindicá-la após a Primeira Guerra Mundial. A solução estabelecida em Versalhes não satisfez nem a Polônia nem a Alemanha: Gdańsk recebeu autonomia política interna e foi desmilitarizada, mas, em matéria de política externa, passou a ser representada pela República da Polônia, que também obteve os direitos sobre o porto e o controle das conexões ferroviárias da cidade livre.

VIAGEM À POLÔNIA

O grande sucesso não está aí! O grande sucesso está ausente! Onde está o grande sucesso?

◊

Vamos ver quem chegará mais longe: nós, que compreendemos tudo e queremos o bem do povo ou os senhores marxistas, que só têm seguidores porque trabalham com o mais selvagem terror, de acordo com o belo ditado: *Se você não quer ser meu irmão, então vou esmagar seu crânio!* Por isso, tirem suas mãos de nossas honestas intenções! Vamos continuar a seguir por nosso caminho sem erros. Pois quem trai a própria pátria fica marcado pela vergonha. A Alemanha precisa viver, ainda que tenhamos que morrer por isso! Fidelidade à Alemanha, para sempre!

◊

Foram encontradas: uma soleira de madeira; uma bolsa contendo cerca de dois Gulden e uma chave; três calcinhas de criança; um passaporte alemão de Frieda Dirks; um cão pastor alemão, jovem e grande; um Terrier branco malhado de marrom.

No café, pais de família exauridos, carecas e de óculos, tocam para que o público dance. Sobre o que falam as pessoas às mesas? Três senhoras elegantes cochicham: será que é possível dançar usando patins de rodas e será que isso é arte? Qualquer moleque de rua faz isso. As senhoras anunciam sua discussão em tons sólidos como o aço.

Estou sentado no teatro assistindo a uma apresentação de *Tristão*. Durante dois atos não consigo me envolver. No terceiro ato Tristão jaz sob uma árvore em sua fortaleza, fatalmente ferido. E quando ele se ergue, meio enlouquecido: “Com risos e choros, prazeres e feridas descobri o veneno daquela poção”, adentro o drama. Curvo-me, arregalo os olhos, inclino-me. Isto não é teatro. Sinto-me ofuscado, atingido. Há em mim um só sentimento: isto é verdade! Isto é verdade!

Durante o intervalo as pessoas mastigam e bebericam nos corredores. Uma madame gorda, junto ao balcão, abre garrafas de cerveja. A gente ri e brinda. Um sujeito apanha um canapé de ovo com anchovas, morde, engole. O ovo cai e suja a bota do cavalheiro.

PARTIDA

Outros tiram pães com manteiga do bolso no instante em que as portas do auditório estão sendo abertas, se encostam nas colunas ou nas paredes e comem com voracidade, segurando nas mãos o papel, que estala. Um casal obeso passa por mim. Eles se curvam o tempo todo, à direita e à esquerda. Um oficial condecorado com a Cruz de Ferro e com um rosto rechonchudo. Uma mãe baixinha com sua filha espandongada e tímida. Um homem casado rabugento, com um *pince-nez*, gordo, de calças folgadas; a esposa, uma baixinha desamparada, balança impetuosamente a bolsa. Dois senhores que dão as mãos e em seguida coçam as cabeças. Dois rapazes pálidos como cera que caminham lado a lado e falam sobre os cantores como grandes entendedores. Uma mocinha bonita e esguia, de pernas longas e retas. Mas ela parece insegura e não sabe o que fazer com os próprios braços. As mulheres engordam muito depressa, seus quadris despencam, elas não sabem se vestir, muitas têm espinhas no rosto. E aqui há uma mulher mais velha, diante da filha, vestindo uma blusa branca horrorosa, uma corrente colossal pendendo do pescoço até a altura do quadril. Elas falam uma com a outra, de forma confusa e incompreensível. As bochechas de ambas são gordas: estão cheias de pão.

E então as portas se abrem novamente. Dentro soa a flauta do pastor. E Tristão se ergue: “Com risos e choros, prazeres e feridas descobri o veneno daquela poção”. E canta — música alemã, música destes alemães.

Morte do coração? Não se trata de morte do coração. O que há, além de música, no coração dessa gente? Rostos cheios de espinhas. Calças folgadas demais. Sua intimidade sangra em forma de música. A música aqui, as faces e os atos ali.

Não perdi nada nessa cidade. Só quero passar uma hora junto ao mar. De manhã sinto a areia sob meus pés. De manhã estou à beira do mar. Faz tanto frio! Passei pelo belo balneário de Sopot, me admirei com os cartazes escritos em russo,⁶ com os livros rus-

6. Por volta de 1920, um grupo de judeus oriundos do Leste Europeu, em sua maioria russos, estabeleceu-se em Sopot. Ali organizaram um centro de

VIAGEM À POLÔNIA

sos nas vitrines. E então me aproximo da praia. Não vejo ninguém. O que vejo à minha esquerda é o cassino, o lugar onde eles jogam. A seu lado agora está sendo construído um hotel gigantesco.

E agora eu caminho sobre a areia branca e macia. Como isso me faz bem! Estou usando as mesmas roupas que usava em meio ao burburinho de Łódź e nos montes Tatra, em meio à tempestade de neve. Minha mala já está navegando de volta para casa. Sinto-me leve. O movimento das ondas. Seus ruídos. A água que espirra. Conchas brancas envoltas em algas, carapaças negras, em belas formas de caracol. Agora a linha do horizonte se desenha, delicadamente. A concavidade do mar. A praia envolta pelo vapor leitoso da neblina. E logo ali a superfície cinzenta, irrequieta. Vejo o mar. Ele jorra sobre si mesmo, sussurrando. É música para os meus ouvidos. A ondulação. Barquinhos que balançam. O vento empurra todas as ondas para o lado direito. Caminho em meio a uma grande massa de luz: o céu e o mar que o reflete.

O sol surge, branco, em meio à névoa. Que imagem paira sobre a água! A luz e o brilho do mar dissolvidos, levados para longe, alçados pelas ondas. Estou à beira d'água. As esplêndidas muralhas das vagas se aproximam como linhas negras, com suas cristas, dobram-se sobre si mesmas em forma de espuma, escorrem, recuam, espumando.

No fundo vejo um grande barco a motor, cujo ruído às vezes parece muito próximo. Há espuma na popa, como se fosse um animal que fareja, mastiga, corre, e cuja baba escorre pelo focinho e pelos fios da barba.

E então uma mulher solitária, com um longo véu de enlutada, vem, vagarosamente, em minha direção. Ela caminha sem erguer o olhar da areia, passa por mim, rumo à ponte. O sol brilha, muito claro. A água começa a reluzir, esverdeada, furtar-

orações e contavam com seu próprio rabino. Em 1923, fundaram a Associação Judaica do Leste, responsável por iniciativas culturais e sociais: criaram uma biblioteca, financiaram uma escola particular de gramática russa em Danzig e desenvolveram diversas atividades de caridade.

PARTIDA

-cor. As cores se misturam esplendidamente: listras amarelas, um violeta leitoso, tonalidades trêmulas de vermelho. Mais ao fundo, tudo se tinge de azul.

Pense agora, meu querido coração: qual é a força maior deste mundo?

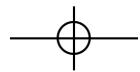
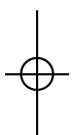
Você está à beira-mar. A viagem pelo país estrangeiro chegou ao fim.

Isto que eu vejo agora me parece a maior de todas as forças: a natureza incomensurável. Sempre e sempre ela. Não preciso corrigir a mim mesmo. Há um pedaço dela à minha frente: o mar, o jardim líquido repleto de animais e de plantas. A superfície varrida pelo vento.

E o que vem a seguir? Qual é a segunda força? A — alma. O espírito, a vontade do ser humano.

Vi hordas de gente corajosa. Hordas de gente oprimida. Está perfeitamente claro para mim que não se pode sucumbir à idolatria. Que se tem o direito de mudar, de renovar, de romper — que é preciso romper: é o que está claro para mim. O espírito e a vontade são legítimos, fecundos e fortes. Existe uma independência que vem da vontade de Deus. No indivíduo.⁷ Cada um leva a própria cabeça sobre os ombros.

7. A despeito de algum encanto que o já decadente universo da coletividade judaica tenha lhe proporcionado, Döblin reitera sua visão positiva sobre o indivíduo emancipado. O mundo que visitou o fascinou até certo ponto, mas logo ganhou a dimensão de literatura. Há, de fato, uma vitória do indivíduo: Döblin se coloca como escritor que observa e recolhe material para um novo livro, ou como observador participante que publica seus relatos ainda durante a viagem, em forma de crônicas. Isso não significa, contudo, que a experiência não o tenha transformado. Sua visão sobre os judeus tradicionais se modifica, mesmo sem que ele abra mão de sua identidade de intelectual alemão e judeu emancipado — identidade que em breve enfrentaria uma crise. Nos anos seguintes, Döblin veria ruir por completo o universo da emancipação judaica na Alemanha. Em 28 de fevereiro de 1933, um dia após o incêndio do Reichstag, é forçado a deixar o país. Permanece alguns anos na França, mas, com a ocupação nazista, emigra para os Estados Unidos em 1940. Retorna à Alemanha logo após o fim da guerra, em 1945, para atuar como oficial de cultura e literatura na zona de ocupação francesa, vivendo por algum tempo em Baden-Baden e Mainz.



Ayllon

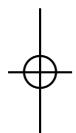
1. *A toca iluminada*, Max Blecher
2. *Acontecimentos na irrealidade imediata*, Max Blecher
3. *Cabalat shabat: poemas rituais*, Fabiana Gampel Grinberg
4. *Em busca de meus irmãos na América*, Chaim Novodvorsky
5. *Fragments de um diário encontrado*, Mihail Sebastian
6. *Israel e Palestina*, Gershon Baskin
7. *Mulheres*, Mihail Sebastian
8. *O Rabi de Bacherach*, Heinrich Heine
9. *Viagem à Polônia*, Alfred Döblin
10. *Vilna: cidade dos outros*, Laimonas Briedis

ραιδεια

1. *A conjuração de Catilina*, Salústio
2. *As bacantes*, Eurípides
3. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
4. *Édipo Rei*, Sófocles
5. *Fedro*, Platão
6. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
7. *Lira grega*, Giuliana Ragusa (org.)
8. *Lisístrata*, Aristófanes
9. *Metamorfoses*, Ovídio
10. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
11. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
12. *Teogonia*, Hesiódio
13. *Trabalhos e dias*, Hesiódio

Mundo Indígena

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *A folha divina*, Timóteo Verá Tupá Popyguá
3. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
4. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupá Popyguá
5. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira
6. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
7. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
8. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin-Gallois
9. *Não havia mais homens*, Luciana Storto
10. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
11. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
12. *Os Aruaques*, Max Schmidt
13. *Os cantos do homem-sombra*, Patience Epps e Danilo Paiva Ramos
14. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
15. *Xamanismos ameríndios*, A. Barcelos Neto, L. Pérez Gil & D. Paiva Ramos



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Expressão e Arte, em papel Pôlen Bold 70, composto em tipografia Minion Pro, em 11 pontos, com diversos softwares livres, entre eles, Lua^{La}T_EX e git.
(v. d2f97d4)

